POESIAS SELECTAS

PARA

LEITURA, RECITAÇÃO E ANALYSE

DOS

POETAS PORTUGUEZES

EM CONFORMIDADE COM

OS

PROGRAMMAS ADOPTADOS PARA O CURSO DE PORTUGUEZ E DE LITTERATURA

POR

HENRIQUE MIDOSI

Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra
professor de geographia e historia commercial e de direito commercial no Instituto Industrial
e Commercial de Lisboa,
e de litteratura nacional no Lyceu Central de Lisboa de 1852 a 1883

DECIMA QUARTA EDIÇÃO

Conforme a decima terceira edição approvada pela junta consultiva
de instrucção publica

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1884

PROGRAMMA

PARA A

CADEIRA DE LINGUA PORTUGUEZA

PRIMEIRA PARTE

(1.º anno do curso dos lyceus)

Grammatica — Sua definição e divisão

Phonologia

Sons elementares da lingua portugueza. Vogaes, diphtongos, consoantes. Quadro physiologico dos sons. Syllabas e accentos. Orthoépia; regras relativas á recta pronuncia das palavras. Orthographia. Pontuação.

Morphologia

Partes do discurso. Flexão, radical ou thema e desinencia. Genero e numero; modos, tempos e pessoas. Conjugação. Conjugação periphrastica. Verbos defectivos. Formação das palavras em geral. Raizes, palavras primitivas e derivadas. Suffixos primarios e secundarios. Formação dos substantivos, substantivos verbaes e denominativos. Formação dos adjectivos. Derivação dos verbos. Derivação dos adverbios. Composição. Prefixos. Substantivos, adjectivos e verbos compostos.

Syntaxe

Ligação das palavras na oração. Partes da oração. Concordancias. Complementos. Orações impessoaes e sem sujeito determinado. Particularidades da concordancia do verbo. Ligação das orações. Regras da collocação. Empregos das preposições e conjuncções. Exercicios de composição e analyse em prosa dos melhores auctores.

SEGUNDA PARTE

(2.º anno do curso dos lyceus)

Revisão das materias do primeiro anno. Pratica do emprego dos tempos e modos dos verbos. Infinito pessoal e impessoal. Resolução de difficuldades syntacticas e orthographicas.

Principaes idiotismos da lingua portugueza. Synonymos. Figuras. Vicios contra a pureza, correcção e clareza da linguagem. Leis da harmo-

nia do periodo. Tropos. Estylo. Metrificação. Caracteres dos varios generos de discursos. Exercicios de composição: leitura e analyse em verso e em prosa.

PROGRAMMA

PARA A

CADEIRA DE LITTERATURA NACIONAL

PRIMEIRA PARTE

(5.º anno do curso dos lyceus)

Introducção

Litteratura; regras de critica litteraria; gosto litterario.

Arte poetica. Caracter da poesia. Versificação. Composições epicas, lyricas e dramaticas.

Noções de oratoria. Operações do orador. Partes do discurso. Critica historica. Varias formas de escrever a historia. Viagens, memorias, biographias, etc.

Historia da litteratura: noções de litteratura oriental, grega e latina, dos cyclos litterarios da edade media e das litteraturas modernas, mórmente a hespanhola, franceza, ingleza, allemã e italiana, nas suas relações com a portugueza.

Lingua portugueza

Noções summarias de philologia. Origem da lingua portugueza. Leis da formação das linguas romanicas. Agentes que concorreram para a formação e desenvolvimento do portuguez. Alterações phonicas, morphicas e syntacticas; neologismos e archaismos. Grammaticos e humanistas desde Fernão de Oliveira. Estado da lingua nas differentes epocas litterarias exemplificado nos textos correspondentes.

SEGUNDA PARTE

(6.º anno do curso dos lyceus)

Poesia portugueza

Analyse das formas da antiga e da moderna poesia portugueza.

Escola provençal: trovadores, cancioneiros: Bernardim Ribeiro, Gil Vicente e Garcia de Rezende.

Escola classico-italiana: poetas epicos, lyricos, dramaticos, novellistas, etc.; sua vida e obras.

Escola classico-hespanhola: idem.

Escola classico-franceza: idem. Influencia da Arcadia e das academias.

Escola romantica: vidas e obras de Garrett, Herculano, Castilho, Soares de Passos, etc. Causas e effeitos do romantismo em Portugal. Novellas, ficções e tradições populares. Estado actual da poesia portugueza.

Eloquencia portugueza

Analyse de discursos sagrados e profanos.

Resenha critica dos oradores quinhentistas, gongoricos, do periodo arcadio, academicos e parlamentares.

Historiographia portugueza

Chronistas e historiadores do reino e das conquistas nas differentes epocas da historia litteraria portugueza.

Universidades, academias e sociedades litterarias portuguezas.

Exercicios de recitação e composição litteraria em prosa e em verso.

REGRAS DE METRIFICAÇÃO PORTUGUEZA

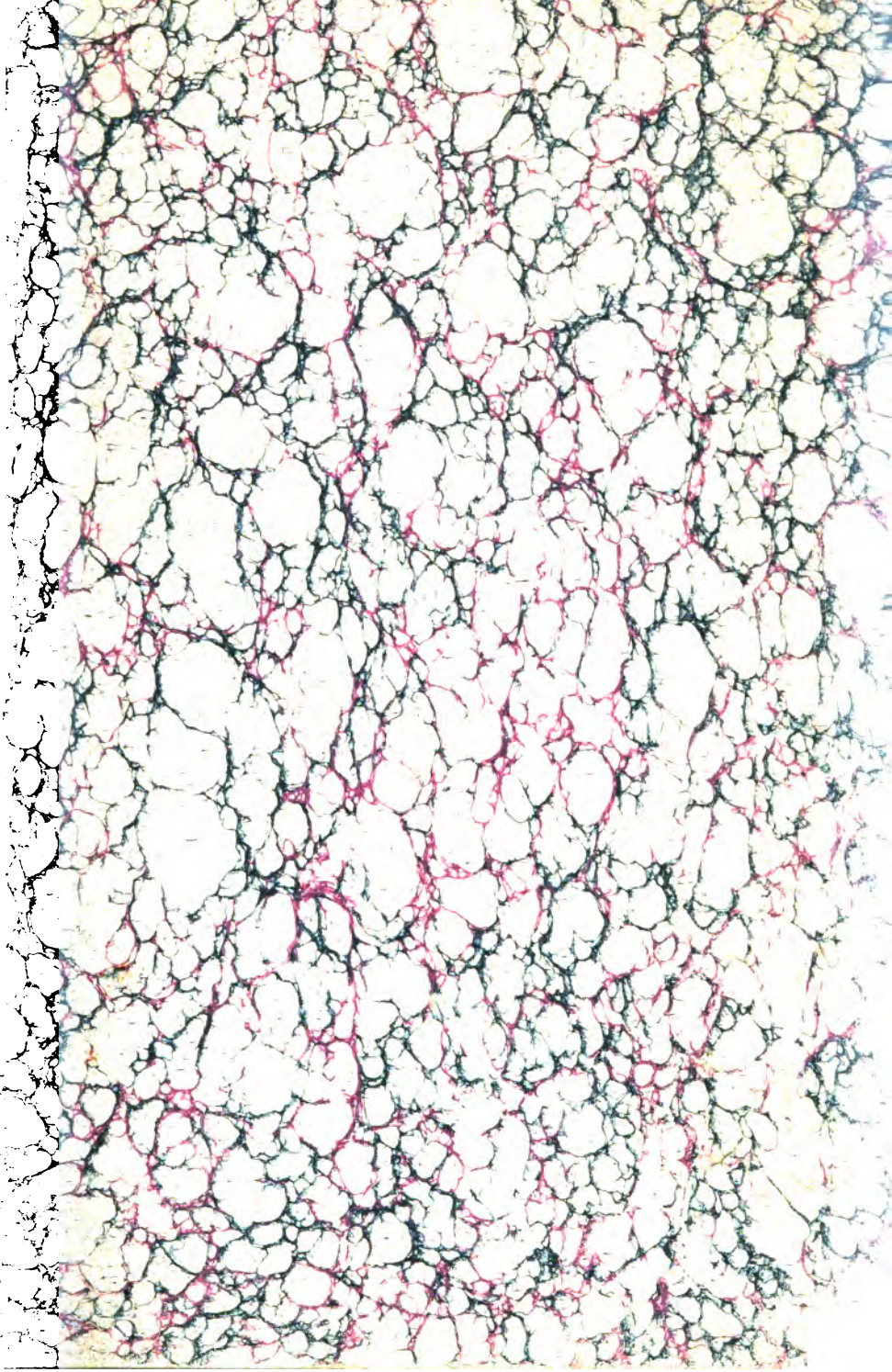
METROS MAIS USADOS NA POESIA NACIONAL

Verso ou metro, como define o sr. Castilho, é um ajuntamento de palavras, e até, em alguns casos, uma só palavra comprehendendo determinado numero de syllabas, com uma, ou mais pausas obrigadas, de que resulta uma cadencia aprazivel.

Verso metrico é composto de um certo numero de syllabas de quantidade determinada, distinguindo-se em longas e breves. O verso metrico compõe-se de pés, isto é, de partes compostas de certo numero e determinada ordem e quantidade de syllabas.

Verso syllabico é composto de um certo numero de syllabas com accentos postos em logares determinados.

O verso metrico funda-se na qualidade das syllabas. As nações que tinham linguas sonoras e prosodia fixa, como a Grecia e Roma, adoptaram o verso metrico.

As nações modernas, e entre ellas Portugal, que na pronuncia não fazem sentir a quantidade das syllabas por um modo tão distincto, adoptaram o verso syllabico.

Os versos de nove syllabas são pouco usados, têm os accentos na 4.ª e na 8.ª

O verso de dez syllabas têm os accentos na 3.ª, 6.ª e 9.ª É elegiaco ou marcial.

Os versos heroicos, endecassyllabos ou de onze syllabas podem ter os accentos na 6.ª e 10.ª, ou na 4.ª, 8.ª e 10.ª chamados saphicos.

O metro endecassyllabo foi usado pelos poetas provençaes, chamou-se no seculo XV limosino, da escola de Limoges, ramificação da escola da Aquitania. Chama-se Endexa quando é formado por hemistychios de redondilha menor de seis syllabas.

No *Cancioneiro da Ajuda* encontram-se muitas poesias em versos endecassyllabos ou limosinos.

Os versos de doze syllabas ou versos de arte maior, são compostos de dous de seis syllabas, têm os accentos na 2.ª, 5.ª, 8.ª e 11.ª

Os versos de treze syllabas ou alexandrinos são compostos ou de dous versos de sete syllabas, sendo o primeiro agudo, ou illidindo a sua ultima syllaba na primeira da palavra seguinte, ou se formam de um verso grave de sete syllabas, e de outro de seis com accentos na 3.ª Chamam-se alexandrinos por terem sido usados por Alexandre de Paris no poema de Alexandre no seculo XII.

Os versos de quatorze syllabas compõem-se de dous de sete, dos quaes o primeiro deve ser grave, não illidindo a sua ultima syllaba na seguinte. São pouco usados.

O sr. Castilho segue na contagem das syllabas um methodo diverso. Conta por syllabas de um verso as que nelle se proferem até á ultima aguda ou pausa sem fazer caso de uma syllaba ou das duas syllabas breves, que se possam seguir. Assim o verso heroico, geralmente chamado endecassyllabo ou de onze syllabas, pelo systema do sr. Castilho, é decassyllabo ou de dez syllabas; o de redondilha maior de oito syllabas pelo systema do sr. Castilho é de sete syllabas.

Os poetas usam de figuras para alterar o numero das syllabas e mudar a accentuação das palavras.

A aferese tira letras no principio das palavras, a syncope no meio e a apocope no fim. A prothese augmenta letras no principio das palavras, a epenthese no meio e a paragoge no fim. A systole abrevia uma syllaba longa, e a diastole alonga uma syllaba breve.

Estrophe ou estancia é a reunião de dous ou mais versos ligados entre si pela rima.

Um só verso forma uma divisa, um mote ou um aphorismo.

As estrophes formam: parelhas, tercetos, quadras, quintilhas, sextilhas ou sextinas, septilhas, oitavas e decimas, segundo o numero de versos deque se compõem. Nestas estrophes usam-se diversas combinações de rimas.

CLASSIFICAÇÃO DAS COMPOSIÇÕES POETICAS

A escola classica geralmente classificava as composições poeticas em nove generos, a saber: epico, dramatico, didactico, descriptivo, elegiaco, lyrico, pastoril, epigrammatico e o apologo. Fundava-se esta classificação em accidentes de forma.

Os poetas modernos não adoptaram as formas convencionaes da escola classica, por isso é preferivel a classificação das composições poeticas, tirada do objecto dessas composições e do modo como nellas figura o poeta.

Os generos poeticos determinam-se hoje por tres formas fundamentaes: epica, lyrica e dramatica.

O genero epico é narrativo, impessoal e objectivo. Neste genero expõe o poeta um facto externo, que é o objecto da composição.

O genero lyrico é descriptivo, pessoal e subjectivo. Neste genero o poeta exprime em seu proprio nome as suas idéas e os seus sentimentos.

O genero dramatico é digressivo. Neste genero o poeta reproduz directamente uma acção desenvolvida.

São pois tres os generos de composições poeticas: o epico, o lyrico e o dramatico.

A poesia epica, impessoal ou objectiva comprehende: o poema epico, o poema heroico, o poema heroi-comico, o romance, o conto, a fabula e o poema pastoril quando narrativo.

A poesia lyrica, pessoal ou subjectiva comprehende: os poemas lyricos nas suas diversas formas, o poema didactico e o poema descriptivo.

Alguns consideram o poema descriptivo como narrativo, e por isso classificam-n'o como um accessorio da epopeia. Outros consideram-n'o como uma especie de poema didactico, e por conseguinte classificam-n'o no genero lyrico, porque o poeta faz uma descripção para instruir ou ensinar uma verdade, e porque nas descripções predomina sempre uma idéa ou um sentimento.

A poesia dramatica comprehende as diversas formas do poema dramatico e a poesia pastoril quando é dialogada.

A mesma composição póde participar de differentes generos de poesia, por exemplo, a poesia didactica participa do genero epico pela forma narrativa e do lyrico pela expressão dos sentimentos ou das idéas pessoaes. O romance participa do genero lyrico quando é subjectivo e têm por fim a expressão de sentimentos. O poema pastoril participa do genero epico quando é narrativo, do lyrico quando é descriptivo, e do dramatico quando é dialogado. A fabula ou apologo participa do genero epico pela narração, e do lyrico pelo fim expondo as idéas e os sentimentos do poeta para instruir.

GENERO EPICO

Formas do genero epico

São varias as formas da poesia epica portugueza nas diversas epocas em que podemos considerar dividida a nossa litteratura.

A forma epica na edade media teve o nome de Gesta ou Canção, nella se narravam feitos de armas. Taes são as Canções do Figueiral e da Cava.

A Lenda (Loenda, Legenda), poesia da Escola dos Trovadores, narra factos da vida de sanctos, passados em certos logares.

O Romance foi primeiro um canto narrativo; nos seculos XIV e XV narra as tradições epicas populares; nos seculos XVI e XVII torna-se litterario e narra os factos historicos.

Os Romances mouriscos de tradição popular converteram-se nos seculos XVI e XVII, nos contos de captivos e nos romances mouriscos litterarios.

A Chacone ou Ciecone era um canto epico que os cegos cantavam e que os poetas da Escola dos Trovadores imitaram.

A Glosa, imitada pela Escola hespanhola no seculo XV, é narrativa e em oitavas ou decimas de redondilhas, termina com um verso de romance velho.

A Aravia era o romance tradicional em redondilhas; o nome deriva-se das melopêas arabes, ao som das quaes o povo repetia as suas redondilhas narrativas.

A Lamentação no seculo XV era a narrativa dos desastres politicos em oitavas no metro endecassyllabo.

A Chacara ou Xacara, nome derivado dos Xaques, ciganos ou vadios, que fallavam a giria ou germania, era um canto popular, no qual se narravam em tom plangente as aventuras e as adversidades que entretecem a existencia das classes mais baixas. Este canto popular foi imitado no seculo XVII.

Modernamente é um canto popular com diverso nome.

O genero epico na escola quinhentista ou classico-italiana comprehendia o poema epico e o poema heroi-comico.

A Epopeia, imitada de Virgilio no seculo XVI, é a narração de uma acção ou empreza illustre.

O estylo proprio do genero epico é o sublime.

O verso usado na epopeia portugueza é o endecassyllabo solto ou rimado, e ordenado pela maior parte em estancias de oito versos cada uma, chamadas oitavas ou oitava rima, rimando nellas os seis primeiros versos alternadamente, e os dous ultimos um com o outro.

Poema heroico é a narração poetica de uma acção menos importante. Segue em tudo o mais as regras do poema epico.

Poema heroi-comico é a narração poetica de uma acção insignificante ou ridicula revestida de todo o apparato da epopeia propria.

O estylo desta poesia eleva-se por momentos á pompa heroica para passar depois por uma quéda rapida ao comico proprio do assumpto, quéda que deve ser inesperada sem ser disparatada.

Ao genero epico pertencem tambem a Fabula, as Pastoraes e as Novellas pastoris.

Fabula é uma narração allegorica, a qual contém uma verdade moral de facil comprehensão. Foi usada pelos poetas das escolas classico-italiana e classico-franceza.

De ordinario as fabulas, cujos interlocutores são animaes irracionaes ou seres inanimados, chamam-se apologos; se nellas intervem só entes humanos denominam-se parabolas; e dizem-se mixtas quando na narração figuram animaes racionaes, irracionaes e seres inanimados.

A narração nas fabulas deve ser breve, a versificação facil, fluente e com a harmonia apropriada ao assumpto, e o estylo natural sem affectação nem agudezas, evitando ao mesmo tempo tudo que possa ser baixo ou grosseiro.

O estylo proprio deste genero é o tenue.

O metro usado nelle é arbitrario desde o verso alexandrino até aos versos de menor medida.

A fabula, posto que tenha a fórma narrativa ou dramatica, como tem por fim a instrucção moral, participa do genero didactico.

As Pastoraes e as Novellas pastoris, usadas nos seculos XVI e XVII, são a imitação artificial dos quadros convencionaes da vida pastoril. Algumas têm a forma allegorica

FABULA OU APOLOGO

O Lobo e a Ovelha

Uma Ovelha em tempo antigo
Estreita união travou
Co'um Lobo: não sei que Sancto
Este milagre operou.
Esqueceu-se do rebanho,
Do guardador se esqueceu,
E em companhia do amigo
Pelos mattos se metteu.
Alli a que d'antes era
Qual mansa Pomba sem fel,
Pelo exemplo estimulada,
Aprendeu a ser cruel.
Apenas lhe parecia
Ter feito já digestão,
Eis prompta a comadre Ovelha
Para a sanguinea funcção.
Se, vendo as prêas, não tinha
O valor de arremetter,
Ao menos, depois de mortas,
Nellas entrava a roer.
Contemplando o fero Mestre
No pervertido animal
Os progressos, que fazia
A sua escola brutal,
De prazer e de vaidade
Lhe pulava o coração,
E tinha á sua educanda
Cada vez mais affeição.
Mas um dia em que esfaimado
Saiu com ella a caçar,
Nem rasto do que buscava
Pôde ao menos encontrar.
Montes, valles, bosques, tudo
Farejou, subiu, correu;
Em fim, só farto de vento,
Na cova se recolheu.

Coseu-se á terra esfalfado,
E depois que repousou,
Para a debil companheira
Os crueis olhos lançou.
«Que! (disse o máu lá comsigo)
Não ha soffrimento igual!
Heide curtir esta angustia!
E morrer por ser leal!
«A natureza me instiga,
E devo dar-lhe attenção:
Está primeiro que tudo
A propria conservação.
«Tu, Virtude, és attributo
Dos homens, dos racionaes;
Não me pertences: eu sigo
Meu instincto, e nada mais.»
Nisto, veloz como um raio,
Co'a pobre Ovelha investiu,
E logo dentes e garras
Nas entranhas lhe summiu.
Com tremula voz pergunta
Ao desleal a infeliz:
«Porque me tiras a vida,
Ingrato que mal te fiz?
Que lei o rigor te ordena
A que eu motivo não dei?»
E elle soffrego responde:
«Tenho fome, a fome é lei.»
Desta arte cevando a furia,
Não cessou de lacerar,
E, antevendo alguma urgencia,
Os ossos nús foi guardar.
Vêde, mortaes, neste exemplo,
Exemplo cheio de horror,
O que produz a alliança
De um perverso, de um traidor.
Se os máus tiverdes por socios,
Eu fico que os imiteis,
E que lobos desta casta
Ou cedo ou tarde encontreis.

Poesias de Manuel Maria Barbosa du Bocage. Lisboa, 1853.—Fabula 2.ª, tom. 3, pag. 164.

A Raposa e as uvas

Contam que certa Raposa
  Andando muito esfaimada,
  Viu roxos, maduros cachos
  Pendentes de alta latada.
De bom grado os trincaria;
  Mas sem lhes poder chegar,
  Disse: «Estão verdes não prestam,
  Só cães os podem tragar.»
Eis cáe uma parra, quando
  Proseguia o seu caminho,
  E crendo que era algum bago,
  Volta depressa o focinho.

O mesmo.— Fabula 7.ª, traduzida de la Fontaine, pag. 176.

O Touro e o Leão

Vendo um touro, que tragava
  Torvo Leão certa rez
  Assim o increpa: «Essa triste,
  Que mal, ó impio, te fez?
As garras em sangue ensopas,
  Esmeras-te em fazer mal,
  Manter não podes a vida
  Sem que pereça um mortal!
Toma exemplo em mim que pasto
  As hervas, que os prados tem,
  Que posso esteiar meus dias
  Sem fazer mal a ninguem.»
«Ora o mundo está perdido:
  Ninguem (lhe torna o Leão)
  Vê a tranca nos seus olhos.
  É bem certo este rifão.
Se para manter a vida
  Sou dos viventes algoz,
  Cumpro á risca uma lei dura,
  Que a natureza me impoz.
De buscar a subsistencia
  Temos justa obrigação:

Eu se mato é por manter-me,
Logo o que obro é com razão.
Mas tu que d'hervas te nutres
Não precisas fazer mal,
Comtudo em teus paus cruentos
Dás fim a tanto mortal.
Reflecte, qual de nós ambos
Deve o nome de impio ter,
Se tu que matas por gosto,
Se eu, que mato por comer.»
Para increparmos os outros
Sempre buscamos razão,
Sem vermos que ás vezes somos
Peiores do que elles são.

Composições poeticas de Belchior Manuel Curvo Semmedo, entre os Arcades Belmiro Transtagano. Parte 1.ª, Lisboa, 1803.—Apologo 2.º, pag. 194.

O Tutinegro

O medio estylo tomando,
Qual Natura lho inspirava
Suave prazer causava
Tutinegro alegre e brando.
Porém, vendo mais louvado
Ao Rouxinol, exaspera,
E presumpçoso se esmera
Em ser qual o Orpheu alado. (1)
A copial-o se mette,
A voz natural depõe,
Vozêa quanto compõe
N'um ridiculo falsete.
Em vez de applausos excita
Assobios vergonhosos,
Mais fortes, mais furiosos,
Quanto mais se esforça e agita.
Não queiras audaz subir
Se a Natureza t'o impede:
Quem suas forças não mede
Está proximo a cair.

Apologos de João Vicente Pimentel Maldonado. Lisboa, 1820.—Apologo 38.º, pag. 92.

A escolha da Aguia

Por dar algum descanso
Ás lidas mil do imperio,
A altívola Rainha
Do vasto campo ethéreo
Julgou que lhe convinha
Cortar por seu poder.
De quem lhe suppra as vezes
Fazer escolha intima:
Eis nitido Pavão,
Que vã filaucia anima,
Arfando em presumpção
Se vem offerecer.
Grasnando, a Gralha o segue,
E vis baldões aguenta;
O Mocho reservado,
Piando, se apresenta:
Abutre esfomeado,
Raivando alli vem ter.
Mil aves se atropellam
No mais insano ardor,
De varia voz, e tracto,
De varia fórma e côr.
Oh! quanto sempre é grato
Um grande cargo obter!
Ao longe o Rouxinol
Modesto a voz levanta,
E da Aguia as portentosas
Acções descreve, e canta,
E as lidas virtuosas
Que cumpre aos Reis haver.
Attentamente o escuta
A próvida Imperante,
O cantico a estremece,
E leda e palpitante
Exclama: «Ah! quem mereça
«A ti preposto ser?
«Ó tu, que um trajo ignobil
«Houveste da Natura,
«Nas côres desprezado,
«Mesquinho na figura,

«Porêm tão elevado
«No espirito, e saber,
«Quanto nos raros dotes
«Da condição amavel,
«Mór gloria de Hymeneu, (2)
«Constante, puro, affavel,
«Ah! vem do Throno meu
«O resplendor fazer.
«E possa tal escolha
«O merito excitar,
«Da férvida ambição
«As tramas castigar,
«E um nobre coração
«De jubilos encher.»

O mesmo — Apologo 77.º, pag. 186.

A Raposa ensinando Philosophia

Quiz depois de estudo immenso,
A que dava noite, e dia,
Uma sã Philosophia
Velha Raposa ensinar.
Não dar aos vicios quartel
Altamente protestou,
De graça instruir jurou
Quem se quizesse emendar.
Prompta ouvir os seus dictames
Vem a avarenta Formiga,
Se confessa muito amiga
De recolher e não dar.
«Que prudencia! (Exclama e ri-se
A fagueira Preceptora)
«Dissipar um crime fôra,
«É justo ao futuro olhar.
Chega a Cigarra, e se accusa
De importuna e de ociosa:
«Minucias! (Diz a Raposa)
«Quando foi crime o cantar?
Apparece o Lobo, e a gula,
Que o devora, pranteou:

«Quanto és parvo! (Ella clamou)
«Queres á mingoa expirar?
Seguiu-se a Serpente, e narra
«Seus ardis e logo escuta:
«É virtude o ser astuta
«Com quem nos quer enganar.
O Tigre principiava,
E a Raposa já se ouvia:
«Dos seres a demasia
«É necessario atalhar.
Não falta o Jumento, expõe
Do genio seu a vileza:
«Isso, amigo, é singeleza,
«E constancia singular.
Terminou desta maneira
A doutissima lição,
Levou grande defluxão,
Pois a deu exposta ao ar.
Põe-se de cama, empeiora,
Pedir auxilio mandou
Aos que tão bem doutrinou,
Sem premio algum acceitar.
Diz a Avara: «Eu temo os tempos,
«De mal a peior vae tudo,
«C'o o que hade vir não me illudo,
«Que hei de ter se esperdiçar?
A Cigarra, desatando
Uma tremenda chiada,
Bradou: «Se o canto lhe agrada,
«Prestes a vou consolar.
Encetando um cordeirinho
Uivá o lobo: «Assaz não tenho.
Silva a Serpente: Oh! que empenho
«Tem a Zorra em me lograr!
Brama o Tigre: « E tanto importa
«De uma Raposa a existencia?
Zurrá o Burro: «Paciencia,
«Soffrer tudo, e não ralhar.
Ficou paga a Mestra insigne;
Não houve na paga excesso:
É certissimo o successo,
E facil de commentar.

O mesmo — Apologo 99.º, pag. 242.

O Cuco e o Rouxinol

Um Cuco e um Rouxinol tomou poleiro
Uma noite na casa de um ferreiro;
Cantou o Rouxinol de madrugada;
Param malhos; a gente está pasmada;
Dizendo mil louvores da avesinha.
O Cuco, imaginando, que já tinha,
Em cantando, elogio similhante,
Resolveu-se a sair com seu descante.
Não sei de que o ferreiro se doia;
Que ficou tão irado da folia,
Que tomando da forja o ferro em brasa,
Buscava o criminoso em toda a casa:
Deu com elle pousado sobre um prégo:
Jogou-lhe um bote: errou; porque ia cégo.
Aqui, alli o triste avoejava;
E tomando tenazes lhe saltava
Obreiro, e aprendizes de patrulha,
Fazendo com risadas grande bulha.
Foi ventura daquelle desgraçado
Topar com um buraco no telhado,
Por onde se escapou para o deserto
Já de teias de aranha bem cuberto.
As mais aves, que o vêm tão ascoroso,
E tremendo por modo de medroso,
Lhe perguntam, se teve algum fracasso?
Contou sinceramente todo o passo:
Houve grande galhofa; tudo ria
Dos louvores, que o Cuco pretendia.
Tambem muitos, ouvindo honrosa historia
De alguns Poetas bons, tomam vangloria,
E querendo alcançar iguaes louvores,
Primeiro que aprendizes, são auctores:
Elles tem para versos tanto succo,
Como para solfista tinha o Cuco:
Por isso de seus loucos desvarios
Tiram só pateadas e assobios.

Miguel do Couto Guerreiro.—Tratado da versificação portugueza—Terceira Parte—1784—Pag. 492.

PARABOLA

Um Rei, que não escolhia
Os homens para o seu lado,
Que sem critério elegia
Os seus Ministros d'Estado,
Foi passar ao campo um dia
Por afflicto, e por cansado
Das muitas queixas, que ouvia
Ao seu povo desgraçado:
Eis vê n'uma serrania
Dous zagaes, um, que tangia (3)
O seu rabel afinado, (4)
Respirando alma alegria;
Outro ancioso, e magoado,
Que os seus desastres carpia.
O Rei, de os ver agitado,
Perguntou ao desgraçado
A causa por que gemia?
«Senhor, diz o malfadado,
Ando em perpetua vigia
Do meu rebanho mingoado,
E apesar do meu cuidado
O voraz lobo á porfia
M'o tem ferido e roubado;
E aquelle, que descansado
Vive em suave apathia,
Conserva todo o seu gado
Sem que o lobo esfomeado
Sequer lhe roube uma cria.»
Depois de o ter escutado
O Rei perguntou, que fado
Um tal contraste fazia:
Mas o outro pastor honrado
Respondeu com ufania:
«O meu rebanho anafado
É por déstros cães guardado
Que lhe fazem companhia;
Mas este pastor coitado
Que assaz se cansa, e vigia
Tem máus cães, cães sem cuidado
Que ao rebanho desgarrado

Roubar deixam, sem porfia.»
Disse; e o Rei extasiado
Das expressões, que lhe ouvia,
Tirou como resultado
Desta curta allegoria,
Que da escolha procedia
Dos bons ou máus cães o estado
Dos dous rebanhos, que via;
Voltou á côrte avisado
E logo no mesmo dia
Aos máus que tinha exaltado
Poz fóra da monarchia;
E escolheu para seu lado
Homens bons, e de animo, honrado,
Cujo merito fulgia,
E tirou em resultado
Ser feliz o seu reinado.

Composições poeticas de Belchior Manuel Curvo Semmedo, entre os Arcades Belmiro Transtagano, Lisboa, 1835, Parte 1.ª, pag. 79.

ROMANCE POPULAR

A nau Cathrineta

Lá vem a náu Cathrineta!
Que tem muito que contar!
Ouvide agora senhores,
Uma historia de pasmar.

Passava mais de anno e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitaram sóla de molho
Para o outro dia jantar;
Mas a sóla era tão rija,
Que a não poderam tragar.
Deitam sortes á ventura
Qual se havia de matar;

Logo foi cair a sorte
No capitão general.
«Sóbe, sóbe, marujinho,
Áquelle masto real,
Vê se vês terras d'Hespanha,
As praias de Portugal.»
«Não vejo terras d'Hespanha
Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas núas
Que estão para te matar.»
«Acima, acima, gageiro,
Acima, ao tope real!
Olha se enxergas Hespanha,
Areias de Portugal.»
«Alviçaras, capitão,
Meu capitão general!
Já vejo terras d'Hespanha,
Areias de Portugal.
Mais enxergo tres meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a coser,
Outra na róca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.»
«Todas tres são minhas filhas,
Oh! quem m'as déra abraçar!
A mais formosa de todas
Comtigo a hei de casar.»
«A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.»
«Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não possas contar.»
«Não quero o vosso dinheiro
Pois vos custou a ganhar.»
«Dou-te o meu cavallo branco,
Que nunca houve outro igual.»
«Guardae o vosso cavallo,
Que vos custou a ensinar.»
«Dar-te-hei a náu Cathrineta,
Para nella navegar.»
«Não quero a náu Cathrineta
Que a não sei governar.»
«Que queres tu, meu gageiro,

Que alviçaras te hei de dar?»
«Capitão, quero a tua alma
Para commigo a levar.»
«Renego de ti, demonio,
Que me estavas a attentar!
A minha alma é só de Deus;
O corpo dou eu ao mar.»

Tomou-o um anjo nos braços,
Não n'o deixou affogar.
Deu um estouro o demonio,
Accalmaram vento e mar;
E á noite a náu Cathrineta
Estava em terra a varar.

Obras do Visconde de Almeida Garrett—1863—Tom. 15.°—Romanceiro III, pag. 103.

ROMANCE COM FORMA LITTERARIA

A morte de Achilles e desgraça de Polyxena (5)

Diante os muros de Troia
Mui ufano passeava
Achilles, o mui soberbo
Que em seu peito abrasava.
A fermosa Polyxena
Antre as ameias estava;
E tal era a fermosura
Com que dellas se estremava,
Que ao romper per antre as nuvens
A Aurora semelhava.
O cruel inimigo os olhos
A tal luz alevantava,
De seus raios traspassado
Dentro do peito se achava,
Com a dôr que na alma sente
A fallar-lhe se chegava;
Mas a troiana princeza
Que em extremo o desamava
Recolheu-se com gemidos

Que a Deuses apresentava,
Pedindo-lhes a vingança,
Que ella á tomar não bastava.
O cavalleiro indomavel
Tão preso e triste ficava
Que com suspiros ao Céu
Sua dôr manifestava:
Já d'antes a tinha visto
Quando ella Heitor pranteava,
Des então de seu amor
Sua alma presa enxergava;
De como podésse havel-a
Muitas contas só lançava.
Como agora, amor repouso
Nem soffrimento lhe dava,
Soccorreu-se á esperança
Que a vida lhe sustentava;
A Hecuba sua madre
Tal mensagem alli mandava:
Que se quer ver Troia livre
Polyxena assegurava
Que elle a fará descercar
Se por senhora lhe dava.
Hecuba, que mais que a vida
Vingar Heitor desejava, (6)
Com Páris logo na morte
De Achilles cruel tratava.
Respondeu-lhe que se vissem
No templo em que Apollo estava.
Recebera Polyxena,
Se a fé ante elle lhe dava;
E de imigo será filho,
Se lhe Troia descercava.
O triste amador que a via,
Nem cem vidas estimava,
A respeito do desejo
Que Polyxena causava.
Sem temer e sem receio.
Sem cuidar que aventurava,
Entregando-se á ventura
E Amor que o guiava,
Sem cautela e em seu conselho
No templo de Apollo entrava.

De giolhos posto ante elle
Muitas graças a amor dava.
Páris, que com arco armado
Escondido o esperava,
Fazendo votos a Apollo
Se lhe a setta endereçava
Em o vendo de giolhos
Mui preste nelle encarava;
Pela pranta do seu pé
A vida lhe atravessava,
Cae o triste namorado
De quem tanto o desamava;
Nesta vigança de Heitor
Toda a Troia se alegrava.

Jorge Ferreira de Vasconcellos. Memorial das *Proesas* da Segunda Tavola Redonda, Cap. 8.º, pag. 128.

Zára—conto de mouras encantadas

Imitação moderna do romance mourisco

. . . .

Contou-m'o uma velhinha: era tão bella,
Com seus crespos cabellos de marfim!...
Tal qual t'o vou contar, contava-o ella!
E eu pasmado a escutar!... Dizia assim:

II

«Houve um tempo em que a mourisma
Calcou terreno christão,
E foi Jesus insultado
Pelos crentes do *Alkorão!*
Jámais um crente islamita
Se descobriu ante o altar!
Rosto fero, alfange em punho,
Era só roubar, matar!...
Queimavam corpos humanos
Ao lume da sancta cruz!
Faziam carvão de Sanctos,
E das reliquias!... Jesus!...

Tanto sangue derramaram
Aquelles monstros sem fé,
Que Deus tinha preparados
Destinos d'outro Noé!
Os astros mostravam sangue
Em toda a amplidão dos céus,
Como sentença de morte
Com sangue escripta por Deus!
A Lua, lago sereno!
O Sol, um mar a ferver!
Prantos de sangue, as estrellas!
E a terra em sangue a gemer!
Eram de sangue as cidades!
De sangue o templo, o altar!
De sangue as fontes da selva!
De sangue as ondas do mar!
De sangue os fructos do campo!
De sangue a flor do jardim!...»
Eu rezei um Padre Nosso;
Benzeu-se ella, e disse assim:

III

«Junto das caras tisnadas
Desses tigres orientaes,
Viam-se as mouras, tão lindas,
Tão distinctas de seus paes!
O Sol deu-lhes lume aos olhos,
E aos rostos meigo rubor!
Ai! se fossem baptisadas,
Eram anjos do Senhor!...
Que nobres frontes altivas!
Que breve que lisa mão!
E os seus meneios de cobra!
E os collos... que perfeição!
E dos cabellos pendentes
Que soltos, longos anneis!
Mas dizem que eram de fogo
Seus corações infieis!...

IV

Chega o dia desejado
Da celeste punição,

E o incendio das mesquitas
Purgou o templo christão!
Reapparece a cruz, erguida
Sobre o crescente! Lá vão
D'Agar os filhos fugindo,
E as mouras... nem todas! não!
«Parae!» lhes disse o destino.
Tentaram fugir... em vão!
«Vivei!...» e vivem! mas hoje
Onde vivem? onde estão?!
Solitarias, encantadas
Dos montes na solidão
São como flores caidas
D'ingrata, perfida mão!
Fez-lhes eterno um conjuro
O bater do coração;
Deu-lhes perpétua lindeza
Não sei que mago condão!...
Hoje vivem... Ninguem sabe
Se as tristes vivem, se não!
Têm risos... mas não têm prantos!
Têm sentir... não têm paixão!
Aspiram... não tem desejos!
Tudo alli é vago e vão!
São como aéreos fantasmas
Passando em louca visão!
Tu nunca viste o rochedo
Que tem o *signo samão,*
E a fonte que lhe resalta
Dentro da gruta em cachão?
Uma alli mostra o seu ouro,
Que não tem cruz de christão,
Nas primeiras alvoradas
Da manhã de S. João.
Eu vi-a! É Zara o seu nome!
Os dentes perolas são!
E tinha os olhos pisados
De ler no seu *Alkorão.*
Se um dia a vires, meu filho,
Que nunca te chegue a mão...
Ou rouba-te os sanctos oleos,
E deixas de ser christão!
E alli te passarão seculos,

Tal como ella, esp'rando em vão,
Pobre florinha esquecida
Dos montes na solidão!...............

Sr. Thomaz Ribeiro — Sons que passam — 1868, pag. 213.

EPOPEIA

DISCURSOS

OS LUSIADAS

CANTO IV

Falla de D. Nuno Alvares Pereira no Conselho de Guerra

XIV

Áquellas duvidosas gentes disse
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

XV

Como? da gente illustre Portugueza
Ha de haver quem refuse o patrio Marte? (7)
Como? desta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
Ha de sair quem negue ter defeza?
Que negue a fé, o amor, o esforço e arte,
De Portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sujeito?

XVI

Como? Não sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencêram esta gente tão guerreira,

Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Pozeram em fugida, de maneira
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Prezos, afóra a prêza que tiveram? (8)

XVII

Cóm quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estaes agora vós,
Por Diniz, e seu filho sublimados,
Senão co'os vossos fortes paes e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assim vos poz,
Torne-vos vossas forças o Rei novo;
Se é certo que co'o Rei se muda o povo.

XVIII

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E se com isto em fim vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atae as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX

Eu só com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta
A terra nunca de outrem subjugada.
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade, já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios,

Obras de Luiz de Camões — 1852. — pag. 127.

CANTO IV

Falla do velho na praia de Rastello ao ver partir a frota de Vasco da Gama

XCIV

Mas um velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos meneando
Tres vezes a cabeça descontente,
A voz pezada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito:

XCV

Oh! gloria de mandar! Oh! vã cubiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh! fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles experimentas!

XCVI

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de imperios!
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamam-te fama, e gloria soberana,
Nomes com que se o povo nescio engana.

XCVII

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?

Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? Que historias?
Que triumphos? que palmas? que victorias?

XCVIII

Mas ó tu, geração daquelle insano, (9)
Cujo peccado, e desobediencia
Não sómente do reino soberano
Te pôz neste desterro e triste ausencia,
Mas inda d'outro estado mais que humano,
Da quieta, e da simples innocencia
Da idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, e d'armas te deitou;

XCIX

Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leva phantasia;
Já que á bruta crueza, e feridade
Puzeste nome, esfôrço e valentia;
Já que prézas em tanta quantidade
O desprêzo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdel-a quem a dá: (10)

C

Não tens junto comtigo a Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a lei maldicta, (11)
Se tu pela de Christo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é elle por armas esforçado,
Se queres por victoria ser louvado?

CI

Deixas criar ás portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,

Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça, e se vá deitando a longe?
Buscas o incerto e incognito perigo,
Porque a fama te exalte e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da India, Persia, Arabia e da Ethiopia?

CII

Oh! maldicto o primeiro que no mundo
Nas ondas véla poz em sêcco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e facundo,
Nem cithara sonora ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria,
Mas comtigo se acabe o nome e a gloria!

CIII

Trouxe o filho de Jápeto do Ceu
O fogo, que ajuntou ao peito humano;
Fogo, que o mundo em armas accendeu,
Em mortes, em deshonras, grande engano! (12)
Quanto melhor nos fôra, Prometheu,
E quanto para o mundo menos damno,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movêra!

CIV

Não commettêra o moço miserando
O carro alto do pae, nem o ar vazio
O grande architector co'o filho, dando
Um nome ao mar, e o outro fama ao rio. (13)
Nenhum commettimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! estranha condição!

O mesmo — pag. 154.

NARRAÇÕES

OS LUSIADAS

CANTO III

Morte de D. Ignez de Castro

CXX

Estavas, linda Ignez, posta em socêgo,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquelle engano da alma ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

CXXI

Do teu Principe alli te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII

De outras bellas senhoras, e Princezas,
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pae sisudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho que casar-se não queria;

CXXIII

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso;
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande pêso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

CXXIV

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da magoa e saudade
Do seu Principe e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava;

CXXV

Para o Ceu crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos;
E depois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãe temia,
Para o avô cruel assim dizia:

CXXVI

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento,

Como co'a mãe de Nino já mostraram, (14)
E co'os irmãos que Roma edificaram; (15)

CXXVII

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencel-a)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII

E se, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar a vida com clemencia
A quem para perdêl-a não fez erro.
Mas, se to assim merece esta innocencia,
Põe-me em perpétuo e misero desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente (16)
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei.
Alli co'o amor intrinseco, e vontade
Naquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãe triste.

CXXX

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino,
Que desta sorte o quiz lhe não perdoam.

Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito alli pregoam.
Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostraes e cavalheiros!

CXXXI

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãe velha, (17)
Porque a sombra de Achilles a condemna,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha;
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na misera mãe postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII

Taes contra Ignez os brutos matadores
....
Se encarniçavam fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

CXXXIII

Bem poderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia! (18)
Vós, ó concavos valles, que podestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltractada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a côr murchada:
Tal está morta a pallida donzella,

Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr, co'a doce vida.

CXXXV

As filhas, do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram:
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que ainda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores. (19)

O mesmo — pag. 115.

CANTO V

Fabula de Adamastor

XXXVII

. . . .
. . . .
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

XXXVIII

Tão temerosa vinha, e carregada,
Que poz nos corações um grande mêdo:
Bramindo o negro mar, de longe brada,
Como se désse em vão n'um rochedo.
Ó Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo,
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta?

XXXIX

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida;
De disforme e grandissima estatura,

O rosto carregado, a barba esqualida;
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida;
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

XL

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso, (20)
Que um dos sete milagres foi do mundo.
C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo:
Arripiam-se as carnes e o cabello
A mim, e a todos, só de ouvil-o e vel-o.

XLI

E disse: Ó gente ousada mais que quantas
No mundo commettêram grandes cousas;
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas;
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
Nunca arados d'estranho, ou proprio lenho;

XLII

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento;
Ouve os damnos de mim, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de subjugar com dura guerra.

XLIII

Sabe que quantas náus esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,

Inimiga terão esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno, que o perigo. (21)

XLIV

Aqui'spero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu summa vingança; (22)
E não se acabará só nisto o damno
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas náus vereis cada anno
(Se é verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte

XLV

E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Ceus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deus. (23)
Aqui porá da Turca armada dura
Os suberbos e prosperos trophéus:
Commigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

XLVI

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, enamorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.
Triste ventura, e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'um cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

XLVII

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos;

Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Depois de ter pizada longamente
C'os delicados pés a areia ardente.

XLVIII

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na férvida e implacabil espessura.
Alli, depois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão. (24)

XLIX

Mais ia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem és tu, que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado.
A boca, e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu com voz pezada e amara,
Como quem da pergunta lhe pezara:

L

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,
A quem chamaes vós outros Tormentorio; (25)
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio. (26)
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio,
Que para o pólo Antarctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo e o Centimano; (27)

Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano; (28)
Não que pozesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII

Amores da alta esposa de Peleu (29)
Me fizeram tomar tamanha empreza;
Todas as Deusas desprezei do Ceu,
Só para amar das aguas a princeza.
. . . .

LVIII

Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os Deuses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E, como contra o Ceu não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos o castigo.

LIX

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês, e esta figura,
Por estas longas aguas se estenderam:
Em fim minha grandissima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os Deuses; e por mais dobradas magoas,
Me anda Tethys cercando destas agoas. (30)

LX

Assim contava, e c'um medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.

Eu, levantando-as mãos ao santo côro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor cantou futuros.

O mesmo — pag. 170.

CANTO VI

Historia dos doze de Inglaterra

XLIII

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava;
Depois que socegado e livre o teve
Do vizinho podêr que o molestava;
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava,
A fera Erinnys dura e má cizania, (31)
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV

Entre as damas gentis da côrte ingleza,
E nobres cortezãos, acaso um dia
Se levantou discordia em ira accesa:
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha, para ser damas.

XLV

E que se houver alguem com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo, ou estacada,
Lhe darão fêia infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos, e parentes.

XLVI

Mas como fossem grandes, e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem férvidos amantes
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas formosas, e bastantes
A fazer que em soccorro os Deuses levem
De todo o Ceu, por rostos de alabastro,
Se vão ao Duque de Alencastro. (32)

XLVII

Era este Inglez potente, e militára
Co'os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provára
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos nesta terra exprimentára
Namorados affeitos, quando nella
A filha viu, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma. (33)

XLVIII

Este, que soccorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz: Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas, (34)
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tão divinas,
Que elles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas, e polidas
Do vosso aggravo os façam sabedores.
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras d'affagos, e d'amores
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio,
Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

L

Desta arte aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomeia doze fortes;
E porque cada dama um tenha certo,
Lhe manda que sobre elles lancem sortes;
Que ellas só doze são: e descuberto
Qual a qual tem caido das consortes,
Cada uma escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI

Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a côrte alvoroça a novidade:
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lh'o soffre a Regia magestade.
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser com férvida vontade;
E só fica por bemaventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII

Lá na leal cidade, donde teve (35)
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas, e roupas d'uzo mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavallos, e concertos de mil cores.

LIII

Já do seu Rei tomado tem licença
Para partir do Douro celebrado
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foram do Duque inglez experimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro destro, ou esforçado;
Mas um só, que Magriço se dizia, (36)
Dest'arte falla á forte companhia:

LIV

«Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais aguas, que as do Doiro, e Tejo,
Varias gentes, e leis, e varias manhas.
Agora que apparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixaes, ir só por terra,
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV

E quando caso fôr, que eu impedido
Por quem das cousas é ultima linha,
Não fôr comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mim fareis o que é devido;
Mas se a verdade o esprito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
Não farão que eu comvosco lá não seja.»

LVI

Assim diz: e abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte:
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Logares, que ganhára o patrio Marte;
Navarra, co'os altissimos perigos,
Do Pyreneo, que Hespanha, e Gallia parte:
Vistas em fim de França as cousas grandes,
No grande emporio foi parar de Frandes. (37)

LVII

Alli chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias;
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias;
Do Duque são com festa agasalhados,
E das damas servidas e amimados.

LVIII

Chega-se o prazo, e dia assignalado
De entrar em campo já co'os doze Inglezes,
Que pelo Rei já tinham segurado:
Armam-se d'elmos, grevas, e de arnezes:
Já as damas tem por si fulgente, e armado,
O Mavorte feroz dos Portuguezes:
Vestem-se ellas de côres, e de sedas,
De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

LIX

Mas aquella, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste; por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro nesta empreza:
Bem que os onze apregoam, que acabado
Será o negocio assim na côrte ingleza,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dous e tres dos seus falleçam.

LX

Já n'um sublime, e publico theatro
Se assenta o Rei inglez com toda a côrte:
Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro, (38)
De força, esforço, e d'animo mais forte,
Outros doze sair, como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

LXI

Mastigam os cavallos, escumando,
Os aureos freios com feroz sembrante!
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em crystal, ou rigido diamante,
Mas enxerga-se n'um e n'outro bando
Partido desigual, e dissonante,
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra um cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço:
Ao Rei, e ás damas falla; e logo se ia
Para os onze, que este era o grão Magriço;
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta, certo nos perigos.

LXIII

A dama, como ouviu que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome, e fama,
Se alegra, e veste alli do animal de Helle, (39)
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflamma;
Picam d'espóras, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV

Dos cavallos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração no peito, que estremece,
De quem os olha, se alvoroça, e teme.
Qual do cavallo voa, que não desce,
Qual co'o cavallo em terra dando, geme,
Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.

LXV

Algum d'alli tomou perpetuo somno,
E fez da vida ao fim breve intervallo;
Correndo algum cavallo vae sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo.
Cáe a suberba ingleza de seu throno,
Que dous, ou tres já fóra vão do vallo;
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnez, escudo e malha.

LXVI

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
É desses gastadores que sabemos,
Maus do tempo com fabulas sonhadas.
Basta por fim do caso, que entendemos,
Que com finezas altas e affamadas,
Co'os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.

LXVII

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços com festas e alegria;
Cozinheiros occupa e caçadores
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil cada hora, e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar á doce, e cara terra.

O mesmo — pag. 206.

URAGUAY (40)

CANTO III

Epizodio de Lindoya

.... Tinha Cacambo
Real esposa a senhoril Lindoya,
De costumes suavissimos e honestos
Em verdes annos: com ditosos laços
Amor os tinha unido; mas apenas
Os tinha unido, quando ao som primeiro
Das trombetas lh'o arrebatou dos laços
A gloria enganadora. Ou foi que Balda
Engenhoso e subtil quiz desfazer-se
Da presença importuna e perigosa
Do Indio generoso; e desde aquella
Saudosa manhã, que a despedida

Presenceou dos dous amantes, nunca
Consentiu que outra vez tornasse aos braços
Da formosa Lindoya, e descubria
Sempre novos pretextos da demora.
Tornar não esperado e victorioso
Foi todo o seu delicto. Não consente
O cauteloso Balda que Lindoya
Chegue a fallar ao seu esposo; e manda
Que uma escura prisão o esconda e aparte
Da luz do Sol. Nem os reaes parentes,
Nem dos amigos a piedade e o pranto
Da enternecida esposa abranda o peito
Do obstinado juiz: até que á força
De desgostos, de mágoa e de saudade,
Por meio d'um licôr desconhecido,
Que lhe deu compassivo o sancto padre,
Jaz o illustre Cacambo: entre os gentios
Unico, que na paz e em dura guerra,
De virtude e valor deu claro exemplo.
Chorado occultamente e sem as honras
De regio funeral, desconhecida
Pouca terra os honrados ossos cobre,
Se é que os seus ossos cobre alguma terra.
Crueis ministros, encubri ao menos
A funesta noticia! Ai! que já sabe
A assustada amantissima Lindoya
O successo infeliz. Quem a soccorre!
Que aborrecida de viver procura
Todos os meios de encontrar a morte.
Nem quer que o esposo longamente a espere
No reino escuro, aonde se não ama.

. . . .

CANTO IV

Ajuntavam-se os Indios entre tanto
No logar mais visinho, onde o bom padre
Queria dar Lindoya por esposa
Ao seu Baldetta, e segurar-lhe o posto
E a regia auctoridade de Cacambo.
Estão patentes as douradas portas
Do grande templo, e na visinha praça

Se vão dispondo de uma e de outra banda
As vistosas esquadras differentes.
Co'a chata frente de urucú tingida,
Vinha o Indio Kobbé disforme e feio,
Que sustenta nas mãos pesada maça
Com que abate no campo os inimigos
Como abate a seára o rijo vento.
Traz comsigo os selvagens da montanha
Que comem os seus mortos; nem consentem
Que jámais lhes esconda a dura terra
No seu avaro seio o frio corpo
Do doce pae, ou suspirado amigo.
Foi o segundo, que de si fez mostra,
O mancebo Pindó, que succedêra
A Cepé no logar: inda em memoria
Do não vingado irmão, que tanto amava,
Leva negros pennachos na cabeça.
São vermelhas as outras pennas todas,
Côr que Cepé usára sempre em guerra.
Vão com elle os seus Tapes, que se affrontam
E que têm por injuria morrer velhos.
Segue-se Caitutú de regio sangue,
E de Lindoya irmão. Não muito fortes
São os que elle conduz; mas são tão destros,
No exercicio da frexa, que arrebatam
Ao verde papagaio o curvo bico,
Voando pelo ar. Nem dos seus tiros
O peixe prateado está seguro
No fundo do ribeiro. Vinham logo
Alegres Guaranis de amavel gesto.
Esta foi de Cacambo a esquadra antiga.
Pennas da côr do ceu trazem vestidas;
Com cintas amarellas: e Baldetta
Desvanecido a bella esquadra ordena
No seu jardim: até o meio a lança
Pintada de vermelho, e a testa e o corpo
Todo cuberto de amarellas plumas.
Pendente a rica espada de Cacambo,
E pelos peitos ao través lançada,
Por cima do hombro esquerdo, a verde faxa
De onde ao lado opposto a aljava desce.
N'um cavallo da côr da noite escura
Entrou na grande praça derradeiro

Tatú-Guaçú feroz e vem guiando
Tropel confuso de cavallaria,
Que combate desordenadamente.
Trazem lanças nas mãos, e lhes defendem
Pelles de monstros os seguros peitos
....
.... Não faltava
Para se dar principio á estranha festa,
Mais que Lindoya. Ha muito lhe preparam,
Todas de brancas pennas revestidas,
Festões de flôres as gentis donzellas.
Cansados de esperar, ao seu retiro
Vão muitos impacientes a buscal-a.
Estes da crespa Tanajura aprendem
Que entrára no jardim triste e chorosa,
Sem consentir que alguem a acompanhasse.
Um frio susto corre pelas veias
De Caitutú, que deixa os seus no campo;
E a irmã por entre as sombras do arvoredo
Busca co'a vista e treme de encontral-a.
Entram em fim na mais remota e interna
Parte de antigo bosque, escuro e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins e rosas.
Este logar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a misera Lindoya.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores,
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um funebre cypreste, que espalhava
Melancolica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio,
Fogem de a ver assim sobresaltados,
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chamal-a, e temem
Que desperte assustada e irrite o monstro,
E fuja e apresse no fugir a morte.
Porêm o destro Caitutú, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora

Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
Soltar o tiro, e vacillou tres vezes
Entre a ira e o temor. Em fim sacode
O arco, e faz voar a aguda setta,
Que toca o peito de Lindoya, e fere
A serpente na testa, e a boca e os dentes
Deixou cravados no visinho tronco.
Açouta o campo co'a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos giros
Se enrosca no cypreste, e vérte envolto
Em negro sangue o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão, que ao despertal-a
Conhece, (com que dôr!) no frio rosto
Os signaes do veneno, e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos, em que amor reinava um dia,
Cheios de morte; e muda aquella lingua,
Que ao surdo vento, e aos échos tantas vezes
Contou a larga historia de seus males.
Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já tremula gravado
O alheio crime, e a voluntaria morte.
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pallido semblante
Um não-sei-que de magoado e triste,
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte!
Indifferente admira o caso acerbo
Da estranha novidade alli trazido
O duro Balda; e os Indios, que se achavam,
Corre co'a vista e os animos observa.
Quanto póde o temor! Séccou-se a um tempo
Em mais de um rosto o pranto; e em mais de um peito
Morreram suffocados os suspiros.
Ficou desamparada na espessura,
E exposta ás feras e ás famintas aves,
Sem que algum se atrevesse a honrar seu corpo
De poucas flores e piedosa terra.

O Uraguay, por José Basilio da Gama.—1845.—pag. 40 e 51.

CARAMURU (41)

CANTO I

Preparativos para o sacrificio dos companheiros de Diogo Alvares, que se livram caíndo em poder do chefe Sergipe, o qual fazia guerra a Gupeva, que reinava nas aldeias da Bahia

LXXV

Já numerosa turba ás praias vinha,
E os seis levam ao corro miserando,
Onde a plebe cruel formada tinha
A pompa do espectaculo execrando:
E mal a gente bruta se continha,
Que em quanto as tristes mãos lhe vão ligando
No humano corpo pelo susto exangue
Não vão vivo sorvendo o infeliz sangue.

LXXVI

Qual se da Lybia pelo campo estende
O mouro caçador um leão vasto,
Em longa nuvem devoral-o emprende
O sagaz corvo sempre attento ao pasto,
Negro parece o chão; negra, onde pende
A planta, em que do sangue explora o rasto;
Até que avista a presa, e em chusma vôa
Nem deixa parte, que voraz não rôa!

LXXVII

Tál do caboclo (42) foi a furia infanda
E o fanatismo, que na mente o cega,
Faz que tendo esta acção por veneranda,
Invoque o grão Tupá, (43) que o raio emprega:
No meio vê-se que em mil voltas anda,
O eleito matador, como quem prega
A brados, exhortando o povo insano
A ensopar toda a mão no sangue humano.

LXXVIII

Á roda, á roda a multidão fremente
Com gritos corresponde á infame ideia;
Em quanto o fero em gesto de valente
Bate o pé, fere o ar, e um pau maneia:
Ergue-se um e outro lenho, onde o paciente
Entre prisões d'embira se encandeia;
Fogo se accende nos profundos fossos,
Em que se torrem com a carne os ossos.

LXXIX

Dentro de uma estacada extensa e vasta,
Que a numerosa plebe em torno borda,
Entram os principaes de cada casta
Com bellas plumas, onde a côr discorda:
Outros, que a grenha tem com feral pasta
Do sangue humano, que ao matar trasborda
Os nigromantes são, que em vão conjuro
Chamam as sombras desde o Averno escuro.

LXXX

Companheiras de officio tão nefando
Seguem de um cabo a turma, e de outro cabo
Seis turpissimas velhas, aparando
O sangue sem um leve menoscabo:
Tão feias são, que a face está pintando
A imagem propriissima do Diabo;
Tincto o corpo em verniz todo amarello,
Rosto tal, que a Medusa (44) o faz ter bello.

LXXXI

Tem no collo as crueis sacerdotisas,
Por conta dos funestos sacrificios,
Fios de dentes, que lhes são divisas,
De mais ou menos tempo em taes officios:
Gratas ao Ceu se crem, de que indivisas
Se inculcam por tartareos maleficios;

E em testemunho do mister nefando,
Nos seus cocos com facas vem tocando.

LXXXII

Quem póde reputar que dor traspassa
A miseranda infausta companhia,
Vendo taes feras rodeiar a praça,
Que o sangue com os olhos lhe bebia?
Vêr que os dentes lhe range por negaça,
Senão é que os agita a fome impia,
E dizer lá comsigo: «Em poucas horas
Sou pasto destas feras tragadoras».

LXXXIII

Mas põe-lhe a vista o Padre omnipotente,
Da desgraça cruel compadecido;
E envia um anjo desde o Ceu clemente,
Que deixe tanto horror desvanecido:
E faça que o espectaculo presente
Venha por fim a ser sonho fingido;
Que quem recorre ao Ceu no mal que geme
Logo que teme a Deus, nada mais teme.

LXXXIV

Seis então dos infames nigromantes
Lançaram mão das victimas pacientes,
E a seis lenhos fataes, que ergueram d'antes,
Atam crueis as mãos dos innocentes:
Postos no Ceu os olhos lagrimantes
Com lembrar-se das penas vehementes,
Que soffreu Deus na cruz, nelle fiados
Pediam-lhe o perdão dos seus peccados.

LXXXV

Fernando alli, em discrição precede,
Com voz sonora a companhia anima:
Cheio de viva fé soccorro pede,
E quanto a dôr permitte, que se exprima:
«Grã senhor, diz, de quem tudo procede

A gloria, a pena, a confusão, e a estima
Que junto dás as graças e os castigos,
Na dôr allivio, amparo nos perigos!

LXXXVI

«Vida não peço aqui, morte não temo,
Nem menos chóro o caso desgraçado:
O que me doe, que sinto, o que só gemo
É, piedoso Deus, o meu peccado;
Feliz serei, Grão Padre, se no extremo
Fôr da tua bondade perdoado;
Pelo calix amargo, que aqui bebo,
Pela morte cruel, que hoje recebo.

LXXXVII

«Mas, grande Deus, que vês nossa fraqueza
No duro transe desta cruel hora,
Não soffras que essas feras com crueza
Hajam de devorar a quem te adora:
Porque estremece a fragil natureza,
Vendo a gula brutal, que emprende agora
Sacrificio fazer ao torpe abysmo
Destas carnes tingidas no baptismo.»

LXXXVIII

Ouviu o Ceu piedoso a infeliz gente;
E quando o fero a maça já levanta,
Que esmague a fronte ao misero paciente,
Trovão se ouve fatal, que tudo espanta:
Treme a montanha, e cae a roca ingente,
E na ruina as arvores quebranta;
Mas o que mais os brutos confundia,
Era o rumor marcial, que então se ouvia.

LXXXIX

Pedras, frechas e dardos de arremeço
Cubriam todo o ar; porque o inimigo,
Que atraz se poz de um proximo cabeço
Aguarda expressamente aquelle artigo:

De um lado e outro desde um mato espesso
Ameaça o furor, cérca o perigo;
E a gente crua transformada a sorte,
Quando cuidou matar, padece a morte.

XC

Era Sergipe, o principe valente
Na esquadra valorosa, que atacava;
Varão entre os seus bom, manso e prudente,
Que com justiça os povos commandava:
Armava o forte chefe de presente
Contra Gupeva, que cruel reinava,
Sobre as aldêias, que em tal tempo havia
No reconcavo ameno da Bahia.

XCI

Por toda a parte o Bahiense é prezo,
É trucidado o bruto nigromante,
Muitos lançados são no fogo accezo,
Rendem-se os mais ao vencedor possante:
Ficára em vida, todavia illeso
O misero europeu, que alli em fragante
Faz desatar o bom Sergipe, e manda
Á escravidão no seu paiz mais branda.

XCII

Mas a gente infeliz no sertão vasto
Por matos e montanhas dividida,
É fama, que uns de tigres foram pasto;
Outra parte dos barbaros comida:
Nem mais houve noticia, ou leve rasto
Como houvessem perdido a amada vida;
Mas ha boa suspeita e firme indicio,
Que evadiram o infame sacrificio.

O Caramurú, por Fr. José de Santa Rita Durão. — 1845. — pag. 98.

NAUFRAGIO DE SEPULVEDA (45)

CANTO XVII

Morte de D. Leonor — seu marido enterra-a com um filhinho seu

Vistes o Capitão ouvir mil gritos,
E o coração preságo a dura morte
Da sua Leonor lhe descubria.
Com trabalho se apressa por achar-se
Presente ao mal que teme, e já vê certo,
E da penosa dôr afadigado,
Quasi arrastando vae os lassos membros.
Um difficil anhelito lhe secca
A boca já mortal, e os tristes olhos
Sumidos de fraqueza, em vivas fontes
De lagrimas piedosas se convertem.
Chega adonde Leonor ao passo forte
E ao termo tão temido estava entregue,
Vê que a turvada vista rodeiando,
A elle só demanda, a elle só busca,
E vendo que é chegado esforça um pouco
O animo, e procura despedir-se.
Levanta com trabalho os mortaes olhos,
Quer-lhe fallar, a morte a lingua impide.
Firma-os cada vez mais no triste rosto
Daquelle unico amigo que já deixa,
Trabalha agasalhal-o, e não podendo
Com dôr mortal na terra se reclina.

. . . .

Entregam-se a morrer aquelles olhos
Que mil mortes já tinham dado a muitos,
Uma mortal angustia lhe rodeia
Aquelle alegre, e angelico sembrante,
Já de todo lhe foge a côr de roza
Do rosto tão fermoso, já s'esfria,
Já fica a branca mão sem movimento,
O peito eburneo fica sem sentido.

Qual da casta Diana a bella image (46)
Se viu por mão de Phidias esculpida,
Que o suberbo edificio ennobrecendo,
Sentiu do tempo avaro a força, e a ira.
Entre antiguas ruinas jaz a illustre
Admiravel figura despojada,
E ainda que perdeu estado e gloria,
Dissenho lhe ficou, valor, e estima.
Alli mostra um perfil medido, e justo,
Nos membros proporção perfeita e rara,
Mostra fermosos olhos, mostra graça,
Mostra tudo fermoso mas sem vida.
Tal na deserta praia fica o corpo,
Mais que marmore ou branca neve branco,
De crespas febras d'ouro soccorrido,
Que com intento casto alli defendem.
Alça-se um alarido até as estrellas
Das criadas, que em torno della estavam,
Ferem com duros punhos rosto, e peitos,
Fazendo um triste som, que rompe as nuvens.
Dos gritos, e lamento outra vez torna
O concavo rochedo uma voz escura,
E correndo por baixo do arvoredo
Miseraveis accentos vae formando,
Quantas vezes o nome amado chamam,
Com palavras do choro interrompidas,
Tantas Echo chorosa lhe responde.
C'o a mesma dôr, c'o mesmo sentimento.
O varão infelice trespassado
De uma terribel dôr, já sem remedio,
Tremendo as fracas pernas, não podendo
Soffrer a grave carga, e peso triste
Junto do amado corpo se reclina
Com sembrante affligido, os tristes olhos
Com intrinseca pena os tinha promptos
Naquella já defuncta fermosura.
Cuida no duro termo a que seus gostos
E a que todos seus bens se reduziram.
Cuida em contentamentos já passados,
Que agora muito mais o entristeciam.
Alli (para mais dôr) se lhe apresenta
O vario proceder de seus amores,
O principio alterado, e o successo

Tão prospero, jucundo, e tão felice.
Cuida como passou em sombra o tempo
Ligeiro, e tão amigo de mudanças.
E quando imaginava estar mais alto,
Viu da mudavel roda a volta dura.
Depois que um grande espaço está pasmado,
Opprimido de dôr o peito enfermo,
Alevanta-se, e vae mudo e choroso
Onde a praia se vê mais opportuna.
Apartando co'as mãos a branca areia,
Abre nella uma estreita sepultura,
Torna-se atrás, alçando nos cansados
Braços aquelle corpo lasso e frio.
Ajudam as criadas as funestas
Derradeiras exequias com mil gritos.
«Ai! duro tempo (dizem) como apartas
Para sempre de nós tal fermosura?»
Na perpetua morada tenebrosa
A deixam levantando alto alarido,
Com salgado licor banhando a terra
Aquelle ultimo vale todas dizem.
Não fica só Leonor na casa infausta,
Que de um tenro filhinho se acompanha,
Que a luz vital gozou quatro perfeitos
Annos, ficando o quinto interrompido.
Alli c'a morta mãe o filho morto,
Ambos com morto amor em terra jazem,
Ella lhe nega o branco amado peito,
E elle o doce, materno, amado gosto.
Ambos na solitaria praia ficam
Junto das grossas ondas sepultados,
Deixando ao mundo um triste raro exemplo
De perversa, cruel, impia fortuna.
O misero Sepulveda rodeia
Os olhos com effeito de saudade,
Em lagrimas desfaz o bulcão turvo
De que assombrado tinha o triste sprito.
Com voz do triste choro embaraçada
Palavras diz de lastima, e piedosas,
Nos braços toma um filho, que alli tinha,
De tenra idade e vista miseravel.
Por estreita vereda entra no matto
De bravos leões, e tigres povoado,

A morte vae buscando, elles doidos
De seu mal lha darão em breve espaço.

Naufragio de Sepulveda, por Jeronymo Côrte Real. — Lisboa, 1840. — Tom. 2.º, pag. 299.

AFFONSO AFRICANO (47)

CANTO IV

Zara obtem de seu pae perdão para os christãos

Abrem-se as covas horridas e fêias,
Tiram-se á luz aquelles innocentes,
Que a rojo dos grilhões, e das cadêias,
Se levam como infames delinquentes:
Param na praça, e nas mais altas vêias
Se enfria o sangue, vendo os diligentes
Ministros, e os cutellos affiados,
Fogos ardendo e vasos preparados.
Mas depois deste abalo temeroso
Da fraca natureza, logo acóde
A sustentar o espirito forçoso
O peso, que um mortal suster não póde:
Respira cada qual, torna animoso,
E da morte o temor longe sacóde,
Offerecendo a vida amada e cara,
A Deus, que só para isso lha emprestara.
Qual diz: «a vida que o tyranno cego
Me tira em sacrificio immundo, e feio,
Tomae, Senhor, em vosso eu vo-la entrego,
Nada temo por vós, nada recelo.»
Qual diz: «Senhor, este meu sangue emprego
Por vosso nome, pois o vosso veiu
Pelo resgate meu, pouco offereço,
Seja a vontade o preço desse preço.»
Quando entra Zara n'um ginete ardente,
Que mastigando o freio em branca escuma,
Tanto que o pezo reconhece, e sente,
Se embrida, e altera mais do que costuma:
Dobrando as mãos a passo continente,
Pelas ventas abertas sopra, e fuma,

Todos se alteram logo, e na estranheza
Os olhos põem do traje, e da belleza.
  Não usa os atavios vãos do Paço,
Despreza as ricas joias tão prezadas,
A manga recolhida a meio braço,
As tranças d'ouro ao vento derramadas:
As rossagantes roupas, que embaraço
Fazem, n'um breve nó todas tomadas,
Lançado aos hombros o arco, e a rica aljava,
Com que das feras doma a furia brava.
  Tal de Harpalice (48) o traje, quando cansa
Os ardentes cavallos na carreira,
Que ao longo do Hebro (49) furioso lança,
Cuja corrente inda é menos ligeira:
Depois que de seu pae favor alcança
A que nasceu do mar, desta maneira
Apparece a seu filho na espessura,
Que errando vae a voltas co'a ventura. (50)
  Era Zara o retrato mais perfeito,
Que com mão destra fez a natureza,
Se as condições se vêm do altivo peito,
E juntamente as partes da belleza:
O mundo com seu nome tem sujeito,
Que inda é maior, que toda redondeza,
E se de Christo a fé lhe não faltara,
Pode ser que seu nome ao Ceu chegara.
  De mil procos (51) ao pae era pedida,
Sem outro premio igual, em casamento,
Mas tudo desprezava, que na vida
Não ha cousa, que lhe encha o pensamento,
E, dizem, que se tinha offerecida
Á vida singular, e casto intento
De Diana e das mais Nymphas da terra
Que pisam trás a caça o valle e a serra.
  Neste exercicio alegre, em que se esmera,
O mais do tempo nas montanhas passa,
Seguindo os passos d'uma, e d'outra fera,
Té que a tiro lhe chega, e alli a traspassa:
Ora emboscada entre alto matto espera,
Tendo só para a setta a vista escassa,
Que do arco despedida o cervo prega
Incauto que c'o sangue o campo rega.
  Tambem a coço toma o leve gamo,

Tão ligeira trás elle se arremessa,
Depois que o engano c'o vão reclamo,
Áquem acode com ligeira pressa:
Agora aponta ao passaro no ramo
E antes de ser sentida o atravessa,
Ensaio breve, com que a mão se afouta,
Para o porco, que fez dentro na mouta.
Ás vezes enfadada na floresta,
Quando arde a calma, quando o Sol s'empina,
No regaço florido passa a sesta,
E na mão de alabastro a face inclina:
Ora os olhos á fonte clara empresta,
E brincando co'agua cristalina,
A vêia se perturba, e se mistura,
Porque ella se não turbe co'a figura.
Que a ver a image bella n'agua clara,
O lindo aceio, e gracioso riso,
(Se por ventura risse) perigara,
Perdendo-se por si como Narciso:
Mas ella é desta gloria tanto avara,
Que por se não mostrar, turba de aviso
A fonte, que da mesma agua se cia
Lhe fuja co'a figura, pois corria!
Ás vezes co'as donzellas escolhidas,
Que a seguem nesta deleitosa pena,
Debaixo do tecido das floridas
Arvores, danças mil airosa ordena:
Espantam-se das silvas as fingidas
Deidades, e tocando a doce avena,
Os passos com som rustico acompanham,
Porém de longe, que chegar estranham.
Ai! Zara, e que vida esta tão segura
Em bosque fresco de pezares falto,
Onde o maior tumulo é d'agua pura,
Das aves do ar o murmurar mais alto!
Agora, que te apartas da espessura,
Logo encontras com pena, e sobresalto,
Que n'alma suspiraste, quando viste
Tão severo espectaculo, e tão triste.
E sendo então alli certificada
Dos termos, que seu pae c'os christãos usa,
Ficou c'o sacrificio perturbada,
E pela causa delle assás confusa:

E manda, que não seja executada
A sentença cruel, em quanto escusa,
Á piedade, e compaixão movida,
C'o pae uma miseria tão crescida.
Pararam d'improviso os homicidas
Á lei, que lhes pusera, obedecendo,
E a seu mal grado as innocentes vidas
O castigo inventado suspendendo:
Que as palavras de Zara encarecidas
Comsigo sempre imperio vêm trazendo,
Com que o mais fero, e deshumano peito,
Em brandura converte, e faz sujeito.
Os condemnados miseros ergueram
Os olhos tristes para aquella banda,
E a causa de seu bem reconheceram,
Causa em si grande, e grande no que manda:
Foram para fallar, emmudeceram,
Ella os olhou, e seu tormento abranda,
E como já remedio lhes deseja,
Parte a buscal-o porque cedo o veja.
E como o caso compaixão lhe inspira,
Sobr'outra natural, que nella mora,
Ao pae, e Rei, que os braços já lhe abrira,
Estas palavras diz, e entr'ellas chora:
«Se mimosa de vós me não sentira,
Não ousara tentar se o sou agora,
Alcançando, senhor, por magoada,
Perdão para esta gente condemnada.»
«Porque se castigar quereis seu erro,
Assás castigo tem sendo captiva,
Que vida em triste, e misero desterro,
Está tão longe de se chamar viva.
Que antes vida lhe dá o esquivo ferro,
Quando da luz vital, e alento a priva,
Alem de ser tão desusado feito,
Que de nenhum no mundo seja acceito.»
«Quanto mais que n'um tempo que ameaça
Pelos mesmos christãos, guerra tão crua,
É perigo, que a todos embaraça,
Terdes contra os de paz a espada nua:
Que se a fortuna prospera os abraça,
Á vossa crueldade aviva a sua,
E daes a imigo vencedor motivo,

Para a ferro metter quanto achar vivo.
«Por tanto se algum mimo vos mereço
Com esta petição o salvo saia,
E se ha difficuldade, que eu conheço,
A culpa sobre mim de tudo caia.»
O pae, que inda que fôra de mór preço
(Segundo de affeição todo desmaia)
Lhe concedera a benção, que lhe pede,
Para todos perdão logo concede.

Affonso Africano, Auctor Vasco Mousinho de Quebedo, 1787, — pag. 87.

DESCRIPÇÕES

LUSIADAS

CANTO IV.

Descripção da batalha de Aljubarrota.

XXVIII

Deu signal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouviu-o o monte Artabro, e Guadiana [52]
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouviu-o o Douro, e a terra Transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso;
E as mães, que o som terribil escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX

Quantos rostos alli se vêm sem côr,
Que ao coração acóde o sangue amigo!
Que nos perigos grandes o temor
É menor muitas vezes que o perigo: [53]
E se o não é, parece-o; que o furor
De offender ou vencer o duro imigo,

Faz não sentir, que é perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida cara.

XXX

Começa-se a travar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeira ala;
Uns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganhal-a.
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assignala;
Derriba (23) e encontra, e a terra emfim semeia
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

XXXI

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, setas, e varios tiros voam;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles soam;
Espedaçam-se as lanças, e as frequentes
Quédas co'as duras armas tudo atroam;
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca (24).

XXXII

Eis alli seus irmãos contra elle vão,
(Caso feio e cruel!) mas não se espanta;
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei, e a patria se alevanta.
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes, (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno (25).

XXXIII

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos (26),
Que contra vossas patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano (27)

Recebērdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros:
Tantos dos inimigos a elles vão!
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita'stá o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão: (58)
Perseguem-no co'as lanças, e elle iroso,
Torvado um pouco está, mas não medroso.

XXXV

Com tôrva vista os vê, mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrescem.
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio. Alli perecem
Alguns dos seus, que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI

Sentiu Joanne a affronta que passava
Nuno; que, como sabio capitão,
Tudo corria e via, e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leôa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentiu que, em quanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massylia lhos furtara: (59)

XXXVII

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atroa e abala: (60)
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala:

Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII

Vêdes-me aqui Rei vosso, e companheiro,
Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro:
Pelejae verdadeiros Portuguezes.
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira; e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

XXXIX

Porque eis os seus accesos novamente
D'uma nobre vergonha, e honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo,
Porfiam: tinge o ferro o sangue ardente;
Rompem malhas primeiro e peitos logo:
Assim recebem junto e dão feridas,
Como a quem já não doe perder as vidas.

XL

A muitos mandam ver o Estygio lago, (61)
Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava:
O Mestre morre alli de Sanct-Iago,
Que fortissimamente pelejava:
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceu, e os fados.

XLI

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres ao profundo,
Onde o trifauce cão perpetua fome (62)

Tem das almas que passam deste mundo
E, porque mais aqui se amanse e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas;
A multidão da gente, que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas:
Já as costas dão, e as vidas; já fallece
O furor, e sobejam as lançadas;
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e do seu proposito mudado.

XLIII

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida;
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida;
Encobrem no profundo peito a dôr
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV

Alguns vão maldizendo, e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cubiçoso, e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo,
Deixando tantas mães, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

Obras de Luiz de Camões — 1852 — pag. 132.

LXX

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordam despertando
Os marinheiros d'uma e d'outra banda:
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
Álerta, disse, estae, que o vento cresce
Daquella nuvem negra, que apparece.

LXXI

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e subita procella:
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem; mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem c'um ruido,
Que o mundo pareceu ser destruido.

LXXII

O Ceu fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor, e desacôrdo,
Que no romper da vela a nau pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.
Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar: não falte acôrdo.
Vão outros dar á bomba, não cessando;
Á bomba, que nos imos alagando.

LXXIII

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba; e tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos

Deram á nau, n'um bordo os derribaram.
Tres marinheiros duros e forçosos
A manear o leme não bastaram:
Talhas lhe punham d'uma e d'outra parte,
Sem aproveitar de homens força, e arte.

LXXIV

Os ventos eram taes, que não poderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel.
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'um batel
Mostra a possante nau, que move espanto,
Vendo que se sustem nas ondas tanto.

LXXV

A nau grande em que vae Paulo da Gama
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a nau de Coelho, com receio,
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que désse o vento.

LXXVI

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a ver parece que desciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam (63)
Arruinar a machina do mundo:
A noite negra, e feia se allumia
Co'os raios em que o polo todo ardia.

LXXVII

As Halcyoneas aves triste canto (64)
Junto da costa brava levantaram,

Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.
Os delfins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera suberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes: (65)
Nem tanto o grão Tonante arremessou (66)
Relampagos ao mundo fulminantes
No grão diluvio, d'onde sós viveram
Os dous, que em gente as pedras converteram.

LXXIX

Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!........
As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca para o ceu fossem viradas;
Nem as fundas areias que podessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

O mesmo — pag. 245.

CANTO IX

Descripção da ilha dos Amores

LIV

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com suberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre, e deleitosa:
Claras fontes, e limpidas manavam

Do cume, que a verdura tem viçosa
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva

LV

N'um valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde uma meza fazem, que se estende
Tão bella, quanto póde imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LVI

Mil arvores estão ao ceu subindo
Com pomos odoriferos e bellos:
A larangeira tem no fructo lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos (67)
Encosta-se no chão, que está cahindo
A cidreira co'os pezos amarellos
. . . .
. . . .

LVII

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro Deus amados, e queridos;
Myrthos de Cytherea, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos:
Está apontando o agudo cypariso
Para onde é posto o ethereo paraiso. (68)

LVIII

Os dons que dá Pomona, alli natura (69)
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura;
Que sem ella se dão muito melhores:

As cerejas purpureas na pintura,
As amoras, que o nome tem de amores; (70)
O pomo, que da patria Persia veio, (71)
Melhor tornado no terreno alheio.

LIX

Abre a romã, mostrando a rubicunda
Côr com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, c'uns cachos roxos, e outros verdes;
E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregae-vos ao damno que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos. (72)

LX

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Alli a cabeça a flôr Cephisia inclina
Sôbolo tanque lucido e sereno: (73)
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, Deusa Paphia, inda suspiras. (74)

LXI

Para julgar difficil cousa fôra,
No ceu vendo e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro e Flora (75)
As violas da côr dos amadores;
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella;

LXII

A candida cecém, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona:
Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,

Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos, e boninas,
Que competia Chloris com Pomona. (76)
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.

LXIII

Ao longo da agua o niveo cysne canta,
Responde-lhe do ramo philomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua crystallina e bella.
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa matta, ou timida gazella:
Alli no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

O mesmo — pag. 308.

MALACA CONQUISTADA

Descripção do inferno

LIVRO VI

XIV

Lá donde voluntario se desterra
O dia, e occupa a noite eterno assento,
Jaz nas entranhas concavas da terra
O thesouro da pena, e do tormento:
De fóra o prazer abre a porta, e a cerra
Por dentro a contumacia a chaves cento,
Onde a milhões contino os mortos descem,
E as esperanças de tornar perecem.

XV

Os confins, e arrabaldes deleitosos
Neste encuberto rio se terminam,
Que, porque o gosto tira aos criminosos,

Da privação do gosto o dominam:
De entorno cerca os campos temerosos,
Que Deus maldiz, e os Sanctos abominam,
O rio é dos estimulos chamado,
Sempre em firme onda mostra o mal passado.

XVI

Brota disforme parto sua clareza
Negro licor, que em lago se entorpece,
E gera inconsolavel a tristeza,
Que assi (da morte amante) se aborrece:
Longe rebenta em rio, e com braveza
Correndo, horrivel som faz que o ensurdece,
Dos vicios rodeia a casa, que cercada
De cousas vãs tem sempre livre a entrada.

XVII

Este infame edificio, chaos ardente,
O logar é do abysmo o mais profundo,
Onde o supplicio eterno mais se sente,
Immunda habitação de povo immundo:
E na desordem da perdida gente,
Que o appetite adorou, serviu o mundo,
Ordem ha nos castigos, e rigores
Que as grandes culpas tem penas maiores.

XVIII

Tem cada vicio carcere deputado,
E cada carcere propria pena; e em todo
O Divino castigo executado,
Qual foi da varia vida errado o modo.
Mas quasi todo o centro é povoado
Do Venéreo rebanho envolto em lodo,
Que o rio, que de fogo se derrama,
Castiga em flamma eterna a breve flamma.

XIX

Alli, onde um tempo Minos (78) prezidia,
Timon (79) está dos homens inimigo,

Monstruoso Atheniense, que fugia
O tracto humano, cruel tambem comsigo
Bruto entre brutos só fero vivia
De tragicos e infandos feitos amigo,
Em toda a parte irado, e desesperado,
Desprezador da humana natureza.

XX

No mais baixo, onde mais o rigor cresce
Os vãos heresiarchas são punidos;
Arrio grita, Mafoma se enfurece, (80)
E os mais, nas opiniões só divididos.
O sacrilego Judas se offerece
Entre elles, e os em vão arrependidos,
Que com dôr grande a culpa conheceram,
Mas a esperança de perdão perderam.

XXI

Os Simoniacos (81) com perpetuo grito
Pertencer á sua classe alli allegavam,
Vendedor do Divino, e do Infinito;
E delle com grão furia derriçavam;
Tambem demandam o malvado afflicto,
E arrastal-o a sua gruta porfiavam
Os que de latrocinios cá viviam,
E, vendendo a justiça, as leis torciam.

XXII

Junto as tropas de Caco, e Simão Mago (82)
Em sangue envoltos vão os parricidas
Dos que lhe deram ser, de irmãos estrago,
E os assassinos de innocentes vidas.
Aposenta a Tipheu (83) sulfureo lago,
Que confuzões exhala mal nascidas,
Com os mais, que (sacrilegos) intento
Tiveram de escalar o Firmamento.

XXIII

E como sempre alli miseros damnados
A desesperação mais os irrita,

E, para que desperte, sempre ardente
Metal fundido lhe burrifa o rosto.
Se alguma hora podera ser contente,
Materia alli Asmodeu tinha de gosto;
Porem, breve detença não soffrendo,
Ao claustro principal passou correndo.

XXVIII

Tem a suberba lá o primeiro assento
Com grande ostentação de magestade;
Mas sempre acompanhada do tormento
Da pezada inchação, e gravidade.
Encerra-se a Avareza em aposento
Escuro; usa comsigo de impiedade,
Vilmente idolatrando na riqueza,
E padecendo sempre a mór pobreza.

XXIX

Lasciva a Impudicicia se passeia;
Favores finge, traja varias côres;
A quem seguindo vão com pompa feia
Affeitos tristes, multidão de dôres.
A Ira, que inda contra o Ceu guerreia,
Está sempre ameaçando com rigores:
Assiste-lhe a Discordia, torva a vista,
Que até das companheiras é malquista.

XXX

A Gula com glotonico apparato
Sentada á meza está grossa e impedida:
Apoplexia lhe ministra o prato,
E a torpe embriaguez serve a bebida.
Lá n'um canto se dá misero trato
A vil Inveja, magra e carcomida,
Sem gosto, nem proveito só vivia,
Do Odio visitada cada dia.

XXXI

Jaz a Preguiça no portal deitada
C'o Descuido, c'o Ocio, co'a Ignorancia.

Muitas vezes dos outros é pizada;
Não se altera porém, nem deixa a estancia.
A Fraude, e Ingratidão la tem morada,
A nescia Presumpção, douda Arrogancia,
Tambem foi a Ambição lá habitadora;
Mas em todo o universo impera agora.

Malaca Conquistada pelo Grande Affonso d'Albuquerque,
por Francisco de Sá de Menezes. 1769.—pag. 207.

POEMA HEROICO

CAMÕES

CANTO III

A Visão

XV

«Nada na côrte obtive contrastado
Por tão forte inimigo, eu sem fortuna, (88)
Sem arrimo, sem pae.—Como eu, perdido
Entre o obscuro tropel dos desvalidos
Que o sangue pela patria hão barateado
Para perder á mingoa o resto delle,
Meu pae de pura magoa e de despeito
Fenecêra em meus braços.—Só no mundo,
Que me restava? Perecer como elle,
Ou por um nobre feito despicar-me,
Vingar a affronta d'uma patria ingrata.

XVI

«De taes idêias combatido o animo,
Um dia ás margens do formoso Tejo,
Curtindo acerbas dores, passeiava,
E os olhos desvairados estendia

Por essa magestade de suas aguas,
Coalhadas de baixeis, que as ricas pópas,
Que os tributos do Oriente vem trazer-lhe,
Andando, meu espirito agitado
Se enlevava nas glorias, nos prodigios
Que a tão pequeno canto do universo
A metade da terra avassalaram.
Transportava-me o ardente pensamento
Aos palmares do Ganges envergados
De tropheus portuguezes; via o nauta,
Que ousou galgar o tormentorio cabo,
E nos balcões da descuberta aurora
Hasteou as Quinas sanctas. Retiniam-me
Nos tremulos ouvidos os trabucos,
Que, a golpes crebros, as muralhas prostram
Do rico Ormuz, da prospera Malaca,
E da suberba Goa, emporio novo
Do novo imperio immenso. Ajoelhados
Via os Reis de Sião e de Narzinga
Aos pés do vencedor depôr os sceptros,
E render, supplicantes, vassalagem
Ao ferro lusitano. Os nobres muros
Vi de Diu estalar, saltar aos ares
Por infernal ardil; e entre as ruinas
Dos inflammados bastiões,—dispersos
Os palpitantes membros desse filho
Por quem não correm lagrimas paternas;
Não, que martyr da patria é morto o filho.

XVII

«Desse pae venerando,—esse Fabricio (89)
Da lusitana historia, renovando
Sob os arcos triumphaes da inclita Goa
Altas pompas de Roma, e altas virtudes
Que só geraram Lusitania e Roma,—
De Vasco, de Pacheco, de Albuquerque
Inflammavam n'um extasi de rapto
Meu peito portuguez memorias grandes.
Quem taes milagres d'heroismo e d'honra,
Quem tanta gloria a tão pequeno berço
Foi tão longe ganhar? Quem a um punhado
D'homens, á mais pequena nação do orbe,

Deu mares a transpor, veredas novas
A descubrir na face do universo;
Povos a subjugar, Reis a humilhal-os,
Ignotos mundos a ajuntar ao velho,
E a dilatar-lhe a superficie, a terra?
Elles.—E a patria, por quem tanto hão feito,
Que digno premio lhes ha dado?—A fome.
N'um hospital galardoou Pacheco;
A Albuquerque a deshonra ao pé da campa;
Castro a pobreza, que os soccorros ultimos
Sobre o leito da morte mendigava.

XVIII

«Ingrata—ingrata patria! Fatigado
Como de tanta gloria e tal vergonha,
Parei. Junto me achava então do templo (90)
Que a piedade e fortunas apregoa
De Manuel o feliz; padrão sagrado
De gloria e religião, esmêro d'artes
Protegidas d'um Rei que soube o preço
—Alguma vez ao menos—ao talento,
Á lealdade, ao valor, ao patriotismo.
Nem sempre; mas tão pouco de virtude
Basta n'um Rei para esquecer-lhe os crimes?

XIX

«Aberta em par do templo estava a porta;
Entrei. Nas vivas telas animadas
Dos pinceis de Campello se pasciam (91)
Meus olhos admirados. Dei co'o tumulo
De custoso lavor que ahi resguarda
As cinzas do Monarcha affortunado,
Affortunado em vida;—a morte fecha-lhe
Sêllo do Eterno os labios descarnados:
São segredos de Deus os do sepulchro.
Mais cansado que pio, ajoelhei-me
Sobre os degráus do tumulo; insensivel,
No recostado braço a frente inclino,
E deseaí n'um languido deliquio,
Que nem morte, nem somno, mas olvido
Suavissimo é da vida. Somno embora.

Lhe chamaria, se as visões tão claras,
Mais rapto d'alma em extasi sublime
Que imagem vã de sonhos, as não visse.
Talvez seria natural effeito
De agitados sentidos; porventura
Mui credulo serei: mais alta causa
Do phenomeno estranho então a tive.

XX

«Oh! sonho não foi esse.—Affigurou-se-me
Ver do moimento erguer-se um vapor leve,
Raro, como de nuvem transparente
Que mal embaça o lume das estrellas
No puro azul dos ceus:—foi pouco a pouco
Condensando-se espesso, e longes dava
De humana fórma irregular,—qual soem
Ao pôr do Sol phantasticas figuras
As nuvens debuxar pelo horisonte.
Logo mais certas, mais distinctas fórmas,
Qual mólle cera em mãos d'habil artifice,
Tomando foi. Já claro ante mim era.
Roupas trajava alvissimas e longas:
Seus braços de extensão desmesurada;
Um sobre o peito c'o indice apontava
Ao coração, que as vestes resplendentes
Transparecer deixavam. Viva chamma,
Como luz de carbunculo, brilhava
Na viscera patente; e em radiosas
Lettras lhe soletrei—*Amor da Patria.*

XXI

«Da maravilha como por encanto,
Sem receio ou terror a contemplava,
Quasi por tal prodigio enfeitiçado;
Quando estes sons, entre aspero e suave,
Mas solemnes ouvi:—«Joven ousado,
«Grande empreza te coube,—acerba gloria,
«De que não gozarás. Desgraças cruas
«Fadam teus dias...—Mas a gloria ao cabo.
«A patria, que foi minha, que amei sempre,
«Que amo inda agora, gran serviço aguarda

«De ti. Um monumento, mais duravel
«Do que as molles do Egypto, erguer-lhe deves.
«Pyramide será por onde os seculos
«Hão de passar de longe e respeitosos.
«Galardão, não o esperes.—Fui ingrato
«Eu, fui! Ingrato Rei, ingrato amigo.
«E a quem!—Maiores de meu sangue ainda
«Ingratos nascerão. Tu serve a patria:
«É teu destino celebrar seu nome.
«Os homens não são dignos nem de ouvil-as,
«As queixas do infeliz. Segue ao Oriente,
«Salva do esquecimento essas ruinas,
«Que já meus netos de amontoar começam
«Nos campos, nos alcaceres de gloria,
«Preço de tanto sangue generoso.
«Um dia...—Em vão perante o excelso throno
«Do Eterno me hei prostrado; irrevogavel
«A sentença fatal tem de cumprir-se.—
«Um dia inda virá que, envilecido,
«Esquecido na terra, envergonhado
«O nome portuguez...—Opprobrio, magoa,
«Dura pena de crimes!—tabua unica
«Lhe darás tu para salvar-lhe a fama
«Do naufragio. Tu só dirás aos seculos,
«Aos povos, ás nações: *Alli foi Lysia.*
«Como o encerado rôlo sobre as aguas
«Unico leva á praia o nome e a fama
«Do perdido baixel.—Parte. Salvál-o!
«Salvál-o, em quanto é tempo!—Extincto... infamia!
«Extincto Portugal... Oh! dôr!...» Rompeu-lhe
O derradeiro accento destas vozes
Em som de pena tal e tão tremendo,
De tão profunda magoa, que inda agora
Nos cortados ouvidos me ribomba.
Estremeci, olhei; já nada vejo:
Ou acordei ou a visão se fôra.

Obras de João Baptista de Almeida Garrett. Lisboa 1839.— tom. 1.º, pag. 64.

CANTO X

Partida de D. Sebastião para Africa

Morte de Camões

IX

Já se movem as naus; a as altas pontes
Se eriçam de belligeras phalanges.
Redobra o pranto.—Ancora sobe, antenas
Se espandem... Lá te vás; e para sempre?
Nas pandas azas dos traidores ventos,
Independencia, liberdade e gloria.

X

«Que me resta j'agora?» os olhos longos
Para a frota que perde no horisonte,
Comsigo o vate diz: «O que me resta
Sobre a terra dos vivos? Um amigo,
Um amigo, neste arido deserto
Da vida, me fallece. Um bordão unico
A que me arrime na escabrosa senda,
Me não ficou! O numero está cheio
De meus dias, contados por desgraças,
Marcados, um por um, na pedra negra
De fado negro e mau. Posso eu acaso
Nos corações contar dos homens todos
Uma só pulsação que por mim seja?
Posso dizer...» Gemido, que ouve perto,
O interrompeu. Era o seu Jáu, que afflicto
O escutava. Do humilde e pobre escravo
O coração fiel se retalhava
De ouvil-o assim queixar. «Ah! se eu não fôra.»
—Com os olhos e as lagrimas dizia;
Com os olhos, que os labios não ousavam—
«Ah! se eu não fôra um desgraçado escravo,
Que coração que eu tinha para dar-lhe!»

XI

Tu, generoso amo, lhe entendeste
Seu fallar mudo, seu dizer de lagrimas.
—«Tens razão; injustiça é grande, a minha:
Inda tenho um amigo.» — Pausa longa
Seguiu estas palavras; e no peito
Do generoso Antonio desafoga
O coração que lhe apertava a magoa;
Nos olhos, rasos do chorar ainda,
A alegria lhe ri por entre o pranto.
E o amo, a quem signaes de tanto affecto
Movem no intimo d'alma, sente um golpe
De balsamo cair-lhe sobre as chagas
Do coração lanhado: a dextra languida
Pousa no hombro fiel, o peito encosta
Sobre o peito leal do amigo... — Amigo,
Direi, amigo sim: pejas-te o nome,
Orgulho do homem vão, por dado ao escravo?
E que és tu mais? — Era de ver, e digno
Espectaculo aonde se cravassem
Os olhos todos dessa raça abjecta
Que se diz de homens, a figura nobre
Do guerreiro, em que toda se debuxa
A altivez, a grandeza, a força d'animo,
Com andrajoso, humilde e pobre escravo
Em attitude tal. Rira-se o mundo;
O homem de bem, de coração, chorára.
....

XIV

Sua pobre habitação os dous entraram;
E tristes horas, dias, mezes passam
Arrastados e longos, — qual o tempo
Para infelizes anda — sem que a sorte
Mais ditosos os visse, ou a amizade
Menos unidos. — Mas a mão tremente,
Encarquilhada e sêcca já sobre elles
Ia estendendo a pallida indigencia;
E a fome... a fome afinal. — Clamor pequeno
Que de minhas endêchas tenue sôa,

Se junte aos brados das canções eternas
Com que o teu nome, generoso Antonio,
Já pelo mundo engrandecido echoa.
Vêde-o, vae pelas sombras caridosas
Da noite, de vergonhas coitadora,
De porta em porta timido esmolando
Os chorados seitis com que o mesquinho,
Escasso pão comprar. *Dae, Portuguezes,*
Dae esmola a Camões. Eternas fiquem
Estas do estranho bardo memorandas, (93)
Injuriosas palavras, para sempre
Em castigo e escarmento conservadas
Nos fastos das vergonhas portuguezas.

XV

Não póde mais o coração co'a vida;
E lenta a morte c'o enfezado sangue
Caminho vem do peito. O espaço mede
Que lhe resta na arena da existencia;
Perto a barreira viu...Ahi jaz o tumulo.
Chegado é pois o dia do descanso!
Bem vinda sejas, hora de repouso.
Com a tremula mão tentêia as cordas
Daquella lyra onde troou a gloria,
Onde gemeu amor, carpiu saudade,
E a patria...—oh! e que patria os Ceus lhe deram
Offrendas recebeu de hymnos celestes:
Pela ultima vez as cordas fere,
E este adeus derradeiro á patria disse,
Cortando-lhe o alento enfraquecido
Agora os sons, agora a voz quebrada:

XVI

«Terra da minha patria! Abre-me o seio
Na morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver d'um filho. E eu fui teu filho...
Em que te hei desmer'cido, ó patria minha?
Não foi meu braço ao campo das batalhas
Segar-te louros? Meus sonoros hymnos
Não voaram por ti á eternidade?
E tu, mãe descaroavel, me engeitaste!

Ingrata...Oh! não te chamarei ingrata;
Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,
Terra da minha patria, abre-me o seio.

XVII

«Vivi: que me ficou da vida, agora
Que baixo á sepultura? não remorsos,
Vergonhas não. Para a corrida senda
Sem pejo os olhos de volver me é dado.
E tranquillo direi: *vivi;*—tranquillo
Direi: *morro.* Não dormem no jazigo
Os ossos do malvado? Não: continuo,
Na inquieta campa estão rangendo
Ao som das maldições, deixa de crimes,
Legado impio dos maus. Eu socegado
Na terra de meus paes hei de encostar-me...

XVIII

«Já me sinto ao limiar da eternidade:
Véu que ennubla, na vida, os olhos do homem,
Do escondido porvir...—Oh! qual te has feito,
Misero Portugal!—Oh! qual te vejo,
Infeliz patria! Serves tu, princeza,
Tu, senhora dos mares!... Que tyrannos
As aguas passam do Guadiana? A morte, (94)
A escravidão lhes traz ferros e sangue...
Para quem? Para ti, mesquinha Lysia.

XIX

«Que náus são essas, que ufanosas surcam
Pelo esteiro do Gama? Pendões barbaros (95)
Varrem o Oceano, que pasmado busca,
Em vão! nas poppas descobrir as quinas.
Em vão; da hastea da lança escalavrada
Roto o estandarte cáe dos Portuguezes.

XX

«Cinza, esfriada cinza é todo o alcaçar
Da gloria lusitana...Uma faisca,

Esquecida a tyrannos, lá scintilla!
Mas quão debil que vens, sopro de vida!
Um só momento com vigor no peito
O coração te pulsa. Exangue, enferma
Só te ergues desse leito de miseria
Para caír, desfallecer de novo.

XXI

«Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero?
Onde, a que mares? Já teu nome ignora
Neptuno, que tremeu de outr'ora ouvil-o.
Suberbo Tejo, nem padrão ao menos
Ficará de tua gloria? Nem herdeiro
De teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o,
Generoso Amazonas, o legado
De honra, de fama e brio: não se acabe
A lingua, o nome portuguez na terra.
Prole de Lusos, peja-vos o nome
De Lusitanos? Que fazeis? Se extincto
O paterno casal caír de todo,
Ingratos filhos, a memoria antiga
Não guardareis do patrio honrado nome?

XXII

«Oh! patria! oh! minha patria!...» A voz que affrouxa
Interromperam sons desconhecidos
De voz de estranho, que na estancia humilde
Entra do vate.—«Perdoae, se ousado
Entrei, senhor, mas...» —«Quem sois vós? Ha inda
Homem no mundo que a pousada obscura
D'um moribundo saiba?» —«Cavalleiro,
Desde o alvor da manhã que vos procuro.
De Africa hoje cheguei...» —«Ah! perdoae-me.
«Sois vós, Conde? Voltastes? E que novas
Me trazeis?» —«Tristes novas, Cavalleiro,
Ai! tristes. Desta carta, que vos trago,
Sabereis tudo.» Ao vate a carta entrega:
Do missionario era, que dos carceres
De Fez a escreve. Saudoso e triste,
Mas resignado e placido, lhe manda
Consolações, palavras de brandura,

De allivio e de esperança.—Extincto é tudo
Nesta mansão de lagrimas e dores;
—As letras dizem—tudo; mas a patria
Da eternidade, só a perde o impio.
Deus e a virtude restam: consolae-vos...»

XXIII

«Oh! consolar-me! exclama, e das mãos tremulas
A epistola fatal lhe cae: «Perdido
É tudo pois!..» No peito a voz lhe fica;
E de tamanho golpe amortecido
Inclina a fronte, e como se passára,
Fecha languidamente os olhos tristes.
Anciado o nobre Conde se aproxima
Do leito... vaes! tarde vens! auxilio do homem.
E já no arranco extremo: —*Patria, ao menos*
Os olhos turvos para o ceu levanta;
Juntos morremos... E expirou co'a patria.

O mesmo—pag. 197.

D. JAYME

CANTO IV

A Justiça de Castella

Um dia, numerosa cavalgada
Apeia-se ao portão,
Limpa-se da poeira, sóbe á escada.
Entra pelo salão.
—«O senhor D. Martinho d'Aguilar?»—
—«Eu sou—lhe diz o ancião;
Levanta-se e corteja—
A quem me cabe a honra de fallar?»—
—«Justiça de Castella.»—
—«Bem vinda seja ella;
E a justiça de mim o que deseja?
Assentae-vos, senhores; nós os velhos,
Temos o triste jus da nossa idade;
Dão-nos a lei os tremulos joelhos.

Sentae-vos e dizei.»—
Acercara-se o alcaide, e em voz pausada
Disse:
—«Em nome d'El-Rei!
Como pae de D. Jaime d'Aguilar,
Que é reu d'alta traição,
Tendes vossa fortuna confiscada.
Podeil-a resgatar,
Se, vassallo fiel e obediente,
O entregardes á justa punição.»

Como chamma de um raio, de repente
Se apruma o velho tremulo, cansado;
Faisca-lhe nos olhos fogo irado,
No rosto se lhe accende a indignação.
—«Mentis—lhe bradou convulso;—
Mentis senhor D. villão;
Ou não tendes coração,
Ou não lhe pedis conselho;
El-Rei de Castella é nobre,
Não manda insultar um velho;
póde mandal-o ser pobre,
Matal-o á mingoa de pão;
Mas mandar que um pae lhe entregue
Seu proprio filho?!... isso não.
Em nome d'El-Rei?... mentistes.
Senhor alcaide villão.»—
—« Mais conta em vós, D. Martinho,
Que estaes na casa d'El-Rei!»—
—«Na vossa, lobos famintos,
Bandidos sem fé, nem lei;
Farte-se a Hespanha inclemente
Do povo no sangue quente,
Na carne da morta grei.
Portugal é lauta boda
Onde come a Hespanha toda;
Lobos famintos, comei.
Nesse guarda roupa além
Pende uma farda rasgada
De muito golpe cruzada;
Essa, sim, mandae-a ao Rei:
Valor para vós não tem;
Rirá d'ella a côrte nescia,

Como da insignia d'um louco;
Porém se a encarar um pouco
O duque d'Alba, conhecea. (96)
Tive uma espada tambem...
Ai! mas essa, ha quasi um anno,
Dei-a a meu filho Germano,
Que ajoelhado a meus pés,
Pela derradeira vez
A mão paterna beijou;
Nem já sei onde elle pára,
Que a Hespanha, de tudo avára,
De Portugal o roubou.
Ao moribundo leão
Porque lançar mais amarras,
Se perdeu dentes e garras,
Os filhos, o tecto, e o pão?
Eu já saio; antes porém,
Minha filha, o meu abrigo,
Deixae que a leve commigo...
Se a não confiscaes tambem.
Vem, Anninhas, minha filha.
Daes licença aos meus criados?
São meus amigos provados;
Entrae, rapazes, entrae...
Que é isto! prantos aqui?...
De pranto as faces banhadas...
Não envergonheis assim
As minhas barbas honradas!
Cuidado, filhos! valor!
Por tão pouco os ais e o lucto!
Mostrae sempre o rosto enxuto
E a fronte lisa; valor!
Eis-me pobre; tenho apenas
Nesta bolsa alguns cruzados,
Que nem supprem meus desejos,
Nem pagam vossos cuidados.»—
—«Nada nos deveis, senhor:»—
—Bradam em côro os coitados.—
—«Não vos quero envergonhar,
Nem já isto é meu agora;
Mas á fé que ha de raiar
Depois da noite uma aurora
De tremenda punição.

Logar á magra cubiça,
Que se vestiu de justiça,
E traz a vara na mão;
Tome esta esmola a avareza,
Pois quem leva as vitualhas
Limpe tambem as migalhas
De cima da nossa meza.
E arremeçou-lh'a ao chão.

D. Jayme ou a Dominação de Castella. Poema por Thomás Ribeiro. Lisboa, 1862.— pag. 40[illegible].

A choça de Mem Rodrigo

Que triste vida na choça,
Que funda melancolia
Que rostos tão macerados,
Que suspiros abafados
Cada noite e cada dia!

Noites de eterna vigilia,
Dias curtos para a lida,
Recordações da opulencia,
Amarguras da indigencia...
Que vida, Jesus! que vida!
Dorme o velho em cama... esplendida
Para uma casa tão nua;
Anninhas n'uma cadeira;
Mem Rodrigo n'uma esteira,
Faz tranca á porta da rua.
Sobre a mesa carcomida,
Um sancto Christo singelo;
Aos pés a Virgem das Dôres,
Que a pobre adorna de flores
Com fervoroso desvelo.
Junto da mesa a costura;
Uma roseira á janella;
Loureiro na cantareira;
E na varrida lareira,
Tres achas e uma panella!
Sacco e bordão de mendigo,

Suspiros a toda a hora;
E este cheiro de limpeza,
Que é o aceio da pobreza
Quando a virtude lá mora.
Tanto que a aurora se erguia,
Ajoelhava a costureira,
Bemdizia o Padre-nosso,
Fazia o minguado almoço,
Regava a sua roseira.
Almoçados os dois velhos,
Um, sobraçando a saccola,
Saúda os seus companheiros,
E lá vae, dias inteiros,
Para os tres pedindo esmola.
D. Martinho vae sentar-se
Bem chegado á costureira,
Como o roble fulminado,
Em terra, secco, prostrado,
Á sombra d'uma roseira.
E ora attento ao seu trabalho
A filha abraça risonho,
Ora lhe falla de gloria
Co'a perturbada memoria
De quem desperta de um sonho.
Depois as sombras confusas
Do seu pesado martyrio,
Toldam a luz cambiante
Dessa razão vacillante,
E cresce, e cresce o delirio!
Sacode os membros moidos,
Rouqueja-lhe a voz quebrada,
E só lhe acalma o tormento
O cantar saudoso e lento
Da filha tão consternada.
Era uma trova que herdara
Na sua materna herança;
Era uma trova que amava,
Porque sua mãe a cantava,
E era um hymno de esperança:
—«Bem hajas, ó luz do Sol,
Dos orphãos gasalho e manto;
Immenso, eterno pharol,
Deste mar largo de pranto.

Bem hajas, agua da fonte,
Que não desprezas ninguem!
Bem haja a urze do monte,
Que é lenha de quem não tem!
Bem hajam rios e relvas,
Paraizo dos pastores!
Bem hajam aves das selvas,
Musica dos lavradores!
Bem haja o reino dos Ceus,
Que aos pobres dá graça e luz!
Bem haja o templo de Deus,
Que tem Sacramento e Cruz!
Bem haja o cheiro da flôr,
Que alegra o lidar campestre;
E o regalo do pastor
A negra amora silvestre.
Bem haja a briza ligeira,
Que faz visita ao casal,
A beijar a costureira,
E a refrescar-lhe o dedal.
Bem haja o repouso á sesta
Do lavrador, e da enxada,
E a madre-silva modesta,
Que espreita á beira da estrada.
Triste de quem der um ai,
Sem achar écho em ninguem!
Felizes os que tem pae,
Mimosos os que tem mãe!»

Tal o canto singelo que soltava
A pobre sem ventura,
Quando a razão do velho se nublava
De manhã, alto dia, ou noite escura.
E o louco extasiado,
Para a filha pendido,
Ouvia cada vez mais commovido
E cantava...
Não era canto, não; era um gemido
Que soava nas cordas mais saudosas
De alaúde partido,
Escondido nas trevas d'um recanto,
Que respondia em vibrações chorosas
Ao poderoso encanto!...

Que triste vida na choça!
Que eterna melancolia!
Que rostos tão macerados!
Que suspiros abafados
Cada noite e cada dia!

O mesmo — pag. 116.

POEMA HEROI-COMICO

O HYSSOPE

CANTO I

Proposição e invocação (97)

Eu canto o Bispo, e a espantosa guerra,
Que o Hyssope excitou na Egreja d'Elvas.
Musa, tu, que nas margens aprazíveis,
Que o Sena bórda de arvores viçosas,
Do famoso Boileau a fertil mente (98)
Inflammaste benigna, tu m'inflamma;
Tu me lembra o motivo; tu, as causas,
Porque a tanto furor, a tanta raiva
Chegaram o Prelado, e o seu Cabido.

CANTO III

Recusa do Deão de offerecer o hyssope ao Bispo

Era dia de festa; e, na alta torre
Da grande cathedral, de vinte sinos,
O grave carrilhão, rompendo os ares,
Os freguezes chamava á grande missa;
Quando sua Excellencia vigilante,

. . . .

Para a Sé lentamente s'encaminha.
Tu, jocosa Thalia, agora dize (99)
Qual seu espanto foi, sua surpreza,
Quando á porta chegando costumada,

Nella o Deão não viu, não viu o Hyssope.
Tanto foi da Discordia o funesto influxo!
Caminhante, que vê subito raio
Ante seus pés cair, ferindo a terra,
Tão suspenso não fica, tão confuso,
Como o grave Prelado: a côr mudando,
Um tempo immobil fica; mas a raiva
Succedendo ao desmaio, entra escumando
Na grande-sacristia, e d'alli passa
Para o altar-mór, onde se reveste,
Onde, como costuma, em contra-baixo,
Sem saber o que diz, a missa canta.
Toda aquella manhã uma só benção
Sobre o povo não lança; antes confuso,
Em profundo silencio a casa torna,
Onde, logo a conselho convocando
Toda a grande familia, assim lhe falla:
«Amigos, companheiros, que o Destino
Fez de meu mal e bem participantes,
O caso sabereis mais execrando
Que até hoje no mundo se tem visto.
O Deão...» (E aqui, dando um gran soluço,
Em pranto as negras faces todas banha,
Suspenso um pouco fica, e logo torna)
«O suberbo Deão, que sempre attento
A meu alto decóro, o sancto Hyssope
Vinha trazer-me á porta do Cabido,
Hoje não só deixou de vir render-me
(Ah! que não sei, de nojo, como o conte!)
Este obsequio devido ao real sangue,
Que nas veias me pulsa heroicamente;
Mas, na sua cadeira empantufado,
Os psalmos entoava, em mim fitando
A carrancuda vista, de tal sorte,
Que mostrava insultar-me, com desprezo.
A raiva, e o gran furor, que a alma me occupam,
Me tem fóra de mim: não sei que faça
Para vingar tão grande e atroz delicto.
Vós conselho, vós artes, vós maneira . . . .
(Pois a vós tambem chega a grande affronta)
Me dae para punir este atrevido.»

Antonio Diniz da Cruz e Silva, Parnaso Lusitano.
Paris, 1834 — tom. 6.º, pag. [illegible]

CANTO V

Conversação do Deão com o Padre Mestre dos Capuchos (109)

. . . .

E o Deão, caminhando para a cêrca,
Com outro Reverendo acaso tope,
De gran'barriga, de cachaço gordo,
Que attento o cumprimenta, e acompanha.
Quiz então a fortuna que este fosse
Um dos Padres mais graves da provincia,
Ex-guardião, Ex-leitor, e jubilado,
De todos o mais docto, excepto o Arronches,
Prégador de gran'fama na cidade.

O bom Lara, que havia longo tempo,
Que nesta santa casa não entrava,
Aturdido ficou, quando a seus olhos,
Na cêrca entrando, juntos se lhe off'recem
As areias das ruas, as estatuas,
Os buxos, os craveiros, as latadas
De mil flôres cubertas, e que, em tôrno,
O virente jardim adereçavam:
E não bem quatro passos tinha dado,
Quando, fitando curioso a lente
Na estatua, que primeira alli se encontra,
Pergunta ao jubilado: «Quem é este
Monsieur Paris, segundo diz a lettra
Que por baixo, na base, tem aberta?
Se se houver de julgar pela apparencia,
O nome, a catadura, o penteado
Dizendo-nos estão que este bilbostre
Foi Francez, e talvez cabelleireiro,
Inventor do topete que o enfeita.»

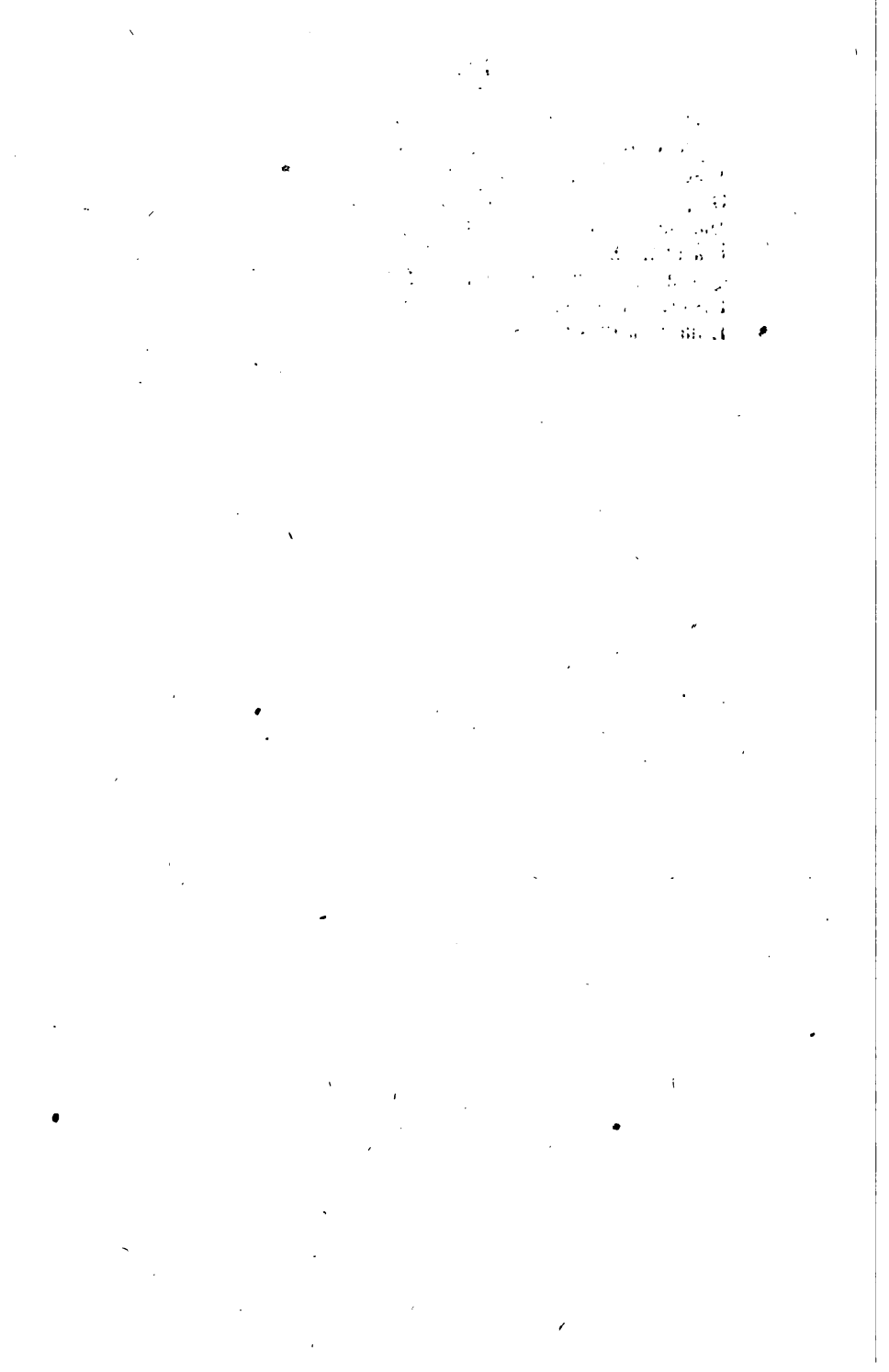
—«Páris, e não Paris diz o lettreiro
(Circumspecto lhe volve o Padre-Mestre)
Nem Francez, como crê, cabelleireiro
A personagem foi, que representa;
Mas em Troia nasceu d'estirpe regia.»
—«Pois se Francez não foi (replica o Lara)
Como Monsieur lhe chamam?»—C'um sorriso

Lhe torna o Padre-Mestre: Não se admire
Que isto está succedendo a cada passo;
Ao pé de cada canto, hoje sem pejo,
Se tractam de Monsieurs os Portuguezes.
Isto, Senhor, é moda; e como é moda,
A quizemos seguir; e sobre tudo
Mostrar ao mundo, que francez sabemos.»
—«De tanto pezo pois (lhe volta o Lara)
É, Padre-Jubilado, por ventura,
O saber o francez, que disso alarde
Fazer quizessem vossas Reverencias?
Por acaso, sem esse sacramento,
Não podiam salvar-se, e serem sabios?
Pois aqui, em segredo, lhe descubro,
Que o francez, para mim, o mesmo monta,
Que lingua dos selvagens Boticudos.» (101)
—«Não diga, senhor, tal; que neste tempo,
Ó tempos! ó costumes! (diz o Padre)
O saber o francez é saber tudo.
É pasmar vêr, Senhor, como um pascasio,
De francez com dous dedos, se abalança
Perante os homens doutos e sisudos,
A fallar nas sciencias mais profundas,
Sem que lhe escape a sancta Theologia;
Alta sciencia aos claustros reservada,
Que tanto fez suar ao grande Scoto,
Aos Baconios, aos Lullos, e a mim proprio. (102)
Desta audacia, senhor, deste descoco,
Que entre nós, sem limite, vae lavrando,
Quem mais sente as terriveis consequencias
É a nossa portugueza casta linguagem,
Que em tantas traducções anda envasada
(Traducções, que merecem ser queimadas!)
Em mil termos, e phrases gallicanas!
Ah! se as marmoreas campas levantando,
Saissem dos sepulchros, onde jazem
Suas honradas cinzas, os antigos
Luzitanos varões, que com a penna,
Ou co'a espada, e lança a patria ornaram,
Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dicção, bastardos termos,
Com que enfeitar intentam seus escriptos
Estes novos ridiculos auctores;

(Como se a bella e fertil lingua nossa,
Primogenita filha da latina,
Precisasse d'estranhos atavios!)
Subito, certamente, pensariam
Que nos sertões estavam de Caconda,
Quilimane, Sofála, ou Moçambique; (103)
Até que, já por fim, desenganados
Que eram em Portugal, que os Portuguezes
Eram tambem, os que costumes, lingua,
Por tão estranhos modos, affrontaram,
Segunda vez de pejo morreriam.
Mas elles tem desculpa; a negra fome
Os miseros mortaes a mais obriga;
Sem saber o que escrevem, escrevendo
Buscam della o remedio, e como logram
Os fins de seus intentos; o que escrevem,
Seja ou não portuguez, isso que monta?
Quem desculpa não tem, nem a merece,
É quem vedar-lh'o deve, e não lh'o veda;
Mas por ora deixemos estas cousas,
Que o mundo corrigir a nós não toca.
Este (como dizia) foi Troiano,
E nos campos, que o phrygio Xanto corta, (104)
Guardando, em doce paz, o seu rebanho,
Eleito foi juiz do grande pleito,
Que Juno e Pallas, entre si com Venus,
Sobre a belleza, um tempo, sustentaram:
No qual, não sei porém se com justiça,
Deu a favor de Venus a sentença,
Entregando-lhe o rico pomo de ouro,
Que a Discordia lançara n'um banquete.» (105)
—«Já nesse pleito ouvi, se bem me lembro,
E no pomo fallar (lhe volve o Lara)
Mas o tal Monsieur Páris foi um asno.
(Perdôe a sua ausencia.) Se na causa
De ser juiz a sorte me coubera,
Daria, mal ou bem, minha sentença,
Conforme o meu bestunto me ajudasse,
Sem em nada gravar a consciencia;
—Mas a maçã, havia d'eu papal'a,
Pelas custas, por certo: e quando muito,
Daria á vencedora della as cascas.
Mas, diga-me, meu Padre Jubilado,

Se gado apascentou esse marmanjo,
Como de cortezão está vestido,
De cabello, de bolsa e penteado?»
—«Essa é boa! (replicou o Reverendo)
Pois parece-lhe a vossa Senhoria,
Que lhe bastava o sêcco tractamento
De Monsieur, que lhe démos, e um cajado,
Um intonso cabello, uma samarra?»
—«Essa razão me quadra (diz o Lara)
. . . .
. . . . «E quem é este
Circumspecto Monsieur que cá s'enxerga?»
—O Padre-Mestre, vendo-se obrigado
A recontar d'Ulysses os trabalhos, (106)
Para o tempo ganhar de recordal-os,
Ronca, escarra, da manga o pardo lenço
Saca, nas espalmadas mãos o tende;
Em ambas sopesado o leva á penca;
Com'strondo se assoa, dobrado o colhe:
D'esturro então sorvida uma pitada,
O habito sacode, aos sobacos
Alça o cordão, arrocha-o na casola,
E de papo ao Deão assim responde:
«Esse que ahi está, nem mais nem menos
É o facundo decantado Ulysses,
De Madama Penélope marido:
De todos quantos Gregos aportaram
Da neptunina Troia ás curvas praias,
O mais prudente foi, excepto o velho
Nestor, que viu dos homens tres idades. (107)
Este, depois que a cinzas reduzido
Foi o fero Ilion, por suas traças, (108)
E da altiva cidade só ficara
O campo, em que imperiosa antes estava;
Voltando á patria amada, carregado
D'altos despojos da immortal victoria,
De Neptuno soffreu a cruel sanha,
E dos ventos, e vagas açoutado,
Undivago correu por longos mares,
Vendo de muitas gentes as cidades,
As varias artes, os costumes varios,
Até que levantou, na foz do Tejo,
A rainha do mar, Lisboa invicta.

—Ó grande fundador da minha patria!
Aqui brada o Deão) se mãos tiveras
E se pernas e pés te não faltaram,
Os pés e mãos, humilde, te beijára!
Mas se manco e maneta aqui te vejo,
E á franceza vestido, a mal não hajas
Que á franceza te beije a fria face.»
Disse: e ao collo furioso se lhe lança,
E na cara tres beijos lhe pespega.

O mesmo—pag. 57.

GENERO LYRICO

Formas do genero lyrico

Este genero de poesia era destinado para se cantar, e deriva o seu nome da lyra com que era acompanhado. Hoje a musica emprega-se principalmente nas solemnidades religiosas e nas representações theatraes, sendo poucas as poesias modernas verdadeiramente lyricas, isto é, compostas para serem cantadas fóra do theatro ou da Egreja.

Como sempre se têm composto poesias, que exprimem os sentimentos do poeta, do mesmo caracter e tom das rigorosamente lyricas, isto é, das que antigamente se compunham para serem cantadas, taes composições conservam o nome de lyricas, não obstante serem destinadas a simples recitação e leitura.

Modernamente o poema lyrico é a composição poetica, em que o poeta exprime directamente qualquer sentimento que o affecta.

Na escola provençal são muitas e variadas as fórmas da poesia lyrica. A Canção era um pequeno poema lyrico em fórma cantavel tendo ordinariamente um assumpto popular.

Na escola galleziana havia:

A Serranilha ou Serrana, canção pastoril tradicional em redondilha menor, quasi sempre dialogada. Esta fórma popular deu origem á poesia lyrica portugueza. A *Serranilha* chamava-se *Cantar de amigo* se era dirigida a um amigo ou a um namorado, *Cantar Guayado* se começava pela neuma *Guay* ou *Ay* (1). *Dizer* quando começava por uma pergunta ou por uma affirmação *Disse-me, Digades;*

(1) *Neuma,* voz sem significação, empregada para encher os compassos musicaes ou pela necessidade da rima.

A Barca ou *Barcarola,* idyllio maritimo galleziano.

Na escola provençal franceza são estas as principaes formas da poesia lyrica;

A *Sirvente,* canção satyrica, chamou-se em portuguez *Cantiga de mal-dizer* e depois *Apodo,* a *Sirvente* elegiaca teve o nome de *Planh;*

A *Divinalls,* canção que contêm um equivoco de palavra para se adivinhar;

A *Noellaire* ou *Novas,* canção que expõe uma acção fingida com fim moral;

A *Jocs partitz,* canção em que figuram dous contendores, cada um dos quaes exalta o seu amor;

A *Jocs-enamoratz* quando a contenda é entre namorados, e a *Torneamens* se é entre trovadores;

A *Alvorada,* canção do trabalho ao amanhecer;

A *Serena,* descante nocturno;

A *Baylata, Balladá* na sua origem era uma canção simples que acompanhava a dança, deu-se depois na litteratura franceza o nome de *Ballada* a um poema breve do genero epigrammatico. Nas poesias do Norte, especialmente da Allemanha, a *Ballada* é a narração em forma lyrica de uma legenda onde se allia o maravilhoso com o tragico. Victor Hugo tem algumas poesias deste genero;

O *Descort,* canção que exprimia as exaltações do amor em estrophes irregulares, com varios metros e dialectos diversos;

O *Refrem,* canção com estribilho; a esta classe pertencem as *Lyras* de Gonzaga e as *modinhas* brazileiras do seculo XVIII;

A *Decima,* estrophe em dez versos;

A *Donaire,* canção em que o poeta fallava da sua dama;

A *Salutz,* canção em que o poeta saudava a sua dama;

O *Solatz* ou *Soláo,* canto de amor em que o trovador desafoga as suas magoas consolando-se;

A *Pastorella,* idyllio provençal, fórma da *Serranilha,* em que se canta uma pastora e se lamenta o seu amor perdido;

A *Tenção,* canção satyrica composta por differentes trovadores, em que se discute uma questão de amor; a estrophe com que termina chama-se *Cabo,* cada metade do *Cabo* é improvisada por um trovador. A *Tenção* sómente satyrica tem o nome de *Tenção de mal-dizer.*

A canção na escola provençal franceza distingue-se porque a rima é formada pela mesma palavra, ou pelo verbo em diversos tempos. Tambem varia pelo artificio da rima, e tem os nomes de *Coble menor-rima* quando ha uma só rima em cada estrophe, e de *Mansobre doble, Mansobre menor* e *Lexaprem* ou *Canção redonda,* de que já fallámos nas regras de metrificação.

Pertence tambem á escola provençal o *Lay* bretão, canção lyrica

de amor, á maneira das árias bretãs, introduzida na peninsula no seculo XIV.

No seculo XV em que predominou a escola hespanhola a poesia lyrica tomou as seguintes fórmas:

O *Cantarcillo* em quadras de redondilha menor;

A *Redondilha*, quintilha em redondilha menor;

A *Seguidilha*, cantiga em quadras seguidas;

A *Esparsa*, estrophe elegiaca epigrammatica;

A *Volta*, especie de glosa, não reproduzindo os versos do mote, interpretando-os ou dissertando sobre o seu sentido, tambem se chama *Vilancete*;

A *Glosa* composição em redondilhas, formando outavas ou decimas, terminando cada uma dellas com um verso dado, ou com uma estrophe tambem dada, que se chama mote; foi muito usada até ao principio do seculo XIX;

Copla e *Trova* designavam qualquer composição poetica em redondilha maior formando estrophes de outavas ou de decimas;

A *Coplilha* era a Trova em redondilha menor;

A *Oração farsi* ou *Farsitura*, derivada dos cantos ecclesiasticos, era a copla com versos latinos intercallados.

Na escola quinhentista ou classico-italiana apparecem as novas fórmas da poesia italiana.

O genero lyrico comprehendia diversas especies, distinctas pela fórma, e algumas pelo assumpto, a saber: a Ode, o Epithalamio, a Canção, a Cançoneta, a Endecha, o Romance lyrico, a Lyra, a Cantata e o Dithyrambo.

A Ode é uma especie de poesia lyrica dividida em diversas estrophes, e que exprime sentimentos alegres, elevados ou delicados. Segundo o objecto e modo de tractar os sentimentos subdivide-se a Ode em sagrada, heroica, philosophica ou moral, e anacreontica.

A Ode sagrada tem por objecto os louvores da Divindade. O metro usado nesta poesia é o endecasyllabo só, ou com o heroico quebrado solto ou rimado, o seu estylo é o sublime.

A Ode heroica celebra as façanhas, o genio e os talentos dos homens notaveis. O seu metro é o endecasyllabo, o heroico quebrado, e ás vezes o quebrado de cinco syllabas. Dá-se-lhe o nome de Pindarica quando tem uma divisão regular de estancias, denominadas Estrophes, Antistrophes e Epodos, observando-se em todas a mesma ordem, numero e qualidade de versos, e disposição de rima que se adoptar para as tres primeiras.

O estylo sublime é o proprio desta especie de poesia.

A Ode philosophica ou moral tracta de assumptos philosophico-moraes, exprimindo os sentimentos que nos inspiram os varios successos

da vida, as revoluções da fortuna, a instabilidade das cousas humanas, a cegueira dos homens sobre os seus verdadeiros interesses e prazeres, a pratica das boas acções, etc.

A Ode epodica, e a saphica são poesias philosophico-moraes. O metro usado na Ode epodica é o endecasyllabo e o heroico quebrado alternado, rimado ou solto, ou enlaçado e formando estancias eguaes no numero dos versos, rimando uns com outros ou sem rima.

O estylo que lhe compete é o medio.

A Ode saphica não differe da epodica, só a caracterisa o ser composta de estancias regulares de quatro versos cada uma, os tres primeiros endecasyllabos saphicos, e o quarto quebrado de cinco syllabas sem rima.

A Ode anacreontica exprime com mimo e delicadeza as commoções vivas, mas ligeiras e transitorias, quaes são as que nos causam os prazeres physicos da vida e do amor.

Caracterisam esta especie de poesia a sua pequena extensão, a naturalidade dos pensamentos, a belleza das descripções, o agradavel das imagens, e sobretudo a facilidade e melodia da versificação.

O seu estylo é o medio descendo quasi ao tenue, e os versos usados nestas Odes são a redondilha maior, e d'ahi para baixo, sós ou misturados, as mais das vezes rimados, e formando estancias distinctas.

O Epithalamio é um canto nupcial, que celebra a felicidade das vodas ou as qualidades dos noivos. O metro usado nesta especie de poesia é o endecasyllabo só ou misturado com versos de menor medida solto ou rimado. O seu estylo é o medio, elevando-se mais ou menos segundo a materia o pede.

A Canção tem de ordinario por objecto as situações campestres, e as penas motivadas pelo amor, saudade ou ausencia. Os nossos poetas tem tractado nas canções toda a variedade de assumptos. O seu metro é o endecasyllabo e o heroico quebrado, ora só, ora misturado, solto ou rimado, terminando por uma ou mais estancias em que o poeta fallando com a canção conclue com um novo pensamento.

O estylo proprio desta especie de poesia é o medio, elevando-se ou descendo segundo a materia de que tracta.

A canção da escola italiana é mais extensa do que a provençal. Os poetas italianos deixando os modelos das odes latinas adoptaram a denominação provençal.

As Canções modernas são pequenas poesias lyricas sobre assumptos populares, e em fórma cantavel.

As Cançonetas, Endechas e Romances lyricos, que se encontram nos nossos classicos, são especies da Canção com fórmas diversas.

A Cantata tracta dos mesmos objectos da Canção. Alguns dos nossos poetas tem tractado nellas os mais sublimes assumptos. Tem duas par-

tes, recitativo e aria. No recitativo o poeta narra o assumpto, na aria faz reflexões suggeridas pelo recitativo. O metro proprio do recitativo é o endecasyllabo só ou com o heroico-quebrado, solto ou rimado, e o seu estylo o medio, elevando-se até ao sublime se a materia o pede.

O metro da aria é a redondilha maior e d'ahi para baixo, formando de ordinario estancias regulares, quanto ao numero de versos e rima, e o seu estylo o medio, descendo ou elevando-se segundo o pede o assumpto.

A lyra é egual á Canção quanto ao assumpto e estylo. O seu metro é o endecasyllabo, a redondilha maior e d'ahi para baixo, só ou misturado, em pequenas estancias regulares repetindo-se de ordinario no fim de cada uma dellas um estribilho, composto de menor numero de versos e quasi sempre mais pequenos.

O Dithyrambo é uma Canção Bachica, e tracta dos louvores do vinho, de Bacho e dos prazeres da mesa.

Nesta composição apparece uma affectada desordem, e por isso não tem estancias regulares, e admitte versos de todas as medidas e combinados de varios modos. O seu estylo ora desce, ora se eleva, segundo as ideias que o poeta exprime.

Modernamente o Dithyrambo compõe-se como o antigo de estancias regulares, e de versos de diversas especies, mas usa-se para exprimir sentimentos vivos de admiração, alegria ou indignação, tal é o Dithyrambo de Dellile sobre a immortalidade da alma.

Na escola classica o genero elegiaco era dedicado para celebrar assumptos tristes ou para exprimir sentimentos ternos e delicados. Duas são as suas especies: a Elegia, que tem por assumpto os sentimentos dolorosos, tristes ou ternos, que podem dizer-se naturaes e communs a todos os entes moraes; e o Epicedio, que tem por assumpto os prantos ou queixas sobre a morte de alguem.

O metro endecasyllabo é o proprio para ambas as especies, no Epicedio porém emprega-se só ou acompanhado, com rima ou sem ella, na Elegia vem sempre só, rimando alternadamente e formando tercetos.

O estylo d'este genero é o medio.

As Elegias modernas são cantos tristes, em que se lamenta alguma desgraça publica ou particular, apenas se distinguem pelo assumpto, e por isso podem considerar-se como uma especie do genero lyrico.

Na litteratura classica genero epigrammatico era aquelle em que se tractava em poucos versos rimados um assumpto subtil ou delicado, concluindo com agudeza.

Eram especies d'este genero: o Epigramma, o Soneto, a Decima e o Madrigal.

O Epigramma proprio é formado de poucos versos da mesma ou de differente medida, nos quaes se enuncia um pensamento engenhoso, de-

licado, e ás vezes critico e mordente, terminando sempre por uma expressão aguda ou picante.

O metro e a rima desta composição poetica são arbitrarios. O seu estylo é o medio.

O Soneto compõe-se de quatorze versos endecasyllabos formando dois quartetos e dois tercetos.

Os seus pensamentos devem ser nobres e elevados, a linguagem viva e melodiosa, e a versificação correcta e perfeita. O estylo desta especie de poesia deve graduar-se pelos assumptos que nella se tractarem.

O Soneto é de origem provençal; attribue-se a invenção desta forma de poesia a Girard de Bourneuil, que morreu em 1278.

No Soneto predomina a parte musical ou a harmonia dos sons e desta circumstancia se derivou o nome de Soneto.

A forma do Soneto foi fixada pelos italianos e principalmente por Petrarcha, que foi insigne neste genero de composição.

No Soneto ha diversas combinações de rimas, sendo as mais usadas: nos quartetos rimando o 1.º verso com o 4.º, 5.º e 8.º; o 2.º verso com o 3.º, 6.º e 7.º; nos tercetos o 1.º verso com o 3.º e 5.º; o 2.º verso com o 4.º e 6.º; tambem o 1.º verso com o 4.º, o 2.º com o 5.º e o 3.º com o 6.º

O Soneto com estrambote tem mais tres versos no fim, rimando nos tercetos o 1.º verso com o 4.º; o 2.º com o 5.º e 7.º; o 3.º com o 6.º, e o 8.º com o 9.º

A Decima é uma especie de poesia composta de dez versos chamados redondilha maior, consta de um só assumpto, tractado em uma ou mais decimas, acabando cada uma dellas sempre com um pensamento agudo ou delicado. O seu estylo varia segundo o assumpto.

O Madrigal só differe do Epigramma em concluir com um conceito menos vivo e agudo, mas sempre delicado. O numero de seus versos costuma ser entre seis e dezesete, de ordinario endecasyllabos e heroico-quebrados entremeados e rimados a arbitrio do poeta.

As composições breves e conceituosas que constituiam o genero epigrammatico são apenas diversas fórmas poeticas applicadas a differentes assumptos, umas podem classificar-se no genero lyrico, outras no genero didactico.

Na escola seiscentista a *Ode* italiana toma a forma artificiosa e erudita da epocha e denomina-se *Sylva*.

Os *Tonos* são canções breves allegoricas.

Na escola arcadica além das formas usadas na escola classico-italiana apparecem a *Lyra*, a *Modinha*, e o *Amphiguri*. A *Modinha*, usada no seculo XVIII, é uma especie de canção com estribilho, introduzida pelos poetas brazileiros; tem o verdadeiro caracter nacional e a feição tradicional das antigas *serranilhas*.

O *Amphiguri*, de *amphi* (ao redor) e *gyros* (circulo), imitação artificiosa dos cultistas, é em prosa um discurso jocoso, composto de palavras que não tem ligação alguma e que não formam sentido perfeito.

Em verso é uma poesia composta de phrases desligadas, em linguagem vulgar com allusões criticas; tambem se applica o mesmo nome a uma parodia em que se reproduzem os versos que se pretendem ridiculisar.

Os poetas lyricos modernos exprimem os sentimentos, que os animam com plena liberdade, sem se sujeitarem ás fórmas classicas, e por isso as suas composições não podem rigorosamente classificar-se pelas especies que ficam referidas.

Poema didactico é o que tem por fim instruir, e tracta de communicar directamente conhecimentos uteis.

A poesia didactica na litteratura classica comprehendia: o poema didascalico, as epistolas e as satyras.

O poema didascalico tracta de um determinado assumpto com a devida regularidade, expondo uma doutrina scientifica ou discutindo um ponto de moral. O seu metro é o endecasyllabo, o seu estylo o medio.

As epistolas são cartas em verso, que dão preceitos soltos sobre varios assumptos, censurando indirectamente.

As satyras criticam os extravios dos costumes publicos, ou os defeitos litterarios dos auctores, censurando directamente.

Em alguns dos nossos poetas se encontram epistolas e satyras em quintilhas e quadras rimadas de redondilha maior; modernamente é mais usado o endecasyllabo solto ou rimado.

Como estas composições poeticas requerem a familiaridade da conversação convem-lhes o estylo tenue.

A satyra póde tomar differentes fórmas e tons e ser didactica ou lyrica.

A epistola póde tractar todos os assumptos e ser didactica, lyrica, elegiaca ou narrativa.

O poema descriptivo pinta o universo todo, ou uma serie particular de phenomenos, ou uma collecção mais ou menos numerosa de objectos naturaes.

O metro proprio deste genero de composição poetica é o endecasyllabo. O seu estylo deve accommodar-se ao assumpto, e ás impressões que o poeta pretende produzir, e por isso deverá ser mais elevado quando pela descripção de objectos grandes e magestosos procura produzir impressões sublimes e patheticas, e menos quando pela descripção de objectos risonhos e alegres intenta produzir impressões brandas e agradaveis.

As descripções podem ser o unico assumpto de composições poeticas, mas tambem podem entrar em todos os outros generos, no didactico, no lyrico, no pastoril, no epico e no dramatico.

COMPOSIÇÕES CLASSICAS

ODE SAGRADA

Traducção do Canto de Ezequiel, Cap. 27

Oh! Tyro, Nau suberba, e poderosa (109)
Que tanto te jactavas
De perfeita, e bellissima estructura!
Tu, que tecida das mais duras faias,
Tu, para cujo masto produziu
O Libano frondente (110)
O cedro mais gentil, que o mundo viu;
Tu, que audaz, e potente
No coração das ondas te ostentavas
Cheia de gloria ufana, e dominavas
Em toda a vastidão do mar profundo.

Dos carvalhos fortissimos de Bassan (111)
Se puliram teus remos vigorosos.
Nos bancos dos remeiros valorosos,
Na tua poppa, oh! Nau, resplendecia
Lucido esmalte de indico marfim.
D'aurea antena pendia a vela immensa,
Que egypcio linho candido tecia.
A bandeira de purpura luzente
Suberba scintilava
Ornada, e guarnecida

De rica bordadura, onde brilhava
Do vermelho jacintho
A flamma refulgente.

Os ricos habitantes
Da região sydonia te serviam (112)
De remeiros possantes.
Os velhos, e os prudentes de Gibal (113)
Te forneceram destros marinheiros,
E nautico apparelho.
A sabios de prudencia, e de conselho
Foi, oh Tyro, teu leme confiado.
Mil povos do oriente
Com animo valente
Defendiam teu bordo, onde se viam
Capacetes, escudos pendurados,
Fero apparato, bellico ornamento
Prompto para qualquer hostil intento.

Quantos povos abrange o mundo inteiro
Tracto comtigo tinham?
De toda a parte vinham
Em teu seio vastissimo esconder
As producções immensas, que creavam
As regiões diversas, que habitavam.
Tu com tua opulencia alegre, e ufana
Ias cortando o mar com largas velas;
Mas um vento cruel, e furioso
Deu de encontro comtigo n'um rochedo:
Cheia de espanto, e medo
Alli despedaçada,
N'um momento te viste sepultada
Nos abysmos dos mares. Teus thesouros
Tuas mercadorias, e riquezas,
Tuas altas emprezas,
Teus triumphos, e glorias e teus louros,
Teus fortes marinheiros,
Teus pilotos, teus inclytos guerreiros
Com toda a multidão de povo immenso,
Tudo..., que desgraça! confundido,
E no seio das ondas submergido.
O triste som dos miseros clamores,

Que ao Ceu mandava a tua afflicta gente,
Diffundiu negro espanto: mil horrores
D'outros baixeis ao longe se apossam:
Cheios de medo, e dôr seus navegantes
Precipitam-se em terra:
E em tanta confusão de fatal guerra
No duro chão prostrados,
Com prantos desolados
Teu caso miserando lamentaram
E cinza, e pó funesto derramaram
Sobre as miseras frontes;
Seus cabellos cortaram,
E cingidos de asperrimo cilicio
No mais intenso excesso de seu mal,
Da sua dôr fatal,
Inundados de lagrimas sem conto,
Sobre a tua funesta desventura
Flebil canto entoaram de amargura.

«Houve jamais Cidade tão brilhante
«Outra, diziam, outra igual a Tyro?
«Ah! Tyro! Aonde estás? Responde
Tu no meio do mar emmudeceste?
No meio desse mar, onde leis déste?
Tu, que com teu commercio immenso e grande
Tantos povos, e Reis enriqueceste,
É possivel, que estejas submergida
Nos seios horrorosos
Dos mares tempestuosos
Com todas as Nações que dominavas
E que tuas riquezas infinitas
Em ti por tanto tempo accumuladas
Fossem das bravas ondas devoradas!

Obras poeticas de Francisco Dias Gomes. Lisboa, 1799 — pag. 359

ODE HEROICA

Em louvor do Infante D. Henrique

Fervia ao longe com fragor medonho
O mar caliginoso: horrenda fama
Desde a origem do mundo apregoava
Do inaccessivel pêgo
As férvidas voragens.
Desastrados successos agourando,
Pávido nauta trespassar não ousa
O Bojador sanhudo, que guardava (114)
Entre feros horrores
Os não surcados mares.
Tu, filho caro da Natura, ó Genio!
Que tardaste em formar por tantos evos
O lusitano Henrique, alfim um dia
A empreza lhe inspiraste,
Que enche de gloria a Lysia. (115)
Eis elle na mão toma ardente faxo,
Que desde o Sacro-Promontorio fulge; (116)
Tiro de luz despede, que allumia
Do tenebroso Oceano
Os pelagos immensos.
«Ide romper os mares, disse aos Lusos,
Com chaves immortaes té-qui fechados:
Ide alargar por nova maravilha
A' patria Lysia, á Europa
Os terminos do mundo.»
Gente animosa invicta as vozes ouve;
A angra deixa da marinha Sagres;
E promptos barineis ás ondas descem,
Deuses do mar potentes,
Os novos Argonautas.
Já lá longe das praias, onde Alcides
Pôz balizas ao orbe, as prôas surcam (117)
Vastos desertos de profundas aguas:
E as barreiras quebrantam
Dos resguardados mares.
Que espectaculo grande a Natureza

Aos Lusos apresenta! Quaes portentos
Não sabidos dos seculos amostra!
Quanto mundo encuberto
Aos olhos seus descerra!
Novos Tritões na azul campina lhes abrem
Facil estrada: novas aves voam,
E já proximas terras lhes annunciam;
Novos benignos astros
De estranhos Ceus lhes brilham.
Eis d'entre as ondas já lá vem surgindo
Novos montes e cabos, novas praias,
Terras de vario clima, de diversos
Productos da Natura,
De ignota gente e nome.
Como do meio das cerradas nuvens
A atlantica Madeira sáe formosa,
De verdejante folha a trança ornada;
E vem com brando gesto
Saudar os lusos nautas!
Correm pelo ceruleo campo a vel-os
As mais filhas de Tethys cubiçosas: (118)
As Garças, Arguim, e às que guardavam
Hesperides formosas
Os ricos pomos d'ouro. (118)
A torrida Ethiopia, ao Sol visinha,
Desdobra o escuro veo, que a fronte cobre,
E amostra a face magestosa: vê-se
Vir receber os Lusos
O Arsinario cabo:
Vê-se mais ledo ao mar co'a gran corrente
Já vir o Sanagá, e o curvo Gambia:
Vê-se o filho do grande Nilo, o Zaire
Contente devolvendo
Ao alto golpho as aguas. (120)
Da intrepida façanha desusada
Os maritimos Deuses se espantaram,
Mas não Protheo, que próvido sabia (121)
Do immobil fado eterno
Os divinos arcanos.
Mal viu de longe as cortadoras proas
Co'a fatidica voz, que tudo assombra,
«Ó lusos nautas, clama, ó vós ditosos,
Que os Fados cá vos chamam

Do mar ao novo imperio.
Por estas ondas, ora povoadas,
Té-qui em solidão desertas, cedo
Nesses ousados lenhos do Oriente
Virá toda a fortuna
Do Aureo Indo ao Tejo.
Soou mui longe a voz do vate: ouviu-a
O roxo-mar e estremeceu; e o Nilo,
E a suberba Damasco, e a syria Alepo,
E o grande egypcio Cairo,
E a rica Alexandria.
Ouviu-a, e estremeceu a gran rainha
Do Adriatico golphão: do alvo collo (122)
Cae-lhe o collar de nitido diamante;
Cae-lhe da altiva fronte
A c'roa d'ouro fino.

Poesias de Elpino Duriense (Antonio Ribeiro dos Santos
Lisboa, 1812 — tom. 2.º, pag. 127.

Neptuno aos Portuguezes

As armadas undivagas povoam
Os mares das Antilhas,
E as praias n'outro tempo descampadas.
Aqui d'Estaing sem medo, (123)
Alli Rodney ditoso, de Amphitrite (124)
As planicies retalham.
Já á vista das bandeiras inimigas,
Os animos accesos,
Soltas as vélas, os canhões troando,
De cem vulcaneas boccas
Sae a morte, em pelouros desparzida;
E as rochas ponte-agudas,
Que a borda encrespam das patentes ilhas,
Estremecem co'o estrondo
De bronze rouco, que ribomba e brama.
As trepidantes aguas
Ás placidas cavernas crystallinas
Denunciam os sustos:
Já co'os verdes cabellos destrançados
Espavoridas fogem.

As Nereias, no fundo mar que freme; (125)
Agastado Neptuno
Sacode a rédea aos bipedes cavallos;
E em pé na crespa concha,
Pelo azul campo os olhos estendendo,
Busca em vão as afoutas
Lusas naus, cubiçosas de conquistas...
Vê Lises, vê Leopardos, (126)
Raros, outr'ora, nos confins do Oceano,
Tremular hoje ovantes,
Desde a frigida Thule ao Roxo Eôo; (127)
E o Bátavo pesado
Na cheirosa Ceilão, rica Malaca
Promulgar leis lucrosas.
«Netos do Gama, netos de Albuquerque,
(E arranca alto suspiro
Neptuno, que assim brada) envergonhae-vos.
Qu'é do trisulco sceptro
Que entreguei ao aventureiro
Que arou primeiro, ousado,
O ignoto mar da apavonada Aurora?
Aquellas Argos lusas, (128)
Cheias de heroes, que a Mauritana escola
Creara e endurecera,
Já não trilham meu reino, desenvoltas?
Os braços alargando
O sancto Gange, o saudoso Euphrates (129)
Vos chamam, vos acenam,
E co'as preciosas praias vos convidam.
Perdeis da adusta Mina
O bem ganhado aurifero dominio?
Desamparaes imbelles
Dabul, Cochim, a estranhos mercadores?
E essas terras outr'ora
Cubertas de triumphos portuguezes,
E o verde imperio meu
Que tingieis de sangue a cada passo
Consentireis surcado
De Sármatas, Cimmerias, Daces quilhas? (130)
A cinza dos Pachecos (131)
Pediu vingança, e os Fados mais que justos
Cobriram de cegueira
Os olhos veladores do Governo.

Trajada de virtude,
Pregoando zêlo (oh! dias desditosos!)
Tomou a Ignorancia
Nas mãos as chaves dos estados luzos;
¡Mal-avisado zêlo
Na Asia, e na Europa levantou fogueiras; (132)
E as sevas labaredas,
Crestando as azas do liberto engenho,
Mirraram sem regresso
Da luza gloria as gradas esperanças!
Aqui perdeis Molucas,
Alli Ormuz, Barem, Borneo, Samatra...
Eis o Oriental tridente
Vos começa a cair das mãos inertes...
¡Elysia abaixa os olhos,
Os olhos de taes maguas quebrantados...
Eis vão as boas artes,
Mimosos gomos de alumiados tempos,
Fanar-se ao secco sopro
Da pedante escolastica doutrina.
Lá vae o incauto moço (133)
Dar ao alfange o collo da nobreza
Nas africanas costas.
Que lugubres desastres não rebentam
De empeçonhado tronco!
As ordens do Destino se cumpriam
Na linhage imprudente;
E ás garras dos leões auri-sedentos (134)
As quinas somettidas
O perennal opprobrio transpassavam
As armas triumphantes. (135)
Nem póde o novo Rei do avito throno, (136)
Com vozes poderosas,
Chamar as artes uteis foragidas,
Que se atroam co'o ruido
Do tambor rouco, da estouraz granada,
Eis quando se abraçavam,
Alviçaras reciprocas pedindo; (137)
E ás doutrinadas gentes
Descobriam as faces radiosas
Nos lyceus franqueados
Do sceptrigero Tejo, e do Mondego;
Fanatico granizo (138)

Caiu pezado nos pimpolhos tenros,
Que a seus olhos creava
Sollicita a Sciencia para ornarem
O Josephino secl'o...
Fostes Lusos; e a gloria dos maiores
Mal doura inda os escudos
Dos descuidados netos, té que a apague
A mão caliginosa
Da bronca Barbaria, companheira
Do ardente Fanatismo.»
Dorindo a musa afrouxa, e se enrouquece
De recordar na lyra
Os convicios do cérulo despóta,
E os revezes da Elysia.

Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elysio), Parnaso Lusitano, Pariz, 1827—tom. 3, pag. 441.

ODE PINDARIÇA

A D. João de Castro

Estrophe I

Quando o discurso humano
Se põe da natureza
A medir a fraqueza,
Pasma, esmorece, e perde a confiança:
Mas se do Eterno o braço soberano
Em seu desmaio a contemplar se avança,
Vê de em torno brotar alta esperança.
E, qual o Sião monte, (139)
Seguro entre as procellas alça a fronte.

Antistrophe I

Da feroz turba ingente,
Horrendamente armada,

Thema infeliz cercada
Via o grão Machabeo, e tambem via
A pouca de Judá e inerme gente;
Mas o forte varão, que em Deus confia,
Contra o Syrio feroz ousado a guia;
Fere a cruel batalha,
E qual pó o desfaz que o vento espalha. (140)

Epodo I.

Subito de ruinas se cubriam
Os campos dilatados;
Cavallos, cavalleiros jarretados
De sangue em largo rio
Morrendo com furor se revolviam:
E quaes no ardente estio
Em torno caem de cegador nervoso
Aos centos as espigas,
As hastas inimigas
Ao lado caem do capitão glorioso.

Estrophe II.

Em tanto triumphante
Exultando a Judêa,
Das palmas de Idumêa, (141)
Quebrado o jugo, ao campeão tecia
Diadema mais que os astros scintillante;
Seu valor, sua fé, sua ousadia
De cem harpas ao som ao Ceu subia:
Mas Judas da victoria
Ao Senhor das batalhas dava a gloria.

Antistrophe II.

Oh! de Israel afflicto
Firme columna e muro!
Se em meus hymnos procuro
Mostrar como, brandindo a mortal lança
Á Syria já terror foste infinito,

É só pela formosa similhança
Que descobre entre ti hoje a lembrança
E o triumphante Castro,
De immensa luz em Lysia immortal astro.

Epodo II

Roto em cem partes o famoso muro
Que suberbo a cingia,
Qual viuva misérrima se via
A magestosa Dia: (142)
Tincta de dó e envolta em manto escuro,
Cobrando novo brio
Em seu estrago o Mouro que a cercava,
Com trem, canhões e minas
Lhe dobrava as ruinas,
E quasi o feroz collo lhe pisava.

Estrophe III

Quando brandindo a lança
Em seu favor ligeiro,
Corre o feroz guerreiro
De poucas tropas na galharda frente:
Já de seu seio sáe, e tal se avança
Dos Mouros a ferir na hoste ingente,
Qual cercado leão na Lybia ardente, (143)
Que sacudindo a juba,
Por dardos rompe e o caçador derruba.

Antistrophe III

No terrivel conflicto
Brandia o varão forte
A cada passo a morte,
Que quanto encontra despedaça e estraga
E qual então lançou medonho grito
O Mouro, que em seu sangue a terra alaga!
Sem côr o rosto pelo campo vaga,

E blasphemando morre
Aos pés de Castro, que triumphante corre.

Epôdo III

Prosegue, lyra, e as azas veloz bate
De Salsetta á campina, (144)
Onde o braço feroz prostra e fulmina
O barbaro ardimento
Em novo, sanguinoso, e atroz combate.
Quaes no salôbre argento
Os mares uns sobre outros se encapellam,
Quando Euro procelloso (145)
Roncando cáe furioso,
Taes os Mouros fugindo se atropellam.

Estrophe IV

De immenso povo armada,
Eis de Baroche á praia
Desce feroz Cambaia; (146)
Sangue estillando ante ella pavoroso,
Por cem canhões de bronze Marte brada;
Mas brada em vão, que o capitão famoso
Os lenhos deixa, e o braço portentoso,
Qual de Meduza a frente, (147)
Immovel deixa a innumeravel gente.

Antistrophe IV

Eu que de branca pluma,
Novo cysne do Tejo,
Cubrir todo me vejo,
As azas bato, vôo ao firmamento,
Sem temor de dar nome á salsa escuma,
Prendendo as azas do ligeiro vento,
Bem podia cantar em alto accento
Como o guerreiro invicto
A cinzas reduziu Dabul afflicto, (148)

Epodo IV

Como feroz Pondá cruel combate:
Como de Antheu na terra (149)
O genio ensaia para a dura guerra:
Como troando ardente
Por terra derrubou Patane e Pate: (150)
Como no golpho ingente,
Estragos semeando a forte espada,
Enche o Hidalcão de espanto.... (151)
Porém se é longo o canto
Nem sempre ao côro do Parnaso agrada.

Odes pindaricas de Antonio Diniz da Cruz e Silva, chamado entre os Poetas da Arcadia Portugueza Elpino Nonacriense. Londres, 1820—ode 10, pag. 60.

ODE EPODICA

A vida rustica

Oh! mil vezes feliz, o que encerrado
Entre baixas paredes
O tormentoso inverno alegre passa!
Que de um pequeno campo,
Que elle mesmo cultiva, se alimenta,
Apascentando as vacas,
Que da mão paternal sómente herdou
C'os dourados novilhos,
Em quanto sobre a terra se reclina
Dormindo descançado
Ao som das frescas aguas de um regato,
Horrorosos cuidados
O não vem perturbar no brando somno:
A sordida cubiça
Lhe não faz conceber vastos projectos;
Não pensa, não intenta
Atravessar o cabo tormentoso,
Soffrer chuvas, e ventos,

Ouvir roncar as denegridas ondas,
E vêr na feia noite,
Entre nuvens a Lua ir escondendo
O macilento rosto,
Por ir commerciar c'os pardos Indos,
E Chinas engenhosos.
A sede insaciavel de riquezas
Não faz que exponha a vida
Nos desertos sertões ás verdes cobras,
E aos remendados tigres.
Ah! illustre Soeiro, doce amigo,
O ouro de que serve,
Se os annos vão correndo tão velozes?
Se a morte não consente
Que a enrugada, e pallida velhice
Com passos vagarosos
Nos venha coroar de niveas cans?
O senhor opulento
Ao seu pobre vizinho encurte o campo,
Que alegre cultivava;
Levantando soberbos edificios,
Arranque as oliveiras,
O choupo, que sustenta as roxas uvas,
Para ornar seus jardins
De esteril murta, de cheirosas plantas.
O campo, que ondeava
Com as uteis, e pallidas espigas,
Cubra de fresca sombra
Do espesso cedro, do frondoso louro,
Alegre vá passando
No seio das delicias, e regalos;
Mas oh! que não adverte
Que as tres filhas da noite, as impias Parcas, (152)
Girando os leves fusos,
Lhe acabam de fiar os curtos dias;
Que a morte inexoravel
Se chega ao rico leito, em que descansa,
Mostrando-lhe entre sombras
A macilenta mão, com que lhe pega.
Já entre mil angustias,
Entre os frios suspiros, que derrama,
Acaba a triste vida,
Que intentava gozar por longos annos.

Só tu, filha do Ceu,
Impávida Virtude, não estranhas
O aspecto da morte.

Obras Poeticas de Pedro Antonio Correia Garção, Lisboa, 1778 — pag. 394.

ODE SAPHICA

A Horacio

De grande nome barbaro desejo,
Se o rico templo da triforme Deusa
A poucas cinzas reduzindo, espera
Impia memoria. (153)
É menos torpe, menos detestavel,
Tão feio crime que imitar Horacio
Quem triste fama não quer dar ás aguas
C'o precipicio.
Ora sereno, como o Sol dourado,
De alegres côres todo o mundo cobre,
Quando a cabeça de mil raios ergue
Detrás da serra.
Mas outras vezes rapido parece
Aquilão thracio, que nos ceus batendo (154)
As negras azas, terra e mar envolve
Espessa chuva.
Sempre sublime no Parnaso colhe (155)
O digno louro, que lhe adorna a testa
Immenso genio com ditosos vôos
Pindaro alcança. (156)
Ou cante a fresca nova primavera
Dos grossos freixos sacudindo o gêlo,
Serena a Lua, as Graças vêm dançando
Com Cytheréa. (157)
Em quanto ardendo na arida officina
Ao sibilante fuzilar da forja
Mostram os sujos amarellos rostos
Os rijos Brontes. (158)
Ou já crimine da civil discordia

As mãos vermelhas com latino sangue,
Cala-se o povo, pallida tristeza
Muda os aspectos. (159)
Ou branco cysne livre já da Esthygia, (160)
Sinta nascer-lhe rude pêllo, sinta
Já, já nos dedos, sinta já nos hombros
Candidas pennas.
Sobre as cidades vôa, já descobre
Do tormentoso Bosphoro bramindo
Parthos e Scythas, hyperborios campos,
Libicas Syrtes. (161)
Ou já de Augusto mostra o valor nobre
Lavar de Crasso a vergonhosa infamia,
Que o Vestal fogo, Roma, Capitolio
Tinha esquecido. (162)
«Eu vi inteiros nossos estandartes,
As armas limpas, centuriões romanos
Co'as mãos atadas, Regulo dizia,
Vi em Cathago.» (163)
Oh! grande Horacio, sempre grande e forte
Sempre sublime, rapido te eleva:
A nossos olhos subito se esconde
Entre as estrellas.

Obras Poeticas de P. A. C. Garção. 1778 — pag. 382

ODE ANACREONTICA.

Veloz borboleta
Que leda girando,
Penosas idéas
Me estás avivando:
Insecto mimoso
Aos olhos tão grato
Da minha tyranna
Tu és o retrato:
A graça, que ostentas
Nas plumas brilhantes,
Tem ella nos olhos
Gentis, penetrantes;

De andas brincando
Tu flôr para flôr;
Anarda vagueia
De amor em amor.

Poesias de M. M. B. du Bocage. Lisboa.—1853—tom. 2, pag. 115.

EPITHALAMIO

Hymen, oh! Hymenêo, (164)
Desce, Hymenêo, do Ceu sagrado, desce
Coroado de rosas;
Vem unir com Marilia o lindo Aónio,
Um do outro escolha digna.
Vem, que com rogos de sonóro canto
Ancioso te intercedo....
Mas eu, que sinto! Que prodigio sancto
Me aligeira, me eléva
Nas azas, que ornam sp'ritos abrazados!
Onde é que me eu remonto?
E quem me chama, nos luzentes ares?
És Hymen, Hymenêo,
Que a mão me dás, porque em teu Templo admire
Os quadros de alta Historia,
Onde apontas os prosperos successos
Dos consortes felizes,
De que sinto a memoria tão pejada,
Que a publical-os corro.....
Eis que Hymenéo me cerra c'um sinete
Os labios insoffridos;
Porque ao profano vulgo não proceda
Que, em despeito dos Fados,
O arcano revelado lhe antecipe.
Eis desce, e em puro lume
Da ara nupcial acende ambos os fachos,
Que hão de abrazar os peitos
Dos esposos, com que ardam á porfia
Em caricia incessante.
Por todo o trilho que nos ares fende,

Me vem dictando meigo
A nova, e transcendente melodia,
Com que suave entôe:
«Sêde sempre festivos, sempre amantes,
«Em virtuoso laço,
«Esposos, que amo: e prosperos nos filhos
De engenho e brio ornados,
«Virtuosos heróes que a patria illustrem.

Obras completas de Filinto Elysio (Francisco Manuel do Nascimento) Paris.—1817—tom. 3.º, pag. 186.

CANÇÃO X

No cruzeiro da costa da Arabia

Junto d'um sêcco, duro, esteril monte, (165)
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave vôa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
É Feliz, por antiphrase infelice;
O qual a natureza
Situou junto á parte,
Aonde um braço d'alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em que fundada já foi Berenice, (166)
Ficando á parte, donde
O Sol, que nella ferve, se lh'esconde:
O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado: (167)
Arómata outro tempo; que volvendo
A roda, a ruda lingua mal composta
Dos proprios outro nome lhe tem dado.
Aqui, no mar, que quer apressurado
Entrar por a garganta deste braço,
Me trouxe um tempo e teve

Minha fera ventura.
Aqui nesta remota, áspera e dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse um breve espaço;
Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.
Aqui me achei gastando uns tristes dias,
Tristes, forçados, maus e solitarios,
De trabalho, de dôr e d'ira cheios:
Não tendo tão sómente por contrarios
A vida, o Sol ardente, as aguas frias,
Os ares grossos, férvidos e feios,
Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi;
Trazendo-me á memoria
Alguma já passada e breve gloria,
Qu'eu já no mundo vi, quando vivi;
Por me dobrar dos males a aspereza;
Por mostrar-me que havia
No mundo muitas horas d'alegria.
Aqui'stive eu com estes pensamentos
Gastando tempo e vida; os quaes tão alto
Me subiam nas azas que caia
(Oh! vêde se seria leve o salto!)
De sonhados e vãos contentamentos
Em desesperação de vêr um dia.
O imaginar aqui se convertia
Em improvisos choros e em suspiros,
Que rompiam os ares.
Aqui a alma captiva,
Chagada toda, estava em carne viva.
De dôres rodeiada e de pezares,
Desamparada e descoberta aos tiros
Da suberba Fortuna;
Suberba, inexoravel e importuna.
Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança alguma, onde a cabeça
Um pouco reclinasse, por descanso:
Tudo dôr lhe era e causa que padeça,
Mas que pereça não; porque passasse
O que quiz o destino nunca manso.
Oh! qu'este irado mar gemendo amanso!

Estes ventos, da voz importunados,
Parece que se enfreiam:
Sómente o Céu severo,
As estrellas e o fado sempre fero,
Com meu perpetuo damno se recreiam;
Mostrando-se potentes e indignados
Contra um corpo terreno,
Bicho da terra vil e tão pequeno.
   Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que algum'hora
Lembrava a uns claros olhos que já vi;
E s'esta triste voz, rompendo fóra,
As orelhas angelicas tocasse
Daquellà em cuja vista já vivi,
A qual, tornando um pouco sobre si,
Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos já passados
De meus doces errores,
De meus suaves males e furores,
Por ella padecidos e buscados,
E (posto que já tarde) piedosa
Um pouco lhe pezasse,
E lá entre si dura se julgasse:
   Isto só que soubesse me seria
Descanso para a vida que me fica;
Com isto affagaria o soffrimento.
Ah! Senhora! Ah! Senhora! E que tão rica
Estaes, que cá tão longe d'alegria
Me sustentaes com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho e toda á pena.
Só com vossas lembranças
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera morte;
E logo se me juntam esperanças
Com que, a fronte tornada mais serena,
Torno os tormentos graves
Em saudades brandas e suaves.
   Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte donde estaes, por vós Senhora;
Ás aves, qu'alli voam, se vos viram,
Que fazieis, qu'estaveis praticando;

Onde, como, com quem, que dia e que hora.
Alli a vida cansada se melhora,
Toma espiritos novos, com que vença
A fortuna e trabalho,
Só pór tornar a ver-vos,
Só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o tempo que a tudo dará talho:
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreu, sem tento
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.
Assi vivo; e s'alguem te perguntasse,
Canção, porque não mouro;
Podes-lhe responder; que porque mouro.

Obras de Luiz de Camões, Lisboa—1852.—tom. 2.º
Canção 10, pag. 331.

CANÇONETA (168)

Goso e Pena

I

Os cabellos de Marina,
Que aos nevados hombros descem,
O fulgor do ouro escurecem
Quando sae da rica mina,
E ao redor Natura bella
Cá, e lá sem arte o annela.

II

Mas quão caro o terno Alfeno
O prazer de vêl-os paga;
Força occulta de arte maga,
Ou de Théssalo veneno
A isenção lhe enleiam, prendem,
A su'alma em fogo acendem.

III

Do meu bem a fronte breve
De aurea franja guarnecida,
A cecêm deixa vencida,
Envergonha a mesma neve;
E os meus males suavisa,
Se serena raia, e lisa.

IV

Mas se turbida, e rugosa
Vem tornal-a de repente
Desdem frio, ou ira ardente;
A minh'alma de medrosa
Só deseja anniquilar-se,
Ou no abysmo sotterrar-se.

V

Que direi dos lindos olhos?
Almas luzes, vós me sois
Fulgidissimos faroes,
Entre os naufragos escolhos,
Que de amor o mar infamam,
E ao redor de mim rebramam.

VI

Vou surdindo pouco, e pouco
Sobre a vaga marulhosa;
E a rajada procellosa,
Com que muge o vento rouco,
Vem a ser brando Galerno;
Tão affouto a nau governo.

VII

Mas se o bafo do Ciume
Vem do reino dos horrores
Empannar os resplendores
D'um, e d'outro sancto lume;

Eis a nau extraviada
Ei-la quasi sossobrada.

VIII

Eu não sei, faces mimosas,
Quaes vos louve, se os jasmins,
Que amor colhe em seus jardins,
Se as sanguineas virgens rosas?
Tão iguaes sobre vós brilham,
Que os meus olhos maravilham.

IX

Sinto em mim gozo ineffavel;
E um thesouro immenso dera,
Vossa tenra Primavera
Vecejar se eu vira estavel;
Bafejada noite, e dia
Da benefica Alegria.

X

Mas se a nuvem de átras dores,
Em chuveiros tristes rota,
Um momento lhes desbota
O matiz das frescas flores:
Trespassado Alfeno langue;
Frio horror lhe gela o sangue.

XI

Lindos labios nacarados,
Breves, tumidos, ou antes
Dous rubis, onde volantes
Mil Amores inflorados
Formam ledos á porfia
Os seus favos de ambrozia.

XII

Borrifadas vem com ella
De Marina as meigas vozes,

Que dos males atrozes
Sós dissipam a procella:
Quando as bebem presumidos,
Os meus avidos ouvidos.

XIII

Ah! não sei como exprimil-a
A amargura de meu peito,
Se amarissimo despeito
O seu fel n'ellas instilla:
Devorando dos Amores
Os dulcissimos lavores.

XIV

Torpe susto em mim se ceva;
Tinge as faces côr defuncta
E nos meus olhos se ajunta
De Acheronte a densa treva:
Té que em trémulo desmaio
Do regaço da dôr cáio.

XV

Ó Marina, vida cara
Da minh'alma, e feliz sorte!
Ó Marina, cruel morte
De minh'alma, e sorte amara;
Como assim, que eu viva ordenas
Em taes gozos, e em taes penas?

XVI

Por me dar morte tardia,
Por fazer-me a vida breve,
O teu genio esquivo, e leve
Minha sorte assim varia:
Ah! não mais mudes, ingrata,
De uma vez me adita, ou mata!

Versos do bacharel Domingos Maximiano Torres, denominado Alfredo Cynthio. Lisboa — 1791 — pag. 291.

ENDECHAS

Venturoso dia
  Que do Ceu nos veiu,
  De mil graças cheio,
  Cheio de alegria.
A Aurora rosada,
  Nasce em ti mais bella,
  E o Sol vem trás ella,
  Fazendo-a dourada.
O céu nunca avaro,
  De estrellas se areia,
  A Lua alumeia
  Sobre o Tejo claro.
Aves, e animaes
  Sem conhecimento
  De contentamento
  Mostram mil signaes.
Os passaros ledos,
  Vestidos de côres,
  Cantam teus louvores
  Pelos arvoredos.
Qualquer fera perde
  Sua fera usança,
  E anda fera, e mansa
  Pelo prado verde.
Os lobos guerreiros
  Nenhum ha que offenda,
  Que andam sem contenda,
  Por entre os cordeiros.
Tudo é mais fermoso,
  Por bravo que seja,
  E tudo festeja
  Teu nome ditoso.
As plantas, os montes,
  O campo, as boninas,
  Aguas crystallinas
  Crystallinas fontes.
O valle povoam
  Mil pastoras bellas,

Fazendo capellas,
Com que se coroam.
E das semideas
Bellas desta praia,
Não ha qual não saia
Em lêdas choreas.
Os pastores cantam,
Os satyros saltam,
As flores esmaltam,
As hervas encantam.
Tudo te conheça,
Tudo te festeje,
Tudo te deseje,
Tudo te obedeça.
De ti levantado
Teus louvores conte
O deserto monte,
E o florido prado.

Obras Politicas, Moraes e Metricas do insigne Portuguez Francisco Rodrigues Lobo.—1723.—Primavera, Floresta ultima, pag. 242.

SOLAO

A Ama

Pensando-vos estou, filha,
Vossa mãe me está lembrando,
Enchem-se-me os olhos d'agua,
Nella vos estou lavando.
Nascestes, filha, entre mágoa;
Pera bem inda vos seja!
Pois em vosso nascimento
Fortuna vos houve inveja.
Morto era o contentamento,
Nenhuma alegria ouvistes;
Vossa mãe era finada,
Nós outros eramos tristes.

Nada em dôr, em dôr criada,
Não sei onde isto ha de ir ter;
Vejo-vos, filha fermosa,
Com olhos verdes crescer.
Não era esta graça vossa
Para nascer em desterro;
Mal haja a desaventura
Que pôz mais nisto que o erro!
Tinha aqui sua sepultura
Vossa mãe, e mágoa a nós!
Não ereis vós, filha, não,
Pera morrerem por vós.
Não ouvem fados rasão,
Nem se consentem rogar;
De vosso pae hei mór dôr,
Que de si se ha de queixar.
Eu vos ouvi a vós só
Primeiro que outrem ninguem;
Não foreis vós, se eu não fôra;
Não sei se fiz mal, se bem.
Mas não póde ser, senhora,
Pera mal nenhum nascerdes,
Com esse riso gracioso
Que tendes sob olhos verdes.
Conforto, mais duvidoso,
Me é este que tomo assi!
Deus vos dê melhor ventura
Do que tivestes té aqui.
A Dita e a Fermosura,
Dizem patranhas antigas,
Que pelejaram um dia,
Sendo d'antes muito amigas.
Muitos hão que é phantasia;
Eu, que vi tempos e annos,
Nenhuma cousa duvido
Como ella é azo de damnos.
Nem nenhum mal não é crido;
O bem só é esperado:
E na crença e na esperança,
Em ambas ha hi cuidado,
Em ambas ha hi mudança.

Obras de Bernardim Ribeiro,—1852.—Menina e Moça.
Cap. XXI, pag. 94.

ROMANCE LYRICO

Chorando lagrimas tristes,
Sobre uma esperança morta
A golpes de um desengano,
Que levou della a victoria:
Soltando ardentes suspiros
Entre lagrimas queixosas,
Junto do famoso Lis
Se queixava uma pastora.
«Ai! enganosa gloria
Ai! defuncta esperança,
Que quando um bem se alcança,
Já não fica do bem mais que a memoria.»
Sobre um braço se reclina,
Porque as lagrimas que chora
Caiam no saudoso rio,
Que alli tem presas as ondas.
Vê na agua o bello retrato
De que as Nymphas se namoram,
E movidas a tristeza,
Com ella dizendo choram.
«Ai! enganosa gloria, etc.»
Sabe que communicado
O mal, tambem se melhora,
E o que esconde o coração
Mais lastima, e mais magôa.
«Ai! diz, importuna vida,
Quanto a morte melhor fôra,
Que uma tem muitos cuidados,
E outra dera grandes provas.
Ai! enganosa gloria, etc.»
«Enganou-me o tempo avaro
Que como nunca atrás torna,
Dá-lhe pouco de mentir
A quem seus enganos prova,
Viu-me sujeita a ventura
Essa fortuna invejosa,
Vingou-se de um pensamento,
De que nunca foi senhora.»

Ai! enganosa gloria, etc.»
Fiz fé de minha esperança,
Sustentei-lhe verde a folha,
Vivia de ouvir palavras,
Que sempre tão mal se logram:
Bem paga meu coração
Estas faltas, e estas sobras,
Que umas soffre por amor,
E outras sustenta por honra.
Ai! enganosa gloria, etc.»
«Acabei já de esperar,
E que acabe pouco monta,
Pois se a mim me satisfaço
Contento a quem quer que morra:
Vivirei vida sem tela,
E será melhor que as outras,
Que quem perdeu pensamentos
Vive nesta e mòrre em todas.
Ai! enganosa gloria, etc.»

Obras Politicas, Moraes e Metricas do insigne portuguez, Francisco Rodrigues Lobo — 1723. — Romances, 1.ª parte, pag. 741

LYRA VI

Acaso são estes
Os sitios formosos,
Aonde passava
Os annos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Em quanto pastava
O gordo rebanho
Que Alceo me deixou?
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.
Daquelle penhasco

Um rio caia:
Ao som do sussurro
Que vezes dormia!
Agora não cobrem
Espumas nevadas
As pedras quebradas:
Parece que o rio
O curso voltou.
São estes os sitios?
Etc.
Meus versos alegre
Aqui repetia:
O Éco as palavras
Tres vezes dizia.
Se chamo por elle,
Já não me responde;
Parece se esconde,
Cansado de dar-me
Os ais, que lhe dou.
São estes os sitios?
Etc.
Aqui um regato
Corria sereno
Por margens cubertas
De flores e feno:
Á esquerda se erguia
Um bosque fechado
E o tempo apressado,
Que nada respeita.
Já tudo mudou.
São estes os sitios?
Etc.
Mas como discorro
Acaso podia
Já tudo mudar-se
No espaço de um dia?
Existem as fontes,
E os freixos copados;
Dão flôres os prados,
E corre a cascata,
Que nunca seccou.
São estes os sitios!
Etc.

Minha alma, que tinha
Liberta a vontade,
Agora já sente
Amor e saudade.
Os sitios formosos,
Que já me agradaram,
Ah! não se mudaram;
Mudaram-se os olhos,
De triste que estou.
São estes os sitios?
Etc.

Marilia de Dirceo por Thomaz Antonio Gonzaga—1840—Pag. 16.

CANTATA

Dido (169)

Já no rôxo Oriente branqueando
As prenhes velas da troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.
A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ululando,
C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta:
Com medonho fragor na praia nua
Fremem de noite as solitarias ondas:
E nas douradas grimpas
Das cupulas suberbas
Piam nocturnas agoureiras aves.
Do marmoreo sepulchro
Attonita imagina
Que mil vezes ouviu as frias cinzas
Do defuncto Sicheu com debeis vozes,
Suspirando chamar: Elisa, Elisa.
D'Orco (170) aos tremendos Numens

Sacrificios prepara;
Mas viu esmorecida
Em torno dos thuricremos altares
Negra escuma ferver nas ricas taças:
E o derramado vinho
Em pelagos de sangue converter-se.
Frenetica delira;
Pallido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada;
Já com tremulo pé entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Ouviu enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.
Alli as crueis Parcas lhe mostraram (171)
As Iliacas roupas, que pendentes
Do thalamo dourado descubriam
O lustroso pavez, a teucra espada.(172)
Com a convulsa mão subito arranca,
À lamina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro e crystallino peito:
E em borbotões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta:
De roxas espadanas rociadas
Tremem da sala as doricas columnas.
Tres vezes tenta esguer-se,
Tres vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo, ao Ceu levanta
Os macerados olhos.
Depois attenta na lustrosa malha
Do profugo dardanio, (173)
Estas ultimas vozes repetia,
E os lastimosos lugubres accentos
Pelas aureas abobadas voando
Longo tempo depois gemer se ouviram:
«Doces despojos
Tão bem logrados
Dos olhos meus,
Em quanto os Fados,
Em quanto Deus
O consentiam.
Da triste Dido

A alma acceitae,
Destes cuidados
Me libertae.

Dido infelice
Assás viveu;
D'alta Carthago
O muro ergueu:
Agora nua,
Já de Charonte,
A sombra sua
Na barca féia
De Phlegetonte,
A negra veia
Surcando vae.

Obras Poeticas do P. A. C. Garção, Lisboa,—1778—pag. 259.

DITHYRAMBO

Eis-me no Ménalo, Nébrides, Ménades (176)
Capri- barbi-corni-pedes-felpudos
Egipães descortino. (177)
De verdes Thyrsos abastado souto (178)
Ao stridente clangor das charamélas,
Mede a compasso a estrada.
Co'as rudes mãos o adufe arripiando
Estrugindo, a cohorte alvoraçada
Affugentava em tôrno
Os pavorosos hospedes das mésses,
Que ás lapas vão do esconso valle a vôo,
E lá despir o susto.
Nús os peitos, madeixas desgrenhadas
Atiplam as Bassárides o cheio (179)
Da dissona assuada.
Voz em grita—Evohé—que rompe as nuvens, (180)
Mil vezes repetido, rebramado,
Vão rematando coplas.

Os cornigeros Faunos, e Silvanos (181)
Vem, na fila, escanchados nos jumentos,
C'um velho mui caraça,
Que, na panda garupa, duas Nymphas
De azevieiros olhos, com mais môsto
De emborrachar acabam.
N'um carro engrinaldado de hera e pampanos,
Que duas Onças tiram, vem sentado
De Sémeles o filho. (182)
A de Naxos a venturosa amante (183)
Lhe vem luzindo ao lado. Olhos languentes,
Entrelaçados braços,
Humedecidos párpados, suspiros
Ardendo, em vez de vozes, denunciam
Qual Deus na alma lhes lavra.
Os pintados ferozes Agathyrsos (184)
(Comitivá de Evan) quando dão tino (185)
Desse painel de amores,
Estranho affeito sentem estar pulsando
No coração, e dar tregeito á bocca,
Que vozeia—Evohé—
«Que formosa que ella é! quanto elle é lindo!
«Evohé! Evohé!» Eis almagrados,
Com o sarro do vinho
Satyros fulos vem fechando o couce (186)
Dessas orgias; c'os pés, c'as mãos ferindo
Destampada battuta: (187)
E affadigando os echos das montanhas,
C'os retinidos silvos surdescentes
Das rispidas avênas.
Não fico. Vou com Marcia, nova Ariádna,
Enfrascar-me tambem no mel das cepas.
—Evohé, Padre Baccho!—
—Dá-me a mão; dá-me assento aos pés do throno,
—A mim e a Marcia... Ah! não. Que temo ao vêl-a
—Que a Ariádna infido sejas.
Cá me arrancho com o Aio. Sus, amigo.
—Que, a roncos, nos resfolgas sustenidos,
—Lá vae, de golpe um frasco.
—Bebe, oh! Marcia aos bigodes espumantes
—De Sileno; que tens, se a taça empinas, (188)
—Mais meiga a luz dos olhos.
—Outro frasco de mais não me faz pejo,

—Antes me esperta o fogo das ideias;
Dispára, a flux, os versos.
—Olha Baccho, a me ouvir, que encolhe ás Onças
— O... maldicto, que ao canto o fio quebras,
—Visiteiro importuno! (189)

Obras completas de Filinto Elisio (Francisco Manuel do Nascimento). Paris, 1817— tom. 8.°, pag. 66.

GENERO ELEGIACO

ELEGIA

No desterro do Poeta

O sulmonense Ovidio desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Ver-se de seus Penates apartado; (190)
Sua cara mulher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento,
De sua patria os olhos apartando;
Não podendo encobrir o sentimento,
Aos montes já, já aos rios se queixava
De seu escuro e triste nascimento.
O curso das estrellas contemplava,
E aquella ordem com que discorria
O ceu, e o ar, e a terra adonde estava.
Os peixes por o mar nadando via,
As feras por o monte procedendo
Como o seu natural lhes permittia.
De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de crystal,
Á sua natureza obedecendo.
Assi só, de seu proprio natural
Apartado se via em terra estranha,
A cuja triste dor não acha igual.
Só sua doce Musa o acompanha
Nos soidosos versos qu'escrevia,
E nos lamentos com que o campo banha.

Dest'arte me figura a phantasia
A vida com que morro, desterrado
Do bem qu'em outro tempo possuia.
Aqui contemplo o gôsto já passado,
Que nunca passará por a memoria
De quem o traz na mente debuxado.
Aqui vejo caduca e debil gloria
Desenganar meu erro c'a mudança
Que fez a fragil vida transitoria.
Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; e m'entristece
Vêr sem rasão a pena que m'alcança.
Que a pena que com causa se padece,
A causa tira o sentimento della;
Mas muito doe a que se não merece.
Quando a rôxa manhã, dourada e bella,
Abre as portas ao Sol, e cae o orvalho,
E torna a seus queixumes Philomela; (191)
Este cuidado, que c'o somno atalho,
Em sonhos me parece; que o que a gente
Por seu descanso tem me dá trabalho.
E depois de acordado cegamente,
(Ou, por melhor dizer, desacordado,
Que pouco acordo logra um descontente)
Daqui me vou, com passo carregado,
A um outeiro erguido, e alli m'assento
Soltando toda a redea a meu cuidado.
Depois de farto já de meu tormento
Estendo estes meus olhos saudosos
Á parte donde tinha o pensamento.
Não vejo senão montes pedregosos;
E sem graça, e sem flor os campos vejo,
Que já floridos vira e graciosos.
Vejo o puro, suave e rico Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito o seu desejo.
Umas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As crystallinas aguas apartando.
D'alli fallo com a agua que não sente,
Com cujo sentimento est'alma sae
Em lagrimas desfeita claramente.
Ó fugitivas ondas esperae;

Que pois me não levaes em companhia,
Ao menos estas lagrimas levae:
   Até que venha aquelle alegre dia
Qu'eu vá onde vós ides, livre e ledo.
Mas tanto tempo, quem o passaria?
   Não póde tanto bem chegar tão cedo:
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tão aspero degredo.
   Mas essa triste morte que virá,
S'em tão contrario estado me acabasse,
Est'alma assim impaciente, adonde irá?
   Que se ás portas tartaricas chegasse'
Temo que tanto mal por a memoria
Nem ao passar do Lethe lhe passasse. (192)
   Que se a Tantalo e Ticyo for notoria (193)
A pena com que vae, e que a atormenta,
A pena que lá tem, terão por gloria.
   Essa imaginação, em fim, me augmenta
Mil maguas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se contenta.
   Que pois de todo vive consumida,
Porque o mal que possue se resuma,
Imagina na gloria possuida.
   Até que a noite eterna me consuma,
Ou veja aquelle dia desejado,
Em que a Fortuna faça o que costuma:
   Se n'ella ha hi mudar-se um triste estado.

Obras de Luiz de Camões. Lisboa, 1852—2.º elegia 1.ª, pag. 544.

ELEGIA

No captiveiro do Poeta

Eu que livre cantei ao som das aguas
   Do saudoso, brando, e claro Lima
   Ora gostos d'amor, out'ora maguas,

Agora ao som do ferro que lastima
  O descuberto pé, choro captivo
  Onde choro não val, nem amor s'estima.
Cuido, que me deixou a morte vivo,
  Vendo que não chegava seu tormento
  A tormento tamanho, e tão esquivo.
Acabando co'a vida o sentimento
  Ficarás escondido (oh dia triste!)
  Nas turvas aguas do esquecimento.
Oh Sol, como tua luz não encubriste
  Quando do Real sangue Lusitano
  As hervas, que secaste, humidas viste?
Qual Lybico leão, qual tigre Hircano (194)
  Negará desusada piedade
  A lastima tamanha, e tanto damno?
Não te valeu, ó Rei, a tenra idade,
  Não te valeu esforço, nem destreza,
  Não te valeu suprema majestade.
Das armas a provada fortaleza
  Poderosa não foi para guardar-te
  Da mão de fogo armada, e de crueza.
Conjurou contra ti o fero Marte,
  Vendo que sua fama escurecias,
  Se vencedor ficavas desta parte.
Acabou junctamente com teus dias
  Do Lusitano Reino a segurança
  Que tu estender tanto pretendias.
Dos teus (na tua incerta confiança)
  Qual te desenganou, senão do imigo
  O pelouro mortal, o alfangé, a lança?
Cubriam com teu gosto o teu perigo,
  Estando o teu perigo já tão claro,
  Afim de não valer menos comtigo.
Fosse quem quer que fosse, ah peito avaro!
  A tua pretenção em ar desfeita
  Bem fôra que a ti só custára caro.
Deante de Juiz que não aceita
  Ser nas palavras um, outro no peito,
  Darás, se já não déste, conta estreita.
Esquecido do justo, e são respeito,
  Deixaste commetter á sorte leve
  O proveito commum por teu proveito.
Do innocente Abel exclamar deve

O sangue em terra imiga derramado,
Contra quem lh'encurtou vida tão breve.
Se fôras com bom zelo aconselhado,
Não vieras com poucos buscar tantos,
Oh! Rei, por nosso mal tão esforçado!
Oh! cego entendimento em vez de quantos
Trofeus nesta empreza prometteste
Que vimos senão mortes, senão prantos?
Não só prodigamente enriqueceste
Com despojos reaes o pobre Mouro,
Mas inda nossa fama escureceste.
Os que pretendem palma, e os que louro
Na batalha cruel, feia, e sangrenta,
Com ferro se guarnecem, não com ouro,
A vista do que tanto nos contenta,
A perola, e a pedra reluzente
As forças dos imigos accrescenta.
A riqueza vencida em Oriente
Veiu n'um dia só, por varia sorte,
A vencer cá a vencedora gente.
Caiu o fraco alli juncto do forte,
Não houve d'alto a baixo a differença,
A todos igualou a dura morte.
Logo como do Ceu teve licença
Sem esperar mais termo natural,
Cumpriu a cada um sua sentença.
Oh! illustre valor de Portugal,
Quem podia cuidar perda tamanha?
A quem não abrangeu tamanho mal?
No gran campo, que o turvo Lucuz banha, (195)
O ar vos deixam só por cubertura,
Que vos não quiz cubrir a terra estranha.
E ainda (por ser mór a desventura)
As féras e as aves carniceiras
Vos deram em seus ventres sepultura.
Mas vós, espritos puros, nas cadeiras
Da gloria merecida, a que subistes
Dá-vos pouco das honras derradeiras.
Não tendes que temer successos tristes,
A que vos obrigava a humana lei
Estando na prisão de que saistes.
Oh! amigos, com quem me aventurei,
Com quem fui sem ventura aventureiro,

Sempre, pois vos perdi, triste serei!
Sendo no fero assalto companheiro,
A vós pôz-vos no Ceu o fim da guerra,
A mim em miseravel captiveiro.
Bem vêdes qual o passo nesta serra,
Inda que não é justo que vejaes
Terra, que vos negou tão pouca terra;
Terra, que quanto nella choro mais,
Tanto mais com meu choro s'endurece,
E menos move a dôr seus naturaes.
Tudo o que nella vejo m'entristece,
Triste me deixa o Sol em transmontando,
Triste me torna a vêr quando amanhece.
Sempre com humor triste estou banhando
O pé deste suberbo alto rochedo,
Que a minha dôr está acrescentando.
Dôr tenho de o vêr sempre estar quedo,
De vêr correr as aguas tenho inveja,
Porque podem no mar entrar mais cedo.
E porque minha dôr muito mór seja,
A vista me detem daquella banda,
Que tanto est'alma triste vêr deseja.
Com suspiros, que lá contino manda,
N'outra parte abrandára bravas féras,
Aqui peitos humanos não abranda.
Ah! desventura minha, se quizeras
Já desviar de mim tua crueldade,
Na terra, onde nasci, morte me deras!
Não entre fera gente, em tal idade,
Que sem affronta minha m'obrigava
A viver em socego, e liberdade.
A patria, a quem devido louvor dava
Por ti me foi contraria e odiosa,
Tanto, que della já me desterrava.
Mas nunca deixará de ser formosa
No meu atribulado pensamento
A ribeira do Lima saudosa.
Não causará em mim esquecimento,
Inda que tem virtude d'esquecer,
O seu brando, e suave movimento.
E se por dom do Ceu tornar a vêr
A sua verde relva e branca areia
Livre (que ledo já não póde ser)

Da batalha cruel, da morte feia
  Darei em triste carme larga copia,
  Chorando com tal dôr a dôr alheia,
  Como captivo choro a minha propria.

Varias Rimas por Diogo Bernardes, Lisboa, 1596—Elegia 1.ª, pag. 81.

EPICEDIO

Á morte de Manuel Maria Barbosa du Bocage.

Quem póde, ousado, liquidas torrentes,
Que do cume dos Alpes se despenham,
Quando o gelo descoalha o Sol brilhante,
Na carreira suster? Leva espumoso
Vórtice, ao mar correndo, a pedra, o tronco;
E, desdenhando o dique, o campo alaga.
Quem póde acceso, crepitante raio
Na carreira apagar, suster na queda?
Rompe as nuvens, estala, e desce á Terra.
Bronze, ferro, são pó se oppôr-se atrevem.
—Mais rapido, e veloz, batendo as azas
A engolphar-se, a cair na eternidade,
Vôa o tempo voraz, co'a morte ao lado.
Quem póde o braço, a voz alçar, dizer-lhe:
Pára no meio da carreira, oh! monstro...
Já lá no ethereo espaço o Sol brilhante
Susteve o freio á rapida quadriga;(196)
Fez-lhe aceno um mortal, fez-lh'o a virtude?
Nem da virtude a voz o Tempo escuta:
Não pára a Natureza; e então parára,
Se o Tempo um pouco equilibrasse as azas.
Tudo o que cobre a abobada azulada,
Milhões, milhões de Soes no espaço, e quanto
No atomo terrestre habita, ou vive
No das cousas orige, e vasto Oceano,
A ferrea lei do Fado entrega á morte.
Inexoravel Parca a fouce empunha,(197)
Faz-lhe o Tempo signal; é em pó converte

Da Natureza, ou dos mortaes as obras.
—Caíste tu tambem, victima infausta,
A mim tão caro, a Portugal, ao Mundo,
Ás Musas, ao Saber; caiste, Elmano...
Já fria, o corpo teu, lápida encerra,
E somno funeral teus olhos fecha:
Sombras, sombras sem fim, cobrem teu rosto,
E no silencio do sepulchro existes.
Antecipada mão do Tempo avaro
Rompeu a teia da existencia tua...
Sombra amavel, detem-te: se inda em torno
Da campa melancolica volteias,
O grito da verdade escuta, o grito,
Que é verdadeiro, quando trôa em sombras,
E entre montões de craneos escalvados,
Que o teu ha de augmentar: és já da morte:
Eu, e todos serão, mortaes nasceram,
E essas que apontam seculos vorazes
Pyramydes tambem. Não julgues summa
Diff'rença d'existencia, a tua, e de ellas:
A par da Eternidade, um poncto é tudo;
N'um mesmo pó mil seculos se ajunctam.
Nada immortal produz a Natureza,
Sómente ethéreo assopro aos astros vôa,
E eterna duração tem sobre os astros.
Em meio dia existe, e de elle observa
Annuviar-se os Soes, cair no abysmo,
Cubril-os sombra escura, e nada eterno.
Tu, sobranceiro ao tumulo, lá moras
Na região da luz, que ignora occaso;
Parece que me acenas, que me bradas,
(Mofando do meu pranto)«Elmiro, e julgas
«Labeo da Natureza, a campa, a morte!...
«Tu dado ao estudo seu! Tu que conheces
«Da perennal especie o giro eterno,
«E do individuo a rapida passagem?
«Tu pasmas, tu prantêas, que esmoreçam
«Em viçoso jardim lirios ou rosas?
«Que se soltem d'um tronco as seccas folhas,
«Quando Aquilões das Hyperboreas grutas(198)
«Trazem nas azas humidas o inverno?
«Tudo corre a seu fim, corre a seu nada.
«Saem Imperios do pó, e á cinza tornam.

«Voando o Tempo os seculos ajuncta,
«E co'as immensas incansaveis azas
«Cobre os vestigios da grandeza humana:
«Na Historia os deixa só, e á vista os furta.
«De Esparta, a Mãe d'Heroes, Mãe da Virtude,
«Hoje occupa o logar mesquinha aldeia.
«De Epaminondas, de Aristides pizam(199)
«Incultos Scythas barbaros os Lares.
«Disputa-se (que opprobrio!) onde se escondam
«Hoje as ruinas da rival de Roma.
«Nem de cá Scipião, nem Mario podem(200)
«Apontar ao logar onde se ergueram
«Taes muros, seus tropheus, brazão de Roma.
«Sente o sceptro, e a cabana as leis da morte.
«Vistam purpura embora os hombros, cinja
«Virentes louros triumphaes a frente;
«Rasga a purpura a morte, e murcha os louros.
«Oh! se viras de cá, qual eu descubro,
«Nas barreiras do nada a Terra envolta
«Em luctuoso véo, entre os brilhantes
«Ethereos mundos, que no immenso espaço
«Lançou prodiga mão d'Ente Principio,
«Riras da pequenez, riras d'um poncto,
«Em que orgulho mortal, guerreia, e vence,
«Em que marcham exercitos á morte,
«Em que atomos, quaes tu, disputam nadas!
«Viras o nada que rodeia os homens:
«Gozam d'um só momento....é este a vida;
«E se um momento se divide, incerta
«É sua possessão; foi-se o passado,
«É incerto o porvir. Em vão procuras
«Fixar o que passou pela lembrança,
«O futuro antever; ah! tu não tornas
«Mais extenso o momento! É flor caduca,
«Um dia a vê no tumulo, e no berço.
«Soltei-me das prizões, e quando a morte
«Ia o faxo virar, clarão brilhante
«Me fez ver das paixões, do mundo o engano;
«Do orgulho philosophico desfez-se
«A sombra, o philtro, que enfeitiça tantos.
«Maldisse a sem razão, maldisse os monstros,
«Que de meu peito desterrar quizeram
«Do meu ser immortal, d'um Deus a ideia,

«Doce consolação, que ingratos querem
«Á existencia roubar, que espinhos cercam.
«Era preciso um Deus, e um Deus existe:
«Foi minha vida, minha morte, a prova:
«Sem premios um talento ás Musas dado:
«Vida mesquinha e pobre, em mar e em terra:
«Eu no berço d'Aurora, eu no Occidente
«Errante, e triste, e só, sem Pae, sem Lares,
«Da compaixão pendente, e da ternura
«Dos homens meus iguaes, e ao jugo atado
«Da dependencia, da penuria sempre;
«Em mim, que a somma das virtudes muito
«Dos feios vicios excedêra a somma...
«Não póde injusto ser quem rege o Todo;
«Na morte o premio dá, deu-me a verdade,
«Deu-me a dôr, e chorei, e abriu-me o pranto,
«Á vereda inaccessa ao gozo, á gloria:
«Fugiram illusões, desfez-se o encanto,
«Engano a vida foi, sciencia a morte,
«Breves instantes lúgubres de pena
«De eternos bens m'engolfam no Oceano.
«Ultimo esforço á luz fez na partida,
«Qual na tocha se vê, clarão que expira,
«Mostrou-me o vão, e o fim dessa ventura,
«Que encantado busquei no mundo ingrato;
«Nem eu era immortal, nem elle eterno;
«O sentimento acaba, e eu que pude
«Do naufragio salvar? o nome, a gloria.
«Triste consolação, que adoça a morte!
«Meios, que o proprio amor futeis procura.
«As urnas, mausoleos, lapidas, bustos,
«Do engenho o mór brazão, a Poesia,
«Que lá procurem conservar a idéia,
«Ou da virtude minha, ou do meu rosto.
«Não se esquivam as Leis, que impoz o Fado,
«A tudo que é mortal; que tudo acabe....
«Da verdade esta luz raiou-me n'alma,
«Fugiu de minha vida a sombra espessa,
«E então soube viver, quasi expirando.
«Não profanes com lagrimas a morte.
«Volve os olhos a mim, eu vivo...» Elmano.
És ditoso, eu conheço, e foi teu Nume
Sempre a verdade cá. Se labyrintho

Das fervidas paixões, quaes turvas ondas,
O teu peito agitou, tornando á calma,
Eras recto, eras bom, justo, mavioso;
E deu-te a Natureza o mór presente,
Um docil coração: nelle conserva
A virtude ascendencia, o vicio acaba,
E a fagueira illusão cede á verdade
—Eu applaudo a teus bens, choro o meu damno,
Nada é Philosophia, a Estóa é nada. (201)
Quando a dôr é pungente, e a magoa é funda,
Não ha razão que extingua o sentimento,
Se a amisade o formou sem dependencia
D'um bem que se perdeu, se a estima é pura,
É perpetua a lembrança, a dôr perpetua.
—Vi-te em braços co'a morte, e vejo agora
A pouca terra, que teu corpo encobre....
Aviva-me a saudade a infausta scena:
Onde hei de achar igual no dom das Musas?
Onde mais prompto engenho, estro mais vivo?
Mente vasta, depozito das Vates,
Todos eram teu dom, teu genio, todos.
Poucos tem que te opponha, ou Grecia, ou Roma.
—Um rival te dão só, no engenho e arte;
Ovidio é teu rival, vence-te, e és grande; (202)
És- lhe igual no saber, menor em lingua;
Dos quadros seus o colorido é este,
Sup'rior na expressão, no mais, o mesmo.
D'Horacio é aurea a lyra, é aurea a tua:
Agudo é Màrcial, agudo Elmano:
Triste Estacio, e feroz, e Elmano é triste. (203)
Se o lucto falla, e a dôr personaliza.
De Mantua o Cysne, em pastoril avena,
De Tytiro o prazer, de Mopso o canto,
Expoz ao Tibre absorto, a nós, ao mundo;(204)
As maguas de Alicuto a par lhe voam.
E se déste o não teu, venceste o alheio.
Pelo imperio botanico vagueia
Castel; Delille nos jardins se esmera; (205)
Brilham muito no Sena, e mais no Tejo,
Se em Luzitana voz seu canto soltam.
Tinhas n'alma o terror, no estylo o pranto,
Se Melpomene acaso, alheia, e tua, (206)
Na magoada Vestal dava um gemido.

Se co'a idade indulgente, amor cantavas,
Nunca mais terno suspirou Tibullo. (207)
—Mas eu profano a magestosa sombra,
A sombra do repouso, e do sepulchro,
Se amor misturo á morte, amor ao lucto.
Nem sei delle fallar: da idade o gêlo
Me aperta o coração, me amostra a campa:
Vós mancebos, que amaes, que Elmano amastes,
Cingi de freixo a frente, ou de cypreste,
No Tejo hoje chorae Petraca extincto! (208)
—Eu volvo a mente, o canto a novo objecto,
Objecto que me apraz, que é só virtude.
Raro em arte, e saber, mais nobre ainda
Te descubro um brazão, digno d'um sabio:
Severo rosto te mostrou no berço
Desventura cruel seguiu-te os passos,
Satellite fatal, no mar na terra:
Viu-te o Tejo indigente, o Ganges pobre:
Privado do ar commum, gemeste em ferros:
Louvam-te o talento, e enregelavas,
Como esquecido ao premio, aos teus, á Patria:
De lar em lar girando afflicto e triste,
Envolto em nuvens de-desgraças sempre.
Porém ao mundo, que te admira, e deixa
Déste o grande espectaculo do sabio
Que Séneca immortal digno chamava (209)
Até do summo Jove: O varão forte,
Entre os golpes da sórte, inteiro, e mudo.
Jámais te ouvi queixar: dest'arte a rocha
Vê contra si trepar furiosas ondas,
Immovel ao furor, intacta aos golpes:
Na terra as bazes tem, nos Ceus a frente.
Co'um ai não blasphemaste a Providencia,
Tranquillo ser quizeste: isso que foste
Das Musas no thesouro achaste tudo:
Um dom da Natureza é mais precioso,
Que os dons da instavel sorte, e seus caprichos
Foi tua vida ephemera, se conto
Os breves dias da existencia tua,
E ha de ser entre nós teu nome eterno:
Raza campa te encobre entr'outros mortos,
Mas tem um mausoléo, um templo, um busto
Na minha estimação, nos teus escriptos.

O que bebe no Rhódano espumante,
Os sabios d'Albion, e o douto Ibéro (210)
Te hão de aprender de cór: em quanto o mundo
Se lembrar de Camões, de Tasso e Milton, (211)
Lhe ha de lembrar tambem d'Elmano o nome.

José Agostinho de Macedo. Livraria Classica Portugueza. Lisboa, 1847.—Por Castilhos (Antonio e José), tom. 24.º, pag. 50.

GENERO EPIGRAMMATICO

EPIGRAMMA

A Medicina

A morte, perdendo a fouce,
Creu sua força desfeita:
Disse-lhe um medico insigne:
«Aqui tens esta receita.»

Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage Lisboa, 1853 — tom. 3.º, pag. 236.

A molestia e a cura

Aqui jaz um homem rico
Nesta rica sepultura:
Escapava da molestia,
Se não morresse da cura.

O mesmo — pag. [illegible].

Os jogadores

Umas cabeças vãs, uns ociosos,
Despidos de virtude e de talento,
Põe grande estudo, grão devertimento
N'uns naipes maus, n'uns dados acintosos;
Perdem por passatempo,
O irrevocavel tempo.
Nescios! não vêm, não sentem consumida
A saude; queixosa a honra, a vida?
Só depois de agastar-se um dia inteiro,
Sentem o menos—sentem o dinheiro.

Obras completas de Filinto Elysio (Francisco Manuel do Nascimento). Paris, 1817—tom. 3.º, pag. 240.

Artigos do Decalogo

Não matarás: é lei dada
N'um e n'outro Testamento:
Ao medico é que pertence
Este sancto mandamento.
Não furtarás: é preceito
Tambem nos livros sagrados;
Isto pertence aos juizes,
Aos escrivães e letrados.

Poesias de Elpino Duriense (Antonio Ribeiro dos Santos). Lisboa, 1816—tom. 3.º, pag. 137.

SONETO

Sete annos de pastor Jacob servia (212)
Labão, pae de Rachel, serrana bella:
Mas não servia ao pae, servia a ella,
Que a ella só por premio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vel-a:
Porém o pae, usando de cautela,
Em logar de Rachel lhe deu a Lia.
Vendo o triste pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;
Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: Mais servira, senão fôra
Para tão longo amor tão curta a vida.

Obras de Luiz de Camões. Lisboa, 1852 — tom. 2.º, Soneto 29.º, pag. 19.

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cêdo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.
Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças daquelle amôr ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que póde merecêr-te
Alguma cousa a dôr que me ficou
Da magua, sem remedio, de perder-te;
Roga a Deus que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

O mesmo — Soneto 19.º, pag. 14.

A constancia do sabio superior aos infortunios

Em sordida masmorra aferrolhado,
De cadeias asperrimas cingido,
Por ferozes contrarios perseguido,
Por linguas impostoras criminado:
Os membros quasi nús, o aspecto honrado

Por vil boca, e vil mão roto, e cuspido,
Sem ver um só mortal compadecido
De seu funesto, rigoroso estado:
  O penetrante, o barbaro instrumento
De atroz, violenta, inevitavel morte
Olhando já na mão do algoz cruento:
  Inda assim não maldiz a iniqua sorte,
Inda assim tem prazer, socego, alento
O sabio verdadeiro, o justo, o forte.

Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage.
Lisboa, 1853—tom. 1, pag. 169.

Contradicções do Atheismo

  Qual novo Orestes entre as Furias brada, (213)
Infeliz, que não crê no Omnipotente;
Com systema sacrilego desmente
A rasão luminosa, a fé sagrada:
  Tua barbara voz iguale ao nada
O que em todas as cousas tens presente;
Basta que o sabio, o justo, o pio, o crente
Louve a mão, contra os maus do raio armada.
  Mas vê, blasphemo atheo, vê, monstro horrendo,
Que a bruta opinião, que cego expressas,
A si mesma se está contradizendo:
  Pois quando de negar um Deus não cessas,
De tudo o inerte acaso auctor fazendo,
No acaso, a teu pesar, um Deus confessas!

O mesmo — Soneto 4.º, pag. 172.

Sentimentos de contricção e arrependimento da vida passada

  Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava;
Ah! cego eu cria, ah! misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana:

De que innumeros sóes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mas eis succumbe natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua origem damna.
Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos:
Deus, oh! Deus!... Quando a morte á luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

O mesmo — Soneto 49.º pag. 217.

Dictado entre as agonias do seu transito final

Já Bocage não sou!... A cova escura
Meu estro vae parar desfeito em vento...
Eu aos Ceus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura:
Conheço agora já quão van figura
Em prosa e verso fez meu louco intento:
Musa!... Tivéra algum merecimento,
Se um raio da razão seguisse pura!
Eu me arrependo; a lingua quasi fria
Brade em alto pregão á mocidade,
Que atraz do som phantastico corria:
Outro Aretino fui... A sanctidade (214)
Manchei!... Oh! Se me creste, gente impia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!

O mesmo — Soneto 50.º pag. 218.

DECIMA.

Defender os patrios lares,
Dar a vida pelo Rei,
É dos Lusos valorosos
Caracter, costume e lei.

Glosa

Fernando avilta o brazão
De eternos avôs herdado;
Fernando, a delicias dado,
Perde gloria, e coração:
Eis o primeiro João
Surge fausto entre os azares;
Dissipa torpes pesares,
E vae co'a tremenda espada,
Co'a gloria resuscitada
Defender os patrios lares.
Correm tempos, e o destino
De Lysia outra vez se altera;
No berço Bellona fera
Bafeja real menino: (215)
Cresce, e infausto desatino
O move contra Mulei:
Ai! segue-o submissa grei,
Lusas mãos pendões desferem,
E até na injustiça querem
Dar a vida pelo Rei.
Cáe o moço miserando
Sobre as barbaras areias:
Rebenta o sangue das veias,
Inda victoria anhelando,
Ferreo jugo, intruso mando
Nos turva os annaes lustrosos:
Serie de tempos nublosos,
Que a Roma cadeias lança,
(Bem como os da gloria) herança
É dos Lusos valorosos.
Rompe em fim de Lysia o somno
Alto impulso repentino,
E o renovo bragantino
Reluz no remido throno:
Oh! Lusos! Celeste abono
Verificae, merecei;
Duro assalto removei;
Jus vão dão para a victoria,

Um Deus, a razão, a historia,
Caracter, costume e lei.

Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Lisboa, 1852 — tom. 3.º, pag. 267.

MADRIGAL

«Prazer! Prazer! oh! falso, oh! bandoleiro!
«Que fugindo te ausentas
De nós sem saudade, e tão ligeiro;
As penas nos augmentas,
«Se, mal que te acolhemos, já nos deixas.»
Eis que o lindo Prazer tão suspirado
Me responde: «— Que vãs são tuas queixas!
«Aos Numes graças rende, que hão creado
«O Prazer breve: que, a ser eu comprido,
Me houveram (certo) para si retido.»

Obras completas de Filinto Elysio (Francisco Manuel do Nascimento), Pariz, 1817 — tom. 1.º, pag. 141.

COMPOSIÇÕES LYRICAS MODERNAS

A Cruz mutilada

Amo-te, oh! cruz, no vertice firmada
De esplendidas egrejas;
Amo-te quando á noite, sobre a campa,
Juncto ao cypreste alvejas;
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
As preces te rodeiam;
Amo-te quando em prestito festivo
As multidões te hasteiam;
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
No adro do presbyterio,

Ou quando o morto impressa no ataúde,
Guias ao cemiterio;
Amo-te, oh! cruz, até, quando no valle
Negrejas triste e só,
Núncia do crime, a que deveu a terra
Do assassinado o pó:

Porém quando mais te amo,
Oh! cruz do meu senhor,
É se te encontro á tarde,
Antes de o Sol se pôr,

Na clareira da serra,
Que o arvoredo assombra,
Quando á luz que fenece
Se estira a tua sombra,

E o dia ultimos raios
Com o luar mistura,
E o seu hymno da tarde
O pinheiral murmura.

E eu te encontrei, n'um alcantil agreste,
Meia quebrada, oh! cruz! Sósinha estavas
Ao pôr do Sol, e ao elevar-se a Lua
Detrás do calvo cerro. A soledade
Não te pôde valer contra a mão impia,
Que te feriu sem dó. As linhas puras
De teu perfil, falhadas, tortuosas,
Oh! mutilada cruz, fallam de um crime
Sacrilego, brutal e ao impio inutil!
A tua sombra estampa-se no solo,
Como a sombra de antigo monumento,
Que o tempo quasi derrocou, truncada.
No pedestal musgoso, em que te ergueram
Nossos avós, eu me assentei. Ao longe,
Do presbyterio rustico mandava
O sino os simples sons pelas quebradas
Da cordilheira, annunciando o instante
Da *Ave Maria*, da oração singela,
Mas solemne, mas sancta, em que a voz do homem
Se mistura nos canticos saudosos,

Que a natureza envia ao Ceu no extremo
Raio de Sol, passando fugitivo
Na tangente deste orbe, ao qual trouxeste
Liberdade e progresso, e que te paga
Com a injuria e o desprezo, e que te inveja
Até, na solidão, o esquecimento!

Foi da sciencia incredula o sectario,
Acaso, oh! cruz da serra, o que na face
Affrontas te gravou com mão profusa?
Não! Foi o homem do povo, a quem consolo
Na miseria e na dor constante has sido
Por bem dezoito seculos: foi esse
Por cujo amor surgias qual remorso
Nos sonhos do abastado ou do tyranno,
Bradando—*esmola!* a um;—*piedade!* ao outro.

Oh! cruz, se desde o Golgotha não fôras
Symbolo eterno de uma crença eterna;
Se a nossa fé em ti fosse mentida,
Dos oppressos de outr'ora os livres netos
Por sua ingratidão dignos de opprobrio,
Se não te amassem, ainda assim seriam.
Mas és nuncia do Ceu, e elles te insultam,
Esquecidos das lagrimas perennes
Por trinta gerações, que guarda a campa,
Vertidas a teus pés nos dias torvos
Do seu viver d'escravidão! Deslembram-se
De que, se a paz domestica, a pureza
Do leito conjugal bruta violencia
Não vae contaminar, se a filha virgem
Do humilde camponez não é ludibrio
Do opulento, do nobre, oh! cruz, t'o devem;
Que por ti o cultor de ferteis campos
Colhe tranquillo da fadiga o premio,
Sem que a voz de um senhor, qual d'antes, dura
Lhe diga:—«é meu, e és meu! A mim deleites,
Liberdade, abundancia: a ti, escravo,
O trabalho, a miseria unido á terra,
Que o suor dessa fronte fertiliza,
Emquanto, em dia de furor ou tedio,
Não me apraz com teus restos fecundal-a.»

Quando calada a humanidade ouvia
Este atroz blasphemar, tu te elevaste
Lá do Oriente, oh! cruz, envolta em gloria,
E bradaste, tremenda, ao forte, ao rico:—
«Mentira!» E o servo alevantou os olhos,
Onde a esperança scintillava, a medo,
E viu as faces do senhor retinctas
Em pallidez mortal, e errar-lhe a vista
Trépida, vaga. A cruz no Ceu do Oriente
Da liberdade annunciára a vinda.

Cansado, o ancião guerreiro, que a existencia
Desgastou no volver de cem combates,
Ao vêr que, emfim, o seu paiz querido
Já não ousam calcar os pés d'estranhos,
Vem assentar-se á luz meiga da tarde,
Na tarde do viver, juncto do teixo
Da montanha natal. Na fronte calva,
Que o Sol tostou e que enrugaram annos,
Ha um como fulgor sereno e sancto.
Da aldeia semideus, devem-lhe todos
O tecto, a liberdade, e a honra e vida.
Ao perpassar do veterano os velhos
A mão que os protegeu apertam gratos;
Com amorosa timidez os moços
Saudam-no qual pae. Nas largas noites
Da gelada estação, sobre a lareira
Nunca lhe falta o cepo incendiado;
Sobre a mesa frugal nunca, no estio,
Refrigerante pomo. Assim do velho
Pelejador os derradeiros dias
Derivam para o tumulo suaves
Rodeiados de affecto, e quando á terra
A mão do tempo gastador o guia,
Sobre a louza a saudade ainda lhe esparze
Flores, lagrimas, bençãos, que consolem
Do defensor do fraco as cinzas frias.

Pobre cruz! Pelejaste mil combates,
Os gigantes combates dos tyrannos,
E venceste. No solo libertado,
Que pediste? um retiro no deserto,
Um pincaro granitico, açoutado

Pelas azas do vento e ennegrecido
Por chuvas e por soes. Para ameigar-te
Este ar humido e gelido a segure
Não foi ferir do bosque o rei. Do estio
No ardor canicular nunca disseste:
Dae-me, sequer, do bravo medronheiro
O desprezado fructo! O teu vestido
Era o musgo, que tece a mão do inverno,
E Deus creou para trajar as rochas:
Filha do Ceu, o Ceu era o teu tecto,
Teu escabello o dorso da montanha.
Tempo houve em que esses braços te adornava
C'rôa viçosa de gentis boninas,
E o pedestal te rodeiavam preces.
Ficaste em breve só, e a voz humana
Fez, pouco a pouco, juncto a ti silencio.
Que te importava? As arvores da encosta
Curvavam-se a saudar-te, e revoando
As aves vinham circumdar-te de hymnos.
Affagava-te o raio derradeiro,
Frouxo do Sol ao mergulhar nos mares,
E esperavas o tumulo. O teu tumulo
Devêra ser o seio destas serras,
Quando, em génesis novo, á voz do Eterno,
Do orbe ao nucleo fervente, que as gerára,
Ellas nas fauces dos volcões descessem,
Então para essa campa flores, bençãos,
Ou de saudade lagrimas vertidas,
Qual do velho soldado a lousa pede,
Não pediras á ingrata raça humana
Ao pé de ti no seu sudario envolta.

—Este longo esperar do dia extremo,
Do esquecimento do ermo abandonada,
Foi duro de soffrer aos teus remidos,
Oh! redemptora cruz. Eras, acaso,
Como um remorso e accusação perenne
No teu rochedo alpestre, onde te viam
Pousar tristonha e só? Acaso, á noite,
Quando a procella no pinhal rugia,
Criam ouvir-te a voz accusadora
Sobrelevar á voz da tempestade?

Que lhes dizias tu? De Deus fallavas,
E do seu Christo, do divino martyr,
Que a ti, supplicio e affronta, a ti maldicta
Ergueu, purificou, clamando ao servo,
No seu trance final: — Ergue-te, escravo!
És livre, como é pura a cruz da infamia.
Ella vil e tu vil, sanctos, sublimes
Sereis ante meu Pae. Ergue-te escravo!
Abraça tua irmã: segue-a sem susto
No caminho dos seculos. Da terra
Pertence-lhe o porvir, e o seu triumpho
Trará da tua liberdade o dia.»

Eis porque teus irmãos te arrojam pedras,
Ao perpassar, oh! cruz! Pensam ouvir-te
Nos rumores da noite, a antiga historia
Recontando do Golgotha, lembrando-lhes
Que só ao Christo a liberdade devem,
E que impio o povo ser é ser infame.
Mutilado por elle, a pouco e pouco,
Tu em fragmentos tombarás do cerro,
Symbolo sacrosancto. Hão de os humanos
Aos pés pizar-te; e esquecerás no mundo.
Da gratidão a divida não paga
Ficará, oh! tremenda accusadora,
Sem que as faces lhes tinja a côr do pejo;
Sem que o remorso os corações lhes rasgue.
Do Christo o nome passará na terra.

Não! Quando, em pó desfeita, a cruz divina
Deixar de ser perenne testemunho
Da avita crença, os montes, a espessura,
O mar, a Lua, o murmurar da fonte,
Da natureza as vagas harmonias,
Da cruz em nome, fallarão do Verbo.

Della no pedestal, então deserto,
Do deserto no seio, ainda o poeta
Virá, talvez, ao pôr do Sol sentar-se;
E a voz da selva lhe dirá que é sancto
Este rochedo nú, e um hymno pio
A solidão lhe ensinará e a noite.

Do cantico futuro uma toada
Não sentes vir, oh! cruz, de alem dos tempos
Da brisa do crepusculo nas azas?
É o porvir que te proclama eterna;
É a voz do poeta a saudar-te.

Montanha do Oriente,
Que, sobre as nuvens elevando o cume,
Divisas logo o Sol, surgindo a aurora,
E que, lá no Occidente,
Ultima vês seu radioso lume,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Rochedo, que descansas
No promontorio nú e solitario,
Como atalaia, que o oceano explora,
Alheio ás mil mudanças
Que o mundo agitam turbulento e vario,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Sobros, robles frondentes,
Cuja sombra procura o viandante,
Fugindo ao Sol a prumo que o devora,
Nesses dias ardentes
Em que o Leão nos ceus passa radiante,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Oh! mato variado,
De rosmaninho e murta entretecido,
De cujas tenues flores se evapora
Aroma delicado,
Quando és por leve aragem sacudido,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Oh! mar, que vás quebrando
Rolo após rolo pela praia fria,
E fremes som de paz consoladora,
Dormente murmurando
Na caverna maritima sombria,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Oh! Lua silenciosa,
Que em perpetuo volver, seguindo a terra,
Esparzes tua luz ameigadora
Pela serra formosa,
E pelos lagos que em seu seio encerra,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Debalde o servo ingrato
No pó te derribou
E os restos te insultou,
Oh! veneranda cruz:
Embora eu te não veja
Neste ermo pedestal;
És sancta, és immortal;
Tu és a minha luz!
Nas almas generosas
Gravou-te a mão de Deus,
E, á noite, fez nos ceus
Teu vulto scintillar.
Os raios das estrellas
Cruzam o seu fulgor;
Nas horas do furor
As vagas cruza o mar.
Os ramos enlaçados
Do roble, choupo e til,
Cruzando em modos mil,
Se vão entretecer.
Ferido, abre o guerreiro
Os braços, sólta um ai,
Pára, vacilla, e cai
Para não mais se erguer.
Cruzado aperta ao seio
A mãe o filho seu,
Que busca, mal nasceu,
Fontes da vida e amor.
Surges, symbolo eterno
No Ceu, na terra e mar,
Do forte no expirar
E do viver no alvor!

Poesias por Alexandre Herculano. Lisboa, 1860 — liv. 1.º, A Harpa do Crente, pag. 121.

Ignoto Deo

Creio em ti, Deus: a fé viva
De minha alma a ti se eleva.
És: — o que és não sei. Deriva
Meu ser do teu: luz.... e treva,
Em que — indistinctas! — se envolve
Este espirito agitado,
De ti vem, a ti devolve.
O Nada, a que foi roubado
Pelo sopro creador
Tudo o mais, o ha de tragar.
Só vive de eterno ardor
O que está sempre a aspirar
Ao infinito d'onde veiu.
Belleza és tu, luz és tu,
Verdade és tu só. Não creio
Senão em ti; o olho nú
Do homem não vê na terra
Mais que a duvida, a incerteza
A fórma que engana e erra.
Essencia! a real belleza,
O puro amor — o prazer
Que não fatiga e não gasta....
Só por ti os póde ver
O que inspirado se affasta,
Ignoto Deus, das ronceiras,
Vulgares turbas: despidos
Das cousas vans e grosseiras
Sua alma, razão, sentidos,
A ti se dão, em ti vida,
E por ti vida tem. Eu, consagrado
A teu altar, me prostro, e a combatida
Existencia aqui ponho, aqui votado
Fica este livro — confissão sincera
Da alma que a ti voou e em ti só espera.

Versos do Visconde de Almeida Garrett — Folhas Caídas. 1859 — pag. 123.

O Firmamento

Gloria a Deus! eis aberto o livro immenso,
O livro do infinito,
Onde em mil letras de fulgor intenso
Seu nome adoro escripto.
Eis de seu tabernaculo corrida
Uma ponta do véu mysterioso:
Desprende as azas remontando á vida,
Alma que anceias pelo eterno gôzo!

Estrellas, que brilhaes nessas moradas,
Quaes são vossos destinos?
Vós sois, vós sois as lampadas sagradas
De seus humbraes divinos.
Pullulando do seio omnipotente,
E sumidas por fim na eternidade,
Sois as faiscas de seu carro ardente
Ao rolar atravez da immensidade.

E cada qual de vós um astro encerra,
Um Sol que apenas vejo,
Monarcha d'outros mundos como a terra
Que formam seu cortejo.
Ninguem póde contar-vos: quem podéra
Esses mundos contar a que daes vida,
Escuros para nós qual nossa esphera
Vos é nas trevas da amplidão sumida?

Mas vós perto brilhaes, no fundo accesas
Do throno soberano!
Quem vos ha de seguir nas profundezas
Desse infinito oceano?
E quem ha de contar-vos nessas plagas,
Que os céus ostentam de brilhante alvura,
Lá onde sua mão sustem as vagas
Dos soes que um dia romperão na altura?

E tudo outr'ora na mudez jazia,
Nos véus do frio nada:

Reinava a noite escura; a luz do dia
Era em Deus concentrada:
Elle fallou! e as sombras n'um momento
Se dissiparam na amplidão distante!
Elle fallou! e o vasto firmamento
Seu véu de mundos desfraldou ovante!

E tudo despertou, e tudo gira
Immerso em seus fulgores;
E cada mundo é sonorosa lyra
Cantando os seus louvores.
Cantae, ó mundos que seu braço impelle,
Harpas da creação, fanaes do dia,
Cantae louvor universal Áquelle,
Que vos sustenta, e nos espaços guia!

Terra, globo que geras nas entranhas
Meu ser, o ser humano,
Que és tu com teus volcões, tuas montanhas,
E com teu vasto oceano?
Tu és um grão d'areia arrebatado
Por esse immenso turbilhão dos mundos
Em volta de seu throno levantado
Do universo nos seios mais profundos.

E tu, homem, que és tu, ente mesquinho
Que suberbo te elevas,
Buscando sem cessar abrir caminho
Por tuas densas trevas?
Que és tu com teus imperios e colossos?
Um átomo subtil, um frôxo alento:
Tu vives um instante, e de teus ossos
Só restam cinzas, que sacode o vento.

Mas ah! tu pensas, e o girar dos orbes
Á razão encadeias;
Tu pensas, e inspirado em Deus te absorves
Na chamma das ideias!
Alegra-te, immortal, que esse alto lume
Não morre em trevas d'um jazigo escasso!
Gloria a Deus, que n'um átomo resume
O pensamento que transcende o espaço!

Caminha, ó rei da terra! se inda és pobre,
Conquista aureo destino,
E de seculo em seculo mais nobre
Eleva a Deus teu hymno!
E tu, ó terra, nos floridos mantos
Abriga os filhos que em teu seio geras,
E teu canto d'amor reune aos cantos
Que a Deus se elevam de milhões d'espheras!

Dizem que já sem forças, moribunda,
Tu vergas decadente:
Oh! não; de tanto Sol que te circumda
Teu Sol inda é fulgente.
Tu és joven ainda; a cada passo
Tu assistes d'um mundo ás agonias,
E rolas entretanto nesse espaço
Cuberta de perfumes e harmonias.

Mas ai! tu findarás! além scintilla
Hoje um astro brilhante;
Amanhã ei-lo treme, ei-lo vacilla,
E fenece arquejante:
Que foi? quem o apagou? foi seu alento
Que extinguiu essa luz já fatigada;
Foram seculos mil, foi um momento
Que a eternidade fez volver ao nada.

Um dia, quem o sabe? um dia, ao pêso
Dos annos e ruinas,
Tu cairás nesse volcão accêso
Que teu Sol denominas:
E teus irmãos tambem, esses planetas
Que a mesma vida, a mesma luz inflamma,
Attraidos emfim, quaes borboletas,
Cairão como tu na mesma chamma.

Então, ó Sol, então esse aureo throno
Que farás tu ainda,
Monarcha solitario, e em abandono,
Com tua gloria finda?
Tu findarás tambem, a fria morte
Alcançará teu carro chammejante;

Ella te segue, e prophetiza a sorte
Nessas manchas que toldam teu semblante.

Que são ellas? talvez os restos frios
D'algum antigo mundo,
Que inda referve em borbotões sombrios
No teu seio profundo.
Talvez, envôlta pouco a pouco a frente
Nas cinzas sepulchraes de cada filho,
Debaixo delles todos de repente
Apagarás teu vacillante brilho.

E as sombras pousarão no vasto imperio
Que teu facho alumia;
Mas que vale de menos um psalterio
Dos orbes na harmonia?
Outro Sol como tu, outras espheras
Virão no espaço descantar seu hymno,
Renovando nos sitios onde imperas,
Do Sol dos Soes o resplendor divino.

Gloria a seu nome! um dia meditando
Outro Céu mais perfeito,
O Céu d'agora a seu altivo mando
Talvez caia desfeito.
Então, mundos, estrellas, soes brilhantes,
Qual bando d'aguias na amplidão disperso,
Chocando-se em destroços fumegantes,
Desabarão no fundo do universo.

Então a vida, refluindo ao seio
Do fóco soberano,
Parará concentrando-se no meio
Desse infinito oceano;
E, acabado por fim quanto fulgura,
Apenas restarão na immensidade
O silencio aguardando a voz futura,
O throno de Jehovah, e a eternidade!

Poesias de A. A. Soares de Passos. 1858— pag. 145.

A perda de Arzilla (216)

(1549)

Era noite: do ceu limpido e sereno
Milhões d'estrellas trémulas pendiam,
Quaes as nocturnas lampadas d'um templo,
E as ribas ermas sussurrar se ouviam.
D'alterosa galé o negro vulto
Corta ao largo, bem largo, o mar do Algarve,
E lá nas serras d'Africa fronteiras
Branqueja a espaços o albornoz do alarve. (217)

Como tocheiros com brandões accesos,
De um feretro ao redor,
Cuja vermelha luz o horror da morte
Só faz sentir melhor,
Taes as nocturnas almenáras fulgem
Nas torres d'atalaia,
Pelos outeiros, que circumdam muros
De povoação na praia.

Arzilla, a guerreira,
Lá jaz na afflicção,
Que a rendeu aos Mouros
El-Rei Dom João.
Tomar-te ha Deus contas,
Rei fraco e prasmado,
De tão grande vilta,
De teu grão peccado.
Maldiz-te nos mares
Valente fronteiro,
Que na Sé de Ceuta
Se armou cavalleiro;
Que dez aduares (218)
Em Tanger queimou,
E em muros d'Alcacer
Dez elches matou: (219)

Que era hoje d'Arzilla
Temido Adail, (220)
E a quem tu mandaste
Fugir como vil.

Vêde-o lá na gavea
Da negra galé,
De braços cruzados,
Immovel, em pé;
E a nau que arfa e vôa
Na frementе via,
Ferindo na esteira
Fugaz ardentia;
E d'Africa as praias,
Que a ré vão fugindo,
E as vagas, que rolam,
Distantes mugindo.
Em roda o silencio:
No ceu noite escura:
E o peito do triste
Confrange a amargura.

Do veterano as faces
O salso pranto réga:
Nos africanos montes
Saudoso os olhos préga.
Sente no seio as ancias
D'incomportavel dôr,
E ás vezes range os dentes
Em trances de furor.
Um cantico á su'alma
A indignação inspira:
Vae sussurral-o ao longe
Aura que branda espira.

O canto do Adail

Quando, ao longe, nos campos d'Arzilla,
Alvejava do Mouro o albornoz,

E corria, e corria veloz
O ginete de Bellamarim;
  Quando o esculca, saído da villa
Da manhã ao primeiro fulgor,
Não podendo a atalaia transpor,
Vinha ás portas bater de Çafim;
  Quando em Tanger, a forte, se ouvia
De armaduras continuo tinir,
E nos ares se via luzir
O montante, a acha d'armas, e o criz;
  Quando em Ceuta vencida se erguia
Sobre o alcacer pendão portuguez,
Contra o qual na mesquita de Fez
A gazúa prégava o caciz:
  Quando Alcacer-Ceguer, a viçosa,
Que em vergeis se reclina gentil,
Pela noite fragrante d'Abril
D'entre os robles sorria ao luar;
  Porque, rico de presa formosa,
Já voltou nobre alcaide christão,
E inda ao longe do incendio o clarão
Tinge o céu sobre um triste aduar:
  Nossa estrella era então esplendente;
Nosso nome era um som de terror;
Nossos paes conduzia o Senhor,
Qual Judá d'entre a sarça do Horeb.
  Portugal, oh! leão do occidente,
Tu rugias á beira do mar,
E o teu grito cá vinha troar
Temeroso no ardente Moghreb:
  Era o tempo dos crentes e ousados:
Era o tempo da gloria da cruz!
Ora contam-se as páreas d'Ormuz:
Tem só nome Cochim, Calecut!
  E esses muros d'Arzilla, regados
Com o sangue de martyres mil,
Ermos hoje tu deixas, Rei vil,
Porque o estreito passou Rais Dragut! (221)
  Oh! valentes da India, do oceano,
Roncadores de féros no mar,
Cuja espada, porém, faiscar
Não sabe inda do Mouro no arnez,
  Mostrar vinde o valor sobre-humano

Neste clima de Sol mirrador!
Aqui fama se compra com dôr:
Facil gloria esquecei uma vez.
As galés do arraes mouro são fortes;
Sua chusma berberes de Takrur;
Como o vosso Rei indio, Badur,
Não ha de elle acabar á traição.
Uma festa de sangue e de mortes
Do occidente nas vagas tereis;
Elmos rijos aqui achareis,
Não o craneo d'inerme Sultão!
Mercadores!—deixae vosso cravo,
A canella, a pimenta, o marfi;
Os vestidos de seda despi;
Ponde, em vez de collar, um gorjal.
Véla e remo soltae no mar bravo;
Vinde juncto de nós combater;
Nós que Arzilla deixámos perder,
Porque El-Rei... é um Rei desleal.
Para nós os castellos d'avante;
Para nós a arrombada e bailéu;
Para nós pelejar ante o céu,
Que nos campos d'Arzilla nos viu:
Para nós o machado e montante;
Para nós a bombarda e arcabuz;
Para nós, ao cair, vêr a luz;
Vêr a mão que estes peitos feriu;
Para nós o tombar derradeiro
Sobre o ferreo esporão das galés;
O pelouro, de sob o convés,
Cá de longe enviar... para vós!
O sudario do morto fronteiro
Alva escuma da prôa será;
E em seus labios—*Arzilla!*—ouvirá
Quem ouvir sua ultima voz.
E elles, os fortes d'Asia, não vieram
Do cavalleiro d'Africa ao chamar;
E a náu d'El-Rei ao infamado Tejo
Veiu aportar:
E o Adaíl depoz as armas rotas
Não no espaldar;
Que nunca o bom fronteiro viram Mouros
Costas voltar.

E tomando o bordão de peregrino,
Foi-se á Batalha, que é mosteiro pobre
De dominicos,
Frades mui sanctos, que os judeus queimavam,
Porque eram ricos.
No meio desses tumulos, que encerram
Os despojos mortaes dos Reis que foram,
Féretro antigo
O Adaíl procurou. De um rei soldado
Era o jazigo.
Quando o viu, ajoelhou nos degráus delle,
E palavras, que as lagrimas cortavam,
Lhe dirigiu:
Maldicção para alguem pedia ao morto;
Mas nada ouviu!
Então, livido o rosto, os labios brancos,
A fronte lhe pendeu sobre o ataúde
Do Rei extincto.
Expirára ao dizer—*Perdeu-se Arzilla!*—
A Affonso Quinto.

Poesias por Alexandre Herculano. 1840—pag. 137.

A Camões

Ai do que a sorte assignalou no berço
Inspirado cantor, rei da harmonia!
Ai do que Deus ás gerações envia
Dizendo: vae, padece, é teu fadario,
Como um astro brilhante o mundo o admira,
Mas não vê que essa chamma abrazadora
Que o cerca d'esplendor, tambem devora
Seu peito solitario.

Pairar nos céus em alteroso adejo,
Buscando amor, e vida, e luz, e glorias,
E ver passar quaes sombras illusorias
Essas imagens de fulgor divino:
Taes são vossos destinos, ó poetas,
Almas de fogo que um vil mundo encerra;

Tal foi, grande Camões, tal foi na terra
Teu misero destino.

A cruz levaste desde o berço á campa:
Esgotaste a amargura até ás fezes:
Parece que a fortuna em seus revezes
Te mediu pelo genio a desventura.
Combateste com ella como o cedro
Que provoca o rancor da tempestade,
Mas cuja inabalavel magestade
Lhe resiste segura.

Foste grande na dôr como na lyra!
Quem soube mais soffrer, quem soffreu tanto?
Um anjo viste de celeste encanto,
E aos pés caiste da visão querida...
Engano! foi um astro passageiro,
Foi uma flôr de perfumado alento
Que ao longe te sorriu, mas que sedento
Jamais colheste em vida.

Sob a couraça que cingiste ao peito
Do peito ancioso suffocaste a chamma,
E foste ao longe procurar a fama,
Talvez, quem sabe? procurar a morte.
Mas, qual onda que o naufrago arremessa
Sobre inhospita praia sem guarida,
A morte crua te arrojou á vida,
E ás injurias da sorte.

De praia em praia divagando incerto
Tuas desditas ensinaste ao mundo:
A terra, os homens, té o mar profundo
Conspirados achavas em teu damno.
Ave canora em solidão gemendo,
Tiveste o genio por algoz ferino:
Teu alento immortal era divino,
Perdeste em ser humano.

Indicos valles, solidões do Ganges,
E tu, ó gruta de Macau, sombria,
Vós lhe ouvistes as queixas, e a harmonia
Desses hymnos que o tempo não consome.

Foi lá, foi nessa rocha solitaria,
Que o vate desterrado e perseguido,
Á patria ingrata, que lhe dera o olvido,
Deu eterno renome.

«Cantemos!» disse, e triumphou da sorte,
«Cantemos!» disse, e recordando glorias,
Sobre o mesmo theatro das victorias,
Bardo guerreiro, levantou seus hymnos.
Os desastres da patria, a sua queda
Temendo já no meditar profundo,
Quiz dar-lhe a voz do cysne moribundo
Em seus cantos divinos.

E que sentidos cantos! d'Ignez triste
Se ouve mais triste o derradeiro alento,
Ensinando o que póde o sentimento
Quando um seio que amou d'amores canta;
No brado heroico da guerreira tuba
O valor portuguez sôa tremendo,
E o fero Adamastor com gesto horrendo
Indá hoje o mundo espanta!

Mas ai! a patria não lhe ouvia o canto!
Da patria e do cantor findava a sorte:
Aos dous juraram perdição e morte,
E os dous juntaram na mansão funerea...
Ingratos! ao que alçando a voz do genio
Além dos astros nos erguêra um solio,
Decretaram por louro e capitolio
O leito da miseria!

Ninguem o pranto lhe enxugou piedoso:
Valeu-lhe o seu escravo, o seu amigo:
«Dae esmola a Camões, dae-lhe um abrigo!»
Dizia o triste a mendigar confuso!
Homero, Ovidio, Tasso, estranhos cysnes,
Vós que sorvestes do infortunio a taça,
Vinde depôr as c'rôas da desgraça
Aos pés do cysne luso!

Mas não tardava o derradeiro instante...
O raio ardente que fulmina a rocha,

Tambem a flôr que nella desabrocha,
Cresta, passando, co'as ethereas lavas:
Que scena! em quanto ao longe a patria exángue
Aos affanges mouriscos dava o peito,
De misero hospital n'um pobre leito,
Camões, tu expiravas!

Oh! quem me dera desse leito á beira
Sondar teu grande espirito nessa hora,
Por saber, quando a mágua nos devora,
Que dôr póde conter um peito humano;
Palpar teu seio, e nesse estreito espaço
Sentir a immensidade do tormento,
Combatendo-te n'alma, como o vento
Nas ondas do oceano!

O amor da patria, a ingratidão dos homens,
Natercia, a gloria, as illusões passadas,
Entre as sombras da morte, debuxadas
Em teu pallido rosto já pendido;
E a patria, oh! e a patria que exaltáras
Nessas canções d'inspiração profunda,
Exhalando comtigo moribunda
Seu ultimo gemido!

Expirou! como o nauta destemido,
Vendo a procella que o navio alaga,
E ouvindo em roda no bramir da vaga
D'horrenda morte o funeral presagio,
Aos entes corre que adorou na vida,
Em seguro baixel os põe a nado,
E esquecido de si morre abraçado
Aos restos do naufragio:

Assim, da patria que baixava á tumba,
Em cantos immortaes salvando a gloria,
E entregando-a dos tempos á memoria,
Como em gigante pedestal segura:
«Patria querida morreremos junctos!
Murmurou em accento funerario,
E envolvido da patria no sudario
Baixou á sepultura.

Quebrando a lousa do feral jazigo;
Portugal resurgiu, vingando a affronta,
E inda hoje ao mundo sua gloria aponta
Dos cantos de Camões no eterno brado;
Mas do vate immortal as frias cinzas
Esquecidas deixou na sepultura,
E o estrangeiro que passa em vão procura
Seu tumulo ignorado.

Nenhuma pedra ou inscripção ligeira
Recorda o grão cantor... porem calemos!
Silencio! do immortal não profanemos
Com tributos mortaes a alta memoria.
Camões, grande Camões, foste poeta!
Eu sei que tua sombra nos perdôa:
Que valem mausoléus ante a corôa
De tua eterna gloria?

Poesias por A. A. Soares de Passos. 1858—pag. 1.

Cantico da noite

Sumiu-se o Sol esplendido
Nas vagas rumorosas!
Em trevas o crepusculo
Foi desfolhando as rosas!
Pela ampla terra alarga-se
Calada solidão!
Parece o mundo um tumulo
Sob estrellado manto!
Alabastrina lampada,
Lá sóbe a Lua! Emtanto
Gemidos d'aves lugubres
Soando a espaços vão!

Hora dos melancolicos
Saudosos devaneios!
Hora, que aos gostos intimos
Abres os castos seios!
Infunde em nossos animos:

Inspirações da Fé!
De noite, se um reverbero
De Deus nos alumia,
Distilla-se de lagrimas
A prece, a prophecia!
Alma enlevada em extasis
Terrena já não é!

Antes que o somno tacito
Olhos nos cerre, e os sonhos
Nos tomem no seu vortice,
Já rindo, e já medonhos,
Hora dos Ceus, conversa-me
No extincto e no porvir.
Onde os que amei? sumiram-se.
Onde o que eu fui? deixou-me.
Delles, só vans memorias;
De mim só resta um nome.
No abysmo do preterito
Desfez-se choro e rir.

Desfez-se! e quantas lagrimas
Brotaram de alegrias!
Desfez-se! e quantos jubilos
Nasceram de agonias!
Teu curso, ó Providencia,
Quem n'o previu jámais?
Que horas d'est'hora tacita
Me irão desabrochando?
Quantos não fez cadaveres
N'um leito o somno brando!
Vir-me-hão co'a aurora proxima...
As saudações? os ais?

Se o penso, tremo, aterro-me.
Porém, se ao Pae Supremo
Remonto o meu espirito,
Exulto; já não tremo,
A alma lhe dou; reclino-me
No somno sem pavor.
Chama-me? ascendo á patria;
Poupa-me? aspiro a ella.
Servir-te! ou vêr-te, e amarmo-nos!

Que sorte, ó Deus, tão bella!
Vem! cerra as minhas palpebras,
Virgem do casto amor!

Estrêas Poeticas-musicaes para o anno LIII. Por Antonio Feliciano de Castilho, Lisboa, 1853—pag. 21.

Cantico da manhã

Que alvor?! que amar?! que musica,
Nos Ceus, em mim, no ar,
A festa da existencia
Me vem resuscitar?!
Nasço a cantar com os passaros!
Surjo a brilhar co'a luz!
Envolta em rosas candidas,
Ledo retomo a cruz!
Fonte do Ser! Espirito!
Mysterio! Creador!
Eis-me! saí d'um tumulo,
Como da terra a flor.
Eis-me! eu te escuto! emprega-me!
Senhor, que vou fazer?!
«Ama» bradou voz intima,
«Amar cifra o dever.»

O mesmo — pag. 25.

Hymno do trabalho

Voz

No regaço do luxo, a opulencia
Os cansaços do ocio maldiz;
Entre as lidas, sorri a indigencia;
Co'o pão negro se julga feliz.

Coro

Trabalhar, meus irmãos; que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor.
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades, amor.

Voz

Deus, impondo ao peccado, a fadiga,
Té na pena sorriu paternal;
O que vence a preguiça inimiga,
Reconquista o Edén terreal.

Coro

Trabalhar, meus irmãos; etc.

Voz

Quem dá graças aos Céus ao Sol posto?
Quem lh'as dá vendo a aurora raiar?
E o obreiro: o suor lhe enche o rosto;
Mas seus dias não turva o pezar.

Coro

Trabalhar, meus irmãos; etc.

Voz

O que vive na inercia aborrida,
Não sómente é d'irmãos roubador;
É suicida; e mais vil que o suicida;
É suicida a quem falta o valor.

Coro

Trabalhar meus irmãos; etc.

Voz

Cáia opprobrio no vil ocioso,
Que desherda o presente, e o porvir!
Só á noite compete o repouso;
Só aos mortos o eterno dormir.

Coro

Trabalhar, meus irmãos; etc.

Voz

Mar e Terra, Ar e Céu, tudo lida;
Deus a todos pôz luz e deu mãos;
Lei suprema o trabalho é na vida;
Trabalhar! trabalhar, meus irmãos!

Coro

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor.
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades, amor.

O mesmo — pag. 46.

Perfume da rosa

Quem bebe, rosa, o perfume
Que de teu seio respira?

Um anjo, um sylpho? Ou que nume
Com esse aroma delira?

Qual é o Deus que, namorado,
De seu throno te ajoelha,
E esse nectar encantado
Bebe occulto, humilde abelha?

—Ninguem?—Mentiste: essa frente
Em languidez inclinada,
Quem t'a poz assim pendente?
Dize rosa namorada.

E a côr de purpura viva
Como assim te desmaiou?
E essa pallidez lasciva
Nas folhas quem t'a pintou?

Os espinhos que tão duros
Tinhas na rama lustrosa,
Com que magos esconjuros
T'os desarmaram, ó rosa?

E porque, na hástea sentida
Tremes tanto ao pôr do Sol?
Porque escutas tão rendida
O canto do rouxinol?

Que eu não ouvi um suspiro
Sussurrar-te na folhagem?
Nas aguas desse retiro
Não espreitei a tua imagem?

Não a vi afflicta, anciada...
—Era de prazer ou dôr?—
Mentiste, rosa, és amada,
E tambem tu amas, flor.

Mas ai! se não fôr um nume
O que em teu seio delira,
Ha de matal-o o perfume
Que nesse aroma respira.

Versos do Visconde de Almeida Garrett.
Folhas Caidas, 185[illegible] — pag. 157.

O sino da minha terra

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som alegre e festivo,
Despertando echos do peito,
Faz-me ficar pensativo!

Era assim que tu cantavas,
Quando nasceu minha mãe,
Quando a viste ser esposa,
E após ter filhos tambem.

Choraste-a quando ao sepulchro...
Longe ideia tão funesta!...
Era assim que te alegravas
Todos os dias de festa.

Era assim que te folgaste
Quando fui, debil menino,
Mergulhar nas sanctas aguas
O meu corpo pequenino.

Era assim que ao Céu dizias,
Acompanhando a oração,
—Mais um roubo a Satanaz,
Para Deus mais um christão.

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som alegre e festivo,
A cada nova pancada
Me torna mais pensativo.

Quantas vezes me chamaste,
Em meio de meus folguedos,
A louvar co'o povo todo
Da igreja sanctos segredos!

Ora á missa convidando,
Ora ao solemne sermão,
Ora a invejar os anjinhos
Que levava a procissão.

Eu era doido no templo
C'os sons do orgão sagrado,
Canto, incenso, ramalhetes,
E c'o throno illuminado.

Minhas preces mal sabidas
Eram todas d'innocencia,
Inda os labios ignoravam
As preces da penitencia.

Oh! como tu me recordas
Nessa voz enternecida,
Doce viver dessas horas
Da aurora doce da vida!

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som, casado commigo,
A cada nova pancada
Me torna mais teu amigo.

Ás vezes nas horas quentes,
Quando eu brincava e sorria,
Vinhas tu bradar-me: «reza,
Que é chegado o meio dia!»

Ás vezes na hora da sêsta
Acordava ao teu clamor,
Era um christão que pedia
A visita do Senhor.

Ás vezes junto da noite
Tristinho amando um retiro,
Tu me afagaste juntando
Teu suspiro ao meu suspiro.

Ás vezes tambem vieste
Dizer-me, com voz de ferro:
«Para aqui lá vem agora
Do teu amigo o enterro!»

Eu chorava.... eras forçado,
Era a mão do atroz sineiro,
Não eras tu que buscavas
Ser da morte o pregoeiro.

Tange, tange, augusto bronze
Teu som, casado commigo,
A cada nova pancada
Me torna mais teu amigo.

Com que esp'ranças vi saudar-te
Lavrador, que a lida insana
Deixava, para c'os filhos
Ir demandar a cabana!

Com que ledice te esp'ravam
Ternos amantes d'aldeia!
Tu lhes dizias a hora
Em que inda é morta a candeia.

. . . .

Nada disso eu conhecia,
Mas tua voz feiticeira
Não me era nunca indiff'rente,
Nunca me foi estrangeira.

Hei vivido de ti longe,
Desde a infancia não te ouvi,
De novo agora te escuto,
De novo a infancia senti.

Vou partir... talvez não volte,
Mas levem-me echos da serra
Estes sons, que hei de amar sempre,
O sino da minha terra!

Se inda aqui vier morrer,
Chora no meu funeral,
E se fôr em terra alheia,
Repete o alheio signal!

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som, casado commigo,
Inda na morte me agrada,
Inda alli sou teu amigo.

Cancioneiro de João de Lemos, 1.º vol. 1866 pag. 11.

GENERO DIDACTICO

Arte poetica e lingua portugueza

II

Origem da lingua portugueza—Seu augmento—Perfeição—Decadencia

Uma lingua tão dura como as armas,
Que em nosso pró terçavam nas pelejas,
Era a lingua dos Lusos valorosos
Antes que os claros lumes do alto Pindo (222)
Queimassem fezes godas e mouriscas (223)
Da tosca algaravia que em seu seio
Lavrou até o seculo apurado
De João segundo, de Manuel ditoso.
Quem vendo em carcomidos pergaminhos
Foraes de goda-arabica escriptura, (224)
Dirá que elles descendem da elegancia
Da lingua dos Romanos, que a foi nossa,
Que a bem fallámos muitos centos de annos? (225)
Que foi depois que as guerras e infortunios
Alagaram os predios de Minerva, (226)
Derribaram columnas de seu templo,
Rodaram na torrente os moveis sacros,
Deixando só ruinas mal cubertas
De apodrecidos limos e de abrolhos?
Então quebrou o fio precioso
Do collar de medalhas guarnecido
C'os nomes de eruditos Portuguezes,
Que atou depois com laço mal seguro
O Freire, e ainda algum mais, mas raro e frouxo,
Que o pouco cabedal levou comsigo
Do puro portuguez que inda restava;
E em lingua bruta, oco-rimbomba ou freira, (227)
Nua de valentia, e de doçura,

Lardeada de ensôssos baixos termos,
Foi a classica lingua convertida.
Tal era a geringonça mais da moda,
Quando eu nasci, nos pulpitos gritada,
E cantada nas nobres academias;
Quando engenhos mais altos, indignados
Da fatal corrupção, a resurgiram
Das campas, do lethargo em que a pozeram
Balofos biltres, mazorraes syndapsos. (228)
Assim já d'antes em igual desastre,
Amparados das azas do monarcha,
Saíu um luso enxame cubiçoso
De conquistar pelos lyceus da Europa
As sciencias da patria foragidas:
E quando a nós tornaram da colheita
Os novos Tullios, alta esp'rança lusa, (229)
Dando de mão ao godo-arabe enleio
Que desfêiara as lusitanas fallas,
Co'ouro da grega lingua, e da latina
Deram brilho ao dizer: antes crearam
Uma lingua mais nobre, mais mimosa,
Digna dos nobres Génios, que luziram
Nessa classica idade, e que nos deram
Os moldes da elegancia portugueza.
Elegancia que herdada a nós viera
A não ser salteada no caminho
Por mãos facinorosas.—Quem nos veda
Tomar a antiga senda, para herdal-a
Nativa e pura e digna, qual trilharam,
Para creal-a, os nossos bons maiores?

III

Estudo da lingua—Exemplo das nações estrangeiras—E principalmente da franceza, que tão tontamente imitam os tarellos

Sáiam dos muros da ferrenha patria
Quantos desprezam os facundos sabios,
Que a lingua lhes legaram generosos,

E verão povoados os lyceus
Dás estranhas nações na douta Europa,
De illustres Bispos, de anciões consultos,
De polida nobreza, e até das damas,
Que a natureza fez tão engenhosas,
Tão validas das Musas, qual de Venus;
Todos pendentes das discretas vozes
Com que um lente mui primo dá realce
Ás bellézas dos classicos antigos,
Aqui notando a concisão da phraze
Que o lucido «sublime» em breve engaste
Cerra e compõe; alli a formosura
Da caudal eloquencia que transborda
Por floridos jardins, verdes ribeiras.
Ah! se eu podesse ver na Elysia minha, (230)
Sequiosa de saber, francos e abertos
Tantos porticos de artes, de sciencias,
Como não levantara ella a aurea frente
Entre tantas nações que a só conhecem
Por ter dobrado o horrendo promontorio,
Por um antigo brado de conquistas?

Fallam no bom Camões alguns Francezes,
Que o leram traduzido em prosa ensôssa;
Mas rejeitam de o ler na lusa lingua,
Que apenas paga o custo de apprendel-a
Com ler um só Camões: tão pouco apreço
Lhe dão de si os novos escriptores!
Não fôra assim, se nós mais cuidadosos
Déssemos mór valia á nossa lingua,
Polindo-a ennobrecendo-a, opulentando-a
Com cabedaes de Urania, Clio, e Erato: (231)
Que assim se fez no mundo conhecida
A lingua grega; e o Lacio, que pretende (232)
Emulal-a, seguiu o mesmo trilho:
Seguiu-o a Hespanha, a França co'a Toscana;
E até as boreaes nações o seguem. (233)
Nós prezâmos tão pouco a nossa lingua,
Que tão sómente as outras aprendemos,
Em desar da nativa; e a ser-nos dado,
Na franceza escreveramos, fallaramos,
Como já na hespanhola, por lisonja,
E por louca vaidade, compuzemos!

Amor da patria sopra em mim despeitos
De a ver por filhos seus pouco abonada.
Ah! patria muito ingrata e muito amada,
Ah! que eu, se em ti soubera as boas lettras
Mais versadas, mais publico o bom gosto,
Deste encargo de encommendar leitura
Dos nossos bons auctores me esquivara.

. . . .

Um Francez que ouve um lente venerando
Tractar com mão devota os sabios livros
De Fenelon, Racine, quando explica
Seus ornados conceitos, não desdenha,
Não moteja do auctor que lhe dá fama
Nos arredados climas, nem do alumno
Que caminhando ao Templo da Memoria
Leva por fóros, leva por serviços
A nobre imitação de bons modelos,
E na phraze imitada o cunho antigo.
Assim o estatuario cuidadoso,
Se encarregado da sublime face
D'um Rei virtuoso, Deus de seu bom povo,
Deseja entre os Myrons e os Praxiteles (234)
Ter logar na custosa eternidade,
Dos Myrons e dos Phidias tira os rasgos (235)
Das bizarras feições, das attitudes;
Até das roupas imitando as pregas,
Aqui descobre, alli apanha ou sólta,
E transladando á pedra o concebido
Typo de fórmas conhecidas na arte,
Compõe um todo a si só comparavel,
Gosto de mestres, e do alumno gloria.
Taes eram approvadas e bemquistas,
Por nobre imitação de almos traslados,
Do pindarico Elpino as cultas odes; (236)
E a facundia bebida nos antigos
Que vertia o Garção nos seus poemas,
Quando na Arcadia outr'ora os escutava (237)
De atilados varões o extremo ouvido.

VI

Necessidade de estudar a propria lingua sobre todas as outras.— Thesouros d'onde tirar antigos termos, os classicos portuguezes. —Origem donde derivar os novos, os latinos e gregos.

. . . .

. . . .

Como! Em cadêas de ingrato esquecimento
Deixarmos a linguagem que nos serve
Em tractar os negocios, as usanças
Desta vida civil, razões de estado
C'os nossos conterraneos, c'os amigos,
Em dar pasto co'as damas ás mais puras
Mais brandas affeições do animo humano,
Para dar todo o estudo a estranhas linguas!

Fallemos portuguez brando e sonoro
A Portuguezes que entender-nos cabe. . . . .
E se expertos me arguem os peraltas,
Que as riquezas vocaes que assim pretendo
Introduzir empecem á clareza
Da lingua, e que o vulgar dos Portuguezes
Não póde subito abranger o senso
Das vozes classicas, remotas do uso,
Das novas, das latinas, das compostas,
Mui pachorrento e concho lhes respondo,
Que as que hoje estão em uso foram novas
Tão difficeis então, quanto estas hoje
De serem do vulgar bem entendidas.

. . . .

Como em limpida fonte, em nossos mestres
Do seculo das lettras lusitanas,
E nas paginas ferteis dos Latinos
Tomem linguagem pura os bons engenhos
Que a colher palmas de eloquencia lusa
Inclinam seu proposito e porfia:
Ou já no foro os animos consultos
Queiram mover, a compaixão piedosa

Do reu mal arguido ou mal defeso;
Ou da verdade na cadeira anceiem
Soltar as pandas vélas da facundia
Em assumptos moraes ou já sagrados.

Os exemplares puros com nocturna,
Diurna mão por vós sejam versados,
Por vós poetas que quereis no Pindo
Conquistar os favores das Camenas. (238)
Se desprezaes dos classicos o estudo
Sereis dos sabios lusos desprezados.
Oh! que é desdouro um vate alçar as vózes
Promettedoras de altaneiro assumpto
Ante o povo apinhado, e ser mesquinho
No arrojo, na affluencia das pinturas
Com que anhela estofar o seu discurso,
Por falta de eloquentes vivas côres
Que só dão as palavras preciosas
Cavadas nos bons mestres ou tiradas
Do riquissimo erario dos Latinos.

. . . .
. . . .

X

Methodo de estudar a lingua.—Classicos; Vieira; Lucena; Bernardes; Ferreira; Brito; e Jacintho Freire.

Se queremos achar abertas vêias
Do custoso metal que as fallas doura,
Visitemos as minas encetadas
Pelos nossos antigos escriptores,
No Lacio e Achaia, que inda nos convidam (239)
C'o largo aberto seio a ser ricassos.
E se a ruim preguiça vos atalha
Mover o passo a longes territorios,
Tendes em casa, e a vossas mãos disposto,
O producto das minas já cavado
Limpo de fezes, chrysolado e puro
Nos Paivas, nos Lucenas, Britos, Barros.

Entre abobadas longas, intrincadas,
Labyrintos reconcavos e escassos
De conceitos agudos predicaveis,
De bastardo saber, de engenho vesgo,
Ha por cantos escuros, por desvios
De sermões requintados do Vieira,
Desprezados torrões de ouro encuberto,
Que enriquecer mil paginas poderam
Por artifices mãos melhor lavrados.

Tem Lucena capitulos tão cheios
De lusa preciosissima abastança,
Em phraze e termos escolhida e nobre!...
Em seu fluido estylo vae Bernardes
Serpeando manso e manso até que mana
Dos ouvidos nas intimas entranhas,
Qual vae claro ribeiro crystallino
Debruçando-se puro e saudoso
Debaixo de inquietas avelleiras,
Por entre hervosos valles sempre verdes;
Té que ao largo se estende em lisa mesa,
Espelho e ás vezes banho das serranas.
De Barros que direi? qué os estrangeiros
Não digam mais do que eu? que delle fallam
Com mór respeito que fallar usamos.
Ferreira, Brito, Souza, Arraes e Pinto
Só lhes faltou nascer em terra estranha
Para altamente serem conhecidos,
E encommendada aos bons sua leitura.
Cartilha houvera ser, cartilha de ouro
Para a pura dicção da lingua lusa,
O mui diserto Freire, ultima c'roa
Das nossas litterarias conquistas;
Fiel historiador, sempre eloquente,
Sempre Plinio, e mil vezes com vantagens. (240)
Quanto não ganharia a patria honrada,
Não ganharia a lingua portugueza,
E os egregios heroes, se cada Cesar, (241)
Cada Fabricio, Regulo, ou Camillo, (242)
Que deu a lusa terra, conseguisse
Um Freire que lhes désse alto renome
Por obras, por virtudes conquistado?
Tem senões! — E que auctor é delles limpo!

Não dormitou Homero? O bom Virgilio,
Indignado das maculas da Eneida,
Não mandava de novo queimar Troia? (243)
Se ás Musas não vedára o pio Augusto
O eterno pranto, e a Apollo as saudades? (244)
Pollião não imputa á maravilha,
Que iam alem de Roma, curiosas
As gentes ver, defeito patavino? (245)

XVI

Gallicismos

Abra-se a antiga veneranda fonte
Dos genuinos classicos, e soltem-se
As correntes da antiga linguagem.
Rompam-se as minas gregas e latinas;
(Não cesso de o dizer, porque é urgente)
Cavemos a facundia que abasteça
Nossa prosa eloquente e culto verso.
Sacudamos das fallas, dos escriptos
Toda a phraze estrangeira, e frandulagem
Dessa tinha, que comichona afeia
O gesto airoso do idioma luso.

Quero dar que em francez hajam formosas
Expressões curtas, phrazes elegantes;
Mas indoles diff'rentes tem as linguas;
Nem toda a phraze a toda a lingua ajusta.
Ponde um bello nariz alvo de neve,
N'uma formosa cara trigueirinha;
(Trigueiras ha, que ás louras se avantajam)
O nariz alvo no moreno rosto,
Tanto não é belleza, que é defeito.

. . . .
. . . .

Se por força do fado, ou por penuria
Forçados somos a espremer dos livros
Francezes o alimento das sciencias;

Se como na palestra empoeirada
Vamos luctar contra a ignorancia bruta
No gymnasio francez, tomemos o uso
Dos antigos athletas, que ao sairem
Do pugilato ou fervida carreira,
A poeira dos fatos sacudiam,
E banhando-se em liquidas correntes
Do Illisso (que, alli perto, com sereno (246)
Passeio, alegra as margens estudiosas)
Os corpos asseiavam diligentes.
Assim vi sempre o litterato Erilo,
Depois de revolver francez volume,
Desempoar-se da estrangeira phraze
C'o espanador de Barros ou Vieira.

Francisco Manuel do Nascimento — Parnaso Lusitano
Paris, 1826 — tom. 1.º, pag. 73.

Carta a el-rei D. João III

. . . .
. . . .

Sobre obrigações tamanhas
Velem-se comtudo os Reis,
Dos rostros falsos, das manhas
Com que lhe querem das leis
Fazer teias das aranhas.
Que se não póde fazer,
Por arte, por força ou graça,
Salvo o que a justiça quer,
Senhor, não chamam poder,
Salvo ao que lhes val na praça.
E por muito que os Reis olhem,
Vão por fóra mil inchaços.
Que ante vós, senhor, se encolhem
D'uns gigantes de cem braços
Com que dão e com que tolhem.
Quem graça ante El-Rei alcança,
E hi falla o que não deve,

Mal grande da má privança,
Peçonha na fonte lança,
De que toda a terra bebe.
Quem joga onde engano vae,
Em vão corre e torna atraz,
Em vão sobre a face cáe,
Mal hajam as manhas más,
D'onde tanto engano sáe!
Homem de um só parecer,
D'um só rostro, uma só fé,
D'antes quebrar, que torcer,
Elle tudo póde ser,
Mas de côrte homem não é.
Gracejar ouço de cá
De quem vae inteiro e são,
Nem se contrafaz mais lá,
Como este vem aldeão,
Que cortezão tornará.
As sanctidades da praça,
Aquelles rostros tristonhos,
C'os quaes este, e aquelle caça,
Para Deus, senhor, é graça,
Para nós tudo são sonhos.
E os discursos que fazemos.
Póde ser, não póde ser,
Mais diante o entenderemos;
Agora mortos por ver,
Então todos nós veremos.
Senhor, hei-vos de fallar
(Vossa mansidão me esforça)
Claro o que posso alcançar,
Andam para vos tomar
Por manhas que não por força.
Por minas trazem suas azes (241)
Os rostros de tintureiros,
Falsas guerras, falsas pazes,
De fóra mansos cordeiros,
De dentro lobos roazes.
Tudo seu remedio tem,
Que é assim, bem o sabeis,
E ao remedio tambem;
Querei-los conhecer bem,
No fructo os conhecereis.

Obras qué palavras não,
Porém, senhor, somos muitos,
E entre tanta multidão,
Tresmalham-se-vos os fructos,
Que sabeis cujos são.
Um que por outro se vende,
Lança a pedra e a mão esconde;
O damno longe se estende,
Aquelle a quem doe o entende
Com só suspiros responde.
A vida desapparece,
E entre tanto geme e jaz
O que caiu, e acontece,
Que d'um mal que se lhe faz
Outro mór se lhe recrece.
Pena e galardão igual,
O mundo a direito tem,
A uma regra geral,
Que a pena se deve ao mal,
E o galardão ao bem.

. . . .
. . . .

C'o a mão sobre um ouvido
Ouvia Alexandre as partes,
Como quem tinha entendido,
Por fazer certo o fingido,
Quantas que se buscam d'artes.
Guardava elle o outro inteiro
Á parte não inda ouvida:
Não vae nada em ser primeiro;
Quem muito sabe duvida;
Só Deus é verdadeiro.
A tudo dão novas côres
Como que enleiam os sentidos:
Ah! máus! ah! enliçadores!
Ante os Reis vossos senhores,
Andaes com rostros fingidos!
Contaes, gabaes, estendeis
Serviços e lealdades:
Olhae que não nos damneis,

Fallaes em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.
Senhor nosso padre Adão
Peccou, chamou-o o juiz,
Tenha que dizer ou não
Hi sua fraca razão
Porém livremente diz.
Sempre foi, sempre ha de ser,
Que onde uma só parte falla,
Que a outra haja de gemer,
Se um jogo a todos iguala,
As leis que devem fazer?

. . . .
. . . .

Pensamentos nunca cheios
Não tem fundo aquelles saccos,
Inda mal, porque tem meios
Para viver dos mais fracos
E dos suores alheios.
Que eu vejo nos povoados
Muitos dos salteadores,
Com o nome e rostro de honrados,
Andar quentes e forrados
Das pelles dos lavradores.
E senhor não me creiais
Se as não acham mais finas,
Que as de lobos cervais,
Que arminhos, que zebelinas,
Custam menos, cobrem mais.
Ah! senhor! que vos direi
Que acode mais vento ás vélas;
Nunca se descuide o Rei;
Que inda não é feita a lei,
Já lhe são feitas cautelas!
Então tristes das mulheres,
Tristes dos orfãos coitados,
E a pobreza dos mesterês,
Que nem fallar são ousados
Diante os mores poderes.
Os quaes quem os assim quer,
Quem os negocêia assi,

Que fará quando os tiver?
Nossos houveram de ser.
Tomaram-nos para si.
Ora já que as consciencias
O tempo as levou comsigo,
Venhamos ás penitencias,
Senhor, se eu vira castigo
Boas são as residencias.
Mas eu vejo cá na aldeia
Nos enterros abastados,
Muito padre que passeia,
Emfim, ventre e bolsa cheia
Absoltos de seus peccados.
Se se hão de reconciliar,
Uns c'os outros tem seu tracto,
Basta-lhes só acenar,
Não nos fazem tão barato
Ao tempo de confessar.
Senhor, esta vossa vara
Em quaes mãos anda, tal é,
A boa é ave mui rara,
Sabei que esta nunca é cara,
Que seja muito a mercê.
Livre de toda a cubiça,
A Deus temente, e a vós,
Sem respeito e sem preguiça,
Vara direita sem nós,
Se quereis que haja hi justiça.
Tomae senhor o conselho
Do bom Jethro ao genro amigo, (218)
É verdade, é evangelho.
(Como disse aquelle velho)
Humildemente vos digo.
Que estas leis justinianas,
Se não ha quem as bem reja,
Fóra de paixões humanas,
São um campo de peleja
Com razões francas e ufanas.
Morre o pobre Conradino (219)
C'o parceiro em tudo igual,
Cada um de tal morte indino,
Pelo pesado ou malino
Doutor, que interpreta mal.

Diz o texto: «O sangue cesse;
Por batalha a guerra finda.»
Vem com grosa outro interesse,
Diz que ande o cutello, ainda
Que em prisão certo o tivesse.

. . . .
. . . .

Obras do dr. Francisco de Sá de Miranda, Lisboa, 1614
— Carta 1.ª, pag. 102.

N. B. Em alguns versos segui a edição de 1595.

Epistola a Diogo Bernardes

Fez força ao meu intento a doce, e branda
Musa tua, Bernardes, que a meu peito
Dá novo sprito, novo fogo manda.
Como um juizo queres, que sujeito
Vive a tantos juizos, se não guarde
De tanto riso e rosto contrafeito?
Quanto em mim mais das Musas o fogo arde,
Tanto trabalho mais por apagal-o,
Quanto o silencio vale, sabe-se tarde.
A medo vivo, a medo escrevo, e fallo,
Hei medo do que fallo só commigo;
Mas inda a medo cuido, a medo calo.
Encontro a cada passo c'um imigo
De todo bom sprito; este me faz
Temer-me de mim mesmo e do amigo.
Taes novidades este tempo traz,
Qu'é necessario fingir pouco siso,
Se queres vida ter, se queres paz.
Vida em tanta cautela, tanto aviso,
Quando me deixarás? quando verei
Um verdadeiro rosto, um simpres riso?
Quando a mim me crerão, todos crerei
Sem duvidas, sem cores, sem enganos.
E eu, que de mim mesmo seja Rei!
Ah! tantos dias tristes, tantos annos
Levados pelos ares em desejos
De falsos bens, e nossos tristes damnos!

A quem os deixa, e foge; quão sobejos
Lhe parecem mais bens, que os que só bastam
Desviar da virtude os cegos pejos.
Quantos as vidas, quantos almas gastam
Em buscar seu perigo, e sua morte,
E trás ella seus jugos crueis arrastam!
Aquelles vivem só, a que coube em sorte
Ao som da frauta, que dos hombros pende,
O mundo desprezar com sprito forte.
Toda minh'alma em desejar se estende
A doce vida, que tão doce cantas,
Que quasi a força quebra, que me prende.
Mas ajunta a estas forças outras tantas,
Todas quebraria eu, s'azas tivesse,
Com que chegasse onde me tu levantas.
S'eu podesse, Bernardes, se eu podesse
Ser senhor só de mim, eu voaria
Onde do vulgo mais longe estivesse.
Alli quão livremente me riria
De quanto agora choro! alli meu canto
Livre por ares livres soltaria.
Em quanto me vês preso, amigo, em quanto
Sem sprito, sem forças, não me chames
Com teus versos, que a ti só honram tanto.
Por mais que me desejes, mais que me ames,
Não empregues em mim tão cegamente
Teu canto, com que é bem que heroes affames.
Mas tractarei comtigo amigamente
Do conselho, que pedes; juizo e lima
Tem em si todo humilde e diligente.
Quem tanto a si mesmo ama, tanto animα,
Que a si se favorece, e se perdoa,
Que sprito mostrará em prosa, ou rima?
Taes são alguns, a que triste a hera coroa
Roubada do vão povo ao claro sprito,
Que esconder-se trabalha, e então mais soa.
Aquelle dá de si publico grito:
Este cala, e s'encolhe: o tempo em fim
Um apaga; immortal faz d'outro o escripto.
A primeira lei minha é, que de mim
Primeiro me guarde eu, e e mim não creia,
Nem os que levemente se me rim.
Conheça-me a mim mesmo: siga a veia

Natural, não forçada: o juizo quero
De quem com juizo, e sem paixão me leia.
Na boa imitação, e uso, que o fero
Engenho abranda, ao inculto dá arte,
No conselho do amigo douto espero.
Muito, ó Poeta, o engenho póde dar-te.
Mas muito mais que o engenho, o tempo e estudo;
Não queiras de ti logo contentar-te.
É necessario ser um tempo mudo:
Ouvir e ler sómente: que aproveita
Sem armas com fervor commeter tudo?
Caminha por aqui. Esta é a direita
Estrada dos que sobem ao alto monte,
Ao brando Apollo, ás nove irmãs acceita. (250)
Do bom escrever, saber primeiro é fonte.
Enriquece a memoria de doutrina
Do que um cante, outro ensine, outro te conte.
Isto me disse sempre uma divina
Voz á orelha; isto entendo, e creio.
Isto ora me castiga, ora m'ensina.
Cad'um para seu fim busca seu meio:
Quem não sabe do officio, não o tracta,
Dos que sem saber escrevem o mundo é cheio.
S'ornares de fino ouro a branca prata
Quanto mais, e melhor já resplandece,
Tanto mais vale o engenho, s'arte se ata.
Não prende logo a planta, não florece,
Sem ser da destra mão limpa e regada
C'o tempo, e arte flor, fructo parece.
Questão foi já de muitos disputada
S'obra em verso arte mais, se a natureza?
Uma sem outra vale ou pouco ou nada.
Mas eu tomaria antes a dureza
Daquelle, que o trabalho, e a arte abrandou,
Que dest'outro a corrente, e vã presteza.
Vence o trabalho tudo: o que cansou
Seu sprito, e seus olhos, algu'hora
Mostrará parte alguma do que achou.
A palavra, que sáe uma vez fóra,
Mal se sabe tornar: é mais seguro
Não tel-a, que escusar a culpa agora.
Vejo teu verso brando, estylo puro,
Engenho, arte, doutrina: só queria

Tempo, e lima d'inveja forte muro.
Ensina muito, e muda um anno, e um dia,
Como em pintura os erros vae mostrando
Depois o tempo, que o olho antes não via:
Corta o sobejo, vae acrescentando
O que falta, o baixo ergue, o alto modera,
Tudo a uma igual regra conformando.
Ao escuro dá luz, e ao que podéra
Fazer duvida, aclara: do ornamento
Ou tira ou põe: c'o decoro o tempera:
Sirva propria palavra ao bom intento;
Haja juizo, e regra, e differença
Da pratica commum ao pensamento.
Damna ao estylo ás vezes a sentença,
Tão igual venha tudo, e tão conforme
Que em duvida estê ver qual delles vença.
Mas diligente assim a lima reforme
Teu verso, que não entre pelo são,
Tornando-o, em vez de ornal-o, então disforme.
O vicio, que se dá ao pintor, que a mão
Não sabe erguer da tabua, foge: a graça
Tiram, quando alguns cuidam que a mais dão.
Roendo o triste verso, como traça,
Sem sangue o deixam, sem sprito e vida:
Outro o parto sem fórma traz á praça.
Ha nas cousas um fim, ha tal medida,
Que quanto passa, ou falta della, é vicio:
E necessaria a emenda bem regida.
Necessario é, confesso, o artificio:
Não affeitado; empece á tenra planta
O muito mimo, o muito beneficio.
Ás vezes o que vem primeiro, tanta
Natural graça traz, que uma das nove
Deusas parece que o inspira e canta.
Qual é a lingua cruel, que inda ouse, e prove
Em vão alli seus fios? deixe inteiro
O bem nascido verso, o máu renove.
Não mude, ou tire, ou ponha sem primeiro
Vir aos ouvidos do prudente experto
Amigo, não invejoso, ou lisonjeiro.
Engana-se o amor proprio, falso e incerto,
Tambem s'engana o medo de aprazer-se,
Em ambos erro ha quasi igual e certo.

Por isto é bom remedio ás vezes ler-se
  A dous ou tres amigos; o bom pejo
  Honesto ajuda então melhor a ver-se.
Alli como juiz então me vejo.
  Sinto quando igual vou, quando descaio,
  Quando d'outra maneira me desejo.
Quando eu meus versos lia ao meu Sampaio,
  Muda (dizia) e tira: ia e tornava:
  Inda, diz, na sentença bem não caio.
O que mais docemente me soava,
  O que m'enchia o sprito, por máu tinha,
  O que me desprazia me louvava.
Então conheci eu a dita minha
  Em tal amigo, tão desenganado
  Juizo, e certo, em que eu confiado vinha.
Quem d'olhos tantos lido, quem julgado
  De tanto imigo ás vezes ha de ser,
  Convem tempo esperar, e ir bem armado.
Isto me faz, Bernardes meu, temer
  No teu, como no meu: não vale escusa.
  Doe muito vêr meu erro, e arrepender:
Quem louva o bom? quem bom e máu não accusa
  Mas tu não tens razão de temer muito,
  Assim tè alça, e te leva a branda Musa.
Deixa só madurar o doce fruito
  Um pouco: deixa a lima contentar-se:
  Inventa, e escolhe então o melhor do muito.
Eu vejo cada dia accrescentar-se
  Em ti fogo mais claro, e o engenho teu
  Cada dia mais vivo levantar-se.
Então darás com gloria tua o seu
  Grã premio ás Musas, que te tal criaram,
  Vida a teu nome, qual a fama deu
  A muitos, que da morte triumpharam.

Poemas Lusitanos do dr. Antonio Ferreira. Lisboa, 1598.—fl. 158 v.

Epistola a Francisco d'Andrade

Queixo-me, douto Andrade, d'uns indoutos
 Qu'o qu'as vezes lêm mal, peor entendem,
 Querem julgar como que fossem doutos.
Tão facilmente a seu gosto reprendem
 As vigilias alheias, qu'eu m'espanto
 Como elles de si mesmos não se offendem.
O verso ou máu ou bom, o escripto, ou canto
 Qu'ó esprito custa estudo e tempo, e lima
 Julgam como que não custassem tanto.
A livre prosa, ou obrigada rima
 Por seu juizo, e só entendimento
 Assi a tem em desprezo, assi em estima.
Se lhes perguntas pelo fundamento,
 Respondem só, que bem não lhes parece.
 Querem que obrigue o seu contentamento.
Que me dizes, Francisco, a quem conhece
 O mundo por tão raro, e em cujo esprito
 Apollo claramente s'enriquece?
Com quaes julgas que deve ser escripto
 Aquelle de juizo tão ousado,
 Que quer assi julgar o alheio escripto?
O sisudo, o prudente, e attentado,
 O douto, antes que julgue, tudo attenta,
 Por não ser seu juizo mal julgado.
Ante os olhos primeiro representa
 A obrigação do verso, e a natureza,
 Vê s'offende a invenção, ou se contenta.
Com livre sprito nota e com pureza
 Os conceitos, as phrases, as figuras,
 E se na lingua tem copia, ou pobreza.
Se as palavras são proprias, se são puras,
 Se as busca claras para o que pretende,
 Ou se asperas, difficiles, e escuras.
O decoro se o guarda, ou se o entende,
 E se a materia é bem ou mal seguida,
 Se abranda, ou affeiçoa, ou move, e accende.
Se toma imitação bem escolhida,
 S'o estylo é sempre grave, ou sempre brando,

S'a sentença a bom tempo, ou máu trazida.
Se se vae longamente dilatando,
Ou se diz o que quer tão brevemente
Qu'ou não s'entende bem, ou vae cansando.
Quem tudo isto, Francisco, nota e sente
Com clarissimo juizo; e peito puro,
E o mais qu'engeita a Musa, e o que consente:
Julgue, ria, reprenda e estê seguro
Que deve inteiramente de ser crido.
E eu, destes sós espritos tracto e curo.
Destes quero ser antes reprendido,
Destes como tu és, ó raro Andrade,
Que dos outros louvado e recebido.
Aprende-se com estes a verdade
Do que Apollo promette, e a Musa ensina,
A quem dá a reprensão aucteridade.
O espirito que não vôa, nem atina
O bem ou mal do que se canta e escreve,
Quando bem, ou mal julga ou desatina.
Se dá razão, mais fria a dá que neve,
Sem fundamento louva, e assim reprova,
Qu'em juizo apressado ha rasão leve.
A reprensão no mundo não é nova,
Mas quem melhor entende, mais d'espaço
O máu reprende, ou o melhor approva.
Tem as linguas agudas mais que d'aço
Estes que querem ser graves censores,
Se lhes armas caem logo em qualquer laço.
Juizos vãos, indoutos reprensores,
Não soffrem as Musas ser assi tractadas,
Nem recebem de vós inda louvores.
Tende-os guardados, tende bem guardadas
As leves reprensões que usaes em tudo,
Para as cousas das Musas não tocadas.
Sem ellas todo peito ha de ser mudo,
E rarissimo aquelle, antes só, peito
Que não se deva ant'ellas chamar rudo.
Seja meu verso, sem nenhum respeito
Daquelles, a que Phebo maior parte (251)
Tem de si dado, ou reprendido, ou acceito.
Seja de ti, Francisco, que guardar-te
Quiz par'honra da Musa Portuguesa,
E para entr'os mais raros mais mostrar-te;

Tu segue confiado aquella empresa,
Que tão felicemente começáste,
Segue-a com prómpto esprito, e alma accesa,
A victoria rarissima que achaste,
Dina de raro engenho qu'em tudo usas,
E usaste sempre em tudo o que cantaste;
Confiado em teu conselho, e no das Musas
A segue, e em tua lima e esprito claro,
E assi mais haverá espantos que escusas
Em teu verso, e em teu canto douto e raro.

Poesias de Pedro de Andrade Caminha, Lisboa, 1791—
Epistola XVII, pag. 79.

SATYRA

O PASSEIO

A D. Martinho de Almeida

. . . .
. . . .

O bom Democrito ria (253)
Do que a nós nos causa dôr;
Elle mui bem o entendia;
Vamos nós tambem, Senhor,
Fazer o que elle fazia:
Dos homens na vã loucura
Um pouco meditaremos;
E com alchymia segura,
Do mal alheio faremos
Para o nosso mal a cura:
Quando vierdes, então
Correremos a cidade;
Uns que vêm, outros que vão;
Acharemos á vontade
Onde mettamos a mão:
Veremos o vão peralta
Calcando importuna lama,

Que as alvas meias lhe esmalta,
Na esteira de esquiva dama,
Que de pedra em pedra salta:
　Aos cafés iremos vel-o
No mostrador encostado
Sobre o curvo cotovelo
Tendo á esquerdo sobraçado
Gigante chapéo de pêllo;
　Alli em regras de dança
Com outros taes conversando,
Dirá que desde criança
Andou sempre viajando,
Que viu Londres que viu França;
　Que gastou grossos dinheiros;
Pois ver com socego quiz
Cidades, reinos inteiros;
Jura que como em Pariz
Nunca achou cabelleireiros:
　Exalta os môlhos francezes
Dos banquetes que lhe deram;
E balbuciará ás vezes,
Fingindo que lhe esqueceram
Muitos termos portuguezes:
　Chamará a patria ingrata;
Murmurará do governo,
Que do bom gosto não trata,
E consente que de inverno
Haja fivellas de prata:
　Em dous minutos emenda
O mundo que vae perdido;
E quer que com elle aprenda
Em que quadra, e em que vestido
São proprios punhos de renda:
　Carregando a sobrancelha,
A fallar na historia salta;
E logo da França velha
Reconta o pobre peralta
Cousas que pescou de orelha:
　Faz ao bom *Sully* justiça, (254)
Que os fios de espada embota
Ao Rei, que em furor se atiça;
E não lhe esqueça a anedocta,
«Que um reino vale uma missa»: (255)

Falla em S. Bartholomeu, (256)
E quasi que as gotas conta
Do sangue que então correu;
E ao certo as folhas aponta
Da historia que nunca leu:
Riremos do seu estudo;
Porque só o tem mostrado
Em ter chapéo gadelhudo,
Em ter canhão cerceado,
E em pôr de mais um canudo.
Iremos ouvir mil petas,
Quando mais o Sol se empina,
Vendo acerrimos jarretas,
Juncto a Sancta Catharina,
Argumentando em Gazetas:
Um quer a cabeça dar,
Se o Conde de *Estaing* não fez (257)
Trinta náus desarvorar;
Outro levanta em um mez
O cerco de Gibraltar:
Um, riscando a terra, ensina
Co'a bengala a geographia;
E nos diz com quem confina
Ao poente e ao meio-dia
A Georgia e a Carolina:
Outro aos Inglezes deseja
Na armada o fogo ateado;
E pinta em crua peleja
Dez Lords fugindo a nado
Sobre barris de cerveja:
Outro conta os graves damnos
Que esta Gazeta declara
Tiveram os Castelhanos;
E o triumpho inglêz compara
C'os triumphos dos Romanos:
Ao seu partido se aferra;
Diz que inda c'os mastos rotos
Ao mundo farão a guerra:
Mas fica vencido em votos,
E leva a bréca a Inglaterra:
Dão ao Leão furibundo
Gibraltar em justa guerra;
E este Concilio profundo,

Sem ter um palmo de terra
Está repartindo o mundo:
Dado em fim o Inglez á sola,
Qualquer das ditos confrades
No rota capa se enrola;
E tendo dado cidades,
Nos vem pedir uma esmola:
D'alli, Senhor, voltaremos
Pelas praças principaes;
Que bellas cousas veremos!
Que famosos editaes
Pelas esquinas leremos!
«*Chegou Monsieur de tal,*
Chimico em Paris formado;
Traz segredo especial;
Um elixir approvado,
Um remedio universal;
Não pretende ajuntar fundo
C'os grandes segredos seus;
E cheio de dó profundo,
Tira pelo amor de Deus
Os dentes a todo o mundo.»
Iremos lêr no outro lado
Onde acaso os olhos puz:
«*Em quarto grande, e estampado,*
Saiu novamente á luz
Carlos Magno commentado.»
«Na mesma loja hão de achar:
As obras de Caldeirão,
Que em bom preço se hão de dar;
E o Cavalleiro Christão,
E as Regras de partejar.»
Destas ridicularias,
E de outras taes murmurando,
C'o as nossas Philosophias,
A tarde iremos gastando
Té que dêm Aves Marias:
Então já quando em cardume
Sáe a gente da Fundição,
Como sabeis que é costume
E já as visinhas vão
Pedir ás visinhas lume:

. . . .
. . . .

Quando todo o Ginja rico
Para casa a prôa inclina,
Por temer facas de bico;
E cuida que a cada esquina
Lhe lança mão o *Jounico*: (258)
Então, meu senhor, teremos
Funcção de mais alto preço;
A certa assembléa iremos
De uma gente que eu conheço,
Onde á vontade riremos:
Feita a geral cortezia,
Pé atrás, segundo a moda,
Daremos á Mãe, e á Tia,
E depois a toda a roda,
Alto, e malo, senhoria:

. . . .
. . . .

Pouco ás filhas fallarei;
São fêias e mal criadas;
Mas sempre conseguirei,
Que cantem desafinadas
«*De saudades morrerei*»:
Cantada a vulgar modinha,
Que é a dominante agora,
Sae a moça da cosinha,
E diante da senhora
Vem desdobrar a banquinha:
Na farpada mesa logo
Bandeja e bule apparece;
Que mordaes os beiços rego,
Pois são trastes que parece
Que escaparam d'algum fogo:
Em bule chamado inglez,
Que já para pouco serve,
Duas folhas lança ou tres
De cansado chá, que ferve
Com esta a setima vez;
De fatias nem o cheiro,

Por mais que ás vezes as quiz;
Que o carrancudo tendeiro,
Cansado de gastar giz,
Já não dá pão sem dinheiro:
Sairemos de improviso,
Despedidos á franceza:
E iremos pois á preciso,
Na vóssa esplendida mesa
Largar redea á fome, e ao riso:
....
....

Obras completas de Nicoláu Tolentino de Almeida. Lisboa, 1861 — pag. 234.

GENERO DESCRIPTIVO

O PASSEIO

Prospecto do campo no principio do verão — Campos d'Azia e America confrontados com ós de Portugal

Oh! como dilatar-se aqui parece
Meu coração, e qual a flor aos raios
Da rociante manhã, se abre contente!...
Que rica profusão de aspectos, côres
Attrae meus olhos sofregos!... presumo
Que tudo quanto eu ouço e quanto eu vejo
Me convida a gosar!... Mais melindrosa
Era, confesso, a scena, que, inda ha pouco
Risonha alardeava a primavera!...
Nas gramineas encostas já não vejo
Surgindo a medo a timida violeta,
A rosa abotoar, florir o espinho.
Vae decrescendo a purpura do verde,
Com que fulgia a tunica da terra;
Mas do ouro a côr succede-lhe, e Natura
Toma um ar mais augusto, e assim me agrada!
De novas sensações confuso enxame

Já tanta actividade em mim não sopra,
E me leva ao prazer!... minhas idêias
Não se atropellam rapidas, nem folga
Minha imaginação de extraviar-se
Pelo immenso universo! Um Sol mais vivo,
Duplicando o calor com seu influxo,
Relaxa os nervos, musculos distende,
E ao repouso me inclina! entra em meu peito
Mais tranquilla, mais placida, mais doce
Satisfação, que me engrandece, e anima,
Instincto pensador de mim se apossa,
Me chega ao homem, me interessa o campo.
  Se comtigo, Lieutard, eu percorresse
De Ceylão aromaticas florestas,
As campinas palmiferas do Ganges,
Do Perú, do Brazil fecundos campos,
Ou da, que ao sceptro hispano, insula arranca
O denodado Penn, vergeis frondosos
De auri-floreos manjins, cafés, e olspices; (259)
Se respirasse a viração sadia
De um clima salutar no ameno Elysio,
Que tanto engrandeceste em versos de ouro,
Waller encantador, quando fugindo
De uma patria manchada em regio sangue,
Lá te foste asylar, d'onde trazidas
Por mão de luxo á Europa estereis palmas,
Vinham, transpondo os ceus, transpondo os mares,
Ornar a fronte de anglicas beldades, (260)
Oh! como acceso em estro, eu descantara
Esses grupos d'altissimas montanhas,
De alcantiladas rochas, figurando
Pender, e despenhar-se!... densos bosques,
Que sobre ellas ondeiam, que estendendo
Tortas raizes atravez das fragas
De lascados penedos, ahi procuram
Humido nutrimento, que as procellas
Depositaram lá! suberbos rios,
Que em cascatas fluctisonas caindo,
Com medonho estampido aos valles descem,
Correm por baixo de arvores, que viram
Da terra o nascimento; ao largo estendem
Seu vasto lençol d'agua, onde retouçam
Escamosas legiões, e ornam-lhe as margens

De eterna primavera o esmalte, o viço.

....

Mas, campinas da America, indios campos,
Não vos cede em belleza a patria minha!...
Aqui não surge a fervida canella,
Não floresce o cacau, não corre o nectar
Dos verdes canaviaes; porém que importa,
Se com prodiga mão Ceres reveste
Nossos plainos de luridas espigas?...
Se o numen da alegria em Nisa honrado
Folga de coroar-se, e enflora o thyrso
Dos vecejantes pampanos, que adornam
Nossos ricos outeiros? Se abundantes
Limpidas, puras aguas nos derramam
As Nayades risonhas? se Minerva
Sua arvore aqui planta? olfacto e vista
Pomona nos lisonja com seus fructos?...
Se a brincadora Flora aqui despeja
Seu florente regaço? Vossas aves (261)
Sem galhardia, as mais, que insulsas côres,
Com o rouco pio vencerão das nossas
Dulcimoso trinar, e arpejos doces?...
Tu só, tu, rouxinol, que ao pôr do dia
N'um verde myrtho solitario exprimes
Tão extremoso amor, tu só bastavas
A animar nosssos bosques! Como, a ouvil-o
Doce melancolia a alma me opprime!
Parece-me que as arvores se inclinam,
Que se demoram trepidos ribeiros,
E os zephiros brincões as azas fecham
Para se enternecer, carpir com elle!
Com tamanha ternura a gentil noiva
Não chamou nunca adolescente esposo,
Ou foi saudosa mãe do filho á pira
Dizer-lhe o ultimo adeus, votar-lhe as tranças!
Se não vemos pular nos lysios campos
Rapido arminho, e no cambiante pêllo
No estio ouro emular, no inverno a neve;
Se alli longe-vidente, hirsuto lynce
Té ao cimo das arvores não segue
Timida preza, em que sacie a fome;
Se artifice castor do Tejo á beira,
Com pasmo do philosopho, não mostra

Engenhoso primor d'architectura;
Por estes animaes, que apenas servem
De exornar de pelliça ao rico estulto,
Com seu leite mansissimas ovelhas
Nutrimento nos dão, co'a lã nos vestem.
O cornigero touro nos ajuda
A romper com o arado o seio á terra
Para extrair os solidos thesouros,
Firme esteio dos povos! E quem póde
Olhar sem gosto o intrepido ginete,
Vêr-lhe as ondas da cauda, as bastas clinas,
O medonho relampago dos olhos,
E o nitrido feroz, que incita á guerra?
Languido toza a relva, eis ouve ao longe
O mavorcio clarim orelhas ergue,
Estremece, arde, espuma, a terra pulsa,
E deseja que o dorso já lhe opprima
O cavalleiro impavido; com elle
Se arroja aos batalhões, cresce-lhe a audacia
Ao rufar dos tambores; não se assusta
Vendo luzir mortiferas bayonetas;
Folga escutando o sibilo das balas;
Ganha a victoria, ou sem pavor fenece.

O Passeio, poema de José Maria da Costa e Silva.
Lisboa, 1844 — pag. 2 a 7.

A MEDITAÇÃO

O homem no estado insocial — Da familia

Da culpa é primogenita a ignorancia,
Della romperam carregadas sombras,
Que os claros horisontes enluctaram
Da razão, que no berço em luz nascera:
Qual dos corruptos pantanos s'eleva
Exhalação mephitica, que abafa,
E que embacia o Sol, toldando os ares;
O rei da creação, tu foste, ó homem;
Ficaste escravo em carcere profundo:

A doce habitação do Eden viçoso, (262)
Ond'um instante só tiveste o solio,
Perdeste para sempre; errante, e triste,
Tu foste ser habitador dos bosques,
Dando o suor, e lagrimas á terra,
Que indocil a teu braço entre os abrólhos
Te dava apenas misero sustento,
Que disputaste ás féras rebelladas;
Fugiu-te qual relampago a ventura,
Qual ephemera flor, que brota, e murcha:
Assim vemos nascer na primavera
Resplandecente o Sol, risonho o dia,
Que subito negrume em nuvem densa
Aos olhos rouba a luz, e a paz aos ares;
Tal o destino do mortal primeiro;
Nascendo viu a luz serena, e pura;
Raiar a viu...esvaecer-se lógo;
Houve entre o berço, e tumulo um só dia.
E tanto póde em nós seu erro, e crime,
Que temos por herança o mal e a morte:
Para nós foi desterro o qu'era patria;
A um dia d'ouro seculos de ferro
Se viram succeder; fechada noite,
Profunda escuridão pousou na terra;
De mistura co'as brutas alimárias,
O rei da creação nos bosques vive.

Estado insocial embora acclame
Teus falsos bens chymerica igualdade,
O sabio hypocondriaco eloquente, (263)
Que a sciencia combate, e a vida emprega
Das artes todas no profundo estudo,
Que os homens aborrece, e os homens busca,
Que adora a solidão, martyr da gloria,
E Timão só quer ser, sendo Aristippo. (264)
Se elle commigo pela marge'immensa
Do Amazonas medonho os homens vira
Humanos na figura, em tracto feras,
Nús sem cultura, barbaros sem patria,
Então chamára á liberdade sua
Mais penosa que o carcere, e que os ferros
E só menos cruel, que o jugo injusto,
Que esses, qu'elle illustrou, cobardes soffrem. (265)

Pelos vastos sertões sem lares giram,
Qual onça insocial: só pasto buscam
Nos lacerados membros, palpitantes
De seus mesmos iguaes (e, de assustada,
Doce mãe Natureza os olhos tapa)
A crua fome, e a gula ávida cevam.
Nelles é morta a luz do entendimento,
Contra a injuria do ar lhe ensina apenas,
Qual brada ás feras machinal instincto,
A mal vestir enregelados membros
De hirsutas pelles de animaes, que matam.
Gente errante, infeliz, não sente apêgo
Á terra em que nasceu; repousa, e dorme
Onde a seus olhos lhe fenece o dia;
Lança-se em terra, a languida cabeça
A um tronco, quasi um tronco, encosta e dorme.
Se o Sol surgindo as palpebras lhe toca,
Frôxo, indolente o barbaro desperta.
Ora um tigre veloz o despedaça,
Ora co'a hervada frecha vara um tigre;
Co'a mosqueada pelle os membros cobre,
Se o frio agudo os membros lhe retalha;
Sente o calor? indifferente a deixa;
Não se ouve um pranto, lagrimas não correm,
(Feudo que á morte a natureza paga)
Se no bocejo extremo a vida foge.
O cadaver esqualido na terra
Jaz, ou no ventre da medonha hyena;
Nenhuma pia mão seus olhos fecha,
Nenhuma boca os ultimos suspiros
Lhe toma, e lhe conserva: assim nos bosques
Viveu por muitos seculos o homem;
Assim vive o Tapuia errante agora
Pelos sertões da America opulenta;
Elle o primeiro annel d'inda não finda,
Para o perfeito, progressão dos entes;
Tem limites no bruto o instincto, e nunca
Dos homens a razão pára n'um poncto!

Deste barbaro estado a raça humana
Foi dando passos vagorosamente
A estado social; barbara usança
Em costumes mais doces se transforma,

Laço moral os homens presentiram;
Co'as mutuas precisões a força unida,
Rebate as furias de aggressor injusto;
Este o primeiro original ensaio
De um pacto social; da lei primeira,
Clara expressão de universal vontade,
Que de todos ao bem sugeita todos;
Que de um nas mãos, ou, se lhe apraz, de muitos,
Depositára executiva força.
Eis a fonte das leis, do imperio a origem;
E nada mais teus calculos nos dizem
Em aureo estylo, mysantropo illustre,
Pintor illuso do mortal que ignoras,
Pois ás brenhas da America não foste
Vêr do contracto social a origem.
Foi só obra dos seculos. E quantos,
Quantos houve mister, para que as luzes
Reconcentradas n'alma s'evadissem!
(N'alma as amortecera a mão do crime,
Em grosseira ignorancia o homem tendo.)
Porém, qual fogo ardente, ou chamma activa,
Que nos veios reconditos da pedra
Occulta jaz, mas subito scintilla
Do rijo ferro ao golpe repetido;
Tal da humana razão o ethereo lume
Permaneceu por seculos sem brilho;
Mas era em fim razão, bem como é fogo
O Sol inda que envolto em pardas nuvens;
Do tempo a immensa successão de todo
As sombras desterrou, e a Natureza
Com grande esforço os ferros despedaça.
Passa o homem do bosque á sociedade;
As precisões reciprocas soccorro
Pediram aos mortaes, e occulta força
Irresistivel sympathia os laços
Da ventura commum com leis aperta;
E já, não rude habitador das brenhas,
Nem surdo á voz da Natureza, o homem
Sente do imperio paternal o jugo
Incognito até'li, pois se dos peitos,
E braços maternaes se desprendia,
Findava a dependencia, amor findava,
Ia ao longe buscar pasto, e guarida.

Foi da excelsa razão primeiro ensaio
A affeição paternal, e a lei primeira;
E na mesma caverna o esposo, a esposa,
(Dulcissima união!) co'os tenros filhos
Da humana sociedade a idêia mostram.
Do imperio ou reino o archetypo foi este.

A Meditação. Auctor José Agostinho de Macedo. Lisboa 1818 — Canto 1.º, pag. 21.

GENERO DRAMATICO

Fórmas do genero dramatico

Drama é a imitação de uma acção, parte obrada, parte narrada na scena.

Este genero comprehende duas especies principaes; a saber: Tragedia e Comedia.

Tragedia é a representação dramatica de uma acção grave e lastimosa, obrada por personagens illustres.

Comedia é a representação de uma acção vulgar, viciosa ou ridicula obrada por personagens communs.

O estylo proprio da Tragedia é o nobre, grande ou sublime, por ser a acção tragica de si grave, nobre e pathetica.

O estylo da Comedia é o infimo ou tenue, por ser a acção comica familiar e jocosa.

O metro usado em Portugal na Tragedia é o endecassyllabo solto.

A versificação da Comedia portugueza tem variado em differentes idades. Os primeiros auctores comicos usaram do verso redondilha maior, com o quebrado de redondilha maior, e ás vezes do verso de arte maior. Mais tarde foi usado o verso endecassyllabo solto.

Modernamente é mais vulgar o drama, representação de uma acção interessante da vida commum. Esta composição dramatica, assim como a comedia nas suas differentes especies, tem quasi geralmente adoptado a linguagem da prosa.

A poesia classica fazia um genero distincto das composições pastoris. Este genero tinha por objecto descrever as scenas risonhas do campo, as innocentes occupações, e os prazeres e infelicidades de seus habitantes. Comprehendia as piscatorias, em que os interlocutores eram pescadores.

As composições deste genero de poesia denominam-se Eglogas ou Idyllios. O metro mais usado nellas é o endecassyllabo, e a redondilha maior, e na parte dedicada ao canto dos pastores se usam versos de varias medidas. O seu estylo é o tenue. Estas composições apresentam os pastores ou pescadores ou dialogando, e então pertencem ao genero dramatico, ou exprimindo os seus sentimentos, ou fazendo narrações ou descripções, e neste caso pertencem ao genero lyrico, narrativo ou descriptivo.

Na idade media antes da renascença foi o auto a forma dramatica usada.

O theatro de Gil Vicente comprehende: o *Auto hieratico,* composição dramatica que tem um assumpto religioso; a *Tragicomedia,* forma aristocratica, em que os personagens são heroes ou pessoas notaveis; *Farça,* ou comedia familiar, forma popular em que a acção é tirada da vida commum representada por personagens vulgares.

A escola italiana imitou a tragedia e a comedia grega e latina, dividindo-as em actos e scenas, e depois em jornadas pela imitação hespanhola.

A forma dramatica mais antiga em Portugal é o auto hieratico ou religioso representado nas igrejas no Natal, nos Reis e na Paschoa ou por occasião de alguma festa religiosa. Nos primeiros seculos da monarchia tinha tambem a forma dramatica o *Arremedilho,* especie de farça mimica.

Na côrte de D. Affonso V e de D. João II representaram-se *Momos* e *Entremezes,* composições mimicas, acompanhadas de danças, em muitas dellas fallavam os personagens em prosa e verso.

A *Chacota* ou *Ratorta* era uma forma dramatica popular, constava de um baile dialogado em que um personagem ou *Guia* cantava e o côro respondia. Gil Vicente termina muitos dos seus autos com uma dança de *Chacota.*

Na escola seiscentista tem a forma dramatica a *Lôa* e o *Vilancico.*

A *Lôa,* primitivamente forma lyrica de poesia popular, teve origem no *Lai* bretão, passou a ser o prologo da comedia antiga, em que o actor expõe a acção e pede a indulgencia do publico. Nas noites do Natal e dos Reis as *Lôas* são os dialogos entre pastores ou anjos em volta do presepe.

O *Vilancico,* forma dramatica musical, usou-se desde o seculo XV nas festas do Natal e dos Reis. Tinha o caracter religioso. No seculo XVII foi usado nas Capellas por occasião de festas religiosas.

No seculo XVII esteve muito em voga a forma dramatica conhecida pela designação de *Tragicomedia* dos jesuitas, oratorias, ou peças sacras de grande espectaculo com *Tramoias* ou machinismos para mutações de vistas.

No reinado dos Filippes o theatro portuguez imitou as Comedias hespanholas de *Capa* e *Espada*, assim chamadas, porque esse era o trajo da classe mais elevada, a qual figurava no acção dramatica.

A *Opera*, composição dramatica cantada, foi introduzida em Portugal depois de 1640 na côrte de D. João IV.

A *Opera* italiana era o principal divertimento das côrtes de D. João V e de D. José I no seculo XVIII. Cantou-se depois nos theatros publicos.

A *Opera* portugueza foi traducção ou imitação da *Opera* italiana.

No seculo XVIII introduziu-se a Comedia parte recitada, parte cantada com córos, arias, e minuetes.

GENERO PASTORIL

EGLOGA

Interlocutores — Silvestre e Amador

Auctor. Um coitado de um pastor
Triste, mal aventurado,
Vencido de grande dôr,
Ao derredor do seu gado
Se queixava do amor:
Com palavras mui cansadas,
Sem descanso, e sem cansar
A quantos via passar,
Com vozes desesperadas
Os fazia esperar.
Depois de fallar comsigo,
E com seu gado mesquinho,
Viu passar um seu amigo
Afastado do caminho,
Caminho de seu perigo,
Que tambem se ia queixando
Do grande mal que sentia;
E com elle se ajuntando
Estiveram todo um dia
Um ao outro consolando.

Tristes praticas passavam,
Contavam grandes tristezas,
Gotas de sangue suavam
Ledos com suas firmezas,
Ellas mesmas os matavam:
Sentiam mui grande dôr
Cada um com seu marteiro,
Que nunca se viu maior.
Começa logo primeiro
Silvestre sem Amador.

Silvestre. Triste de mim, que será,
O coitado que farei,
Que não sei onde me vá,
Com quem me consolarei?
Ou quem me consolará?
Ao longo das ribeiras,
Ao som das suas aguas,
Chorarei muitas canseiras,
Minhas magoas derradeiras,
Minhas derradeiras magoas.

Todos fogem já de mim,
Todos me desampararam,
Meus males sós me ficaram
Para me darem a fim
Com que nunca se acabaram.
De todo bem desespero,
Pois me desespera quem
Me quer mal que lhe não quero,
Nem lhe quero senão bem,
Bem que nunca della espero.

Ó meus desditoso dias,
Ó meus dias desditosos,
Como vos is saudosos,
Saudosos de alegrias,
D'alegrias desejosos:
Leixae-me já descansar,
Pois que eu vos faço tristes,
Tristes porque meu pezar
Me deu os males que vistes,
E muitos mais por passar.

Acceitei ser namorado,
Não tive meio em o ser;
Já sou mais que sepultado,

Sou certo de me perder,
Sem perder meu só cuidado;
Não sei pelo que espero,
Nem o que espero de ver,
Perco-me pelo que quero,
Nem me acabo de perder,
Porque mais perder espero.
I-vos, minhas cabras, i-vos,
Gado bemaventurado,
Em outro tempo passado;
Ficae-vos, ou despedi-vos,
Despojo do meu cuidado:
Já vos não verei comer
Penduradas no penedo
Onde vos soia ver
Andar saltando sem medo,
Sem medo de me perder.
Já vos mais não cantarei
Nenhuns versos, nem cantigas,
Mas a todos contarei
As minhas tristes fadigas
Com que sempre viverei:
Minhas cabras desditosas,
Já vos não verei roer
As salgueiras amargosas,
Que soieis de pascer
Pelas ribeiras fragosas.
Andarei de valle em valle,
E de logar em logar,
Não acharei quem me falle,
Nem com quem possa fallar,
Nem quem diga que me calle;
Subir-me-hei aos outeiros,
E deital-os-hei a giros
Pelos pés dos sovereiros,
Meus suspiros derradeiros,
Meus derradeiros suspiros.
E vir-me-hei assentar
Á sombra de uma azinheira
Que está fóra do logar
Ao longo da ribeira
Onde eu soia andar:
Verei a casa caida,

Sem parede, e sem telhado,
E verei meu mal dobrado,
Cuidado de minha vida,
Ó vida de meu cuidado.
Ouvirei cantar os gallos
N'aldeia, e ladrar os cães,
E jazerei antre os pães,
Verei berrar antre os valles
Os novilhos pelas mães?
Delles berrarão do fato,
Porque mór pena me dem
Chorarei meu desbarato,
Eu não sei por que me mato,
Mato-me não sei por quem.
Queixar-me-hei a grandes brados
Mas que aproveita bradar,
Que trago os olhos quebrados,
Quebrados já de chorar
Todos os gostos passados:
Aquelle que vem bradando
Se se queixa ora d'alguem?
Ou com seu mal, ou seu bem,
Virá comsigo fallando
Sem se queixar de ninguem?
Se me elle quizesse ouvir,
Mas se me elle a mim ouvisse
Por grande mal que sentisse
Eu lhe faria sentir
O que eu lhe nunca visse:
Quero ver de que se aqueixa,
Ou se se aqueixa de si:
Leixar-me-hei estar aqui,
Mas minha dôr não me leixa,
Que em forte poncto a vi.

Amador. Ó enganosa ventura,
Que queres deste pastor?
Leixa-me ir com minha dôr,
Que minha desaventura
Traz comsigo outra maior:
Leixa-me ir traz um desejo
De grande engano forçado,
Triste, malaventurado,
Que um cuidado sobejo

Me dá sobejo cuidado.
Ó meus olhos saudosos,
Minha grande soidade,
Meus suspiros tão queixosos,
Ó choros tão deleitosos,
Por deleite, e por vontade;
Quem suspirasse algum dia
Para só desabafar;
Mas eu já não ousaria,
Porque um suspiro daria
Signal de quem m'o faz dar.
Tudo o que vejo parece
Triste de minha tristeza,
E tudo mais me entristece:
Coitado de quem off'rece
A vida a quem lh'a despreza:
Ando com a phantasia,
A miudo maginando,
Que a quantos vejo diria
Que é o que ando buscando:
Mas triste não ousaria!
Quem se podesse fiar.
Do falso do pensamento,
Falso, foste-me enganar
Com falso contentamento,
Para me logo engeitar:
Vinga-te agora de mim,
Que é razão pois te aborreço;
Mas uma cousa te peço,
Que dês a meus males fim
Pois que lhe déste o começo.

. . . .

. . . .

Silvestre. Amador, pois que te vás,
As boas horas vão comtigo,
Commigo fiquem as más,
Que não sei se as verás,
Que as não vejas commigo:
Deus te cumpra teu desejo;
E a mim tire o meu,
Ou me mostre quem m'o deu,
Que com quantos males vejo,
Sempre me hei de chamar seu.

Tempo é de vos leixar,
Gado meu, meu pobre gado;
Não posso mais aguardar,
Pois me não soube affastar
Do que me estava guardado:
Tudo se vae a perder,
Vae-se a vida após a vida;
Quem a mais deseja ter
A vê mais cedo perdida,
Ou se perde para a ver.
Ficae embora, curraes,
Riquezas de meus avós,
Vou-me sem mim e sem vós,
Eu me vou, e vós ficaes
Desamparados, e sós:
Não verei vir passeando
Os novilhos furiosos.
Seus pescoços levantando,
Com seus passos vagarosos
Após as vacas bradando.
Agora me leixarão
Esperanças vagarosas;
Agora se acabarão
As vontades rigorosas,
Que tanta pena me dão:
Leixae-me, cuidados vãos,
Desejos desesperados;
Olhos malaventurados
Quanto me foreis mais sãos
Ss vos tivera quebrados.
Quem foi nunca tão sandeu?

(Aqui vae bradando, e responde-lhe um Echo)

Echo. Eu.
Tu serás, pois me respondes;
E se o és, por que te escondes
De quem não pode ser seu?
Andas tu, ou vás fallàndo?
Echo. Ando.
E eu porque te não vejo?
Sei que me cega o desejo,
Porque ando desejando,

Quero m'ir pois se m'esconde.
Echo. Onde?
Mas onde me fallas tu?
Que será isto, Jesu,
Que o não vejo! Responde:
Quero m'ir del'outra banda.
Echo. Anda.
Pois me não queres leixar
Ir minhas magoas cantando,
Quero-me ora calar.
Irei commigo chorando
O que não posso fallar.

Obras de Bernardim Ribeiro. Lisboa, 1852—Egloga 3.ª, pag. 298.

Serrano, Bento e Gonçalo

Serrano. Torna essas vacas, Bento, que ind'agora,
As fui tirar de dentro do cerrado,
E não nas posso haver do damno fóra.
Herva ha neste olival, herva ha no prado,
Não sei porque é melhor a defendida,
Que assim se inclinam mais ao que é vedado.
Bento. Sempre a vontade amigo se convida
Aquillo que lhe negam, sempre engeita
O que nem se lhe arreda, nem duvida.
Parece que o desejo nosso espreita,
O que mais impossivel, lhe parece,
Então contra o desejo que aproveita?
Um cantar ouvi eu que ora me esquece
Que aqui nos trouxe Amintas o vaqueiro,
E cada hora lembra-lo me acontece.
Vês tu pelo travez deste salgueiro,
Naquella riba estava a mão na face,
E estirado a par delle o seu rafeiro.
Os olhos postos lá aonde o Sol nasce,
Com a voz té aos passaros detinha,
Tambem detinha o Sol que não passasse.
Ia cantando um pé, e em cabo vinha

A dizer, vou fugindo da vontade,
Que a tão grandes enganos me encaminha.

Serrano. Como o desejo é cego, persuade,
Que aquillo que nos foge é o melhor,
Quanto é melhor saber que é falsidade?
Sejam bens da fortuna, ou bens de amor,
Que mór bem ha, que mór contentamento,
Que viver sem perigo e sem temor?
Mas temos como grimpa o pensamento,
Um engano qualquer nos muda o posto,
Donde a vontade assopra como o vento.

Bento. Calma em Janeiro quer, frio no Agosto,
Flores na serra, e moutas pelo prado,
Quem foge da razão para o seu gosto.

Serrano. A que razões nos trouxe o nosso gado,
Deixemos os da villa na contenda
Que tambem para nós isto é vedado.
Não falta ora nos montes quem se entenda,
E mais que o mundo è tal, e é tal a gente,
Que os rusticos lhe podem dar emenda.
Quem quer que falla agora é maldizente,
Que tanta praga é já fallar verdade,
Que a fallar não se atreve o que não mente.

Serrano. Deixemos isso emfim que é vaidade,
Cá, tractemos do gado, e da lavoura,
Nisto demos razões muito á vontade.
Fallemos neste Sol que os montes doura,
Na Lua, mais enxuta, ou mais molhada,
Na seara crescida, verde e loura.
Falla na tua estrella, e na dourada,
Falla ora nos novilhos, Deus t'os guarde,
Que esta practica nossa é bem fundada.

Bento. Bom conselho era o teu, mas vem já tarde,
Que está o mundo tal, que não melhora,
Folgo de ver na lingua algum covarde.
Disso se queixa o sengo, e disso chora,
Todos de alheios erros fazem praça,
E os seus calando-os ficam-lhe a de fóra.
Cuidam que o dizer mal lhes cae em graça,
Passa a noite, o dia, o mez e o anno,
Não ha quem de fallar os satisfaça.
Cortam largo vestir de pouco panno,
Nenhuma falta propria os envergonha,

Que a peçonha a si propria não faz damno.

Serrano. Dizes bem, que mór mal? que mór peçonha,
Que a lingua descomposta vil maligna,
Que das vidas alheias tracta e sonha,
Todo o mal busca, a nenhum bem se inclina.
Mata ao mais escondido, e mais seguro,
É grossa á vista; mas no córte é fina.
Bem viu a natureza o mal futuro,
Poz-lhe os beiços diante, e poz-lhe os dentes,
Duas portas cerradas, e o seu muro.
Deu-nos os mais sentidos differentes,
Os braços, mãos, os pés, olhos e ouvidos,
Para poder obrar mais diligentes,
Mas uma lingua só entre os sentidos,
É esta a medida nossa a mais pequena,
Que deu aos animaes cá conhecidos.

Bento. Tudo nos culpa e tudo nos condemna,
O premio é vil, o cargo mui pesado,
E mais certa que tudo é delle a pena.
Ouvi ao sengo um conto mui gabado
De um antigo pastor, que sempre andava
Na montanha, sem mais que o seu cajado:
Um dia o encontrou um que o buscava
Era-lhe amigo puro, e sem falsia,
D'alma e quiçais com lagrimas, fallava.
Ah! deixa, deixa os matos, lhe dizia,
Não tragas sempre a vida neste aperto,
Com feras desiguaes em companhia.
Não te espantes (responde) amigo certo
De vêr, que busco os feros animaes,
Que parece da vida um desconcerto:
Tem dentes e unhas, armas naturaes,
Para offender-me a vida duvidosa,
E os homens tem a lingua alem das mais.
Arma mais que outras armas perigosa,
Tem veneno mortal, que ás almas chega,
E esta menos que as outras ociosa.
Ah! vil murmuração captiva e cega,
Quem te ama, quem te serve, quem te estima
A que inferno immortal sua alma entrega.
Qual corta o ferro frio a subtil lima,
Qual a agua a pedra dura murmurando,
E qual a traça os trajos mais de estima,

Qual a vibora a mãe desentranhando,
Assim o proprio peito aonde te geras,
Quando os alheios cortas vás cortando.
Quão mal, Serrano amigo, tu disseras,
Que para se atalhar algum perigo,
Fugissemos dos homens para as féras.

Serrano. A lagarta, a ferrugem come o trigo,
E cada fruito que produz a terra,
Tambem cria entre si outro inimigo.
A lingua é como a lança, e nenhum erra,
Que nasceu d'entre nós, e á similhança,
Se fizeram as lanças para a guerra.
Quem lhe póde fugir, se a tudo alcança?
E mais ao longe fere, e ao direito,
Do que setta, arcabuz, espada e lança.
Quanto damno nos faz! quanto tem feito?
Nos montes, nas aldeias, nos logares,
Sem interesse, gosto e sem respeito?

Bento. Ouve, Serrano, um pouco se mandares
Que assomam dous pastores pela enfesta,
Que devem vir já agora dos folgares.
Contar-nos-hão da lucta e mais da festa.

. . . .
. . . .

Gonçalo. Da lucta contarei, tu dize o mais,
Pois te cabe por gosto, e por direito.
Serrano e Bento já viram signaes
De teu canto levares hoje o preço,
Já o tens de costume em festas taes.
Em fim deixando o vodo do começo,
Danças, gritas, follas dos pastores,
Que de varias e muitas já me esqueço,
Foram Dino, e Montano os luctadores,
Cada qual do seu cabo levou tres,
Da serra os mais dispostos e os melhores,
Tangem-se as gaitas uma e outra vez,
Põem no terreiro a boa da fogaça,
Que nunca neste vodo tal se fez.
Despem-se os dous, rodeiam logo a praça,
Eis um se chega, eis outro se apartava,
Commettendo por geito e por negaça.

Arcou Dino primeiro, e não chegava,
Quando a Montano lhe arma uma travessa,
Que imaginei então que o derrubava.
Se não quando chegando o arremessa
De si com tanta força, e tanta ira,
Que lhe valeu soltar-se bem depressa.
Tornam de novo á guerra (quem os vira!)
Como os nossos almalhos com ciume,
Da juvenca, que a vel-os se não vira!
Os olhos mostram sangue, e ferem lume,
As mãos tremendo, e o rosto traspassado,
Cada qual teme, e cada qual presume.
Remettem, pegam, arcam, e abraçado
Ficou Montano um pouco mais a geito,
Elle da parte esquerda subjugado.
Metteu-lhe então com força o pé direito,
Cae Dino e Montano juntamente
Na terra poz a mão, como eu suspeito.
Gritam de um bando, e d'outro, brada a gente,
Cobrem logo a Montano os do seu bando,
Cobrem Dino tambem mas descontente.
Os de uma, e d'outra parte estão gritando
Que foi d'ambos a quéda, e sobre o caso
Armou Vicente brigas com Fernando.
Pediu Corino então, por não dar azo
A móres desavenças, que o julgassem,
E poz da causa até Domingo o prazo.
Mandou a Gil e a Delio que cantassem,
Venceu Gil, fique a cousa para outra hora,
Que estas são já dos gados que não pascem.

Bento. Muito me contas, já me peza agora,
De não me achar presente na contenda.

Gonçalo. Se tu cantáras outra cousa fôra.
Mas já não póde ter esse erro emenda,
De Ignez me peza, que estará queixosa,
Que ia hoje enfeitada de encommenda.

Bento. Ella de toda a sorte está fermosa.
Vamos que se faz tarde, e fallaremos
Na tua sorte Gil, que é mais ditosa,
Justo será que aqui della gozemos.

Serrano. Tambem da minha parte ajudarei.

Gil. E eu digo pela minha, que cantemos,
Mas que perca comvosco o que ganhei.

Cantiga

Gil.	Muda os amores Serrano, Pois se mudou Leonora.
Serrano.	Oxalá mais cedo fôra, Vira cedo um desengano.

Voltas

Gil.	Nunca vi desenganado. De seu mal tão satisfeito.
Serrano.	Já fallei como sujeito, E agora como aggravado.
Gil.	Quem te conhecêra outro anno, Como te estranhara agora.
Serrano.	Amor trocou-me n'uma hora N'outro, a elle o desengano.
Gil.	Podes tomar em vingança A que ella tomou de ti.
Serrano.	Fôra vingar-me de mim, Vingar-me n'outra mudança.
Gil.	Mil vezes ouvi Serrano, Quem se muda se melhora.
Serrano.	Pois isso fez Leonora, Melhorou-se com meu damno.
Gil.	Pragueja-se pela aldeia, Que o teu mal foi sua inveja.
Serrano.	Gil, de tudo se pragueja, Como seja cousa alheia.
Gil.	E ainda encobres, Serrano, As culpas de Leonora.
Serrano.	Por lhe não pagar agora, Com culpas um desengano.
Gil.	Então que termo e cautela, Has de ter com os que te vem,
Serrano.	Mostrar que lhe quero bem, Como quero, sem querel-a.
Gil.	Bem pode dar volta o anno E uma hora melhor d'outra hora.
Serrano.	Não creio tempos já agora, Que dei fé ao desengano.

Obras Politicas, Moraes e Metricas do insigne Portuguez Francisco Rodrigues Lobo, Lisboa, 1723—Egloga 6.ª, pag. 633.

IDYLIO

A Manhã

A rosada manhã serena desce
Sobre as azas do Zephyro orvalhadas
Um crystallino aljofar resplandece
Pelas serras de flores marchetadas:
Fugindo as lentas sombras dissipadas
Vão em subtil vapor, que se converte
Em transparentes nuvens prateadas.
Saúdam com sonora melodia
As doces aves na frondosa selva
O astro, que benefico alumia
Dos altos montes a florida relva!
Uma a cantiga exprime modulada
Com suave gorgeio, outra responde
C'os brandos silvos da garganta inflada;
Como os raios partindo do horisonte
Ferem brilhando com diversas côres
As claras aguas da serena fonte.
  Salve, benigna luz, que os resplandores
Qual perenne corrente crystallina,
Que do viçoso prado anima as flôres
Diffundes da celeste azul campina
Vivificando a lassa natureza,
Que no seio da noite tenebrosa
O moribundo somno tinha preza.
  Como alegre desperta, e radiosa,
De encantos mil ornada se levanta,
Qual do festivo leito a nova esposa!
A mesma annosa, carcomida planta
C'o matutino orvalho reverdece.
A humida cabeça ergue viçosa
A flor, que rociada resplandece,
E risonha perfumes vaporando
Embalsamando vae o ar sereno.
De mil insectos um volatil bando
Errando gira pelo prado ameno,
E com brando sussurro de alegria
O astro louva do nascente dia.

Um verdejando voa, e reverbera
Da esmeralda o reflexo scintillante:
Em outro brilha da estrellada esphera
A bella côr azul; outro douradas
Mostra as ligeiras azas delicadas.
A formosa plumagem sacudindo,
O suberbo pavão do bosque espesso,
Respirando alegria, vem saindo,
Da luz os novos raios vae buscando,
Do Iris representa varias côres
Da longa cauda um circulo formando:
Volta a cabeça de um, e de outro lado,
Por vêr brilhar os tremulos reflexos,
Que nas pennas lhe accende o Sol dourado.
Resplandecente Aurora, mãe do dia,
Que vens de frescas rosas coroada,
Encher o vasto mundo de alegria!
Sol luminoso, que raiando brilhas
Ás leis do Creador obediente,
Vens fecundar da terra as maravilhas,
Obras da sabia mão omnipotente!
Sombra triste do somno tenebroso,
Dos olhos dos mortaes foge ligeira,
Deixa que o esplendor maravilhoso
Possam vir contemplar da luz primeira,
E que á vista dos raios matutinos,
Que uma scena descobrem de portentos,
De prazer cheios, mil sagrados hymnos
Mandem nas azas dos ligeiros ventos.
Porque soem por toda a redondeza
Os louvores do Auctor da natureza.

Obras de Domingos dos Reis Quita. 1831 — tom. 1.º, pag. 165.

PISCATORIA

Arde por Galatêa, branca e loura,
Sereno, pescador pobre, forçado
D'uma estrella, que quer á mingua moura.

Os outros pescadores tem lançado
Nos Tejo as redes; elle só fazia
Este queixume ao vento descuidado:
«Quando virá (formosa Nympha) um dia,
Em que te possa dar a conta estreita
Desta doudice triste e vã porfia?
Não vês, que me foge a alma, e que m'engeita,
Buscando em um só riso dessa boca,
Nos teus olhos azues mansa colheita?
Se ao teu esprito alguma magua toca,
Se d'amor ficar nelle uma pégada,
Que te vae Galatêa, nesta troca?
Dar-te-hei minh'alma: lá ma tens roubada:
Não ta demandarei: dá-me por ella
Uma só volta d'olhos descuidada.
Se muito te parece, e minha estrella
Não consentir ventura tão ditosa,
Dou-te as azas do Amor perdidas nella.
Que mais te posso dar, Nympha formosa,
Inda que o mar d'aljofar me cubrira
Toda esta praia leda e graciosa?
Amansam-se ondas, quebra o vento a ira:
Minha tormenta só nunca socega;
O meu peito arde em vão, e em vão suspira.
Anda no romper d'alva a nevoa cega
Sobre os montes d'Arrabida viçosos,
Em quanto o solar raio lhes não chega.
Eu, vendo apparecer outros formosos
Raios, que a graça e côr ao Ceu roubaram,
Se os olhos cegos vi, vejo saudosos.
Quantas vezes as ondas se encresparam
Com meus suspiros! quantas com meu pranto
As fiz parar de magoa e me escutaram!
Se na força da dôr a voz levanto,
E ao som do remo, que agua vae ferindo,
Perante a Lua meu cuidado canto;
Os maviosos delphins m'estão ouvindo;
A noite socegada; o mar callado:
Tu só foges d'ouvir-me, e te vás rindo.
Estranhas, porventura, o mar cercado
Da fraca rede; a barca ao vento solta;
E um pobre pescador aqui lançado?
Antes que o Sol no Ceu cerre uma volta

Se póde melhorar minha ventura,
Como a outros succede, n'agua envolta.
  Igual preço não é da formosura
D'ouro a areia, que o rico Tejo espraia,
Mas um amor, que para sempre dura.
  Vejam teus olhos (bella Nympha) a praia;
Verás teu nome na mimosa areia.
Nunca sobre elle o mar com furia saia!
  Vento algum até'gora o não salteia;
Tres dias ha que escripto aqui o deixou
Amôr, e o véda a toda força alheia.
  Elle com suas mãos proprio ajudou
A escolher estas conchas, affirmando
Que o Sol para ti só as matizou.
  Um ramo te colhi de coral brando:
Antes que o ar lhe désse, parecia
O que de tua boca estou cuidando.
  Ditoso se o soubesse inda algum dia!

Obras de Luiz de Camões. 1852 — tom. 2.º, pag. 244.

GENERO DRAMATICO

TRAGEDIA

CASTRO

ACTO II

Scena I

El-Rei D. Affonso

Oh! sceptro rico, a quem te não conhece,
Como és fermoso e bello! e quem soubesse
Bem quão differente és do que promettes,
Neste chão que te achasse, quereria
Pisar-te antes c'os pés, que levantar-te.
Não louvo os que se louvam por imperios
A ferro, sangue, e fogo destruirem,

O seu proprio estendendo: mas aquelles
(Ó grandeza espantosa, e animo livre!)
Que tendo-os muito grandes, os deixaram.
Mór alteza, e mór animo é as grandezas
Desprezar, que acceitar: e mais seguro
A si cada um reger, que o mundo todo.
O resplendor deste ouro nos engana.
E é terra em fim, é terra a mais pesada.
De uma alta fortaleza estamos sempre
Postos por atalaias á fortuna:
Por escudos do povo, offerecidos
A receber seus golpes; não fazel-o
É usar mal do sceptro, e bem fazel-o
É não ter vida mais segura, e certa,
Que quanto estes perigos nos promettem.
. . . .
. . . .

(Rei aos conselheiros depois de haver assentido á morte de D. Ignez de Castro)

I-vos apparelhar que em vós me salvo.
Senhor, que estás nos Ceus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minh'alma, não se cegue
No perigo, em que está: não sei que siga.
Entre medo e conselho fico agora:
Matar injustamente é gran crueza.
Soccorrer a mal publico é piedade.
D'uma parte receio, mas d'outra ouso.
Oh! filho meu que queres destruir-me!
Ha dó desta velhice tão cansada:
Muda essa pertinacia em bom conselho.
Não dês occasião para que eu fique
Julgado mal na terra, e condemnado
Ant'aquelle gran Juiz, que está nos Ceus.
Ó vida felicissima, a que vive
O pobre lavrador só no seu campo,
Seguro da fortuna, e descansado,
Livre destes desastres, que cá reinam!
Ninguem menos é Rei, que quem tem reino.
Ah! que não é isto estado, é captiveiro
De muitos desejado mas mal crido,
Uma servidão pomposa, um gran trabalho
Escondido sob nome de descanso.

Aquelle é Rei sómente, que assi vive
(Inda que cá seu nome nunca s'ouça)
Que de medo, e desejo e d'esperança
Livre passa seus dias. Ó bons dias!
Com que eu todos meus annos tão cansados
Trocara alegremente. Temo os homens,
Com outros dissimulo: outros não posso
Castigar, ou não ouso. Um Rei não ousa.
Tambem teme seu povo: tambem soffre.
Tambem suspira e geme, e dissimula.
Não sou Rei, sou captivo: e tão captivo
Como quem nunca tem vontade livre.
Salvo-me no conselho dos que creio,
Que me serão leaes: isto me salve,
Senhor, comtigo: ou tu me mostra cedo
Remedio mais seguro, com que viva
Confórme a este alto estado, que me déste.
E me livra algum tempo antes que moura,
De tanta obrigação, pera que possa
Conhecer-me melhor, e a ti voar
Com mais ligeiras azas do que póde
Uma alma carregada de tal peso.

Poemas lusitanos do Doutor Antonio Ferreira. Lisboa, 1598—fl. 215 v. e fl. 218.

ACTO V

Infante, Messageiro

Infante. Outro Ceu, outro Sol me parece este
Differente daquelle, que lá deixo
D'onde parti, mais claro e mais fermoso.
Onde não resplandecem os dous claros
Olhos da minha luz, tudo é escuro.
Aquelle é só meu Sol, a minha estrella,
Mais clara, mais fermosa, mais luzente
Que Venus, quando mais clara se mostra.
Daquelles olhos s'alumia a terra,
Em que sombra não ha, nem nuvem escura:
Tudo alli é tão claro, que té a noite

Me parece mais dia, que este dia.
A terra alli s'alegra, e reverdece
D'outras flôres mais frescas e melhores.
O Ceu se ri, e se doura differente
Do que neste horisonte se me mostra.
O suberbo Mondego com tal vista
Parece que ao gran mar vae fazer guerra.
D'outros ares respira alli a gente,
Que fazem immortaes os que lá vivem.
O Castro, ó Castro, meu amor constante!
Quem me de ti tirar, tire-me a vida.
Minh'alma lá ma tens, tenho cá a tua.
Morrendo uma destas vidas, ambas morrem.
E havemos de morrer? póde vir tempo
Que ambos nos não vejamos? nem eu possa,
Indo buscar-te, ó Castro, achar-te lá?
Nem achar os teus olhos tão fermosos,
De que os meus tomam luz, e tomam vida?
Não posso cuidar nisto, sem os olhos
Mostrarem a saudade, que me fazem
Tão tristes pensamentos. Viviremos
Muitos annos, e muitos: viviremos
Sempre ambos nest'amor tão doce, e puro.
Rainha te verei deste meu Reino
D'outra nova corôa coroada
Differente de quantas coroaram
Ou de homens, ou mulheres as cabeças.
Então serão meus olhos satisfeitos:
Então se fartará da gloria sua
Est'alma que anda morta de desejos.

O Messageiro annuncia ao Infante a morte de D. Ignez

Que direi? Que farei? que clamarei?
Ó fortuna! ó crueza! ó mal tamanho!
O minha Dona Ignez, ó alma minha,
Morta m'és tu? morte houve tão ousada
Que contra ti podesse? ouço, e vivo?
Eu vivo e tu és morta? ó morte crua!
Morte céga mataste minha vida,
E não me vejo morto? abra-se a terra,

Sorva-me n'um momento: rompe-s'alma,
Aparte-se de um corpo tão pesado,
Que m'a detem por força.
Ah! minha Dona Ignez, ah! ah! minh'alma!
Amor meu, meu desejo, meu cuidado,
Minh'asperança só, minha alegria,
Mátaram-te? mataram-te? tua alma
Innocente, fermosa, humilde e sancta
Deixou já seu logar? ah! de teu sangue
S'encheram as espadas? de teu sangue?
Que espadas tão crueis, que crueis mãos!
Ah! como se moveram contra ti?
Como tiveram forças, como fios
Aquelles duros ferros contra ti?
Como tal consentiste, Rei cruel?
Imigo meu, não pae, imigo meu!
Porque assim me mataste? ó leões bravos!
O tigres! ó serpentes! que tal sede
Tinheis deste meu sangue! porque causa
Vós não vinheis em mim fartar vossa ira?
Matareis-me, e vivera. Homens crueis,
Porque não me matastes? meus imigos.
Se mal vos merecia em mim vingareis
Esse mal todo. Aquella ovelha mansa
Innocente, fermosa, simples, casta,
Que mal vos merecia? mas quizestes
Como imigos crueis buscar-me a morte
Não da vida, mas d'alma. O Ceus, que vistes
Tamanha crueldade, como logo
Não caistes? O montes de Coimbra,
Como não sorvestes taes ministros?
Como não treme a terra e s'abre toda?
Como sustenta em si tão gran crueza?

Messageiro. Senhor, para chorar fica assás tempo;
Mas lagrimas que fazem contra a morte?
Vae ver aquelle corpo, vae fazer-lhe
As honras que lhe deves,

Infante. Tristes honras!
Outras honras, senhora, te guardava;
Outras se te deviam. O triste! triste!
Enganado, nascido em cruel signo,
Quem m'enganou? ah! cégo, que não cria
Aquellas ameaças! mas quem crêra

Que tal podia ser?
Como poderei ver aquelles olhos
Cerrados pera sempre? como aquelles
Cabellos já não de ouro, mas de sangue?
Aquellas mãos tão frias, e tão negras,
Que antes via tão alvas e fermosas?
Aquelles brancos peitos traspassados
De golpes tão crueis? aquelle corpo,
Que tantas vezes tive nos meus braços
Vivo, e fermoso, como morto agora,
E frio o posso ver? ai! como aquelles
Penhores seus tão sós! O pae cruel!
Tu não me vias nelles? meu amor
Já me não ouves? já não te hei de ver?
Já te não posso achar em toda a terra?
Chorem meu mal commigo quantos m'ouvem.
Chorem as pedras duras, pois nos homens
S'achou tanta crueza. E tu Coimbra,
Cobre-te de tristeza para sempre,
Não se ria em ti nunca, nem s'ouça
Senão prantos, e lagrimas: em sangue
Se converta aquella agua do Mondego.
As arvores se sequem, e as flores.
Ajudem-me a pedir aos Ceus justiça
Deste meu mal tamanho.
Eu te matei, senhora, eu te matei.
Com morte te paguei o teu amor:
Mas eu me matarei mais cruelmente
Do que te a ti mataram, senão vingo
Com novas crueldades tua morte.
Par'isto me dá Deus sómente vida.
Abra eu com minhas mãos aquelles peitos,
Arranque delles uns corações féros,
Que tal crueza ousaram: então acabe.
Eu te perseguirei, Rei meu imigo.
Lavrará muito cedo bravo fogo
Nos teus, na tua terra, destruidos
Verão os teus amigos, outros mortos,
De cujo sangue s'encherão os campos,
De cujo sangue correrão os rios,
Em vingança daquelle: ou tu me mata,
Ou fuge da minh'ira, que já agora
Te não conhecerá por pae. Imigo

Me chamo teu, imigo teu me chama.
Não m'és pae, não sou filho, imigo sou.
Tu, senhora, estás lá nos Ceus, eu fico
Em quanto te vingar: logo lá vou.
Tu serás cá Rainha, como fôras.
Teus filhos, só por teus, serão Infantes.
Teu innocente corpo será posto
Em estado Real: o teu amor
M'acompanhará sempre, té que deixe
O meu corpo c'o teu; e lá vá est'alma
Descansar com a tua para sempre.

O mesmo — fl. 232 v.

CATÃO (257)

ACTO IV

Scena III

Catão, Marco-Bruto, etc.

. . . .

. . . .

Catão. —Um tyranno é, sem duvida, na terra
O malvado maior: mas nem por isso
Te é licito punil-o. Magistrados
Que o julguem, leis que o punam,—com algozes
Para as executar, tem a republica.
Usurpas tambem tu se em juiz privado
De publicas offensas te institues.

Marco-Bruto. Mas uma lei, ó pae, tu me ensinaste
Que sobre todas respeitar se deve:
Mais veneranda e antiga m'a dizias
Que todas essas leis,—que plebiscitos,
Que senatus-consultos,—em mais clara
Equidade fundada do que o Album
Do pretorio,—gravada n'outro bronze
Mais duravel que as tabuas dos Decemviros; (267)

Lei das leis, immutavel e suprema,
—A da salvação publica.

Catão. O difficil
É conhecer, meu filho, quando a força
Dessa maxima lei quebra a das outras;
Quando o feito que é injusto, opposto a ellas,
A salvação da patria o revalida.
—Em meus primeiros dias, no ingenuo
Despertar de innocente puberdade,
Me levaram, ó Marco, aos sanguinosos
Paços de Sylla.—(De meu pae amigo (268)
Fôra o monstro.)—Inda as carnes se arripiam
C'o presente espectaculo que tenho
Diante dos olhos,—do cruor esparso,
Dos palpitantes membros estrangulados,
Dos tabescentes, lividos cadaveres
Nas cruzes pelos atrios;—a viuva
Gemendo alem, carpindo o orphão—e o torvo
Aspecto, o feroz riso dos ministros
Do tyranno, apupando com motejos
As sanguentas cabeças dos mais nobres.
Mais illustres varões que Roma tinha,
E que hasteadas em triumpho hediondo
De atroz pompa levavam...Vista horrivel!
E...inda mais de indignar! e mais ainda
As trementes entranhas me excitava,
O ver, o ouvir as turbas circumstantes
Devorando seus tremulos gemidos,
Disfarçando,—cobrindo a face pallida,
Que lhes não vissem a furtiva lagrima!
E a mão, que stringir devia o ferro,
E que talvez segura no mais rijo
Da batalha o brandira,—mal ousava
De ir, co'a orla da toga, a medo e trepida,
Aos olhos que alma timida arrasava
De feminino pranto...—O que é o povo!
O que são homens!—Hontem expulsastes
A Coriolano porque ousou negar-vos
Os baldios communs: hoje fugindo
Abandonaes á furia dos patricios
Graccho que vol-os dava!—E agora... O intimo (269)
D'alma joven, ardente me anciava
C'o spectaculo féo e vil.—«E como

(Disse a meu pedagogo) como em Roma
«Não ha quem mate Sylla?» — «Não (me torna
Branco de medo o velho), não; detestam-n'o:
Mas temem-n'o inda mais.» — E porque (cégo
De ira lhe respondi) porque uma espada
«Me não dás, que o vou eu matar — e livro
«A patria?» — A grande custo me conteve,
E me levou d'ali o ancião prudente;
Nem lá voltamos. — Vinha de bom animo
A tenção: mas que importa! Mario ahi estava (270)
Para inutilizar o feito ardido,
Se meu infante braço o executára.
— Ah! que fructo da patria ao bem resulta
Com lhe ficar um despota de menos?
Vanglorioso do golpe que vibraste,
Cuidas que o monstro feneceu com elle?
Enganas-te: as cem frontes dessa hydra
Do seu proprio veneno reproduzem;
Por uma que decepas, mil te surgem;
Mal, que julgavas ter de todo extincto,
Então se aggrava mais.

Marco-Bruto. Que! socegados
Veremos ingolphar no abysmo a patria,
E tranquillos no meio da procella,
Vel-a-hemos assim ir-se affundando
No mar da escravidão! Anciada embora
Supplices mãos extenda aos filhos caros;
Que os virtuosos filhos não se atrevem
A perpetrar o crime de salval-a...
É virtude — confesso — que me admira,
Que jamais conheci.

Catão. Na tua edade
Respeitam-se os anciãos, ouve-se e apprende-se.
Mancebo, escuta: — Libertar a patria,
E dar pelo resgate a propria vida,
Não é mais que dever: grande heroismo,
Acções de gloria, n'isso não as vejo:
O homem que assim obrou foi homem de honra,
Cumpriu sua obrigação. — Mas outros meios
Tem de empregar mais certos, mais seguros,
Quem se abalança a empreza tam difficil,
Se baldos não quer ver cuidado e riscos.
Desaffogar a patria de um tyranno,

É transitorio allivio: empeora a miudo
C'o esse remedio o mal; tens cem tyrannos
Em vez de um: nem talentos nem virtudes
Occuparão, no Estado, o grau supremo
Entre vis demagogos repartido
Por facções, por subornos, peitas, crimes.
Tincta era em sangue a purpura,—era ferreo
O sceptro do tyranno: mas as togas
Dos decemviros!... tinge-as cruor negro,
E pallidos venenos as mosquêam
De nodoas que revêem torpeza, infamia,
Flagicios!—Que lucrámos na mudança
Perigosa? Os proconsules os mesmos
Peculadores; servos os tribunos
E facciosos; avara e perdularia
A questura, roubando o derradeiro
Sestercio ao povo, a ultima drachma ao erario;
Os pretores vendendo em hasta publica (271)
A justiça;—emfim todo o mesmo vicio,
A mesma corrupção,—mais desfaçada,
Mais clara só, mais despejada.—E é esta,
É esta a liberdade que nos déstes!
E são estas decemviros, as tabuas
Da promettida lei, que tanto tempo
Levaram a gravar!—Veiu Appio-Claudio
Fazer chorar em Roma por Tarquinio... (272)

(pausa)

—Se queres libertar-nos, corta rijo,
Corta pela raiz a tyrannia,
Cerceando por abusos, profundando
Nas fistulosas ulceras do Estado,
E levando c'o balsamo o cauterio
Ao mais solapado—onde a peçonha
Do arraigado cancro tem nascença.
Depois o faxo da razão accende
Com mãos puras e limpas de interesse...
Puras!—que em dextra sordida essa têa
É labareda sem clarão,—que abraza
Sem dar luz—queima e rapida devora
Antes que um só vislumbre rompa as trevas,
Que em vez de dissipar, deixou mais crassas.

—Com elle, co'esse faxo luminoso
A teus concidadãos mostra a vereda
Que ao alcaçar conduz da liberdade,
Não coroado de espolios sanguinosos
Mas puro todo e candido como ella.
Salva-os das convulsões, da crise horrivel
Que as populares commoções arrastram;
Moderação e paz reine em teus labios;
Generoso perdôa, austero pune,
Mas pelo orgão da lei, mas só com ella.
Os pendões hastear da Liberdade
Nas amêas de horrifica Discordia,
Grito amotinador alçar aos povos
Para os deixar no cahos da anarchia
Mutuamente e á porfia destruir-se,
É querer lacerar o seio á patria
Sem jámais a salvar.

Obrás de João Baptista de Almeida Garrett. (Visconde de Almeida Garrett). Lisboa, 1840—tom. 2.º, pag. 116.

ACTO V

Scena II

Catão. Consolaste-me, Socrates:—não morre (258)
Com este corpo o espirito que o anima.
Já me não prendem duvidas; fujamos
Do vil carcere: a morte só é termo
Da vida,—da existencia não.... No intimo
D'alma o pôz Deus, o sentimento vivo
Da eternidade. Este viver continuo
D'esp'ranças, este anciar pelo futuro,
Este horror da anniquilação, e o vago
Desejo de outra vida mais ditosa,
O que são?—Indistinctas, mas seguras,
Reminiscencias de perdida patria,
E saudades de voltar a ella.
Ver-te-hei, mansão dos justos!....—O sepulchro
Não é jazigo, é estrada.—Convenceste
A minha alma, Platão: hei de encostar-me

Tranquillo e repousado no ataúde,
Como viajante reclinado á poppa
Da galé que em bonança vai singrando
Com brandos ventos para o porto amigo.

O mesmo — pag. 140.

PHEDRA

ACTO V

Scena VI

....

....

Theramene. Saindo apenas de Trezene as portas,
Ia sobre o seu carro. Afflictos guardas,
Delle em torno, imitavam seu silencio.
Triste seguia a estrada de Mycena.
Aos cavallos deixava as guias soltas:
E estes, que outro tempo tão suberbos,
Cheios de nobre ardor, lhe obedeciam,
A cabeça inclinada, os olhos tristes,
Parecem conformar-se a seus pezares.
Grito horrivel, saido d'entre as ondas,
Eis que dos ares o socego turba;
E do seio da terra, voz terrivel,
Gemendo, respondeu ao fero estrondo.
Em nossos corações gelou-se o sangue.
As crinas aos cavallos s'erriçaram.
Sobre a planicie liquida s'eleva,
Refervendo em cachões, humido monte.
A onda rola, quebra-se, e vomita
Entre montões d'escuma um monstro enorme.
Armam-lhe agudos cornos larga fronte;
Cobrem-lhe o corpo escamas amarellas,
Touro indomavel, drago furioso,
Em tortuosa volta encurva as ancas;
Aos seus longos rugidos treme a praia.
O Céu, vendo tal monstro, se horrorisa.

Move-se a terra, fica o ar corrupto,
Pasma, e recua a onda que o trouxera.
Tudo foge; e valor deixando inutil,
Cada um se acolhe ao visinho templo.
Só, digno filho d'um heroe, Hyppolyto
O carro faz parar, toma seus dardos,
Aponta á fera, e firme desparando
Rompe-lhe o lado c'uma larga ferida.
De raiva e dôr o monstro faz corcovos,
Junto aos pés dos cavallos cáe mugindo,
Rola, e lhe mostra uma garganta em chammas,
A qual de fogo os cobre, e sangue e fumo.
O medo os toma então; e esta vez surdos,
Não reconhecem nem a voz, nem freio.
Seu senhor se consume em vãos esforços.
Tingem os freios com sanguinea espuma.
Diz-se que um Deus se viu neste conflicto,
Aguilhoar-lhe os polvorosos flancos,
De pavor correm atravez das fragas.
Range, e quebra-se o eixo. O bravo Hippolyto
Seu carro vê voar feito pedaços,
Cáe, e fica nas redeas enlaçado.
Desculpae minha dôr. Tão triste imagem
Será do pranto meu eterna causa.
Vosso filho infeliz vi arrastado
Pelos proprios cavallos que criára.
Quer socegal-os e da voz se espantam.
Correm. Fica seu corpo uma só chaga.
Nossos gritos retumbam na campina.
Afrouxa emfim seu fogo impetuoso.
Param não longe dos antigos tumulos,
Que dos Reis seus Avós as cinzas fecham.
Afflicto corro lá, seguem-me os guardas.
De seu sangue os vestigios nos são guia.
Elle tinge os rochedos; e os abrolhos
Os despojos retem de seus cabellos.
Então chego e lhe brado; a mão m'estende,
Abre, e cerra para sempre os mortaes olhos;
O Ceu, diz, me tirou vida innocente.
Toma a ti, caro amigo, a triste Aricia.
Se algum dia meu pae desabusado
Chorar d'um filho a sorte não merecida,
Para meu sangue applacar, sombra queixosa,

Dize que com amor tracte a captiva,
Que lhe entregue.... E aqui o heroe já morto,
Deixou nos braços meus o corpo informe,
Triste objecto da colera dos Numes,
E que seu mesmo pai não conhecêra

Traducção da tragedia de Racine por Sebastião Francisco de Mendo Trigozo. Lisboa, 1843.

COMEDIA

THEATRO NOVO

Scena VI

Aprigio Fafes, Aldonsa e Branca (filhas de Aprigio), Arthur Bigodes (Mineiro), Jofre Gavino (Musico e Mestre de Aldonsa), Inigo (Actor), Gil Leinel (Poeta), Braz (Licenciado), Monsieur Arnaldo, (Architecto).

....
....
....

Aprigio. Sentemo-nos, Senhores:
Que grave tribunal! Que magestoso!
Mal sabe o mundo agora, que pendente
Deste conclave está o seu destino.
Oh! quanto, amada patria, quanto deves
A teu bom cidadão Aprigio Fafes,
Suando, e tressuando por salvar-te
Do pelago profundo da ignorancia,
Onde pobre jazias, atolada
Entre pessimos Dramas corriqueiros!
Deste cano real hoje te saco,
Qual saca o Gandaeiro um prego torto
D'entre os chixelos velhos da enchurrada.

Gil. Senhor Aprigio Fafes, isto é tarde,
E eu tenho que fazer: vamos ao poncto.

Aprigio. Sim, Senhor, sim, Senhor: o caso é este:
E bem o sabeis vós ha quanto tempo

Que eu desejo fundar um bom Theatro:
Agora que a Fortuna me depara
Feliz occasião de executal-o
Com o favor alli de meu Compadre,
É preciso ajunctar a sarabanda,
Repartir os papeis escolher obra,
As vistas idear, e celebrarmos
Com solemne escriptura este contracto.

Gil. Senhor Aprigio Fafes, o Theatro
Depende, mais que tudo, do Poeta:
Que fazem bastidores, e instrumentos
Sem dramas regulares? Uma boa,
E perfeita Tragedia, inda despida
Da magnifica pompa do apparato,
Tem mais graça, e mais força, que um máu Drama
No Theatro de Rheggio, ou de Veneza,
Com suberbas tramoias recitado.

Jofre. Amigo Gil Leinel, ninguem te nega
O constante poder da poesia:
Mas quem ha de soffrer Catão, ou Dido
Do grande Metastasio, repetido (276)
Entre velhas cortinas sem orchestra?

Aprigio. Nada, nada, Senhores; desse modo
Aqui nos amanhece: todos juntos
Não podemos fallar: irá votando
Por turno cada qual, quando lhe toque.
Continua, meu Gil; diz o que entendes.

Gil. Errado vae quem julga que o Theatro
Só para divertir o povo rude,
Dos antigos poetas foi achado.
Com mais alto designio, Athenas, Roma,
E outras Cidades mil; o receberam:
Póde nelle ensinar-se á mocidade
Guardar as sanctas leis, a fé devida
Á cara Patria, ao Principe, aos amigos:
Póde nelle mostrar-se quanto é feio
O pallido semblante da Cubiça;
Da Avareza infeliz; da triste Inveja:
Mas para recolher tão grande fructo
É necessario, Aprigio, que o Poeta
Em sisuda dicção, em phrase nobre,
Com sonoroso verso torneado,
Exponha ao povo fabulas sublimes,

Tragedias, ou Comedias regulares.
Daqui venho a tirar, que no Theatro
Não devemos soffrer Drama imperfeito,
Cuja graça consiste na doçura
D'effeminada musica moderna,
Na remendada phraze de mil vozes
Barbaras, ou guindadas ou rasteiras.
Longe, longe de nós essa mania:
Restauremos o portuguez Theatro,
Desaggravando a casta lingua nossa
Dos aleives que sem rasão lhe assacam.

Aprigio. Viva o Doutor Leinel, Doutor das gentes:
Quem me dera q'o bom Goldoni ouvisse (277)
Como ronca um Poeta de Lisboa!
Agora falla Braz Licenciado.

Braz. Eu que posso dizer? Que me parece
Muito mal tudo quanto aqui se disse.
Que proveito tiramos em metter-nos
No principio em camisa de onze varas?
Tragedia é cousa que ninguem atura:
Quem ao Theatro vem, vem divertir-se,
Quer rir e não chorar; lá vae o tempo
De lagrimas comprar ás Carpideiras:
Não faltam boas Operas, Comedias
Em francez, italiano, e outras linguas,
Que póde traduzir qualquer pessoa,
Com enredo mais comico; que o povo,
Só se agrada de lances sobre lances:
Quem isto não fizer, jámais espere
Que o povo diga *bravo*, e dê palmadas.
É o voto que dou.

Aprigio. Optimamente.
Arnaldo, agora vota.

Arnaldo. Meus Senhores,
Venho ajustar o preço do Theatro;
Com Dramas não me metto: os bastidores
É só o que me toca, Porém diga,
Que regular Tragedias nas Italias
Muito ha que se não usa; que a mudança
De vistas sobre vistas; as tramoias,
Mares, incendios, dragos, e batalhas,
São cousas de que o povo se namora.
Já eu fiz em Theatros trovoadas,

Com raios e relampagos tão proprios,
Que as damas desmaiavam: era um gosto
Ver a gente fugir dos camarotes
Espantada, bradar misericordia.

Aldonsa. Negro gosto! quem póde divertir-se
Co'a pavorosa scena de um flagello?

Branca. Bom Architecto! magico parece

Aprigio. Calae-vos filhas. Vote agora Inigo.

Inigo. Muito dizer podia, pois que tenho
Experiencia bastante de Theatros;
Actor de profissão; isto me basta:
E tambem, Senhor Gil, o louro Apollo,
De commigo tractar não se envergonha:
Mas por não demorar a conferencia,
Em branco assignarei; estou por tudo.

Arthur. O cão é Mouro.

Aprigio. Inigo, desabafa;
Dize quanto souberes: falla, falla:
És a columna do Theatro novo.

Inigo. Pois se devo fallar, digo, Senhores,
Que o Theatro sem dança pouco vale;
Muito menos sem musica. Podia
Quem a gloria quizesse de primeiro,
Pôr no Theatro as Operas cantadas
Na lingua portugueza: eu aqui trago
Uma por mim composta neste gosto.
É a perda de Troia: vê-se Eneas
Sair co'o Pae ás costas: vae Ascanio
Com os caros Penates abraçado:
Arde a cidade: caem as altas torres:
Embarca a gente Phrigia: muitos annos
Por inhospito mar andam vagando,
Até que surgem no distante Lacio,
Onde Eneas a Turno tira a vida,
E casa com Lavinia. (278)

Aprigio. Bravo! Bravo!

Inigo. Tem varios duos, arias cavatinas:
Eu cuido que desbanco a Metastasio.

Branca. Agora sigo-me eu.

Aprigio. Espera Branca.
Perdôa, amigo Jofre, que a memoria
Principia a faltar-me: preterido
Por engano ficaste: e bem podias

Pedir a tua vez. Perdôa e falla.
Jofre. Em tal não reparei: eu sou sincero
Digo o que entendo; e cuido q'o Theatro
Sem musica, e sem dança nada vale:
Ha cousa mais formosa, que a ligeira
Calada pantomima, cujos gestos,
Sem auxilio das vozes, representam
Reconditas paixões, mudos suspiros,
Que entende o coração, ouvem os olhos?
Que melhor espectaculo, que os leves;
Grandes saltos mortaes? que vêr nos ares
Bater c'os calcanhares oito vezes,
Torcer o corpo, e revirar os braços?
Mas nunca votarei em que façamos
Opera em Portuguez, toda cantada:
Para tanto não é a lingua nossa:
Algumas arias, duos, recitados
Se podem tolerar; o mais em prosa:
Para o Theatro nós não temos verso.
Aprigio. Fallas como um Catão, Que dizes Branca?
Branca. Eu sou de parecer, que só se façam
As portuguezas Operas impressas:
Encantos de Medéa; Precipicios
De Phaetonte; Alecrim e Mangerona: (279)
Em outras nunca achei galanteria.
Aprigio. Esse voto era digno de mais annos.
A ti, amigo Arthur, que te parece?
Arthur. Que podem parecer-me taes loucuras?
Estou tonto de ouvir estes Senhores!
Parece-me que estou entre Paulistas,
Que arrotando Congonha, me aturdiam (280)
Co'a fabulosa illustre descendencia
De seus claros Avós, que de cá foram
Em jaleco, e ceroulas. Mas pergunto:
As comedias de Calderon, Mureto,
Candâmo e Salazar, isso não presta? (281)
Tem bichos, meus Senhores? Tanta gente,
Imperadores, Reis, Infantes, Duques,
Os Condes, e os Marquezes, q'as ouviam
Com gosto e com prazer, eram uns asnos?
Só estes, meus senhores, tem juizo?
Que Colombos e Gamas denodados,
Para achar novos climas, novos mares!

Pois digo-vos, que só se a minha Aldonsa
Fôr de contrario voto, o meu dinheiro
Servirá para as barbaras ideias,
De que prenhes trazeis essas cabeças.

Aprigio. Aldonsa, minha Aldonsa, que nos dizes?

Aldonsa. Eu digo, que me louvo no teu voto.

Gil. Falla, formosa Aldonsa, tu bem sabes
Quaes são as leis e regras do Theatro.

Aldonsa. Não acceito a lisonja; porém digo,
Q'em fim approvo quanto tu votaste.

Aprigio. Eu tenho dous votos, digo o mesmo.

Arthur. Acabou-se a questão; vivamos todos.

Aprigio. Agora, amigo Gil, que obra faremos?

Gil. Eu tenho varios Dramas traduzidos
De Sophocles, d'Euripedes, Terencio. (282)

Aprigio. Nada de Grego, nada: fóra, fóra:
Sempre te ouvi dizer, que elles não tinham
Os lances amorosos de que gosta
O povo portuguez.

Gil. Queres a Castro
Tragedia do Ferreira?

Aprigio. Deus me livre!
Amigo Gil Leinel, eu desejava
Um Drama teu: conheço nesses olhos
A suave ternura de teus versos.

Gil. Pois, amigo, encetêmos o Theatro
Com a minha *Iphigenia*.

Aprigio. Bello nome!
Isso é que eu chamo titulo arrogante;
E que em vermelhas lettras, nas esquinas
Ha de pescar curiosos a cardumes.
Repartam-se os papeis; vamos a isso.

Gil. Iphigenia, será Aldonsa bella.

Aldonsa. É extenso o papel?

Gil. Não; é pequeno.
O senhor Jofre seja Achilles: seja...

Arthur. Espere; tenha mão, senhor Poeta;
Veja como reparte essas garrochas,
O primeiro Galan a mim me toca.

Gil. Não póde ser Galan; ha de ser Barbas.

Arthur. Eu Barbas! Eu que empresto o meu dinheiro?
E que tem o dinheiro co'a figura?
Um velho nunca póde ser mancebo.

Arthur. Senhor Poeta Gil, faça-me graça,
E ponha-se na rua.

(Levantam-se todos.)

Aprigio. Arthur.... amigo....
Onde está a prudencia desses annos?
Arthur. Quaes annos. *Antes que todo es mi Dama:*
Aldonsa, não a largo; tenho dito.
Jofre. Que tal, senhora Aldonsa?
Aldonsa. Escuta, Jofre.
Branca. Senhor Arthur Bigodes, não se engrile;
Será o que quizer: quer ser Achilles?
Braz. Arnaldo amigo, vamo-nos çafando,
Que isto não pára aqui.
Arnaldo. É gente douda

(Vão-se os dous.)

Scena VII

Aprigio. Oh! paz, serena paz! Que nos deixaste,
E abrindo as brancas azas te sumiste!
Inspira-me palavras com que possa
O velho socegar encarniçado.
Amigo Arthur Bigodes, que me perdes!
Arthur. Queria o Doutor Gil, esse barbicas,
Poeta bordalengo, defraudar-me
D'ametade de mim! Fóra c'o talho!
Inigo. Jofre amigo, despede-te de Aldonsa.
Gil. Amigo Aprigio Fafes, eu attendo
Ao respeito devido á tua casa;
Por isso não respondo a taes injurias.
Arthur. Adeus senhor Poeta; faça versos
Ás moças do seu bairro; não se metta
A padre cura de outra freguezia.
Gil. Senhor Arthur Bigodes, fallaremos.

(Vae-se.)

Scena VIII

. . . .
. . . .

Arthur. Amigo Aprigio Fafes, de Theatro
Bem te podes deixar; assás nos bastam
Os Theatros, que temos em Lisboa:
Nem tudo ha de ser Operas ou Comedia.
Eu caso com Aldonsa, e doto Branca:
O noivo, lá o busca; pois conheces
Os bonifrates de chapeo pequeno,
De rabicho, e casacas estiradas,
De que gostam as moças deste tempo.

. . . .
. . . .
. . . .

Aprigio. Inda o Fado não quer, inda não chega
A epoca feliz e suspirada,
De lançar do Theatro alheias Musas,
Vós, Manes de *Ferreira*, e de *Miranda*:
E tu, ó *Gil Vicente*, a quem as graças
Embalaram o berço, e te gravaram
Na honrada campa o nome de Terencio;
Esperae, esperae, qu'inda vingados,
E soltos vos vereis do esquecimento.
Illustres Portuguezes, no Theatro
Não negueis um logar ás vossas Musas;
Ellas, não as alheias, publicarão
De vossos bons Avós os grandes feitos,
Que eternos soarão em seus escriptos:
E podeis esperar paga tão nobre,
Se detestando parecer ingrato,
Lhes defenderdes o paterno ninho,
E quizerdes com honra agazalhal-os.

Obras Poeticas de Pedro Antonio Correia Garção. Lisboa, 1778 — pag. 206.

A ASSEMBLÉA OU PARTIDA

Scena I

Braz Carril e Gil Fustote

Braz. Entendes, Gil Fustote, o que te digo?
Gil. Entendo, entendo: dizes que partida
Hoje em casa terás ou assembléa;
Amigo Braz Carril, estas galhofas,
Jantares e merendas são o fructo
Da reloucada teima de fidalga
Com que tua mulher sagaz te enloixa,
Ou te embrulha na rede em que perneias:
Compaixão, grande compaixão me deves,
Partidas! Assembléas! que mania!
Braz. E chamas tu mania, Gil Fustote,
O viver como vive a gente séria
Hoje em Lisboa? grandes e pequenos
Todos querem gozar das suas delicias,
Do suave prazer da companhia.
Gil. Sem esses bons prazeres e delicias
Nossos avós, e nossos paes viveram
Fartos, alegres, ricos e contentes.
Braz. Ora já que traziam retorcidos
Os grizalhos bigodes; estirada
A esqualida guedelha; no pescoço
Crespas golilhas; gorra na cabeça;
As calças retalhadas e pantufos; (284)
Não tragas tu casaca e cabelleira,
Nem ates com fivelas os sapatos.
Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes.
Não vês no frio inverno ao tronco annoso
Cair-lhe as murchas cans, e quando torna
A fresca primavera verdejarem,
Cubertos de mil folhas, novos ramos?
Assim as modas são, assim os usos:
E devemo-nos todos sujeitar-nos
A tão perpetuas leis da Natureza.

Gil. Amigo, amigo, estás perdido... doudo...
Braz. Com os olhos abertos.
Gil. Não t'o invejo,
Nem quero governar a casa alheia:
Fica-te em paz com tuas assembléas,
Pódes sem mim fazer a synagoga.
Braz. Caro Fustote, espera que não posso...
Gil. Eu não canto, nem sou árreburrinho:
Pouco gosto de chá, menos de jogo:
Falta cá não farei: adeus, amigo.
Braz. Espera, espera, podes divertir-te,
Ouvindo duas arias, temos doce,
E doce delicado se quizeres.
Gil. Não caio nesse anzol.
Braz. Meu Gil Fustote.
Espera, escuta...
Gil. Dize, que mais queres?
Braz. Eu queria pedir-te algum dinheiro,
Porque estou sem real: olha em que dia!
Gil. Pois a perpetua lei da Natureza,
Que murcha as folhas, e que traz partidas,
Não dá tambem dinheiro para o gasto?
Braz. Amigo Gil Fustote, eu pouco peço;
Dá-me sequer, seis mil e quatrocentos:
Acode-me; e conforme o nosso ajuste,
Sete e duzentos lançarás na conta.
Gil. Seis mil e quatrocentos! Quem m'os dera!
Não me pagam tão bem os meus foreiros:
E a divida vae já de foz em fóra.
Braz. Oito mil réis porás.
Gil. Isso é perder-te.
Braz. Qual perder-me.
Gil. Amigo, eu não podia;
Mas vejo o grande aperto... Toma... escuta:
Eu chamo a Deus dos Ceus por testemunha
Sem juro te levar, sem interesse
De tão forçosa vexação remir-te;
E que o pouco que mandas que accrescente
Á nossa conta, é dado, e não por força,
Sim, de livre vontade. Adeus, amigo,
Que vou vestir-me, e logo torno.

(Vae-se.)

Scena II

Braz sómente

Tenho
Para sequilhos, chá, café e cartas,
Falta só para luzes. Que remedio!
Recorro ao coscorrinho da senhora,
Que é fonte limpa. D. Urraca... Urraca.

(Cantando.)

Scena III

Braz e Urraca

Urraca. Assim se chama, Braz, uma fidalga?
Braz. Perdôa, filha, que hoje não me lembro
Nem de excellencias, nem de senhorias:
Mandando á via estou a nau ronceira
Com vento escasso, e com estofas aguas.
Urraca. O rato sempre foge para a palha;
E preto velho não aprende lingua.
Braz. Que vens a dizer nisso? que me esqueço
De etiquetas, mesuras, cerimonias,
E mais ritos e leis da fidalguia,
Com que queres, Urraca, ser tractada?
Ou entendes que meus progenitores
Descendem de outro Adão, e que não foram
Por seus honrados feitos estimados,
Bons vassallos fieis e servidores?
Urraca. Tem bem que ver Carris com Azevias,
Por linha masculina descendentes
De Principes, de Reis, Imperadores,
E que até nos colchetes dos costados
Tem mitras e roquetes!
Braz. Basta, basta!
Senhora, excellentissima senhora,
D. Urraca Azevia! mas menina,
Vamos ao caso: falta para a noite
Dois arrateis de velas... Eu não posso...

Urraca. Queres, já sei pregar-me esse callote.
Braz. Não é callote, que pagar prometto.
Urraca. Quando tiverem dentes as gallinhas;
Mas para que conheças que não falto
Quando é preciso, mandarei buscal-os.
Braz. Onde mesas não ha, não ha cadeiras,
Colheres, castiçaes, pratos, bandejas,
Querer dar assembléas, e partidas,
É nadar sem bexigas.
Urraca. Mas com labia
Tudo se vence, tudo se consegue;
Porque a gente ordinaria agazalhada
Com uma tal lhaneza, facilmente
Deixa cardar a lan. Anda o dinheiro
Pelas mãos de villões contra vontade;
E, como galgo em tréla, cubiçoso
De entrar nas algibeiras de fidalgos,
Para brilhar com pompa e luzimento
Em ricas mezas, em custosas galas.
Braz. Ah! vossa senhoria ou excellencia,
É perdida entre nós: que san doutrina,
Que politicas maximas de estado,
Caindo não lhe estão por entre os dedos;
Que florente não fôra o vasto imperio
Das fulas Amazonas, se o regêra (285)
Tão gentil coração, alma tão nobre!
Urraca. Só me julga capaz de mandar gente
Tão çáfara e boçal? Negros, Tapuias? (286)
Agradeço-te, Braz, o bom conceito,
Que tu fazes de mim: bem me conheces,
Se fosse outra qualquer dessas que campam
Por lettradas, que gostam de ouvir versos,
Que os repetem, que os fazem, se l'hos fazem,
Dessas...

Scena IV

Um gallego com uma teiga, e os mesmos

Gallego. Aqui, senhor, manda meu amo
Senhor Jacob Bilhostre, o que se pede;
Vem oito castiçaes; diz que tesoura

É traste que não tem, menos de prata;
Que virá a seus pés como lhe ordena;
Que sempre estimará poder servil-o.

Braz. Vae-te, dize ao Senhor Jacob Bilhostre,
Que tudo recebi; que fica entregue.

(Vae-se o Gallego.)

Scena V

Braz e Urraca

Braz. Vejamos que taes são. Oh lá! suberbos!
Que secia, minha Urraca! Estás contente?

Urraca. Nunca vi castiçaes? Tu imaginas
Que em berço de cortiça me embalaram?
Que nasci n'um curral?

Braz. Não digo tanto;
Mas olha, são magnificos e novos.

Urraca. Na verdade são bons, mal empregados
Em casa onde bastava uma candeia;
E talvez que nem essa ella teria,
Quando cebo vendia aos Romolares
Na fétida baiúca... Mas o tempo...

O mesmo — pag. 225.

AUTO DA MOFINA MENDES (287)

Payo Vaz, Mofina Mendes, Pessival

Payo. Onde deixas a boiada
E as vaccas, Mofina Mendes?

Mofina. Mas que cuidados vós tendes
De me pagar a soldada,
Que ha tanto que me retendes?

Payo. Mofina, dá-me conta tu
Onde fica o gado meu.

Mofina. A boiada não vi eu,

Andam lá não sei per hu,
Nem sei que pascigo é o seu.
Nem as cabras não nas vi,
Samicas c'os arvoredos; (288)
Mas não sei a quem ouvi,
Que andavam ellas per hi
Saltando pelos penedos.

Payo. Dá-me conta rez e rez,
Pois pedes todo teu frete.

Mofina. Das vaccas morreram sete,
E dos bois morreram trez.

Payo. Que conta de negrura!
Que taes andam os meus porcos?

Mofina. Dos porcos os mais são mortos
De magreira e má ventura.

Payo. E as minhas trinta vitellas
Das vaccas, que te entregaram?

Mofina. Creio que hi ficaram dellas,
Porque os lobos dezimaram,
E deu olho mau por ellas,
Que mui poucas escaparam.

Payo. Dize-me, e dos cabritinhos
Que recado me dás tu?

Mofina. Eram tenros e gordinhos,
E a zorra tinha filhinhos, (289)
E levou-os um e um.

Payo. Essa zorra, essa malina,
Se lhe corrêras trigosa, (290)
Não fizera essa chacina;
Porque mais corre a Mofina
Vinte vezes qu'a raposa.

Mofina. Meu amo, já tenho dada
A conta do vosso gado
Muito bem, com bom recado;
Pagae-me minha soldada,
Como temos concertado.

Payo. Os carneiros que ficaram,
E as cabras, que se fizeram?

Mofina. As ovelhas reganharam,
As cabras engafeceram,
Os carneiros se afogaram,
E os rafeiros morreram.

Pess. Payo Vaz, se queres gado,

Dá ó demo essa pastora:
Paga-lh'o seu, vá-se embóra
Ou ma-ora,
E põe o teu em recado.

Payo. Pois Deus quer que pague e peite
Tão daninha pegureira, (291)
Em pago desta canseira
Toma este pote de azeite,
E vae-o vender á feira;
E quiçaes medrarás tu,
O que eu comtigo não posso.

Mofina. Vou-me á feira de Trancoso
Logo, nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata
Que é a cousa mais barata
Qu'eu de lá posso trazér.
E estes ovos chocarão;
Cada ovo dará um pato,
E cada pato um tostão,
Que passará de um milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada
Por este ovos de pata,
E o dia que fôr casada
Sairei ataviada
Com um brial d'escarlata. (292)
E diante o desposado,
Que me estará namorando,
Virei de dentro bailando
Assi dest'arte bailado,
Esta cantiga cantando.

Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite á cabeça, e andand enlevada no baile cae-lhe.

Payo. Agora posso eu dizer,
E jurar e apostar,
Qu'és Mofina Mendes toda.
E s'ella baila na voda,

Pess. Qu'está ainda por sonhar,
E os patos por nascer,
E o azeite por vender,

E o noivo por achar,
E a Mofina a bailar;
Que menos podia ser?

Vae-se Mofina Mendes cantando

«Por mais que a dita m'engeite,
«Pastores, não me deis guerra;
«Que todo o humano deleite,
«Como o meu pote d'azeite,
«Ha de dar comsigo em terra.»

Obras de Gil Vicente. Lisboa, 1852 — tom. 1.º, pag. 111.

APPENDICE

EXEMPLOS DE ESTYLO GONGORICO

Carta de Ormia, matrona Lusitana prisioneira de um Capitão Romano, a Eurilo seu esposo

CANTO XII

LXXVII

Esposo da alma, tua esposa amada,
Posta em poder de desmaiado esposo,
Desposada não é, é despojada
Da honra, e do thesouro mais precioso;
Já de todos esposa sou chamada
De Silo, com que Scyla me desposo, (293)
Ladrando firme fui esposa sua
Do corpo, sendo d'alma esposa tua.

LXXVIII

O que não acabaram em muitos dias
Requebros, tentações, regalo, e rogo,
Acabaram com baixas vilanias
Forças, feridas, furia, ferro e fogo....
Como quem joga, perde, e tem porfias,
No jugo, jáço, julgo, juro, e jógo,
Jógo o dado, pois dado é sem reparo,
Pica, pena, porfio, perco, e paro.

LXXIX

Dar braços ao contrario, que aborreço,
Que desconsolação, que grande magua!
E[illegible]r sempre os olhos, que humedeço
Que mar de desamar, que fonte de agua!

Ver o que engeito, e não o que appeteço,
Que neve fria, que amorosa fragua!
Imaginar-me livre, e estar captiva,
Que doce imaginar, que pena esquiva!

LXXX

Não me posso pintar como me sinto,
Ai pobre sentimento, ai vil mudança!
Pinta-me lá, qual eu de cá te pinto,
Ah! pintura mortal! ah! cruel lembrança!
Considera-me n'este labyrintho,
Oh! Theseo, corre, oh! vem tomar vingança;
E se a matar-me vens, não venhas tarde,
Que espero morrer presto, o Ceu te guarde! (294)

Resposta de Eurilo

LXXXIII

Esposa d'alma, já do corpo esposa,
Esposa alheia, de honra despojada,
Casta Lucrecia, que Tarquinio gosa,
Helena, que um traidor levou roubada,
De Lusitania, Grecia bellicosa,
Carpentania será Troia abrasada,
Soverta-se o Illião, como Ghomorra,
E morra Menelau, ou Páris morra (295)
. . . .

LXXXV

Ditoso aquelle, que não é ditoso,
Que grande dita é nascer sem dita;
Porque aquelle, que sobe a venturoso,
Nunca vive seguro da desdita.
Sem grã dita não ha grã desditoso,
Pois para o ser de ditas necessita;
Toda a desdita, toda a desventura,
Que tenho, me nasceu de ter ventura!

LXXXVI

Nunca a tivera, nunca a Ormia vira,
Nunca no fatal Circo a defendera,
Nunca do valle tragico saira,
Alli morrera então, e ella morrera:
Que se a tão alto estado não subira,
A tão subida affronta não descera,
Mas posto que em a ter culpa não tive,
Vingue-se, ou morra quem sem honra vive.

Viriato Tragico por Braz Garcia Mascarenhas. Coimbra, 1699—pag. 484.

JORNADA 1.ª

De Lisboa para Coimbra

Romance

O Senhor da Esphera quarta (296)
Mais armado, que o da quinta (297)
Pois sempre traz a pessoa
Dentro n'um sino mettida, (298)
Ouro brilhante pezava,
Que foi nascido nas Indias,
Ouro fino para Daphne,
Bem que Daphne lhe pôz liga.
Não puro para jacintho,
Pois dizem prender queria
Em seu ouro amartellado
Jacintho por pedra fina. (299)
Porém façamos já poncto,
Que não quero que se diga
Vae minha Musa com pezo,
Mas que não vae com medida.
[illegible]a todo o seu ouro
A [illegible]de sobredita,

E por signal que pezava
Todo o seu ouro uma libra. (300)
Quando (não ouvida magoa)
Parti (não dita, desdita)
De Ulysséa, ai Ulysséa!
Para Coimbra, ai Coimbra!
As meninas dos meus olhos
Choravam como meninas
Pedaços d'alma, que então
De cantaro parecia.
Perlas netas não choravam,
Que como são tão tenrinhas,
Inda não tem perlas netas,
Apenas tem perlas filhas.
Dava-me a agua pela barba,
E creio se affogaria
O meu rosto, se o meu rosto
Não nadára com bexigas.
Mas ah! sim, que o dia e hora
Da jornada me esquecia,
Porque sobre ingenium tardum
Sou tambem memoria infirma.
De outro dia me parece
Que foi aquella hora esquiva,
Pois foi a hora de terça,
Sendo da segunda o dia.
Se quereis vêr meu alforge,
Ouvi minha poezia,
Que se não daes audiencia,
Mal vos poderei dar vista.
Tres aves, que n'um só valle
Fiz eu despachar da vida,
Matei; mas não foi façanha,
Porque emfim eram gallinhas.
Mais um, que qual verso culto
Dente de coelho tinha,
Animalejo tão rico,
Que tem em casa uma mina.
O grão Diogo Ferraz,
A quem Castella inimiga
Mais que bravo no appellido
Viu bravo na valentia.
Seis queijos para meus queixos

Me deu com grão fidalguia,
E foram para a memoria
Não achaque mas mèsinha.
Os doces vos não descrevo,
Pois bem vedes que convinha
Levar alforges de doces
Um engenho da Bahia.
Só caminhei duas leguas
E porque rifões desminta,
De vir mal acompanhado
O vir tão só me não livra.
Na Boca de Sacavêm
Encontrei linguas malditas,
Que mais que a Boca de larga,
Tinham ellas de compridas.
Rico fôra o meu barqueiro
Mais que Cresso, mais que Midas, (301)
Se recolhera de juros
O que de juras dizia.
Reinava no mar um vento
Daquelles, que Camões pinta,
Tão valente, que de um sopro
A mil velas mataria.
Para reparar seus golpes
Puz uma gorra de friza,
Mas elle se fez tão facil,
Que de gorra se mettia.
Tomei terra, achei pousada;
Chamei, respondeu Maria,
Poz-se a meza, e sobre a meza
Pão de segunda, e de prima.
Agora, Apollinho, agora
Mandae, meu louro, que assista
A poeta comedor
Uma Musa comesinha.
Comi dous Sanctatoninhos
Com uma fome excessiva,
E ser então papa Sanctos
Não foi certo hypocrisia.
Despachei o pão primeiro,
E o outro, que se seguia,
Não estava todo trigo,
Vendo fome tão canina.

Pedi mais peixe, mais peixe
Poz rebolindo a mocinha
Pescada partida em postas
E pela posta comida.
Cuidareis lendo meus versos,
Que jantei com alegria?
Ah! que levei muitos tragos
Por certas rasões que tinha!
Acabo pois de jantar,
Nesta rima, e nesta rima
Basta dizer a Deus graças,
Sem que aos homens graças diga.
Cavalguei n'um macho negro,
Que já ser branco podia,
Posto que está nos seus treze:
Bella idade para Nympha!
Caminhei de espora e botas,
E sempre o moço dizia
Nas tabernas: Lança, lança;
Nas estradas: Pica, pica.
Tambem fui só nesta tarde
Sem encontrar alma viva,
Marianno do deserto,
Não Padre da Companhia.

. . . .

. . . .

Perguntei: Ha que comer?
Respondeu-se: Ha azevias:
E temi, porque não são
A negros muito propicias.
Comtudo doze comi,
E dando-mas mui bem fritas,
Me admirei de vir tão quente
Peixe, que tão fresco vinha.
Eram valentes as doze
Ás doze mil maravilhas,
Mas eu as deixei tão fracas,
Que foram postas na espinha.
N'uma caixa de perada,
Bem temperada e bem fina
Já tocava a recolher,
Porque marchar não podia:
Quando vossas saudades,

E logo lagrimas minhas
Deixaram qual peixe na agua
O peixe que em mim se via.
 Da cêa me levantei,
E porque o somno caia,
Presto caminhei da Cêa,
Com ser tão longe, a Caminha.
 Fim da Jornada: *Laus Deo,*
E quem me não der um viva,
Morra de morte macaca
Sem uma véla bugia.

Jeronymo Bahia — A Phenix Renascida. Lisboa, 1746 — tom. 1.º, pag. 238.

SONETOS

A Jorge de Montemaior, nascido em Montemór, assassinado no Piemonte

 Nasceste, ó Jorge, no vetusto monte,
Que o Mouro quiz fazer sua colonia, (302)
Adonde te entregou Lyra Meonia
O numeroso pae de Phaetonte. (303)
 E na Iberia viveste da alta fonte,
Que outro Monte mais preza em Thracia Aonia: (304)
E n'outro monte da suberba Ausonia
Passaste irrevocavel Acheronte. (305)
 Pequeno em maior monte em fim nasceste:
Maior viveste em monte mais ufano:
E em Piemonte, não pio, feneceste.
 De Monte em Monte andou teu peso humano.
Oh! feliz tu, se o espirito pozeste
Já no Monte do Olympo soberano! (306)

Fuente de Aganipe ou rimas varias de anuel de Faria e Sousa. Madrid, 1646 — Parte 1.ª, Cent.ª 6.ª, Soneto 76 pag. 367.

A D. Marianna de Luna

Musas, que no jardim do Rei do dia
Soltando a doce voz, prendeis o vento:
Deidades, que admirando o pensamento
As flôres augmentaes, que Apollo cria. (307)
Deixae, deixae do Sol a companhia,
Que fazendo invejoso o Firmamento
Uma Lua, que é Sol, e que é portento,
Um jardim vos fabrica de harmonia.
E porque não cuideis que tal ventura
Póde pagar tributo á variedade
Pelo que tem de Lua a luz mais pura:
Sabei que por mercê da divindade,
Este jardim canoro se assegura
Com o muro immortal da eternidade.

Soror Violante do Céu. A Phenix Renascida, Lisboa, 1746 — tom. 4.º, pag. 384.

POESIAS ANTERIORES AO SECULO XVI

SECULO XII

Canção do Cancioneiro do Collegio dos Nobres

A mais fremosa de quantas vejo
Em Santaren e que mays desejo,
E en que sempre cuidando sejo,
Non cha direi, mais direi comigo:
Ay sentirigo! ay sentirigo!
Al e Alfanx, e al seserigo.
Ela e outra, amigo, vi-as
Se Deus me valla non à dous dias,
Non cha direi eu cá o dirias,
E perder-t'-ias per en comigo;
Ay sentirigo! ay sentirigo!
Al e Alfanx, e al seserigo.
Cuidand'ela ja ey perdudo
O sen, amigo, e ando mudo,
E non sey ome tan entendudo
Que m'oj'entenda o porque o digo
Ay sentirigo! ay sentirigo!
Al e Alfanx, e al seserigo.

Edição de Varnhagem — Canção n.º 119.

SECULO XIII

Queixas de Lourenço (jograr)

Vós que soedes en Côrte morar,
Destes privados queria saber
Se lhes hade privança muito durar;
Cá os non vejo dar, nen despender,

Ante os vejo tomar e pedir;
E o que lhes non quer dar, ou servir,
Non pode ren con el-rei adubar.

D'estes privados non sei *novelar*,
Senon que lhes vejo mui gran poder,
E grandes rendas e casas guañar,
E vejo os grandes muito empobrecer
E com provesa da grassá cayr
E ha el-rei sabor de os ouvir,
Nas eu non sei que lhe van conselhar.

Sodes da Côrte e non sabedes ren
Ca mester faz a cad'ome que dé
Pois à Côrte per lidiar algo ven;
Ca se dar non quer, per sen sabor é.
Pois na Côrte home non livra por al,
Pense de dar, non se trabalhe d'al,
Cá os privados queren que lhes den.

Varnhagem, Cancioneirinho de trovas antigas, fl. 108.

Cantar guayado por El-Rei D. Diniz

Ay flores! ay flores do verde pino!
se sabedes novas do meu amigo?
Ay Deus! E hu é?
Ày flores! ay flores do verdo ramo,
se sabedes novas do meu amado?
Ay Deus! E hu é?
Se sabedes novas do meu amigo,
aquel que mentiu do que poz commigo?
Ay Deus! E hu é?
Se sabedes novas do meu amado,
aquel que mentiu do que m'a jurado?
Ay Deus! E hu é?
—Vós me perguntades pel-o vosso amado!
e eu ben vos digo que é vivo e sano.—
Ay Deus! E hu é?
E eu ben vos digo que é sano e vivo,

e seeará vosc'ant'o prazo saidó.
Ay Deus! E hu é?
E eu ben vos digo que é vivo e sano
e seerá vosc'ant'o prazo passado.—
Ay Deus! E hu é?

Canç. de D. Diniz. C. Lopes de Moura—pag. 13.

SECULO XIV

Fragmentos do Romance da Batalha do Salado
por Affonso Giraldes

Pois que este Rey naceu
a grão viço foi criado,
e deshi como creceu
sempre foi bem ensinado.
Seu padre o criou
e des que foi de entendimento,
de vinte annos lhe justou
um muy rico casamento.
Seu padre Rey Dom Diniz
foi justiçoso e mui santo,
el o casou com Dom Brites
filha do nobre Rey Dom Sancho.
E despois que foi casado
com aquella nobre Infante
seu padre lhe deu estado
como ouvireis adiante.
Deu-lhe terras a mandar
de mui nobres cavalleiros,
e muitos portos de mar
rendas de muitos dinheiros.
Quinze annos compridos viveu
o padre, des que o casou,
deshi quando el morreu
muito d'algo lhe deixou.
....
E fêz bem aos criados seus

e grão honra aos privados,
e fez a todos os judeus
trazer signaes divisados.
E os Mouros almexias
que os podessem conhecer;
todas estas cortezias
este Rey mandou fazer.

....

Gonçalo Gomes de Azevedo
alferes de Portugal,
entrava aos Mouros sem medo
como fidalgo leal.

Antologia portugueza, por Theophilo Braga, 1876 — pag. 35.

SECULO XV

Coplas do Infante D. Pedro, filho d'Elrei D. João I, em louvor de João de Mena

Nom vos será gram louvor
por serdes de mym honrado,
que nam sam tam sabedor
em trovar, que vos dey grado.
Mas meu desejo de grado
a mym praz de vos louvar,
e vós o podeys tomar
tal, quejando vos he dado.
Sabedor e bem falante
gracyoso em dizer;
coronysta abastante
èm poesyas trazer.
Ou de novo as fazer,
hu compre, com gram maestrya;
de comparar melhorya
dos outros deveys aver.
D'amor trovador sentydo
coma quem seu mal sentiu.

e o ouve bem servydo
e os seus segredos vio;
e de todo departio
muy fermoso e muy bem,
como poode dizer quem
vossas copras lèr ouvyo.
De louvar quem a vós praz
aconselhar lealmente,
d'esto sabeis vos assás,
e fazeyl-o sagesmente;
e assentar-s'oo presente
creo nam terdes ygoal,
de consoar outro tal;
julgue-o quem o bem sente.

Cancion. geral — tom. 2.º, pag. 70.

Pergunta de Fernão da Silveira Coudel-mór a Alvaro Barreto

Quem bem sabe, em tudo sabe
e porem, d'aqui concrudo,
que a vós, que sabês tudo,
a solver as questões cabe.
E porem muy de verdade
peço, que esta respondaes,
pera vêr, se concertaes
com minha negra vontade.
Ca eu já me vi partir
e tambem depois chegar,
e senty todo o sentyr
do prazer e do pezar.
Mas com tudo he de saber
qual he vossa concrusam:
se partir dá mays paixam,
ou chegar mayor prazer?

Resposta de Alvaro Barreto

De m'atrever que vos gabe
minha openiam mudo,
por nam ser um tam sesudo,
que de vós louvar acabe.
E pois tal extremidade
sobre meu saber mostraes
o nome que vós me daes
vosso gram louvor emade.
Porem sem detremynar
ante quem devo seguir,
ficando meu departyr
a se por vós emendar:
Que chegar tenha poder
d'alegrar um coraçam,
partyr dá mays afriçam,
u ha grande bem querer.

Cancion. geral—tom. 1.º, pag. 106.

CINCO ANTIGAS RELIQUIAS DA POESIA PORTUGUEZA

Divergem os escriptores sobre quem foram os auctores dellas e sobre a epocha em que foram compostas.

I

A Canção do Figueiral

Esta canção popular já andava na tradição oral no fim do seculo XIV, e soffreu nova elaboração no seculo XV.

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrey,
seis ninhas encontrara, seis ninhas encontrei,
para elas andára, para elas andei,
lhorando las achara, lhorando las achei;
logo las percurára, logo las percurei
quem las mal tratara y a tam mala lei?

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrey,
uma repricara: «Infançom nom sei,
mal cunusse la terra que teme ó mal rei;
s'eu las armas usara, ya mi fee nom sei,
se hombre a mi levara de tam mala lei;
adios vos vayades, garçom, cá nom sei
se onde me falades mais vos falarei.»

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrey,
eu la repricara:—A mi fee nom irey,
ca olhos d'essa cara caros comprarey,
a las longas terras en traz vós me irey,
las compridas vias eu las andarei,
lingua de aravias eu las falarei;
mouros se me visse eu los matarei.—

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrey,
mouro que las guarda cerca lo achei,

mal las meazara, eu mal me anogey,
troncom desgalhara, troncom desgalhey;
todolos machucara, todolos machuquey,
las ninhas furtara, las ninhas furtei,
la que a mim falara na alma la chantey,
no figueiral figueredo, a no figueiral entrey.

Antologia Portugueza, por T. Braga, 1876 — pag. 3.

II

Fragmento do poema da Perda de Hespanha

Este poema tambem chamado da Cava parece ser dos fins do seculo XIV e principios do seculo XV

I

O rouço da Cava imprio de tal sanha
A Juliani et Horpas a saa grey daninhos,
Que em sombra co os netos de Agar fornezinhos
Huma atimarão prasmada façanha:
Cá Muça et Zariph com basta companha
De jusu da sina do Miromolino
Co falso Infançon et Præstes malino
De Cepta adduxerom ao solar de Espanha.

II

Et porque era força, adarve et foçado
Da Betica Almina et o seu Casteval
O Conde per encha et pró comunal
Em terra os encreos poyarão a saa grado;
Et Gibraltar maguer que adarvado
Et co compridouro pera saa deffensão
Pelo suso dito sem algo de afão
Presto foi delles entrado et filhado.

III

Et os ende filhados leaes á verdade
Os hostes sedentos do sangue de onjudos

Meterão a cutelo apres de rendudos
Sem esgoardarem a seixo nem idade:
Et tendo atimada a tal crueldade,
O templo et orada de Deus profandrão
Voltando em mesquita hu logo adorarão
Saa besta Mafoma a medes maldade.

IV

O gazu et assalto que os da aleivosia
Tramaron (poz voltos de algos sayões)
Co os dous Almirantes da hoste mandões
Quedarom com farta soberba, et folia:
Et Algezira que o medes temia
Por ter a maleza cruenta sabuda
Mandou mandadeiro como era teuda
Ao rouçom do Rey que em Toledo sia.

Miscellanea de Miguel Leitão de Andrada, 1867—Dial. 10.º, pag. 395.

III

Canções de Egas Moniz Coelho

Estas duas canções são do fim seculo XIV, o auctor viveu no reinado de D. João I

I

Fincaredes bos embora
Taom coitada
Qui ei boi-me por hi fora
De longada.
Bai-se o bulto do mei corpo
Mas ei nom.
Que ós çocos bos finca morto
O coraçom.
Se pensades que ei vom
Non no pensedes,
Que chantado em bós estom
E nom me bedes.
Mei jazido, e mei amar
Em bos accara:

Grenhas tendes despelhar
E luzia cara.
Nom farom estes meis olhos
Tal abessó,
Que esgravizem os meis dolos
Da compeço.
Mas se ei for pera Mondego
Pois la vom,
Carulhas me fagaom cego
Como ei som.
Se das penas do amorio
Que ei retouço
Me figerem tornar frio
Com'ei ouço.
Asmade-me se queredes
Como lusco
Se naom torvo m'acharedes
A mui fusco.
Se me bos a mi leixardes
Deis me garde,
Nom asmeis bos de queimardes
Isto que arde.
Hora nom deixedes, nom,
Que sois garrida,
A sanom Cristelejom
Por minha bida.

IV

II

Bem satisfeita ficades
Corpo d'oiro,
Alegrade a quem amades,
Que ei já moiro.
Ey bos rogo bos lembredes,
Que bos quige,
A que dolos nom abedes,
Que bos fige.
Cambastes a Portugal
Por Castilha,
Abasmades o mei mal
Que dôr me filha.

Granhais-me por Castijanos,
E pestineque,
Achantais-me binte enganos
Que me seque,
Bedes moiro, bedes moiro,
Biolante,
Longe ba o cestro agoiro
Por diante.
Bos bibede hum centanairo,
Muy garrioso,
Que ei me boy pera o trintairo
Lagrimoso.
Ah se a bossa remembrança
Ei bier,
Dizei Egas com folgança,
Hu xiquer.
Ah se ouvirdes na mortulha
Os campaneiros,
Retouçade na mormulha
Os meis marteiros.
Quando ouvires papear
O Castejom,
Lembrebos lhe fige dar,
Já de cotom.
Ah que bos quige, e requige,
Como ber,
A nunca em coisa bos fige
Desprazer.
Nos bos podo mais falar,
Qua nom falejo,
Qua bem podedes asmar,
Qual ey sejo.
Tenho todo o arcaboiço
Sem feiçom;
Mae ei bos bejo, e oyço,
No coraçom;
Bedes me boi descaindo
Nesta hora,
Bos Amor fincade rindo
Muyto embora.

Miscellanea de Miguel Leitão de Andrada, 1867—Dial. 16.º, pag. 334.

V

Canção do Traga-Mouros, attribuida a Gonçalo Hermingues

Esta canção parece ser dos fins do seculo XIV

Tinhera-bos, non tinhera-bos,
Tal a tal cá assoma!
Tinherades-me, non tinherades-me,
De cá filhada de lá vinherades,
Cá andabia tudo em soma.

Por mil goivos trebelhando
Oy, oy vos lombrego;
Algorrem de cá lá folgando
Asmei eu; perque do terrenho
Nom ha hi tal perchego.

Mas nom ha perque se ver,
Que inha bida do biber
Per teu alvidro olvidei;
De la chacone sem referta,
Ouroana, oy tem por certa,
Porqu'é em cabo o que eu hei

Amadis de Gaula, por Theophilo Braga, 1873—pag. 60.

NOTAS

FABULA

(1) *Orpheu.* Poeta e musico, segundo a mythologia. Era filho de Apollo e de Clio ou de Œagre e Calliope. Tocava lyra com tanta perfeição, que as féras e as aves se juntavam em roda delle para o ouvir, as arvores e os rochedos seguiam-no, e os rios suspendiam o curso de suas aguas. Aqui toma-se por cantor excellente.

(2) *Hymeneu.* Deus do casamento, filho de Baccho e de Venus, ou de Apollo e de uma das Musas.

(3) *Zagal.* Pastor.

(4) *Rabel.* Instrumento de pastor, especie de rebeca com tres cordas.

ROMANCE

(5) *Achilles.* Filho de Thetis e de Peleu, o heroe que mais se distinguiu no cerco de Troia. Thetis, quando elle nasceu, mergulhou-o no Styge, rio do inferno, ficando invulneravel em todo o corpo, excepto no calcanhar, por onde sua mãe o segurou.

Polyxena. Filha de Hecuba e de Priamo, ultimo rei de Troia.

(6) *Heitor.* Filho de Priamo e de Hecuba, um dos mais valentes capitães troianos. Achilles matou-o em combate, e atando-o ao seu carro, arrastou-o tres vezes á roda das muralhas de Troia.

Páris. Irmão de Heitor e de Polyxena.

EPOPEIA

(7) *Marte.* Deus da guerra, toma-se pela mesma guerra.

(8) Allude á batalha de Valdevez, na qual D. Affonso Henriques, ainda Infante, derrotou tão completamente o exercito castelhano, que a planicie onde ella foi dada, cognominou-se Campo da Matança; e nella ficou ferido o rei de Castella, e foram prisioneiros sete officiaes generaes intitulados condes.

(9) *Adão.* Nosso primeiro pae.

(10) Allude á tristeza de Jesus Christo no horto das oliveiras.
(11) *De Mafoma*, nascido na Arabia.
(12) *O filho de Japeto*. Prometheu, que, segundo a fabula, roubou do Ceu o fogo, e com elle animou a estatua que formára de barro, de que resultaram discordias e guerras.
(13) *Phaetonte*. Filho do Sol e de Clymene. Epaphus negou que elle fosse filho de Apollo. Phaetonte para o provar pediu a seu pae que o deixasse guiar o carro do Sol um só dia. Apollo, ligado pelo juramento que deu de não lhe recusar cousa alguma para prova da sua paternidade, concedeu a graça pedida. Phaetonte, dirigindo mal o carro do Sol, a ponto de abrazar a terra e fazer seccar as aguas, foi fulminado por um raio mandado por Jupiter, e lançado no rio Eridano, hoje Pó. Phaetonte deu o nome ao rio, porque tambem era chamado Eridano.
O grande architector é Dedalo, que construiu o labyrintho de Creta, onde foi encerrado com Icaro, seu filho, por ordem de Minos. Dedalo para se escapar com seu companheiro fez umas azas de pennas de aves, unidas com cera, com as quaes fenderam os ares. Dedalo chegou a são e salvo a Cumas na Italia. Icaro, esquecendo-se das instrucções de seu pae, elevou-se muito, o calor do Sol derreteu a cera, e o fez cair no mar Egeu, onde morreu afogado. O mar Egeu por isto se chamou Icario.
(14) *Semiramis*. Rainha da Assyria, conta-se que fôra criada por pombas.
(15) Romulo e Remo amamentados por uma loba.
(16) Africa.
(17) *Polyxena*. Formosa princeza, filha de Priamo, ultimo rei de Troia. Foi sacrificada sobre o tumulo de Achilles por Pyrrho filho d'este heroe grego. *Mãe Velha*. Hécuba, esposa de Priamo.
(18) *Thyestes*. Rei de Mycenas, filho de Pelops e de Hippodamia e irmão de Atreu, commetteu incesto com Erope, mulher deste. Atreu para se vingar cortou em pedaços os filhos nascidos daquella incestuosa união e deu-os a comer a Thyestes em um banquete. Diz a fabula que nesse dia o Sol horrorisado se escondera.
(19) Allude á fonte dos amores, que ainda hoje existe em Coimbra na quinta das Lagrimas, jardim do palacio em que viveu D. Ignez de Castro.
(20) Estatua de Apollo de enorme grandeza.
(21) Armada de Pedro Alvares Cabral, que de treze navios que a compunham lhe sossobraram quatro, sem delles escapar ninguem com vida, em uma tempestade que o assaltou nestas alturas.
(22) Bartholomeu Dias, descobridor do Cabo da Boa Esperança, commandava uma das quatro embarcações de Pedro Alvares Cabral, que sossobraram.
(23) D. Francisco de Almeida, 1.º Vice-Rei da India, foi morto junto á bahia do Saldanha em uma briga entre os indigenas e os da sua companha.
(24) Manuel de Sousa de Sepulveda, e sua esposa D. Leonor de Sá, que naufragaram e morreram com seus filhos na Cafraria.
(25) *Cabo das Tormentas*. Nome que por D. João II foi mudado no de Boa Esperança.
(26) *Geographos distinctos*. Ptolomeu e Estrabo, gregos. Pomponio Mela era romano. *Plinio*, celebre naturalista romano.
(27) Gigantes que quizeram escalar o Ceu pondo montanhas sobre montanhas na guerra, que fizeram a Jupiter para o derribar do throno.

(28) Jupiter.

(29) *Thetis*, Filha de Nereo e de Doris. Era a mais bella das Nereides. Casou com Peleo e foi mãe de Achilles.

(30) *Tethys*. Toma-se pelo mar de que Tethys, mulher do Oceano, era rainha.

(31) *Erinnys*. Uma furia.

(32) Sogro de D. João I e irmão de D. Duarte Rei de Inglaterra.

(33) Allude ao casamento de D. João I com D. Filippa de Alencastre.

(34) De Hespanha.

(35) Cidade do Porto.

(36) Alvaro Gonçalves Coutinho, filho de Gonçalo Vaz Coutinho, primeiro marechal de Portugal e irmão do primeiro conde de Marialva.

(37) *Bruges*. Uma das mais florescentes cidades do norte da Europa no tempo de Filippe o bom, duque de Borgonha e conde de Flandres, casado com a infante D. Isabel, filha de D. João I.

(38) *Rio de Bactriana*. Região da Asia, hoje Gihon ou Djeihoum na Tartaria independente.

(39) *Helle*. Filha de Athamas e de Nephelé, fugindo com seu irmão Phryxus para Colchos por causa do odio, que lhe tinha sua madrasta Ino, confiou-se ás ondas sobre um carneiro com tosão de ouro; assustou-se e affogou-se no estreito que teve o nome de Hellesponto.

(40) *Uraguay* ou *Uruguay*. Rio da America do Sul. Nasce no Brazil, no Rio Grande do Sul, forma o limite da republica do Uruguay e da republica Argentina, e desemboca no Rio da Prata. O territorio do Uruguay fórma hoje uma republica, que fica entre o Brazil e a republica Argentina.

Os indios selvagens, instigados pelos juizes catechistas, ultrapassaram os limites marcados pelo tratado de 1750 feito entre os reis de Hespanha e Portugal. O exercito luso-hispano venceu os indios e poz fim ao dominio dos jesuitas.

Cacambo. Rei dos Indios.

Balda; o padre Lourenço Balda, cura do povo de S. Miguel, um dos chefes dos indios.

Baldetta. Mancebo presumido e nescio, de familia obscura muito favorecido pelos jesuitas.

Cepé. Um dos mais valentes chefes dos indios.

Caitutú. Principe dos indios, irmão de Lindoya.

Tanajura. India feiticeira.

(41) Diogo Alvares em 1547 naufragou junto ás costas da Bahia, salvando-se elle e mais seis companheiros. Apenas chegados a terra ficaram todos prisioneiros dos indios. Os selvagens cevaram os portuguezes para os devorar. Diogo Alvares, por estar doente, foi reservado para mais tarde ser tambem devorado.

Diogo Alvares, tendo conseguido salvar do naufragio uma espingarda e munições, matou um dia uma ave com um tiro. Os indigenas fugiram amedrontados pelo estrondo. Diogo Alvares os foi seguindo com semblante prazenteiro, e deu-lhes a entender que assim mataria tambem os tapuias com quem traziam guerra. Marcharam sobre os inimigos, levando-o por chefe, e derrotaram-n'os. Diogo Alvares ficou sendo chamado *Caramurú*, ou filho do trovão, segundo diz o poeta.

Caramurú é no Brazil uma especie de tremelga muito grande, cuja mordedura é perigosa. Os indigenas designaram com este nome a pri-

meira espingarda que viram, e por ampliação talvez applicaram o nome do instrumento ao portador.

(42) *Caboclo*. Côr de cobre, nome que se dá aos indigenas do Brazil.

(43) *Tupá*. Nome que os indigenas davam ao trovão, que tomavam pelo Ente Todo Poderoso, que os podia castigar.

(44) *Medusa*. Veja-se nota 147.

(45) Manuel de Sousa de Sepulveda e sua mulher D. Leonor de Sá, e seus filhos, vindo da India para o reino, na nau chamada o galeão grande S. João, nanfragaram no Cabo da Boa Esperança, na terra do Natal. Percorreram mais de trezentas leguas pelas terras dos Cafres até á sua morte.

(46) *Diana*. Deusa da caça e da castidade.

Phidias. O mais celebre estatuario da antiguidade. Era grego, nasceu na Attica, e viveu no V seculo antes de Christo.

(47) O assumpto do poema é a tomada de Arzilla e Tanger por Affonso V, cognominado por isso o Africano.

O rei de Marrocos, approximando-se a armada de Portugal, por conselho do magico Eudollo, manda matar todos os christãos que tem captivos. *Zara*, filha do rei.

(48) *Harpalice*. Amazona, rainha da Thracia, afamada pela sua ligeireza na carreira.

(49) *Hebro*. Rio da Thracia.

(50) Venus, nascida da escuma do mar, appareceu a Eneas em um bosque, sob a figura de uma donzella de Sparta. Eneida, liv. 1, v. 314.

(51) *Procos*, namorados.

(52) *Artábro*. Promontorio ou cabo de Finisterra.

(53) As primeiras edições tem differente lição do verso 4.º e é a seguinte:

É maior muitas vezes que o perigo.

A edição de Hamburgo de 1834 e a da Bibliotheca Portugueza de 1852 tem a lição do nosso texto.

Diz uma nota da edição de Hamburgo que os combatentes, sem perderem o animo, apenas mudaram de côr, mas sem sombra de medo, e por isso era contraditorio dizer que nos perigos grandes o temor é maior que o perigo, e até pela rasão que o poeta dá depois, porque o furor dos soldados lhes faz ter em pouco as vidas, por isso que nelles póde mais o furor do que o temor, e então necessariamente o temor era menor que o perigo.

F. F. de Carvalho adopta a lição das edições antigas, que se póde entender mais facilmente, adoptando da edição de Lisboa de 1651 por Paulo de Craesbeek a seguinte lição do verso 5.º:

E se o não é, parece que o furór

Veja-se a nota a esta estancia na edição da Bibliotheca Portugueza.

(54) *Fero Nuno*. O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(55) Julio Cesar e Pompeo, cognominado Magno, que se lê Manho por causa da rima.

(56) *Sertorio*, capitão romano, seguiu o partido de Mario, e quando Scylla tomou Roma, refugiou-se em Hespanha. Formou em Evora uma republica á imitação de Roma. Commandou os Lusitanos contra os Romanos. Foi assassinado por Perpenna, um dos seus officiaes. *Coriolano* (Caio Marcio), general romano, cognominado Coriolano, por haver to-

mado aos Volscos a cidade de Coriolos. Tomou depois armas contra Roma, causando-lhe immensos estragos. *Catilina*, cidadão romano, de costumes estragados, tendo tramado a ruina de Roma, e sendo descoberto por Cicero o seu plano, morreu combatendo contra a patria.

(57) *Sumano*. Plutão, seu reino o inferno.

(58) *Ceita* e *Tetuão*. Cidades da Barbaria.

(59) *Massylia*. Paiz da Africa, que corresponde em parte a Numidia, hoje Darhá.

(60) Os montes Sete-Irmãos foram assim chamados pelos Portuguezes, por apresentarem todos o mesmo aspecto.

(61) *Estygio*. Um dos rios do inferno.

(62) *Trifauce cão*. Cerbero, cão com tres cabeças, que guardava a porta do inferno.

(63) *Noto*, *Austro*, *Boreas*, *Aquilo*. Nomes dos ventos.

(64) Os maçaricos, que, quando cantam, annunciam tempestade, segundo se diz. Halcyone, filha de Eolo, sabendo que Ceix, seu marido, naufragára, chorosa lançou-se ao mar e foi convertida na ave do seu nome.

(65) *Vulcano*, que forjou as armas para Eneas, filho de Venus.

(66) Jupiter, irritado contra a impiedade dos homens, resolveu destruir a raça humana por meio de um diluvio. Deucalião, rei de Thessalia, por ser o mais justo dos homens, e Pyrrha sua mulher, por ser a mais virtuosas do seu sexo, foram exceptuados e salvaram-se em uma barca que parou no monte Parnaso. Retiradas as aguas Deucalião e Pyrrha consultaram a deusa Themis, que lhes disse: «que arremeçassem para trás de si os ossos de sua mãe». Deucalião entendeu que o oraculo se referia á terra, mãe commum, e lançou pedras para trás das costas. As de Deucalião transformaram-se em homens, as de Pyrra em mulheres.

(67) *Daphne*. Nympha, cujos cabellos eram louros.

(68) Os alamos eram consagrados a Hercules, tambem chamado Alcides. *Louro Deus*, Apollo. *Cytherea*, Venus, nome tirado da ilha de Cythera, perto da qual Venus nasceu, e onde era adorada. *Cybelle*, deusa da terra, que não sendo correspondida pelo mancebo Atys, o converteu em pinheiro. *Cyparyso*, mancebo muito estimado de Apollo, tendo morto um veado que aquelle deus tinha em grande apreço, teve por isso tal magoa, que pediu aos deuses que lhe tirassem a vida. Apollo, não podendo consolal-o, converteu-o em cypreste.

(69) *Pomona*. Deusa dos vergeis.

(70) Piramo e Thisbe amavam-se mutuamente, mas seus paes oppunham-se á sua união. Ajustaram encontrar-se debaixo de uma amoreira branca. Thisbe chegou primeiro; deixando cair o véu, uma leôa lh'o despedaçou. Piramo encontrando o véu tincto de sangue e julgando que Thisbe fôra devorada, matou-se. Thisbe, vendo Piramo morto, varou-se com o mesmo ferro. Os fructos da amoreira que até alli eram brancos, ficaram negros.

(71) O pecego, que, segundo a opinião vulgar, é venenoso na Persia.

(72) As peras eram tão doces e saborosas que os passaros as comiam; e tantas e tamanhas, que grande beneficio era para ellas que os mesmos passaros com os bicos lhes diminuissem o peso.

Faria e Sousa julgou que o poeta fallava aqui por ironia (nota de edição de Hamburgo).

(73) *Achemenia*. Persia, onde reinou Achemenes.

Flor Cephisia. Narciso, em que foi convertido um moço chamado Cephiso.

(74) A anémona em que foi convertido Adonis, havido por Cinyras, rei de Chypre, de sua filha Myrrha. Venus amou-o extremamente, e converteu-o em flor, sendo morto por um javali em uma caçada. *Deusa Paphia,* Venus, de Paphos, cidade na ilha de Chypre, consagrada a esta deusa.

(75) *Zephyro.* Viração branda. *Flora,* deusa da primavera, esposa de Zephyro, que lhe deu o imperio das flores e conservou-lhe a primitiva mocidade. Os gregos chamavam-lhe Chloris.

(76) *Cecem.* O mesmo que assucena. *Flores Hyacinthinas.* O jacinto, em que foi transformado Hyacintho, moço muito estimado de Apollo. Nesta flor vêem-se como escriptas as letras *y a.* *Filho de Latona,* Apollo. *Chloris.* Veja-se nota 75.

(77) Affonso de Albuquerque, vice-rei da India, determina conquistar Malaca para vingar a morte dos companheiros de Diogo Lopes de Sequeira, traiçoeiramente assassinado naquella cidade, debaixo das apparencias de paz e de commercio.

Asmodeu, demonio de que falla a escriptura na historia de Tobias, v. 3, 6 e 7, desce ao inferno, para irritar contra os portuguezes Lusbel ou Lucifer, anjo rebelde, que foi precipitado do céu aos infernos. Lusbel envia a Malaca Asmodeu acompanhado da mais escolhida esquadra de demonios, para excitar o rei e o povo, e impedir a victoria de Affonso de Albuquerque.

(78) *Minos.* Rei de Creta, governou com tanta sabedoria, que, depois da sua morte, foi um dos juizes do inferno.

(79) *Timon,* o misanthropo. Philosopho atheniense. Victima da ingratidão de alguns amigos, teve por isso tão profundo pezar, que aborreceu todos os homens.

(80) *Arrio.* Celebre haresiarca, que viveu nos annos 270 a 336.

Mafoma ou Mahomet. Fundador da religião musulmana, viveu nos annos 570 a 632.

(81) *Simoniacos.* Os que fazem trafico das cousas espirituaes e santas.

(82) *Caco.* Gigante monstruoso estrangulado por Hercules.

Simão Mago. Natural da Samaria. Baptisou-se e pediu a S. Pedro que lhe vendesse o poder de fazer milagres. D'aqui veio o nome de simonia ao trafico das cousas sanctas. Simão, repellido e amaldiçoado pelo Apostolo, quiz rivalisar com os discipulos de Jesus Christo, e fez proselytos até em Roma. Fazia prodigios por meio da magia e intitulava-se filho de Deus.

(83) *Typheu.* Um dos gigantes que quizeram escalar o céu, e desthronar Jupiter.

(84) *Midas.* Rei da Phrygia, recolheu Sileno, que uns camponezes encontraram embriagado. Baccho, reconhecido pelo acolhimento feito ao velho Sileno, que o havia tratado na sua infancia, prometteu conceder a Midas o que elle lhe pedisse. Midas pediu que se transformasse em ouro tudo em que elle tocasse. Satisfeito o seu desejo, quando se sentou á mesa para comer, os alimentos se transformaram em oiro. Reconhecendo o seu erro, pediu a Baccho que lhe revogasse o funesto favor que lhe havia dispensado. Baccho mandou-o banhar no Pactolo e desde então se encontraram neste rio areias de ouro.

Polynestor. Rei de Chersoneso na Thracia, e genro de Priamo, o qual lhe confiou Polydoro, seu filho mais novo. Polymnestor, depois da quéda de Troia, matou Polydoro para se apoderar de suas riquezas.

(85) *Sardanapalo.* Ultimo rei da Assyria. Dado ao luxo e á devassi-

dão, foi desthronado por seus vassalos. Cercado no seu palacio lançou-se n'uma fogueira com suas mulheres e seus thesouros.

Nero, Tiberio e *Caligula*. Imperadores romanos, dados aos mais vergonhosos vicios, praticaram horriveis crueldades.

(86) *Xerxes*. Rei da Persia. Na expedição que dirigiu contra a Grecia, lançou sobre o Hellesponto (estreito dos Dardanellos) uma ponte de barcas, que foi destruida por um temporal. Xerxes, irritado por este acontecimento, mandou fustigar o mar e lançar-lhe cadeias.

Mezencio. Rei dos Tyrrhenianos, celebre por sua impiedade e por suas crueldades, foi deposto por seus subditos.

(87) *Gallieno*. Imperador romano. Valeriano, seu pae, foi feito prisioneiro por Sapor, rei da Persia. Gallieno, não só não tratou de o livrar do captiveiro, mas aproveitou-se da desgraça do auctor de seus dias para se apoderar do imperio. Praticou muitas crueldades, vivendo com grande luxo, e na mais desenfreada devassidão.

POEMA HEROICO

(88) *Tão forte inimigo*. O primeiro conde da Castanheira D. Antonio de Ataide, grande valido de D. João III.

(89) D. João de Castro.

(90) Convento de Belem.

(91) *Campello*, celebre pintor portuguez.

(92) *Molles do Egypto*. As pyramides perto da antiga Memphis.

(93) Mr. Raynouard, na sua ode a Camões.

(94) O captiveiro castelhano de sessenta annos.

(95) Os Hollandezes, que no tempo do dominio dos Hespanhoes, se apoderaram da maior parte das nossas conquistas da America e Oceania.

(96) O duque de Alba commandava o exercito de Filippe II de Hespanha que invadiu Portugal, e derrotou o pequeno exercito de D. Antonio Prior do Crato, junto da ponte de Alcantara.

POEMA HEROI-COMICO

(97) José Carlos de Lara, Deão da Sé de Elvas, costumava offerecer á porta da casa do Cabido o hyssope ao Bispo D. Lourenço de Lancastre, sempre que este prelado vinha á cathedral. O Deão depois mudou de systema, o que o Bispo tomou como uma grande affronta, e por isso alcançou do Cabido um accordão que obrigava o Deão a não o esbulhar da pretendida posse em que se achava. O Deão appellou do accordão para a metropole, mas não teve provimento no seu recurso.

(98) Nicolau Boileau Despréaux, celebre poeta satyrico francez. Escreveu o poema heroi-comico, *Le Lutrin*, A Estante do côro.

(99) *Thalia*. Musa que preside á comedia.

(100) Proferido o accordão o Deão vae procurar o Guardião dos capuchos para perante elle interpor o recurso de appellação. Emquanto espera na cêrca conversa com o Padre-mestre.

(101) *Boticudos*: Povos selvagens do Brazil.
(102) *Scoto.* João Duns Scot, franciscano, nasceu na Escocia, celebre philosopho e theologo, floresceu no principio do seculo XIV. *Baconios*, Rodrigo Bacon, tambem franciscano, nasceu em 1214 em Inglaterra, estudou todas as sciencias do seu tempo, principalmente a physica; attribue-se-lhe a invenção da polvora e de varios productos chimicos. *Raymundo Lullo*; nasceu em Palma na ilha de Maiorca em 1235, tomou o habito de S. Francisco tendo trinta annos. Escreveu muitas obras em estylo cabalistico.
(103) Povoações da Africa.
(104) *Phrygio.* Troyano. *Xantho*, rio da Troade.
(105) Nas bodas de Thetis e Peleu a Discordia lançou um pomo de ouro com este letreiro: «á mais bella». Juno, Pallas e Venus disputaram-no. Jupiter escolheu Paris, para decidir a contenda.
(106) *Ulysses.* Rei de Ithaca, notavel pela prudencia de que era dotado; voltando de Troia para a sua patria depois de muitos trabalhos, um naufragio submergiu o navio em que vinha e todos os companheiros morreram, escapando elle sómente; acolheu-se á ilha de Ogygia no mar Jonio, onde reinava Calypso, que o reteve sete annos, offerecendo-lhe a immortalidade se a desposasse, o que o heroe grego recusou.
(107) *Neptunina Troia.* Segundo a fabula as muralhas de Troia foram levantadas por Apollo e Neptuno. *Nestor*, segundo Homéro, viveu tres idades do homem; foi celebre pela sua eloquencia e sabedoria.
(108) *Ilion.* Troia.

GENERO LYRICO

(109) *Tyro.* Cidade da Phenicia, notavel pela sua belleza, riqueza e commercio, foi destruida por Nobuchodonosor por se ter regosijado da ruina de Jérusalem.
(110) *Libano.* Monte da Syria, celebrado antigamente pelos magnificos cedros que produzia.
(111) *Basan.* Batanæa, pequena região da Judéa entre o rio Jordão e os montes Galaad.
(112) *Sydonia.* Cidade da Phenicia, formava um pequeno estado, muito rico pelo seu commercio e industria.
(113) *Gibal ou Biblos.* Outra cidade da Phenicia.
(114) *Bojador.* Cabo na costa de Africa. Os antigos consideravam-no como a extremidade do mundo. Gil Annes foi o primeiro que o dobrou em 1434.
(115) O Infante D. Henrique estabeleceu-se em Sagres, onde fundou um observatorio e uma especie de academia, á qual concorreram sabios de todas as nações. D'ahi dirigiu as expedições que sob seus auspicios se fizeram.
(116) *Sacro-promontorio*: Cabo de S. Vicente.
(117) *Alcides.* Hercules, neto de Alceo. Abriu o estreito de Gibraltar e fez communicar o mar Mediterraneo com o Atlantico, separando duas montanhas, que estavam unidas, Calpe do lado de Hespanha, e Abyla do lado da Africa, sobre as quaes poz esta inscripção «*nec plus ultra*», sendo consideradas na antiguidade como balizas do mundo, e chamadas columnas de Hercules.

(118) *Tethys,* Filha do Ceu e da Terra. Casou com o Oceano e teve tres mil filhas, chamadas Oceanides.

(119) *As Garças.* Ilhas no golfo de Arguim na costa occidental da Africa, assim chamadas pelas muitas aves daquelle nome que alli se encontravam; foram descobertas por Nuno Tristão em 1443. *Arguim,* ilha no golfo de Arguim. *Hesperides* (occidentaes) eram tres filhas de Atlas e de Hesperis. Tinham um jardim com pomos de ouro guardado por um dragão com cem cabeças. Alguns dizem que as Hesperides habitavam nas ilhas Canarias, chamadas Hesperides, por serem as mais occidentaes que os antigos conheciam.

(120) *Ethiopia.* Região ao sul do Egypto, *Arsinario cabo,* Cabo Verde. *Sanagá, Gambia, Nilo, Zaire,* rios de Africa.

(121) *Protheo.* Filho de Neptuno e Phenice. Era pastor dos rebanhos de seu pae, que para o recompensar lhe deu o conhecimento do passado, do presente e do futuro. Transformava-se de muitos modos para atemorisar aquelles que se approximavam delle.

(122) *Rainha do Adriatico,* Veneza.

(123) *Estaing.* Veja-se nota 257.

(124) *Rodney.* Almirante inglez, distinguiu-se muito em 1779 a 1782 na guerra contra os Francezes e Hespanhoes. *Amphitrite,* mulher de Neptuno, Deusa do mar.

(125) *Nereias.* Nymphas do mar, filhas de Nereo e de Doria.

(126) *Lises, Leopardos,* armas de Inglaterra.

(127) *Thule.* Ilha mais septentrional que os antigos conheciam, julga-se ser a Islandia. *Eóo,* nome dado á Apollo; toma-se aqui pelo oriente.

(128) *Argus.* Navio em que embarcaram Jazão e os Principes gregos que foram a Colchos conquistar o Tosão de ouro.

(129) *Ganges.* Rio do Indostão, que os Indios tem por sagrado. *Euphrates,* Rio que corre na Turquia asiatica. Á borda d'elle choravam os Judeus por Jerusalem.

(130) *Sarmacia.* Nome que davam os antigos á região que fica entre os mares Baltico e Caspio, em que se comprehendia o sul da Russia. *Cimmerios.* Povos barbaros da Europa oriental, habitavam a Criméa, as costas orientaes do Mar Negro e a Asia Menor. *A Dacia* correspondia a Moldavia e Valachia, Transylvania e nordeste da Hungria.

(131) *Duarte Pacheco Pereira* militou com prodigioso valor e prestou extraordinarios serviços. D. Manuel não sóvo não recompensou, mas mandou prender por intrigas. Solto depois, morreu miseravel no hospital.

(132) Allude ás inquisições de Lisboa, Coimbra, Evora e Goa.

(133) D. Sebastião.

(134) As armas de Hespanha figuram leões.

(135) As armas portuguezas.

(136) D. João IV.

(137) Restauração das letras sob D. José I.

(138) Perseguição contra os litteratos, que despovoou Portugal de muito bons engenhos.

(139) *Sião.* Uma das quatro collinas, sobre que estava edificada Jerusalem.

(140) *Thema.* Judas Machabeu succedeu no commando do povo judeu a seu pae Matathias, nomeado general pelos sublevados contra Antiocho Epiphanes, rei da Syria, que dominava na Judéa. Judas com poucas forças, mas auxiliado com a protecção divina, que sempre invocava nas batalhas, alcançou muitas victorias.

(141) *Iduméa*. Região da Palestina.
(142) *Diu*. Cidade maritima do reino de Cambaia.
(143) *Lybia*. Africa.
(144) *Salceta*. Ilha no mar das Indias na costa do reino de Decan.
(145) *Euro*. Vento do Oriente.
(146) *Baroche*. Cidade nos estados do Gran Mogol. *Cambaia*, cidade no golfo do mesmo nome; pertence hoje ás possessões inglezas da India.
(147) *Medusa*. Uma das Gorgones, tendo profanado com Neptuno o templo de Minerva, esta Deusa transformou-lhe os cabellos em serpentes, e deu-lhe aos olhos a força de petrificar todos aquelles para quem olhasse.
(148) Logar de Cambaia em que D. Francisco de Almeida entrou á força de armas, e arrazou.
(149) *Pondá*. Fortaleza do Hidalcão a tres leguas de Goa pelo sertão dentro. *Antheu*. Gigante, filho da terra, fundador de Tinge, hoje Tanger.
(150) *Patane e Pate*. Cidades na India transgangetica.
(151) *Hidalcão*. Principe poderoso da India no seculo XVI, no reino de Decan, onde está a cidade de Goa, a qual cercou em 1572 com um fortissimo exercito sem conseguir vantagem alguma.
(152) *As Parcas*, fiavam os dias dos homens, Clotho tinha a roca, Lachesis o fuso, e Atropos cortava o fio com a tesoura.
(153) *Erostrato*, sendo de nascimento obscuro e querendo adquirir celebridade, deitou fogo ao templo de Diana de Epheso, uma das sete maravilhas do mundo.
(154) *Aquilão*. Vento norte. *Thracia*. Região antiga do oriente da Europa, a que hoje corresponde a Romelia no imperio turco.
(155) *Parnaso*. O mais alto monte da Phocide, tinha dois cumes, um dedicado a Apollo e ás Musas, outro a Baccho.
(156) *Pindaro*. Poeta grego de Thebas, nasceu no anno 520 antes de Christo. Foi um excellente lyrico. São notaveis os seus hymnos ou odes heroicas.
(157) Livro 1.º, ode 4.ª de Horacio a Sestio. *Cytherea*, Venus.
(158). *Brontes*. Um dos Cyclopes que forjava os raios de Jupiter.
(159) Liv. 2.º, Ode 1.ª
(160) *Estyge*. Rio do inferno. Liv. 2.º, Ode 20.ª
(161) *Bosphoro*. Estreito de Constantinopla.
Parthos. Povos antigos da Asia. *Scythas*. Povos nomades da antiguidade, que se estabeleceram na Asia e no oriente da Europa. *Hyperboreos*, do norte. *Lybicas Syrtes*. Dois golfos que forma o Mediterraneo na costa septentrional de Africa entre o Egypto e o cabo Bom, chamam-se hoje golfo de Sidra e golfo de Cabes.
(162) Liv. 3.º, Od. 5.ª *Augusto*, triumviro com Lepido e Antonio e depois imperador. *Crasso* fez parte do primeiro triumvirato; commandou uma expedição contra os Parthos, foi derrotado por Surena, general inimigo, e por este mandado matar, tratando da paz na tenda delle. *Vestal fogo*, lume sagrado que as virgens chamadas Vestaes conservavam perpetuamente no templo de Vesta, deusa do fogo. Se a chamma se apagava era signal que estava imminente uma grande desgraça, accendia-se de novo aos raios do Sol, e a Vestal que a tinha deixado apagar era castigada.
Capitolio. Templo e cidadella de Roma no monte Tarpeio, dedicados a Jupiter.
(163) *Regulo*. Veja-se a nota 242.
(164) *Hymen* ou *Hymineu*. Veja-se a nota 2.

(165) Camões fez parte de uma expedição, que saiu de Goa para cruzar na embocadura do Mar Vermelho e destruir os corsarios mouriscos. A frota andou bordejando muito tempo diante do cabo Guardafui.

(166) Cidade do antigo Egypto.

(167) *Arómatá*. Cabo Guardafui.

(168) Esta composição foi premiada pela Academia Real das Sciencias na assembléa publica de Maio de 1790.

(169) *Dido*, a quem tambem dão o nome de Elisa, era filha de Belo, Rei de Tyro, e casou com Sicheu, sacerdote de Hercules. Pygmalião, irmão de Dido, assassinou Sicheu para se apoderar das immensas riquezas que elle possuia. Dido fugiu para a Africa, e fundou Carthago.

Virgilio representa Dido apaixonada por Eneas, e matando-se quando elle por ordem dos Deuses deixou Carthago. O poeta alterou a verdade historica, porque Dido viveu em epocha muito posterior á destruição de Troia.

(170) *Plutão*. Deus dos infernos.

(171) Veja-se a nota 152.

(172) *Iliacas, teucra* de Troia. *Pavez*. Escudo antigo.

(173) *Dardanico*. Troiano.

(174) Barqueiro do inferno.

(175) Um dos rios do inferno.

(176) *Ménalo*. Monte da Arcadia, morada ordinaria do deus Pan. *Nébrides*, nome dado ás bacchantes, da pelle, de gamo com que se cobriam. *Ménades* o mesmo, da furia, que as agitava.

(177) *Egipães* Deuses campestres que habitavam os bosques e as montanhas.

(178) *Thyrso*. Veja-se nota 261.

(179) *Bassarides*. Bacchantes.

(180) *Evohé*. Gritos das bacchantes nas festas.

(181) Deuses dos bosques, dos campos e dos montes.

(182) Baccho.

(183) *Ariadna*. Filha de Minos, livrou Theseu do labyrintho de Creta, fugiu e casou com elle. Foi abandonada pelo esposo na ilha de Naxos, onde Baccho a veiu consolar e lhe deu uma coróa de ouro.

(184) Povos antigos da Moscovia septentrional.

(185) *Evan*. Baccho.

(186) *Satyros*. Deuses dos campos.

(187) *Battuta*. Palavra italiana que significa o compasso da musica.

(188) *Sileno*. Educou Baccho, e acompanhou-o nas suas viagens.

(189) Queria dizer o freio. Uma visita interrompeu o poeta.

GENERO ELEGIACO

(190) Alguns querem que Camões escrevesse esta Elegia em Santarem quando ahi esteve desterrado. Mas é duvidoso este desterro. Parece que o poeta lamenta a ausencia da sua amada, e que saiu de Lisboa para disfarçar a magoa de ella sem rasão se haver enfadado com elle.

P. Ovidio Naso, poeta latino, natural de Sulmona na italia. Augusto desterrou-o para Tomes, perto do Ponto Euxino.

Penates. Deuses domesticos.

(191) *Philomela*. Filha de Pandion, rei de Athenas, transformada em rouxinol.

(192) *Lethe*. Rio do inferno. As sombras bebiam suas aguas e esqueciam o passado.

(193) *Tantalo* deu a comer aos deuses, que um dia vieram a casa delle, os membros de seu filho Pelops. Jupiter condemnou-o a uma fome e sêde perpetuas. Collocou-o no inferno em um lago, cujas aguas se lhe escapavam quando lhe queria chegar, e debaixo de arvores carregadas de fructos, cujos ramos se levantavam quando estendia os braços para os alcançar. *Ticyo*, gigante, por querer attentar contra a honra de Latona, foi morto a tiro de frechas por Apollo e Diana, e lançado ao Tartaro, rio do inferno, onde um abutre lhe roia o figado e as entranhas, que renasciam continuamente.

(194) *Libyco*, da Africa. *Hyrcano*, da Hyrcania, provincia da Persia.

(195) Rio que corre no imperio de Marrocos.

(196) Josué combatendo os Amorrheos, que sitiavam Gabaon, mandou parar o Sol, e o dia durou até á derrota completa dos inimigos de Israel.

(197) Veja-se a nota 152.

(198) *Aquilões*. Ventos do norte. *Hyperboreas*, septentrionaes.

(199) *Epaminondas*. Celebre General de Thebas. *Aristides*, de Athenas, notavel pelas suas virtudes civis e militares.

(200) *Rival de Roma*. Carthago, cidade antiga na Africa. *Scipião Africano*, celebre general romano, venceu Annibal, General carthaginez, na batalha de Zama. *Mario*, distincto General de Roma, sendo proscripto por Sylla, vagueou muito tempo pelas ruinas de Carthago.

(201) *Estóa*. Philosophia estoica, austeridade, rigidez e insensibilidade ás paixões, conforme o proceder dos estoicos.

(202) Ovidio. Veja-se a nota 190.

(203) *Horacio*. O maior lyrico romano, viveu no seculo de Augusto. *Marcial*, poeta latino, distinguiu-se no genero epigrammatico. *Estacio*, tambem latino, compoz miscellaneas poeticas, que respiram profundeza de observações philosophicas.

(204) *Virgilio*.

(205) *Castel*. Francez, poeta e botanico, morreu em 1832. Compoz um poema didactico intitulado «As Plantas», que Bocage traduziu. *Dellile*, poeta francez, publicou em 1782 o poema didactico «Os Jardins», traduzido tambem por Bocage.

(206) *Melpomene*. Musa que preside á tragedia.

(207) *Tibullo*. Poeta latino contemporaneo de Horacio e Virgilio; compoz elegias notaveis pela delicadeza, ternura e melancolia que nellas dominam.

(208) *Petrarca*. Celebre poeta italiano. Viveu no seculo XIV. São notaveis os seus sonetos e canções.

(209) *Lucio Anneo Seneca*. Rhetorico e philosopho latino, auctor de varias tragedias. Viveu no seculo I, desagradando a Nero, de quem foi mestre, este imperador o condemnou á morte, deixando-lhe a escolha do supplicio. Seneca abriu as veias, e tomou veneno com uma firmeza e resignação estoica.

(210) *Rhodano*. Rio da França. *Albion*, nome da Grã-Bretanha no tempo de Cesar.

Ibero. Hespanhol. Iberia era primeiro a parte de Hespanha que banha o Ebro, depois deu-se este nome a toda a peninsula.

(211) *Torquato Tasso*. Poeta italiano, auctor da «Jerusalem Libertada». Viveu no seculo XVI.

Milton. Poeta inglez auctor do «Paraizo Perdido». Viveu no seculo XVII.

GENERO EPIGRAMMATICO

(212) *Jacob*, filho de Isaac, alcançou por surpreza a benção que seu pae tinha promettido ao primogenito Esaú. Este ameaçou Jacob, que se retirou para a Mesopotamia para casa de seu tio Labão. Jacob obrigou-se a servir sete annos a Labão para alcançar sua filha Rachel, que era mais moça e bella. Na noite das vodas o pae poz Lia, que era mais velha e feia, em logar de Rachel. Jacob serviu outros sete annos por merecer a Rachel.

(Genesis, cap. 27.º e 29.º)

(213) *Orestes* era filho de Agamemnon, Rei de Argos e Mycenas, e de Clytemnestra. Quando Agamemnon voltou da guerra de Troia foi assassinado por sua mulher e por Egisto. Orestes, salvo por sua irmã Electra, refugiou-se na Phocide; depois voltou á patria para vingar a morte do pae, e matou sua mãe e Egisto, pelo que foi atormentado pelas furias até expiar sua culpa, libertando sua irmã Iphigenia e tirando a estatua de Diana de Tauride.

(214) *Pedro Aretino*. Natural de Arezzo, viveu nos annos 1492 a 1557, compoz poesias causticas e licenciosas. Foi impudente e venal, servindo a quem mais lhe dava.

(215) *Bellona*. Deusa da guerra. *Real menino*. D. Sebastião.

(216) *Arzilla*. Praça d'Africa, conquistada por D. Affonso V. Foi abandonada aos mouros por D. João III.

(217) *Alarves*. Descendentes de arabes, que andam vagando.

(218) *Aduár*. Povoação movel de arabes.

(219) *Elche*. Renegado, o christão que se tornou mouro.

(220) *Adail*. Cabo de gente de guerra, que a guiava nas correrias e assaltadas ao inimigo: usava-se nas praças de Africa.

(221) *Rais-Dragut*. Nascido de paes obscuros no principio do seculo XVI, na Anatolia, foi primeiro creado de um corsario, depois foi favorito de *Barba-roxa*, celebre corsario, e por ultimo seu successor.

GENERO DIDACTICO

(222) *Pindo*. Montanha da Thessalia, consagrada a Apollo e ás Musas.

(223) *Godas e mouriscas*. Os godos e os mouros dominaram muito tempo na peninsula.

(224) *Foraes*. Cartas dadas pelos reis ás cidades, villas e povoações: continham os direitos, regalias e privilegios que lhes eram concedidos.

(225) Antes de Julio Cesar até á invasão dos barbaros.

(226) *Minerva*. Deusa da sabedoria, da guerra, das sciencias e das artes.

(227) *Lingua freira* ou *freiratica* é uma certa lingua delambida e inintelligivel (por muito refinada) despida de todo o termo energico.

(228) *Syndapsos*. Regalões, do grego *syn* com, e *dapanao* viver lautamente, ou *dapsilés* sumptuoso. Ou estragadores, de *syn* e *dapso*, futuro de *dapto*, estragar.

(229) D. João II mandou muitos moços estudar á Italia, á Allemanha e á França.

Novos Tullios. Marco Tullio Cicero saiu de Roma a aprender na Grecia.

(230) *Elysia*. Portugal.

(231) *Urania*. Uma das nove Musas, preside á astronomia. *Clío*, outra Musa, preside á historia. *Erato*, tambem Musa, preside á poesia lyrica e erotica.

(232) *O Lacio*. Terra dos latinos, nos suburbios de Roma. Toma-se pela mesma Roma antiga.

(233) *Boreaes*. Do norte, de Boreas, vento norte.

(234) *Myron*. Esculptor grego, que nasceu no 5.º seculo antes de Christo.

Praxiteles. Outro esculptor grego, que viveu no 4.º seculo antes de Christo.

(235) *Phidias*. Veja-se nota 46.

(236) *Pindarico Elpino*. Antonio Diniz da Cruz e Silva, cognominado Elpino Nonacriense, escreveu odes pindaricas de grande merecimento.

(237) *Arcadia*. A Arcadia Ulysiponense foi uma associação litteraria, fundada no anno de 1757 por Antonio Diniz da Cruz e Silva, Manuel Nicolau Esteves Negrão e Theotonio Gomes de Carvalho; tinha por fim a reforma da poesia portugueza, da eloquencia e da linguagem patria.

(238) *Camenas*. As Musas.

(239) *Achaia*. Região da Grecia; toma-se pela mesma Grecia.

(240) *C. Caecilius Plinius Secundus*, chamado o moço, sobrinho de C. Plinius Secundus, o naturalista, o velho, nasceu no anno 62 de Christo e no reinado de Nero. Existem delle o Panegyrico de Trajano e cartas. Na primeira obra, a despeito da imaginação que nella domina, da elegancia de pensamento e estylo, e de um grande numero de bellezas, que se não podem contestar, nota-se-lhe prodigalidade de louvores e ornatos oratorios. As cartas distinguem-se pela agudeza do seu author, pela variedade de assumptos de que tractam, e pela luz que lançam sôbre a historia, jurisprudencia, administração publica, usos, litteratura e artes d'aquelle tempo.

(241) *C. Julius Cesar*. Celebre general romano e dictador perpetuo, viveu nos annos 100 a 44 antes de Christo. Foi assassinado por Bruto e Cassio no senado. Cesar foi grande guerreiro e homem de estado, orador eloquente e escriptor elegante.

(242) *C. Fabricius Luscinus*. General romano celebre pela sua pobreza e desinteresse.

M. Attilius Regulus, tendo caído em poder dos carthaginezes, foi mandado por estes a Roma para tractar da troca dos prisioneiros; no senado fallou contra a proposta dos inimigos, e voltou voluntariamente para a prisão em cumprimento da palavra que havia dado. Os carthaginezes mataram-n'o, atormentando-o atrozmente.

M. Furius Camillus. Celebre general romano, venceu differentes povos da Italia, e os Gaulezes, expulsando-os completamente e livrando Roma d'estes inimigos.

(243) Virgilio dispoz em seu testamento que fosse queimada a Eneida, mas Augusto oppoz-se ao cumprimento d'esta disposição.

(244) *Apollo.* Inventor e Deus da musica, da poesia, da medicina e chefe das nove Musas.

(245) Tito Livio, natural de Padua. Os contemporaneos notavam-lhe alguns provincianismos.

(246) *Illisso,* rio que corria perto do Gymnasio atheniense.

(247) *Az.* Ala, fileira.

(248) *Jethro.* Sacerdote de Madian, pae de Séphora, mulher de Moysés. Jethro veiu ao campo dos israelitas ter com Moysés, e vendo-o dar audiencia ao povo, aconselhou-o que escolhesse homens poderosos e tementes a Deus, que fizessem em todo o tempo justiça ao povo, julgando os negocios mais pequenos, reservando para si os de maior supposição. Exodo, cap. 18.º

(249) *Conradino.* Filho do imperador da Allemanha, Conrado IV. Mainfroi, seu tio e tutor, usurpou-lhe os reinos de Napoles e Sicilia. O papa Urbano IV deu a Carlos de Anjou, irmão de S. Luiz, a investidura dos estados de Conradino, o qual, querendo reivindical-os, foi vencido, feito prisioneiro e executado em virtude de um simulacro de julgamento.

(250) *Apollo.* Veja-se a nota 244. *Nove irmãs,* as Musas.

(251) *Phebo.* Apollo.

(252) *Olympo.* Montanha da Grecia, os antigos julgavam que tocava no céu, e d'ahi imaginaram que os deuses residiam nella. Toma-se pelo mesmo céu.

(253) *Democrito.* Philosopho grego, ria-se sempre das loucuras humanas; oppõe-se a Heráclito, que pelo contrario chorava ao contemplal-as.

(254) *Maximiliano de Bethune,* duque de Sully. Affeiçoou-se ainda moço a Henrique IV, primeiramente principe, depois rei de Navarra, e por ultimo rei de França. Sully ganhou a confiança do rei, que, alem de muitas honras que lhe conferiu, nomeou-o ministro da fazenda.

(255) Dito attribuido a Henrique IV, que para pôr termo á guerra que lhe fazia o partido catholico dirigido por Mayenne, irmão do duque de Guise, colligado com Filippe II de Hespanha, e com o papa Xisto V, formando a liga ou sancta união, abjurou o calvinismo, em que tinha sido educado, e que já havia abjurado outra vez para escapar á matança do dia de S. Bartholomeu.

(256) *S. Bartholomeu.* Matança dos protestantes em toda a França feita por ordem de Catharina de Medicis e de Carlos IX. Começou em 24 de agosto de 1572 no dia de S. Bartholomeu. Calculam-se as victimas em 60:000.

(257) *Carlos Heitor,* conde de Estaing, almirante francez. Ganhou algumas victorias aos inglezes na terra e no mar, na guerra da America. Commandava as esquadras alliadas em Cadiz em 1783 quando se assignou a paz.

(258) Ladrão temido no tempo de Nicolau Tolentino.

GENERO DESCRIPTIVO

(259) *Insula que ao sceptro hispano arranca.* A Jamaica, ilha ingleza das Grandes Antilhas. Foi descoberta em 1494 por Christovão Colombo. Pertenceu primeiro aos hespanhoes. Em 1655 o almirante inglez W. Penn apossou-se della, e desde então conservou-a sempre a Inglaterra.

Manjim. Nome brazileiro do algodoeiro. *Olspice* especie de myrto da Jamaica.

(260) *Edmundo Waller.* Poeta inglez. Seguiu o partido de Carlos I, refugiou-se nas ilhas Bermudas. Os louvores que deu áquelles pequenos e fecundos torrões causaram tão grande enthusiasmo, que foi grande moda entre as senhoras inglezas desse tempo chapéus de folha de palmeira das Bermudas.

(261) *Ceres.* Deusa da agricultura. *Luridas,* amarellas.

Numen em Nisa honrado, Baccho.

Thyrso. Genero de lança enramada de hera e de parras, de que usava Baccho e seus sequazes quando lhe faziam festas.

Nayades. Nymphas das fontes.

Minerva. Deusa da sabedoria, da guerra, das sciencias e das artes. Disputando com Neptuno sobre o nome que se devia dar a Athenas, os Deuses arbitros decidiram que lhe daria seu nome aquelle que produzisse uma cousa mais util á cidade. Neptuno fez sair da terra um cavallo e Minerva uma oliveira, o que lhe deu a preferencia.

Pomona. Deusa dos fructos e dos jardins.

Flora. Deusa da primavera e das flores.

(262) *Eden.* Nome dado no Genesis ao paraiso terrestre.

(263) *João Rousseau* (Jean Jacques). Nasceu em Genebra em 1712, sustentou que o estado natural do homem era o anti-social.

(264) *Timão,* o Misantropo, philosopho atheniense. Aborrecia a sociedade e os homens. *Aristippo,* philosopho de Cyrene. Sustentava que o fim unico da vida era o prazer.

(265) Allude ao governo de Napoleão I.

GENERO DRAMATICO

(266) Marco Porcio Catão, desde os seus mais tenros annos, mostrou uma firmeza e um valor extraordinarios. Votou contra a concessão do commando das Gallias por cinco annos a Cesar. Seguiu o partido de Pompeu, e depois da batalha de Pharsalia, ganha por Cesar, retirou-se para a Africa, onde Q. Metello Scipião com algumas tropas se preparava para resistir a Cesar. Este general foi derrotado, e Catão com alguns dos seus partidarios, e com os restos do exercito de Pompeu vencido em Pharsalia encerrou-se em Utica; vendo perdidas todas as esperanças para o partido republicano, atravessou-se com a propria espada.

(267) Album do Pretor, era uma especie de edital em que, no principio da sua magistratura, annunciava o novo eleito o modo por que havia de proceder ao julgamento das causas da sua competencia.

Os decemviros foram dez magistrados escolhidos pelos comicios na ordem dos Senadores no anno de 303 de Roma para redigirem as leis civis da republica. Foi-lhes conferido um poder absoluto por espaço de um anno. Neste intervallo governaram a republica e redigiram dez tabuas de leis, que depois de expostas na praça publica, foram confirmadas nos comicios por centurias.

No anno seguinte foram eleitos nove decemviros novos, e publicaram mais duas tabuas, que formaram com as primeiras dez, as leis das doze tabuas.

(268) Mario á testa da facção popular, e Sylla á testa da facção aristocratica disputaram de tyrannia, de atrocidades e de crimes, dominando ora um, ora outro em Roma.

(269) *C. Marcio Coriolano*, appellidado assim por haver tomado aos Volscos a cidade de Coriolos, foi banido por sentença do povo por impugnar a lei agraria na occasião em que Gelo, Rei da Sicilia, mandára trigo de presente aos Romanos. Coriolano refugiou-se entre os Volscos, e veiu com elles sobre Roma, onde não entrou a rogos da mãe e da mulher.

Tiberio e Caio Gracho, ambos tribunos, eloquentes oradores e propugnadores dos principios democraticos. Tiberio quiz restaurar a lei agraria, que mandava distribuir pelo povo as terras conquistadas aos inimigos; foi assassinado por Nazica em pleno fôro. Caio tambem foi assassinado treze annos depois.

(270) Veja-se a nota 268.

(271) *Proconsul*. Magistrado romano que exercia as funcções de consul em certas provincias. *Peculadores*, que commettiam o crime de peculato, isto é, desvio dos dinheiros publicos.

Tribunos. Os tribunos da plebe foram creados no anno 261 de Roma, depois da retirada do povo para o Monte-Sacro. Foram dois ao principio, tinham *veto* nos decretos do Senado, convocavam os comicios e julgavam os crimes publicos em muitos casos. Mais tarde crearam-se outros tribunos.

Questura. Os questores recebiam as rendas publicas, e faziam os pagamentos. *Sestercio*, moeda romana valendo approximadamente 20 réis. *Drachma*, moeda grega de prata.

Pretor. Magistrado romano, creado no tempo da republica; tinha a jurisdição ou o poder de julgar. Na ausencia dos Consules fazia as suas vezes em Roma.

(272) Appio Claudio foi um dos decemviros, que a titulo de estarem redigindo as leis das doze tabuas, exerceram tres annos os poderes supremos do estado com insupportavel tyrannia. Appio Claudio tentou violar Virginia, que Virginio seu pae matou para lhe salvar a honra. O povo e as tropas sublevaram-se e o decemvirato foi abolido. App io Claudio foi preso e matou-se na prisão.

(273) *Platão*, discipulo de Socrates, deu todas as suas obras como reflexo das lições do mestre. Catão antes de se ferir leu o Phedon de Platão, dialogo em que este philosopho tracta da immortalidade da alma.

(274) Narração da morte de Hypolito. Hypolito era filho de Thezeu e de Antiope. Phedra, sua madrasta, accusou-o de um crime de que estava innocente. Thezeu acreditou a accusação, e fortemente irritado pediu a Neptuno que punisse o supposto criminoso. Neptuno mandou sair ao encontro de Hypolito um monstro marinho que lhe causou a morte.

(275) Nesta comedia Garção expõe os seus principios sobre a arte dramatica, e critica o mau gosto do theatro nacional.

(276) *Metastasio*. Auctor dramatico italiano; viveu nos fins do seculo XVII e principio do XVIII, compoz grande numero de tragedias e operas muito estimadas no seu tempo.

(277) *Goldoni*. Nasceu em Veneza em 1707. É considerado como o primeiro auctor comico de Italia.

(278) *Ascanio*. Filho de Eneas e de Creusa. *Phrygia*, troiana.

Turno, Rei dos Rutulos, pretendente á mão de Lavinia, filha de Latino, Rei do Lacio.

(279) Comedias do advogado Antonio José da Silva, o Judeu, celebre

poeta comico. Este auctor morreu queimado no auto de fé de 19 de outubro de 1739, condemnado pela inquisição por judaismo.

(280) *Paulistas.* Da provincia de S. Paulo do Brazil. *Congonha,* planta aromatica da America do Sul; faz-se della uma bebida e agua de cheiro.

(281) *D. Pedro Calderon de la Barca.* Celebre poeta dramatico hespanhol do seculo XVII.

Augusto Moreto y Cabana. Poeta comico hespanhol, contemporaneo de Calderon.

Candamo e *Salazar.* Poetas comicos hespanhoes, que viveram nos fins do seculo XVII e principios do XVIII.

(282) *Sophocles* e *Euripides.* Celebres poetas tragicos gregos. *Terencio,* poeta comico latino notavel.

(283) Nesta comedia Garção rediculisa o luxo na indigencia, censurando aquelles que, sem terem meios, querem ostentar riqueza e fazer o mesmo que fazem os favorecidos da fortuna.

(284) *Golilha.* Cabeção com volta engommada.

Pantufos. Calçado antigo, que por solas tinha assento de cortiça.

(285) *Amazonas.* Mulheres guerreiras da Asia.

(286) *Tapuias.* Gentios do Brazil.

(287) O assumpto do auto de Mofina Mendes é o mesmo que Lafontaine tractou na fabula «a leiteira e a bilha de leite».

Payo Vaz. Amo de Mofina Mendes, depois de grandes perdas occasionadas pelos esquecimentos e faltas de cuidado desta mal aventurada serva, toma emfim o expediente de a despedir.

(288) *Hu.* Onde. *Pascigo,* logar onde pastam gados. *Samicas,* talvez.

(289) *Zorra.* Especie de raposa.

(290) *Trigosa.* Apressada.

(291) *Pegureira.* Guardadora de gado.

(292) *Brial.* Vestido antigo de seda ou tela rica, atado pela cintura; descia até aos pés.

APPENDICE

(293) *Sylla* era o capitão romano. *Scylla.* Voragem na costa meridional da Italia. Segundo a fabula era um rochedo no mar da Sicilia, em que Circe transformou uma nympha a pedido de Glaucus, deus marinho, por ella ser insensivel ao seu amor. Tinha a fórma de mulher, com a cabeça e meio corpo fóra da agua; saiam-lhe da cintura seis cabeças de cães, os quaes com seus uivos aterravam os navegantes.

(294) *Theseu* livrou os Athenienses do tributo odioso de seis moços e seis raparigas que pagavam todos os annos a Minos, Rei de Creta, para sustentar o Minotauro, monstro metade homem e metade touro. *Labyrintho,* era um edificio com divisões tão complicadas e voltas tão inextricaveis, que era quasi impossivel achar-lhe a saída; foi construido por Dedalo, que foi n'elle encerrado com seu filho Icaro e o Minotauro. Ariadna, filha de Minos, apaixonada por Theseu, deu-lhe um novello, ajudado do qual póde achar a saída do labyrintho depois de ter morto o Minotauro. Veja-se a nota 13.

(295) *Lucrecia.* Mulher de Tarquinio Collatino, sendo violada por Sexto, filho de Tarquinio Soberbo, apunhalou-se pedindo vingança.

Helena. Mulher de Menelau, Rei de Sparta, foi raptada por Páris, principe troiano.

Carpentania na Hespanha Tarraconense sobre o Tejo e o Jarama. *Illião*. Troia. *Ghomorra*. Cidade da Palestina, abrazada pelo fogo celeste em castigo das abominações nella commettidas.

(296) O sol, segundo o systema de Ptolomeu.

(297) *Marte*. Conforme o mesmo systema.

(298) *Sino*, signo. A ecliptica, que indica o curso annual do Sol, divide-se em 12 partes, que se chamam signos, e correspondem a 12 constellações. O Sol parece descrever tres signos em cada estação.

(299) *Apollo*, Deus do Sol, amou extremamente Daphne, filha do Rei Peneu, a qual era insensivel ao seu amor. Daphne, para escapar ás perseguições de Apollo, foi transformada em loureiro. *Jacintho*. Hyacintho, muito estimado por Apollo, foi transformado em flor depois de morto. Jacintho tambem é uma pedra preciosa.

(300) *Libra*. Balança, signo que o sol descreve no outono no mez de setembro.

(301) *Cresso*. Ultimo Rei da Lydia, celebre pelas riquezas. *Midas* Veja-se nota 84.

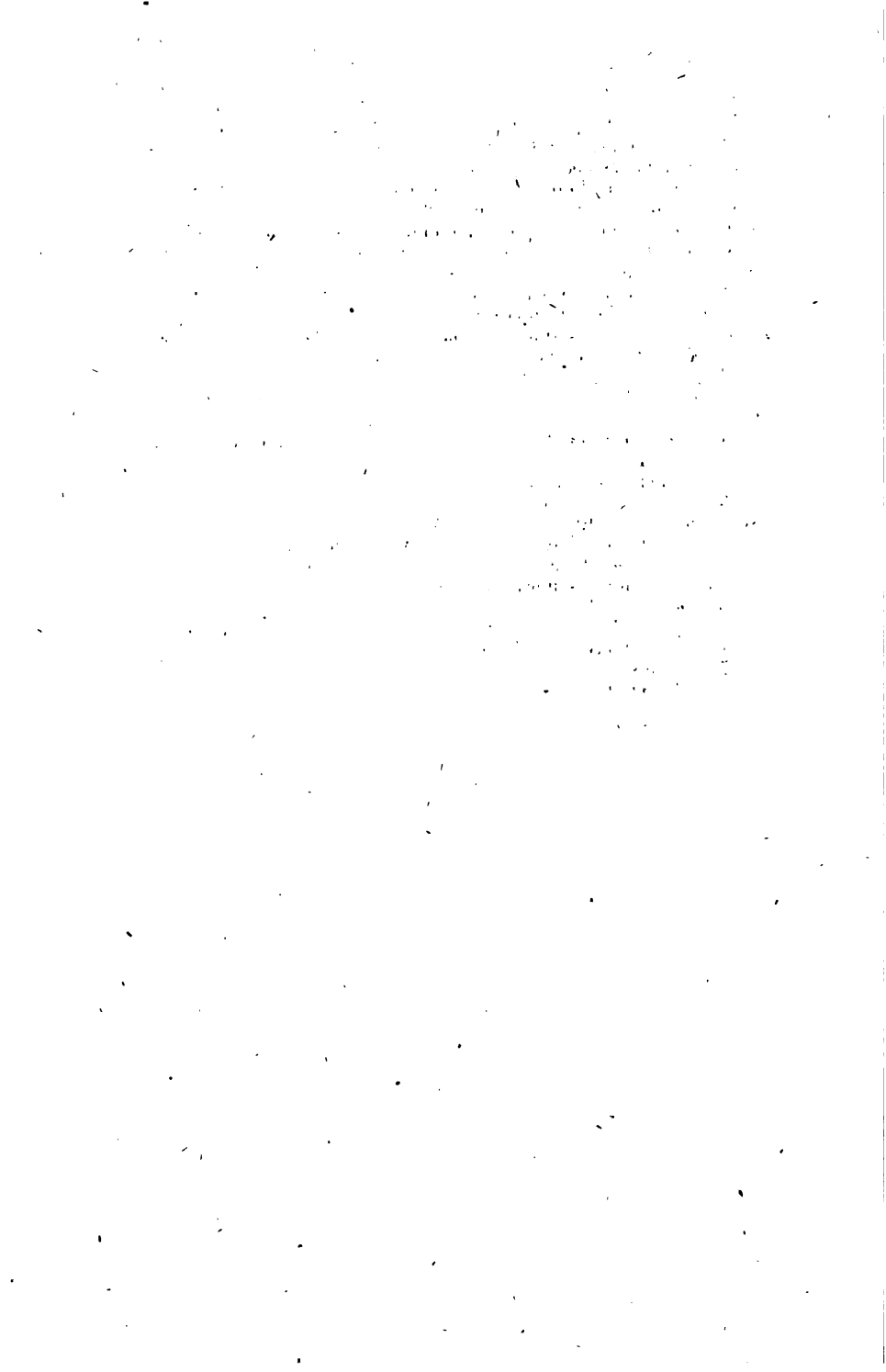
(302) Montemór o Velho.

(303) *Lyra Meonia*. Lyra de Homero, chamado Meonides, ou por ter nascido em Meonia (Lydia), ou por ser filho de Meon. *Phaetonte*, filho de Apollo e Clymene. Veja-se nota 13.

(304) *Hippocrene*. Fonte na Beocia; corria do monte Helicon, e as suas aguas davam a inspiração poetica.

(305) *Ausonia*. Italia. *Acheronte*. Rio do Inferno.

(306) *Olympo*. Monte da Grecia, que, segundo a mythologia, tocava no Ceu; nelle habitavam os deuses.

(307) Refere-se a uma collecção de poesias de D. Marianna de Luna, que saiu á luz em Coimbra.

CATALOGO

Dos Poetas citados nesta obra, escholas a que pertenceram, tempo em que viveram

---

ESCHOLA DOS TROVADORES

Desde os tempos anteriores á fundação da monarchia até ao principio do seculo XVI

Bernardim Ribeiro. (1495-1521 ?). Paginas 138, 231.
Gil Vicente (1470-1536). Pag. 271.
Veja-se appendice. Pag. 283.

ESCHOLA ITALIANA

Desde os principios do seculo XVI até aos principios do XVII

Antonio Ferreira (1528-1569). Pag. 208 e 256.
Diogo Bernardes (1535-1605). Pag. 149.
Francisco Rodrigues Lobo (1568-1625?). Pag. 137, 140 e 237.
Francisco de Sá de Menezes (1595?-1664). Pag. 76.
Francisco de Sá de Miranda (1495-1558). Pag. 203.
Jeronymo Côrte Real (1540-1593). Pag. 59.
Jorge Ferreira de Vasconcellos (?-1585). Pag. 24.
Luiz de Camões (1524-1580). Pag. 29, 31, 34, 38, 43, 66, 71, 73, 130, 147, 160 e 244.
Pedro de Andrade Caminha (1520-1589?). Pag. 213.

ESCHOLA HESPANHOLA

Desde o principio do seculo XVII até ao meado do seculo XVIII

Braz Garcia de Mascarenhas (1596-1656). Pag. 275.
Jeronymo Bahia (1620-1688). Pag. 277.
Manuel de Faria e Sousa (1590-1649). Pag. 281.
Vasco Mousinho de Quebedo. Pag. 62.
Violante do Ceu (1601-1693). Pag. 282.

ESCHOLA LATINA OU DA ARCADIA

Do meado do seculo XVIII até ao principio do seculo XIX

ESCHOLA FRANCEZA

Do principio do seculo XVIII até ao actual

POETAS DO SECULO XIX

Filintistas e Elmanistas—Classicos e Romanticos

INDICE